

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LARISSA CAMACHO CARVALHO

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA CONTEMPORANEIDADE:
Jovens & Fanfictions

Porto Alegre

2012

LARISSA CAMACHO CARVALHO

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA CONTEMPORANEIDADE:

Jovens & Fanfictions

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora: Prof^{ta} Dr^a. Maria Stephanou.

Linha de pesquisa: História, Memória e Educação.

Porto Alegre

2012

LARISSA CAMACHO CARVALHO

PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA CONTEMPORANEIDADE:

Jovens & Fanfictions

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em 12 mar. 2012

Profa. Dra. Maria Stephanou – Orientadora

Profa. Dra. Sueli Salva - UFSM

Prof. Dr. Edison Luiz Saturnino – FACOS

Profa. Dra. Carmem Zeli Vargas Gil – UFRGS

Profa. Dra. Zita Rosane Possamai – UFRGS

Ao meu amigo, irmão, companheiro, marido, Vinícius Lousada, pelo amor, pelas discussões sociológicas e pedagógicas, pelo tempo a mim dedicado, pela partilha de sonhos e lutas e pelo fruto dessa união que daqui alguns meses iremos conhecer.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Mara Catarina e meu pai de coração José Luiz, pelo investimento afetivo, pelo incentivo amoroso, pelo carinho e angústias compartilhadas, pela compreensão das minhas ausências.

Aos meus familiares, tio, tias, primo e primas, avós, cunhadas, cunhado, sobrinhos, pelo apoio incondicional, pela torcida animada, pelas hospedagens gentis e carinhosas, pela amizade desinteressada. Em especial à minha sogra Alice (*in memorian*), cujo amor pela educação e enorme carinho a mim dispensados serão exemplos, eternamente.

À minha avó Selmira (*in memorian*) pelo amor, por me ensinar a ler a vida e a ler palavras.

Aos amigos, colegas de orientação, que desde 2005 compartilham experiências, conhecimentos, afetos, carinho, chimarrão, café, almoços, colóquios acalorados e eventos acadêmicos.

Aos irmãos do caminho que encontrei em Rio Grande, Porto Alegre e Bagé, por onde passei nestes anos, pela amizade e confiança.

Ao Prof. Nilton Fischer e a funcionária amiga Mary Pires (ambos *in memorian*), servidores desta instituição, por me permitirem partilhar seus caminhos, e aprender com eles, e torcer juntos (ou bem distantes) pelo time de coração.

À minha orientadora, um agradecimento muito especial, Profa. Dra. Maria Stephanou, pela generosidade com que me recebeu ainda no Mestrado, pela sabedoria, pela partilha de conhecimentos, pela orientação segura e reflexiva, pela amizade construída, pelos almoços e cafés, por dividir alegrias e tristezas, pela companhia nos eventos, nas viagens, pelo carinho.

Aos Profs. Drs. Carmem Zeli de Vargas Gil, Edison Luis Saturnino, Sueli Salva e Zita Rosane Possamai por compartilhar comigo este momento reflexivo.

Aos funcionários e professores do PPGEDU da UFRGS, sempre disponíveis e atenciosos.

Ao CNPQ, pela cessão da bolsa que subsidiou parte desse estudo.

RESUMO

O presente estudo, inspirado nos pressupostos da História Cultural, mais especificamente voltado à história das práticas de leitura e escrita, tem como objetivo examinar algumas das transformações operadas nas práticas de escrita e leitura deflagradas com o surgimento dos computadores e da internet. As tecnologias da informação e comunicação da atualidade são responsáveis por profundas mudanças em vários âmbitos da vida social e, quanto à leitura e à escrita, são responsáveis por uma verdadeira revolução quanto aos suportes dos textos, as figuras de autor e de leitor, bem como as próprias práticas, de tal monta que pode ser comparada à revolução ocorrida com a passagem do rolo (*volumen*) para o códex no século V. Como objeto privilegiado da análise, a investigação centra-se nas *fanfictions*, textos escritos por jovens fãs de livros, filmes, séries televisivas, histórias em quadrinhos (inclusive os mangás japoneses), desenhos animados (incluídos os animês japoneses), bandas musicais, entre outros. Os leitores/escritores das *fanfictions* inspiram-se nos personagens, nos cenários, nas tramas, nos conflitos das obras que são fãs, a partir dos quais dedicam-se a escrever suas próprias histórias. A pesquisa empírica se vale de documentos produzidos a partir de questionários estruturados, enviados por meio eletrônico e assim recebidos, respondidos por vinte e sete (27) jovens escritores de *fanfics* (*ficwriters*), convidados a partir da observação sistemática de três sites da internet, a saber: *FanFiction.net*, *Nyah!Fanfiction* e *FictionPress* e um blog de uma jovem escritora. Também constam duas entrevistas presenciais com jovens escritores fãs. O corpus documental da pesquisa é acrescido de documentos produzidos a partir de pesquisa netnográfica, a etnografia adaptada ao ambiente virtual. Documentos como as páginas da internet, foram transformadas em imagens e reproduzem os ambientes de publicação das *fanfictions*. Também páginas de apresentação dos jovens *ficwriters* (perfil ou *profile*) são acrescentadas como documentos do estudo somando um total de duzentos e quarenta e sete (247) arquivos. A pesquisa inspira-se, de modo especial, no aporte teórico do historiador francês Roger Chartier, dentre outros autores (R. Darnton, H. Jenkins, D. Tapscott, P. Lévy, Eco & Carrière) para refletir sobre as revoluções das práticas de leitura e escrita e a revolução do texto eletrônico, os modos de ler e escrever, a caracterização densa dessas práticas, os conceitos de apropriação, autoria, comunidades de leitores, entre outros. Dentre os achados, destaca que a revolução das práticas de leitura e escrita anunciadas fazem parte da longa duração da história do livro, da leitura e da cultura escrita e que, para além de transformar os modos de ler e escrever, as materialidades, os suportes, os processos de circulação, produção, apropriação, também fomentam novas leituras que levam à modalidades inusitadas de escrita e circulação dos textos. E quem protagoniza essas práticas são os jovens de uma geração Net que leem muitos livros de literatura fantástica, mangás, revista em quadrinhos, e etc., e muitas *fanfictions* de seus pares, tornando-se, eles também, escritores, *ficwriters* que muito escrevem motivados pelos incentivos que recebem de leitores/escritores fãs. Jovens que muito leem e muito escrevem talvez não as leituras e escritas legitimadas pela escola, mas aquelas que lhes dão prazer.

Palavras-chave: História da Educação. História Cultural. História da Leitura. Cultura Escrita. *Fanfiction*. Escritas de Jovens.

ABSTRACT

The present study, based on the presuppositions of Cultural history, more specifically focused in the history of the reading and writing practices, aims to examine some of the changes occurred in the practices of reading and writing deflagrated with the emergence of computers and the internet. Information and communication technologies today are responsible for deep changes in many areas of social life and, regarding reading and writing, they are responsible for a real revolution in texts' supports, in the figures of author and reader, as well as in the practices, in such a degree that it can be compared to the revolution occurred with the passage of the roll (volumen) to the Codex in the 5th Century. As a privileged object of analysis, the research is centered on the *fanfictions*, which are texts written by young fans of books, films, series, comic books (including the Japanese manga), cartoons (including the Japanese animês), bands, among others. The readers/writers of the *fanfictions* get inspiration on the characters, scenarios, plots and in the conflicts of the works that they are fans, from which they dedicate themselves to write their own stories. The empirical research uses documents produced from structured questionnaires, sent and received electronically, answered by twenty-seven (27) young writers of fanfics (ficwriters), invited from the systematic observation of three websites: FanFiction.net, Nyah!Fanfiction, FictionPress and a blog of a young writer. Two face-to-face interviews with young fans writers are also included. The documentary corpus of this research is added of documents produced from the netnography research, the ethnography adapted to the virtual environment. Documents as Web pages were transformed into images and they reproduce the publishing environment of *fanfictions*. Also, presentation pages of the youth ficwriters (profile) are added as documents to the study adding up to two hundred and forty-seven (247) files. The survey is based, in particular, on the theoretical contribution of the French historian Roger Chartier, among others authors (R. Darnton, H. Jenkins, D. Tapscott, P. Lévy, Eco & Carrière). The authors help us to reflect about the revolutions of the reading and writing practices and of the electronic text, reading and writing modes, the dense description of these practices, the appropriation concepts, authorship, communities of readers, among others. Among the findings, it should be emphasized that the revolution of the practices of reading and writing announced are part of the long duration of the history of the book, of the reading and writing culture and that, besides transforming modes of reading and writing, the materialities, the supporters, the processes of circulation, production, appropriation, also foment new readings that lead to unusual modes of writing and circulation of texts. And whoever performs such practices are the youth of a Net generation who read many books of fantasy literature, manga, comic books, and etc., and many *fanfictions* of his peers, becoming writers as well, ficwriters who write a lot motivated by incentives they receive from readers/writers fans. Young people read a lot, and write a lot, maybe not the readings and writings legitimized by the school, but those which give them pleasure.

Key-words: History of Education. Cultural History. History of Reading. Writing Culture. Fanfiction. Youth Writings.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	-	Página inicial (<i>homepage</i>) do site Nyah!Fanfiction	25
Figura 2	-	<i>Homepage</i> do site Floreios e Borrões	25
Figura 3	-	<i>Homepage</i> do site AnimeSpirit Fanfics	26
Figura 4	-	<i>Homepage</i> do site Twilight Fanfics	26
Figura 5	-	<i>Homepage</i> do site FanFiction.net	27
Figura 6	-	Lista de livros e quantidade de <i>fanfics</i> de cada um no site FanFiction.net. A lista estende-se, por ordem alfabética, até a letra w	28
Figura 7	-	Opção <i>Just in</i> do site FF com a funcionalidade de selecionar apenas a língua para a leitura das <i>fanfics</i>	34
Tabela 1	-	Jovens <i>ficwriters</i> que responderam ao questionário de pesquisa	35
Figura 8	-	Guia para publicação de <i>fanfics</i> no site FanFiction.net	66
Figura 9	-	Guia para publicação das <i>fanfics</i> no site FanFiction.net. Continuação	67
Figura 10	-	Guia para publicação de <i>fanfics</i> no site FanFiction.net com lista de autores que não permitem <i>fanfics</i> de seus textos e classificação etária	68
Figura 11	-	Publicação no site FanFiction.net. Seleção do tipo da história	69
Figura 12	-	Publicação no site FanFiction.net. Seleção de categoria	69
Figura 13	-	Publicação no site FanFiction.net. Seleção de subcategoria	70
Figura 14	-	Publicação no site FanFiction.net. Informações finais	70
Figura 15	-	Página de escolha de <i>beta readres</i> no site FanFiction.net	85
Figura 16	-	Escolha de <i>beta readers</i> dentro de uma categoria. Site FanFiction.net	85
Figura 17	-	Escolha de <i>beta reades</i> por gênero da história após escolhida língua no site FanFiction.net	86
Figura 18	-	Escolha de <i>beta readers</i> . Classificação etária. Site FanFiction.net	87
Figura 19	-	Lola Potter Weasley. Site FanFiction.net em novembro de 2011	107
Figura 20	-	Lola Potter Weasley. Site FanFiction.net em janeiro de 2012	108
Figura 21	-	Disposição das informações sobre as <i>fanfics</i> no site AnimeSpirit	109

Figura 22	- Aviso de classificação de história imprópria para menores de 18 anos. Site AnimeSpirit	110
Figura 23	- Página inicial do blog http://mangaka-club.blogspot.com	127
Figura 24	- Perfil de Anônima Crush girl do site FF. No quadro abaixo do espaço para a escrita do perfil estão as histórias escritas pelo <i>ficwriter</i> , suas <i>fanfics</i> favoritos e autores de <i>fanfics</i> favoritos. Esse quadro é parte do perfil e pré-estabelecido pelo site	128
Figura 25	- Perfil de Thata Cahill no site FanFiction.net	153
Figura 26	- Exposição de garage kits em tamanho real. Disponível em http://s3.invisionfree.com/AnimeCuritiba/ar/t575.htm , acesso em 21 de fev. 2012 .	155
Figura 27	- Boneco de Harry Potter recém nascido. Disponível em http://rainydayss.com/bonecos-bebes-recem-nascidos-dos-personagens-de-harry-potter-fotos/ , acesso em 21 de fev. 2012.....	155
Figura 28	- Boneco Frodo, personagem d'O Senhor dos Anéis. Disponível em http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-223052906-frodo-light-up-sting-senhor-dos-aneis-lacrado-toy-biz-_JM , acesso em 21 de fev. 2012.....	156
Figura 29	- Brinquedos Lego de HP. Lançamento precede a estréia do sétimo filme: <i>Harry Potter e as Relíquias da Morte - parte 1</i> . Notícia divulgada no blog Odeck.com em 13 de outubro de 2010. Disponível em http://odeck.musicblog.com.br , acesso em 21 de fev. 2012.....	156
Figura 30	- Boneco Yamamoto do mangá Anime Bleach. Disponível em http://todaoferta.uol.com.br/comprar/yamamoto-anime-bleach-manga-boneco-35-cms-unico-exclusivo-91JDWU3H5L , acesso em 21 de fev. 2012.....	157
Tabela 2	- Tabela de datas de lançamentos dos livros e dos filmes da série Harry Potter	158
Figura 31	- Histórias "favoritadas", conforme expressão dos jovens, por NikkiYori disponíveis em seu perfil do site AnimeSpirit: http://animespirit.com.br/nikkiyori/favoritos , acesso em 22 de fev. 2012.....	161
Figura 32	- Perfil de any dheyne no site FanFiction.net. Disponível em http://www.fanfiction.net/u/2730184/any_dheyne , acesso em 24 de fev. 2012....	170
Figura 33	- Perfil de yellowizz no site Nyah! Fanfiction. Disponível em https://www.fanfiction.com.br/u/78229/ , acesso em 24 de fev. 2012.....	173
Figura 34	- Perfil de Head Shot, site AnimeSpirit. Disponível em http://animespirit.com.br/ninauchira/jornal/298543/leitores-a-de-amor-inimigo , acesso em 24 de fev. 2012.....	174
Tabela 3	- Lista de livros, revistas e autores citados pelos jovens como primeiras leituras .	175
Tabela 4	- Leituras atuais e leituras marcantes citadas pelos jovens com quantidade de citações	176

SUMÁRIO

1.	SOBRE ESTA TESE	11
1.1.	MOTIVAÇÕES DA PESQUISA	12
1.2.	CAMINHOS DA PESQUISA	19
1.3.	A TESE	38
2.	AS ESCRITAS	41
2.1	POR QUE ESCREVER <i>FANFICTIONS</i>	47
2.2	TEXTOS: LIDOS, RELIDOS E CONTINUADOS	59
2.3	AS PRÁTICAS DE ESCRITA	73
2.4	OS SUPORTES DOS TEXTOS	92
3.	OS AUTORES	106
3.1	POR QUE SER AUTOR DE <i>FANFICTIONS</i>	116
3.2	OS SUJEITOS DAS PRÁTICAS: JOVENS DA GERAÇÃO NET	125
3.3	AUTORES, ESCRITORES, <i>FICWRITERS</i>	144
4.	AS LEITURAS	150
4.1	PERCURSOS DE LEITURAS	163
	À GUIA DE FECHAMENTO: REVOLUÇÕES DAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA	181
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	190

1. SOBRE ESTA TESE

Este estudo trata das práticas de leituras e escritas de jovens na contemporaneidade, tendo a internet e, mais especificamente, as escritas de *fanfictions*, como objeto privilegiado de análise. As *fanfictions* ou *fanfics* são textos escritos por fãs de uma obra original. Nesta pesquisa, a expressão obra original designa um livro, uma série de livros, um filme, um mangá (história em quadrinhos japonesas), um animê (desenho animado japonês), uma série televisiva, uma história em quadrinhos, um desenho animado, um jogo para computador ou vídeo game e mesmo uma banda musical, criados ou escritos originalmente, ou seja, sem lançarem mão de personagens já existentes, universos ficcionais anteriormente utilizados em outras obras do mesmo gênero ou em outros gêneros de obras, ou sem se apresentarem como continuidades de histórias previamente existentes. Da mesma forma, autor original designa os criadores dessas obras originais.

As *fanfictions* constituem-se em histórias ficcionais criadas por fãs dessas obras originais. Os fãs se valem dos cenários, dos personagens, do universo, da história em si destas obras para modificarem partes do enredo ou seu final, ou então para continuarem as tramas, dar visibilidade a um personagem coadjuvante, inserir novos personagens em interação com os personagens originais, entre outras possibilidades de criação a partir do universo apreciado. Os sujeitos que escrevem estas histórias são denominados *ficwriters*. Estes são, em sua maioria, jovens ou crianças que fazem parte de uma geração que convive desde o nascimento, ou desde pequena, com as tecnologias de comunicação e informação que emergiram com o computador e a internet. Estes jovens fazem parte da geração Net (Tapscott, 2009), que pode ter outras nomenclaturas dependendo dos teóricos utilizados.

As práticas desses sujeitos se inserem na história das práticas de leituras e escritas que têm início com a própria criação da escrita por volta do quarto milênio a.C.. A análise que será realizada neste estudo centra-se nas revoluções por que passaram essas práticas, principalmente com relação à leitura e, a partir dela, quando não concomitante, as transformações relativas à escrita, ao lugar de sujeito autor, os meios de circulação e os suportes dos textos.

Assiste-se, na atualidade, desde o surgimento do computador e da rede mundial de computadores, a uma nova revolução que tem incidência sobre todas as práticas. Essa

revolução modifica radicalmente os modos de ler o texto, de escrevê-los, publicá-los, bem como as noções de autor, propriedade literária, editor e livreiro. Algumas fronteiras parecem atenuar-se entre umas práticas e outras, entre umas figuras e outras. O leitor escreve diretamente no texto que lê, não necessitando das margens, e sua escrita não se diferencia da escrita primeira do texto lido. Assim como o autor, o *ficwriter* publica um texto na internet, que circula em todos os lugares do mundo sem a necessidade de um editor.

Assim, este estudo busca compreender como se dão essas escritas e leituras de jovens na internet, quais suas motivações, como jovens fãs tornam-se escritores de *fanfics*, quais sociabilidades são engendradas a partir dessas escritas e leituras, enfim, quais as características dessas práticas e o que elas nos dizem a respeito da revolução anunciada. Antes de esclarecer como se dará a análise, passemos aos motivos da escolha do objeto de pesquisa.

1.1 MOTIVAÇÕES DA PESQUISA

No ano de 2007 finalizei, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a dissertação de mestrado intitulada *Jovens leitores d'O Senhor dos Anéis: produções culturais, saberes e sociabilidades*. Este trabalho procurou compreender as práticas de leituras de jovens leitores da obra citada a partir do olhar da história cultural, mais especificamente da história do livro e seus desdobramentos: história das práticas de leitura, do suporte, do texto, dos leitores.

Os sujeitos da pesquisa foram jovens leitores que se comunicavam, trocavam experiências, produziam cultura, a partir do objeto livro e da leitura d'*O Senhor dos Anéis*¹. Um dos *locus* de estudo foi a internet, pois foi através dela que os sujeitos foram localizados e as entrevistas foram agendadas, sendo realizadas face a face. Para grande parte dos jovens da pesquisa, a internet era o espaço mais acessado, embora não exclusivo, para a viabilização das práticas culturais envolvendo o universo da leitura, para as trocas entre a comunidade de leitores d'*O Senhor dos Anéis* e para as tratativas relativas a encontros *offline* regionais ou nacionais.

¹ Livro do autor inglês John Ronald Reuel Tolkien, dividido pelo editor em três volumes denominados 1: *A sociedade do anel*, 2: *As duas torres* e 3: *O retorno do rei*, publicado pela primeira vez na Inglaterra em 1954 e 1955. O livro narra a história da jornada de quatro hobbits, um anão, um elfo, um mago e dois homens para destruir o anel do inimigo, Sauron, e libertar a Terra-Média da sombra que a envolve desde que Sauron começou a organizar seus exércitos de orcs.

Grupos de amigos compartilhavam dos mesmos gostos literários, participavam da mesma comunidade de interpretação e uns foram levando-me aos outros através da metodologia da *bola de neve*. Cada jovem entrevistado indicava três ou mais (se possível) amigos que compartilhavam da mesma preferência de leitura. A pesquisa contou, assim, com entrevistas do jovem tradutor (oficial) do livro *As cartas de J.R.R. Tolkien* do inglês para o português, criadores ou sócios fundadores de grupos e administradores de sites sobre Tolkein, entre outros jovens da comunidade interpretativa do autor inglês.

O contato com esse objeto de pesquisa levou-me à internet. Foi a partir dela que encontrei o primeiro grupo de jovens leitores e fãs de Tolkien em um site dedicado à obra desse autor². Foram encetadas observações a respeito das práticas de leitura, mas não foi possível deixar de perceber que existia uma enormidade de outras práticas envolvendo os leitores das obras de Tolkien. Não apenas as leituras, as trocas de informações, agendamento de encontros *offline*, promoção de debates, movimentação nos fóruns, compartilhamento das novidades relativas à produção cinematográfica envolvendo Tolkien e sua obra, como também, práticas de escritas de histórias baseadas no cenário, utilizando os personagens, o enredo do texto original de Tolkein. Deparei-me com as assim chamadas *fanfictions*, ficções criadas por fãs de textos originais, no caso, a obra do autor inglês.

Muitos leitores, apreciadores da obra *O Senhor dos Anéis* ou as demais obras que a antecedem (*O Hobbit*, por exemplo) ou a sucedem – como *O Silmarillion* explicando as criações da mitologia da Terra Média por Tolkien, bem como as línguas elaboradas pelo autor e suas histórias –, tornavam-se escritores de histórias, romances, contos inspirados pelas obras que apreciavam. Observando essas histórias, era possível perceber que diversas estendiam-se por muitos capítulos, cada capítulo podendo contar em torno de 2.000 palavras, o equivalente, mais ou menos, a cinco páginas.

As narrativas podiam ser rebuscadas, altamente descritivas, introspectivas, objetivas, românticas, semelhantes a quaisquer romances disponíveis no mercado editorial. A peculiaridade era a utilização do pano de fundo de histórias conhecidas e apreciadas, o que poderia representar quebra de direitos autorais e violação de copyright. Não era essa a intenção dos escritores dessas narrativas, e eles deixavam isso bem claro no início de cada história que apresentavam.

² O site era www.conselhobranco.com.br, mas numa tentativa de acesso no dia 29 de outubro de 2001, o site parece não estar mais acessível. O site da Valinor segue em atividade, agora com muitas informações a respeito do novo filme baseado no livro de Tolkien, *O Hobbit*, que será lançado em novembro de 2012. Link www.valinor.com.br.

Havia mais. Os escritores indicavam outros sites onde suas histórias poderiam ser lidas e que reuniam, igualmente, outras histórias inspiradas em outros universos literários, em outras obras de diferentes autores. Entrando nesses sites indicados era possível deparar-se com grande quantidade de escritas semelhantes àquelas encontradas no site específico dos fãs de Tolkien, mas não existiam ali somente histórias baseadas no universo tolkeniano, havia histórias baseadas em outros universos literários, como da série de livros do bruxo Harry Potter, de J. K. Rowling, entre tantos outros.

Também não eram apenas histórias baseadas em universos literários, havia muitas que contavam com o pano de fundo de desenhos animados de estilo japonês, os denominados animês, como *Power Rangers*, ou de histórias em quadrinhos japonesas, os mangás. Ainda, havia histórias criadas a partir de seriados televisivos, em geral americanos, como *Buffy: the vampire slayer*, *Supernatural*, entre outros. Havia mais de um site, aqueles que hospedavam usuários de todos os lugares do mundo onde, em geral, a língua oficial era o inglês, mas também havia os sites brasileiros, em língua portuguesa, muito embora mesmo estes sites hospedem histórias com títulos em língua inglesa, mas com desenvolvimento em português, o que também acontecia nos sites em língua inglesa.

Ao findar aquela dissertação, um leque de possibilidades de novas pesquisas abriu-se a partir dessas práticas de leitura e escrita de jovens. Não eram apenas leituras realizadas avidamente por leitores fãs ou apreciadores de um autor específico ou de um livro ou uma série de livros em especial, mas escritas motivadas por leituras. Leituras que levavam à escrita.

Para além dessas questões empíricas, fruto da observação destes textos escritos por autores que fazem parte de um grupo de fãs de determinada produção cultural, a nova história cultural, por meio de seus representantes mais destacados na atualidade, como Roger Chartier, Robert Darnton, Carlo Ginzburg, entre outros, alertava para as grandes transformações nas práticas de leitura e escrita que estavam sendo fomentadas pelos novos meios de comunicação e informação, mais especificamente, pelo texto eletrônico e a internet:

Por que esse olhar para trás, por que, particularmente, essa atenção ao nascimento do *codex*? Sem dúvida porque a compreensão e o domínio da revolução eletrônica de amanhã (ou hoje) depende largamente de sua correta inscrição numa história de longa duração, o que permite ter a plena medida das possibilidades inéditas abertas pela digitalização dos textos, sua transmissão à distância e sua recepção no computador. (CHARTIER, 2003:41)

Assim, foi se manifestando o interesse pela continuidade da investigação sobre práticas de leitura e escrita. Se as leituras que os jovens realizam na atualidade guardam grande semelhança com aquelas realizadas no século XVIII pelos leitores dos romances de Richardson, as escritas de continuidades dos textos que os leitores apreciam por quererem novo final para a história ou não concordarem com alguns desenvolvimentos do enredo dados pelo autor original ou apenas pelo prazer de prosseguir a história e não aceitar seu fim, também é uma prática que tem suas origens muito antes do advento dos computadores, mesmo antes dos romances de Richardson³ que inspiraram tantas leituras ardorosas, uma prática a qual encontramos vestígios na Espanha da época de Cervantes.

Quais são as oportunidades inéditas instauradas pela internet, com a possibilidade de escrever e postar escritas a qualquer momento, desde qualquer lugar, com qualquer conteúdo, tendo qualquer idade, sendo de qualquer gênero, pertencendo a qualquer etnia e classe social? Qual o impacto, para a história das práticas de leitura e escrita, dessa possibilidade de um autor, através da rede virtual, ter seus textos lidos por pessoas de todas as partes do mundo, ter seus escritos traduzidos para diferentes línguas?

Pensar nas possibilidades oferecidas pela internet, pelos meios de comunicação online, implica analisar a relação das novas gerações com esses meios. De imediato, porque o primeiro e mais numeroso grupo a manejar essas experiências de leitura e escrita é, efetivamente, representado pelas novas gerações. Segundo, porque embora sejam práticas com um longo percurso, culminando o último deles, na internet, faz-se necessário compreender esse novo suporte de escrita e leitura.

Os jovens das novas gerações são protagonistas culturais. Jesús Martín-Barbero (MORDUCHOWICZ, 2008) faz essa afirmativa relativamente à desconsideração da escola para com os modelos de comunicação instaurados pelos meios audiovisuais e as “novas” tecnologias e, sobretudo, com relação às novas sensibilidades experienciadas pelos jovens. Em ambos os casos, o autor acredita em um protagonismo cultural dos jovens. Quanto à presença dos jovens no campo da produção sociocultural e os estudos dedicados a compreender essa presença, Marília Sposito afirma que:

Os poucos trabalhos produzidos nos anos 80 e 90 sobre jovens em nosso país já mostraram um alargamento de seus interesses e práticas coletivas, acentuando a importância da esfera cultural que fomenta mecanismo de aglutinação de sociabilidades, de práticas coletivas e de interesses comuns, sobretudo em torno dos diferentes estilos musicais.

³ Romancista inglês (1689-1761), escritor do romance epistolar *Clarissa*.

(...)

Essas ações já acenam com vigor para uma inquestionável motivação dos jovens em relação aos temas culturais em oposição ao seu afastamento das formas tradicionais de participação política. (SPOSITO, 2000, p. 79-80)

Assim, as ações protagonizadas por jovens, na atualidade, não são exclusivamente ações políticas, mas estão fortemente voltadas para o campo da produção cultural. Jovens do movimento rap organizam campeonatos de basquete de rua; jovens leitores d'*O Senhor dos Anéis* organizam o dia da doação de sangue; grupos de jovens católicos, evangélicos, luteranos, espíritas organizam oficinas culturais para crianças de famílias de baixa renda, e assim multiplicam-se as ações coletivas juvenis de caráter cultural nos nossos dias.

Uma perspectiva distinta sugere que passemos do campo das ações do mundo atual para seu oposto, o mundo virtual⁴. Quais as implicações do contexto de advento da internet para a produção cultural? Se pensarmos que os desenvolvedores da internet, do Windows, do Macintosh e da *world wide web*, bem como de outros sistemas operacionais e programas para computadores eram, em sua maioria, à época em que desenvolveram essas ferramentas, jovens universitários, podemos, sim, falar de uma decisiva presença dos jovens na produção do cenário tecnológico e cultural de nossos dias.

Ainda, se pensarmos nos programas da atualidade, mais prestigiados no mundo virtual, como Orkut, Youtube, Facebook, Google, Mozilla, entre outros, em sua maioria criados por jovens com idades entre dezessete e trinta anos, também podemos considerar as intensas relações entre a vivência da condição jovem e o mundo da cultura virtual. Essa estreita relação entre jovens, o mundo dos computadores e o mundo virtual, que nos leva, muitas vezes, a não conseguir desvincular a internet do mundo jovem. Computadores, a tecnologia do século XXI, incluindo, *ipods, MP6, ipads, pendrives, palmtop, blue-ray, tablets*, lista que se alonga mês a mês, são artefatos, sobretudo associados aos jovens.

No entanto, não são apenas estes que utilizam tais ferramentas tecnológicas. Embora com maior resistência e maior dificuldade conceitual e habilidade prática, as gerações dos anos 60, 70 também se encontram on-line. A questão é que as crianças e os jovens da

⁴ Pierre Lévy explica os pares potencial-real e virtual-atual a partir dos exemplos do texto eletrônico, ou hipertexto, ressaltando que na leitura de um livro impresso possuímos em mãos um objeto físico, já na leitura no computador não há uma presença física que se estende para além do término da leitura ou anteriormente ao seu acesso. A tela do computador torna-se, assim, uma reserva *potencial* e não *virtual*, porque os bits e bytes podem ser transformados em texto quando acessados pelo usuário. Esse “armazenamento em memória digital é uma *potencialização*, a exibição é uma *realização*. (...) O *virtual* só eclode com a entrada da subjetividade humana no circuito, quando num mesmo movimento surgem a indeterminação do sentido e a propensão do texto a significar, tensão que uma *atualização*, uma interpretação, resolverá na leitura” (1996:40, grifo nosso).

contemporaneidade possuem uma intimidade sem precedentes frente às ferramentas computacionais, o ciberespaço⁵, o virtual *sui generis*.

É muito interessante observar o modo como meninos e meninas de até seis anos de idade movimentam-se por entre teclas de computadores e mouses. Entrar em pastas, subpastas, acessar os arquivos de jogos são ações comuns para muitas crianças e jovens nos dias de hoje. Roxana Morduchowicz (2008), para tratar da visão otimista de pesquisadores relativamente à relação dos computadores com os jovens, evoca o ponto de vista de Seymour Papert, que denomina a geração de crianças e jovens de hoje como “a geração do computador”. Tal geração possui uma sabedoria quase natural com respeito às tecnologias, um saber intuitivo que não reconhece diferenças econômicas e sociais entre os usuários.

Quando nos reportamos à internet e às produções culturais, observamos, à primeira vista, uma grande quantidade de jovens administrando projetos culturais e atraindo outros jovens para os mesmos projetos ou similares. No mundo virtual talvez pudéssemos falar de jovens administrando e incentivando adultos para a participação em projetos e ações culturais. A cultura on-line, de forma mais geral, consiste nas ações coletivas ou produções culturais coletivas criadas, elaboradas, construídas e administradas por jovens.

Concordando com Martín-Barbero (2008), é por este fato que aqui se traz algumas reflexões sobre as juventudes, pois elas vivenciam e encarnam, em primeira mão, as transformações das práticas de leitura e escrita que se constituem como práticas revolucionárias na história do livro, da leitura, do texto. No âmbito dessa revolução, os jovens vivenciam intensamente suas sensibilidades e todos esses processos são possibilitados pelo ambiente, pelo suporte de leituras e escritas e sensações que é a internet.

Escrevendo suas narrativas ficcionais ou apenas postando comentários em blogs acessados e lidos por jovens, identificam-se com a temática ou, ainda, configurando seus perfis nas redes sociais, esses sujeitos expõem-se, mostram-se. Escrevem sobre o que amam, o que odeiam, falam de sonhos, desejos, realizações, buscas pessoais, em um ambiente não legitimado pelas instituições e também por alguns grupos sociais. A partir dessas vivências, podem tornar-se *blogueiros*⁶ renomados, escritores conhecidos, *twiteiros*⁷ muito seguidos, *ficwriters* com muitos leitores. Exercem um lugar autoral que, hoje, já podemos dizer não se tratar apenas de um passatempo da fase juvenil.

⁵ O ciberespaço, “(que também chamarei de ‘rede’) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (LÉVY, 1999:17)

⁶ Usuários de blogs, sites com uma estrutura de atualização rápida que lembra os antigos diários.

⁷ Os usuários do *twitter*, um site de relacionamento, com funcionamento semelhante aos blogs, com a diferença que o tamanho dos textos de atualizações (*tweets*) não pode ultrapassar cento e quarenta (140) caracteres.

É certo que a internet e as práticas culturais engendradas nela são assimiladas por todas as instâncias sociais, e não há dúvida que, assim como o códex é uma tecnologia inigualável, a tecnologia informática tende a ocupar mais e variados nichos da vida social, profissional, administrativa e etc. O que é interessante perceber é que os tentáculos dessas tecnologias foram primeiramente dominados pelos sujeitos jovens e que neles eles inscreveram, com ineditismo, também, suas sensibilidades.

Los jóvenes de hoy son la primera generación que ha conocido desde su infancia un universo mediático extremadamente diversificado: la radio (AM y FM), canales de TV (abiertos y por cable), videojuegos, videocasete, DVD, Ipod, reproductores de MP3 y MP4, teléfonos celulares, Internet... (MORDUCHOWICZ, 2008:15)

O universo midiático acessado pelas crianças e jovens que nasceram a partir do início do século não é novo para esses sujeitos, é “quase natural”. Eles experimentam o que as gerações mais velhas consideram “novo” de uma forma completamente distinta. Por vezes, torna-se difícil demonstrar alguns usos às crianças e aos jovens de artefatos ou instrumentos que eles nem imaginam ter antecedido o celular, o teclado do computador, a copiadora e impressora.

Dessa forma, eles também experimentam novas sociabilidades. Compartilham seus conhecimentos com outros sujeitos de sua mesma faixa etária, porque é mais fácil ensiná-los, as palavras específicas de um determinado domínio são compartilhadas, assim como as abreviações. E essas trocas rápidas que engendram muitas aprendizagens acabam aproximando emocional e intelectualmente as crianças e jovens que participam de um grupo específico de fãs, ou um *fandom*⁸.

Considerando esses sujeitos jovens, suas características e práticas experienciadas junto à internet, buscou-se aprofundar os conhecimentos relativos a essas práticas com o intuito de contribuir com outros estudos das áreas da História e da Educação, em especial no que concerne às transformações das práticas de leituras e escritas a partir do surgimento dos computadores e da internet. Também, voltou-se aos aprendizados desses jovens a partir de

⁸ Fandom se refere à subcultura dos fãs em geral e pode ser caracterizada por um sentimento de “camaradagem, solidariedade com outros que compartilham os mesmos interesses” (Jenkins, 2009:39). Esta subcultura também é produzida pelos fãs ou amadores, circula na economia underground, é rechaçada por muitas empresas que exploram a cultura de participação, pois é produzida a partir da apropriação de grande parte do conteúdo da cultura comercial (Ibidem:378).

práticas ainda não plenamente legitimadas pela escola⁹. Os caminhos para sua realização serão delineados na sequência.

1.2 CAMINHOS DA PESQUISA¹⁰

A internet constitui-se um vasto campo de pesquisa. É fértil para os estudos nas áreas de Marketing, Finanças, Comunicação e Informação, Jornalismo, bem como História e Educação, entre outras. Ela é um conjunto de operações matemáticas, de bits e bytes que precisam ser interpretados por máquinas que transformam esses dados brutos numa interface amistosa para os usuários. Mas não é apenas isso. É uma ferramenta que conecta pessoas de várias partes do mundo, que permite a comunicação em tempo real, que possibilita aos sujeitos encontrarem outros indivíduos com os mesmos interesses comerciais, científicos, literários, acadêmicos, culturais, de lazer, esportivos. Por conta disso, a internet constitui-se em lugar do humano. Para além de números e circuitos elétricos que ligam computadores uns aos outros e permitem que a informação seja transmitida de muitos para muitos e que seja codificada para que tenha uma interface acessível aos usuários, o resultado desse processo é um ambiente onde transitam pessoas, em modo virtual, é verdade, mas que não deixam de construir relações sociais.

⁹ A expressão *não legitimado*, utilizada ao longo do trabalho, assume os significados implícitos nas anotações de Roger Chartier quando analisa as leituras realizadas por leitores, mas que não são consideradas pelo cânone escolar como leituras legítimas, leituras de verdadeira literatura. Assim, a expressão também pode assumir os sentidos de *não reconhecidas, não contempladas, ignoradas, não oficiais*. Ver citação à página 166.

¹⁰ Quando da escrita do projeto desta tese, no ano de 2010, foi realizado um levantamento junto ao Banco de Teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com o intuito de arrolar as pesquisas que contemplavam as *fanfictions* no âmbito da Pós-Graduação no Brasil, no período de 1999 a 2008. Foram identificados, naquela oportunidade, cinco trabalhos, uma tese e quatro dissertações (ver Carvalho (2010)). Retornando ao Banco de Teses da Capes, no ano de 2012, e realizando a mesma busca para o período de 2009 a 2011, mais três dissertações foram identificadas. Uma delas pertence ao Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, defendida no ano de 2009, e intitula-se “A construção da autoria compartilhada no universo da *fanfiction*” de Maria Rita Barros, cujo objetivo da autora é, como fica claro pelo título do trabalho, analisar a construção da autoria compartilhada a partir das escritas de *fanfictions*. Outra dissertação, defendida no ano de 2011 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia, intitula-se “Processo de construção da identidade autoral nas comunidades virtuais e blogs literários”, de André de Jesus Neves, e tem o objetivo de analisar como escritores marginalizados fazem uso das *fanfictions* e quais transformações literárias são provocadas por elas. A terceira dissertação defendida é do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará, no ano de 2011, intitulada “*Fanfictions* na internet – um clique na construção do leitor-autor” de Fabíola do Socorro Figueiredo dos Reis cujo objetivo do trabalho é pesquisar o fenômeno de autoria na internet focando no estudo do leitor-autor.

É nesse espaço que os jovens leitores/escritores de *fanfics* se movimentam. É nele que mantêm e dinamizam práticas de leituras e escritas, que buscam informações sobre os filmes, os livros, as séries televisivas, as histórias em quadrinhos japonesas (mangás), americanas e brasileiras, os desenhos animados japoneses (animês), brasileiros e americanos, as bandas em geral, os jogos, entre outros. Assim, a investigação voltou-se para esse ambiente virtual de modo a estudar as práticas de leituras e escritas de jovens fãs da atualidade chamadas *fanfictions*.

A pesquisa na internet requer novas formas de observação. Não podem ser as mesmas utilizadas quando observamos, por exemplo, grupos de alunos de uma escola, participantes de agremiações estudantis, grupos folclóricos, times de futebol entre outros exemplos. Há uma peculiaridade a considerar: lida-se com grupos distanciados no espaço geográfico, embora próximos culturalmente; observa-se práticas dos sujeitos e não os sujeitos em si. São necessários métodos diferentes de análise daqueles utilizados pelo pesquisador quando se encontra face a face com os sujeitos da pesquisa:

O telescópio e o microscópio representam instrumentos para a compreensão de aspectos do mundo natural que, sem eles, não são visíveis. Eles permitem novas visões, nas quais a medição se dá conforme um sistema de referência distanciado do indivíduo. Essa extensão dos sentidos também é necessária nas ciências sociais. A internet constitui uma representação de nossas práticas sociais e demanda novas formas de observação, que requerem que os cientistas sociais voltem a fabricar suas próprias lentes, procurando instrumentos e métodos que viabilizem novas maneiras de enxergar. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011:12-13)

São essas novas maneiras de enxergar que busquei, como pesquisadora, no presente estudo. Para tanto, as análises de Suely Fragoso, Raquel Recuero, Adriana Amaral (2011) representaram contribuições valiosas. Para as pesquisadoras, a internet pode ser considerada um *objeto* de pesquisa, um *local* de pesquisa ou um *instrumento* de pesquisa (2011:17). No presente estudo, a internet é considerada um *local* de pesquisa. Não se constitui no objeto que será estudado ou numa ferramenta para coleta de dados, mas sim o lugar em que a pesquisa é realizada. As *fanfics* podem ser escritas em cadernos escolares, com lápis ou caneta, em folhas avulsas, blocos de anotações ou diários, mas a peculiaridade dessa prática é sua publicação na internet.

Os jovens escrevem ficções de fãs e as publicam na internet para serem lidas por seus pares. Antes do advento da rede, alguns utilizavam *fanzines*¹¹ para publicarem as ficções criadas baseadas em bandas de músicas apreciadas. Também os fãs de *Star Wars* utilizavam essa ferramenta de comunicação para escreverem continuações ao universo de que eram fãs e publicar essas histórias para a apreciação de seus pares.

A internet expandiu a prática das *fanfictions*, tornou-as conhecidas no mundo inteiro, acessíveis a qualquer jovem, criança ou adulto que aprecie um universo ficcional e suas extensões escritas por fãs ou que também queiram escrever ficções de fãs. Assim, a internet é um local privilegiado de pesquisa das práticas de leitura e escrita de jovens fãs da atualidade.

O livro *Etnografia Virtual*, de Christine Hine (2004), foi igualmente uma obra de referência para a aplicação da metodologia da etnografia virtual em sua abordagem a respeito da construção do objeto de análise, o processo da etnografia para o contexto da internet, o tempo e o espaço no ambiente virtual.

A netnografia ou etnografia virtual é uma metodologia de pesquisa inspirada e relacionada ao método etnográfico. Para compreendê-la é interessante referirmo-nos a este, primeiramente, como orientação metodológica que a inspira. O que caracteriza uma pesquisa de tipo etnográfico é o ponto de partida que se centra no particular para estender-se ao geral, ou seja, parte de um ponto específico, um caso particular da sociedade, um grupo a partir dos seus indivíduos, por exemplo, para expandir-se na compreensão do geral. No entanto, busca não reificar o indivíduo, não dar maior importância ao caso particular em detrimento das regras gerais, das leis e fenômenos culturais que regem as comunidades pesquisadas.

É neste sentido que Cláudia Fonseca apresenta a etnografia “como o encontro tenso entre o individualismo metodológico (que tende para a sacralização do indivíduo) e a perspectiva sociológica (que tende para a reificação do social)” (1999, p. 59). A autora também salienta que a etnografia toma como base uma ciência do concreto. O etnógrafo comprometido com sua profissão vai a campo, realiza seu estudo a partir da interação com os “objetos de estudo”, com os sujeitos da pesquisa a ser empreendida.

Os principais passos na realização da pesquisa de tipo etnográfico, segundo Fonseca, são:

¹¹ Segundo Souza “Os *fanzines* fazem parte de um circuito alternativo de informação paralelo aos meios de comunicação de massa e ligado ao movimento *punk*. Elaborados, geralmente, em xerox ou *offset* não tem limites, regras, necessidade de agradar, compromisso com o retorno econômico” (2003:115).

- 1) O Estranhamento – perante uma situação de campo, concreta, cruzando os dados empíricos coletados com referências bibliográficas, dá-se o estranhamento do pesquisador com alguma problemática específica, algo que foge ao convencional, ao dito normal, que cause estranheza ao pesquisador;
- 2) A Esquematização – um exercício de abstração, a construção de esquemas simples utilizando todos os dados coletados, construindo mapas explicativos resumidos, genealogias e etc.;
- 3) A Desconstrução – trata-se do processo de abrir-se para escutar o outro, de colocar-se apto a compreender a cultura do outro para poder entender os processos e as situações que se mostram como as questões de pesquisa. Para tanto, é necessário desconstruir as estruturas conceituais que trazemos de nossa própria cultura, nossas noções pré-concebidas do real;
- 4) A Comparação – é a busca por situações análogas àquela pesquisada pelo etnógrafo. Esta etapa pode ser realizada através da leitura de trabalhos etnográficos referentes a culturas de várias partes do mundo, uma revisão bibliográfica buscando encontrar processos análogos aos do estudo a ser empreendido;
- 5) A Sistematização do Material – é o desafio de ordenar os dados coletados e criar modelos alternativos aos existentes para a situação que está sendo investigada, de acordo com o problema que está sendo elucidado pelo pesquisador, ou seja, a partir dos dados obtidos em campo, sistematizar um modelo que possa dar a conhecer, de forma exemplar, os processos construídos, pelos sujeitos da pesquisa, para explicar o real;
- 6) Aplicação do novo modelo para a interpretação de comportamentos e atitudes – o modelo alternativo construído poderá servir para a interpretação de outros grupos, de outras situações, de outros processos culturais e sociais, mas é importante ressaltar, segundo a autora, que os modelos construídos são criações abstratas do pesquisador e não podem ser considerados a chave do problema a ser resolvido, mas uma possibilidade dentre outras, que deve ser levada em consideração.

Fragoso, Recuero e Amaral postulam a netnografia como uma transposição desse método etnográfico em relação à internet (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011:168). Assim, a netnografia possui relação intrínseca com a etnografia, tendo peculiaridades relativas ao lócus de estudo que não se constitui mais como uma comunidade limitada a um espaço

geográfico, mas comunidades, grupos, movimentos que se organizam num espaço virtual. Por conta dessa diferença, muitos etnógrafos questionam a aplicação da etnografia em contextos virtuais postulando que não há deslocamento do pesquisador num campo que é acessado pelo computador de sua casa e que, portanto, o estranhamento seria ineficiente:

Questionamentos como qual o deslocamento que há em acessar um site ou um chat? Que tipo de estranhamento pode ser analisado em uma relação “fria” entre homens e máquinas? Com a abolição do face a face como elemento central nas relações entre pesquisador e informantes quais são os reflexos na observação e na narrativa etnográfica? As dimensões de espaço e tempo foram redimensionadas pelas tecnologias de comunicação e informação, assim há transformações diretas no fazer etnográfico (...). (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011:172)

Contudo, podemos afirmar que o estranhamento e o distanciamento em ambiente virtual ocorrem de maneiras diferenciadas daquelas observadas quando em contato com comunidades isoladas geograficamente. Para esta tese, a entrada em campo foi uma experiência de estranhamento. Embora conhecedora das ferramentas computacionais e relativamente hábil na navegação online, percebi-me num local estranho quando iniciei a observação em páginas especializadas em postagens de *fanfictions*. Quem escrevia? Que códigos e símbolos eram aqueles que apareciam inscritos nas páginas de apresentação, ou nos perfis dos usuários dos sites? Que livros eram os citados nas referências desta categoria específica? O que significavam algumas expressões e abreviações utilizadas na comunicação entre leitores e escritores? E a estrutura dos sites? Tornavam-se, por vezes, incompreensíveis, de acesso restrito aos *iniciados* nesse mundo de leituras e escritas de fãs.

O estranhamento permitiu que o distanciamento fosse realizado. A internet não pode ser considerada familiar para todos os indivíduos com conexão direta de suas casas. A familiaridade com o correio eletrônico, com sites acadêmicos que objetivam dar a ler textos produzidos por cientistas, com plataformas institucionais de preenchimento de requisitos para manutenção de um currículo ou de quaisquer informações profissionais, com sites de busca de informações ou de mídia musical e imagética não habilita nenhum sujeito a considerar-se familiarizado com a internet de um modo geral.

Aparentemente, todos os ambientes virtuais parecem iguais, mas há diferentes culturas, comunidades, grupos, práticas na internet que criam ambientes não familiares a todos que acessam esse meio de comunicação de massa. Entrar nesses diferentes ambientes e observá-los permite essa diferenciação. Como a maioria dos sujeitos, ao acessarem na rede sites aparentemente incompreensíveis, acabam por abandoná-los, tendo em vista perceberem

que não condiz com o que procuram ou não compreenderem sua estrutura, e passam para outras páginas que se tornam amigáveis, têm-se a impressão de que toda a rede é amigável, porque oferece uma alternativa que condiz com os sujeitos que a acessam.

Quem é o artífice daquelas páginas nas quais um sujeito não quis se deter? Sobre que assuntos tratam? Quem as administra? Por que foram criadas contendo linguagens, símbolos, imagens inacessíveis para determinados sujeitos? Essas imagens, esses símbolos, essa linguagem é acessível a quantos? Sobre o que tratam essas imagens? São lugares assim, na análise de muitos indivíduos, que são produzidos por algumas comunidades de leitores/escritores fãs na internet.

Assim ocorreu na presente pesquisa. O estranhamento inicial contribuiu para o distanciamento, e a abordagem etnográfica, adaptada ao contexto da internet, denominada aqui de netnografia, foi sendo efetivada durante os percursos da pesquisa. Para utilizar a etnografia aplicada à internet procurou-se partir de um planejamento ordenado pelo desenvolvimento da pesquisa netnográfica, tendo como foco de partida a própria cultura da comunidade ou grupo a ser estudado. Era necessário, assim, visitar os sites especializados em postagens de *fanfics*.

A busca inaugural aconteceu no site Google, através da palavra-chave *fanfiction*. Mais de oitenta milhões de resultados foram recuperados pelo site. Esse resultado não representa a quantidade de sites especializados em postagens de *fanfics* no mundo todo, mas sim o número de referências à palavra que existem na rede, e os primeiros resultados encaminhavam para os mesmos sites especializados. O site FanFiction.net aparecia em muitas entradas, bem como os sites *Floreios e Borrões*¹² (FeB), *Nyah!Fanfiction*¹³ e *AnimeSpirit Fanfics*¹⁴.

Quando do primeiro desenho da pesquisa, ainda sob a forma de projeto, foram eleitos quatro sites especializados em postagem de *fanfics* para a realização da netnografia. Eram justamente os últimos três sites indicados acima (*Nyah!Fanfiction*, *Floreios e Borrões* e *AnimeSpirit Fanfics*) mais o site *Twilight Fanfics*¹⁵ dos fãs da saga Crepúsculo. As observações iniciais foram sendo realizadas nesses sites, no entanto outra página especializada em *fanfics* chamou a minha atenção, o site *FanFiction.net*, acima citado, denominado por seus usuários de FF. Muitos usuários dos sites mencionados escreviam em

¹² <http://fanfic.potterish.com/>

¹³ <https://www.fanfiction.com.br/>

¹⁴ <http://animespirit.com.br/fanfics/>

¹⁵ <http://twilightfanfics.com/>

seus perfis (a página de apresentação dos usuários nos sites) que também estavam inscritos (possuíam conta, semelhante ao e-mail) no FF e essa informação fez que a pesquisa se voltasse para esse site, identificado posteriormente como o mais importante site para postagens de *fanfics* de quaisquer comunidades de fãs (*fandoms*) em muitas línguas diferentes. Abaixo estão as imagens das páginas iniciais dos sites acima referidos:



Figura 1 - Página inicial (homepage) do site Nyah!Fanfiction.



Figura 2 - Homepage do site Floreios e Borrões.



Figura 3 - Homepage do site AnimeSpirit Fanfics.



Figura 4 - Homepage do site Twilight Fanfics.

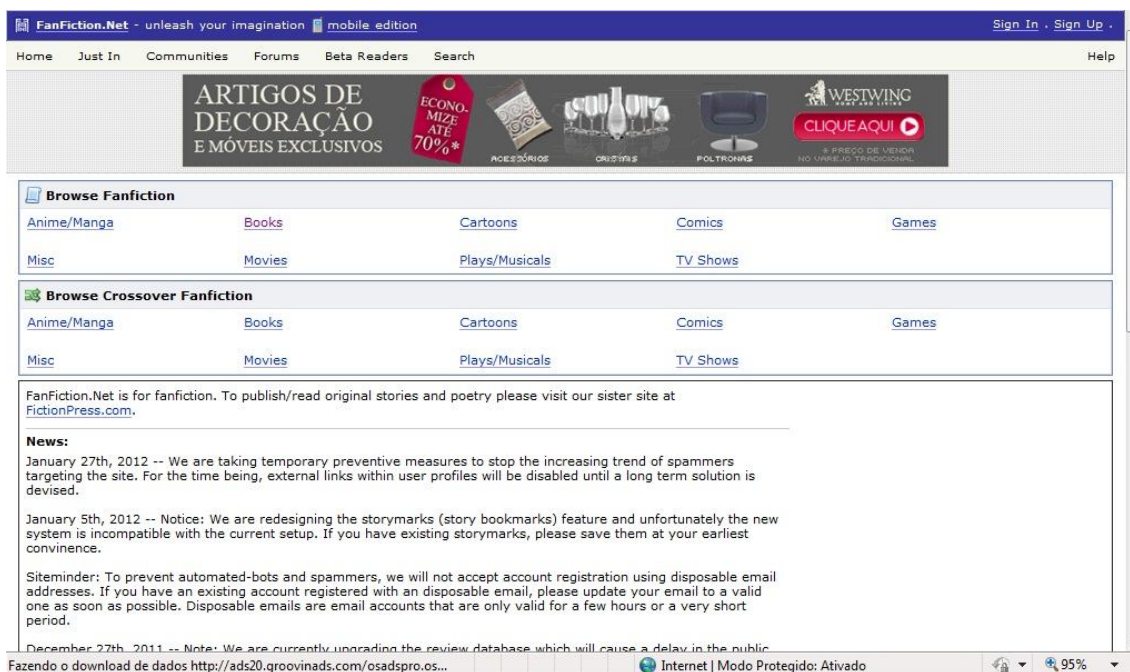


Figura 5 - Homepage do site FanFiction.net.

Os sites foram sendo pesquisados, os materiais produzidos por fãs foram sendo lidos e fui conhecendo a dinâmica das práticas de leitura e escrita dos jovens. Mais do que isso, foi necessário conhecer um pouco sobre o que os jovens escreviam. Suas escritas não eram apenas sobre *O Senhor dos Anéis*, *Harry Potter*, a saga *Crespúsculo*. No site do FanFiction.net, por exemplo, muitas categorias de filmes, livros, animês, mangás apareciam na página. E a extensão dessas é bastante grande.



Figura 6 - Lista de livros e quantidade de fanfics de cada um no site FanFiction.net. A lista estende-se, por ordem alfabética, até a letra w.

O primeiro impacto foi com relação à língua inglesa no site FF. Nos demais sites observados, como a procura era por *ficwriters* (escritores de *fanfics*) brasileiros, ou de língua portuguesa, foi mais fácil compreender a estrutura das páginas, o estilo, os símbolos e até mesmo as abreviações. Contudo, frente ao site do FF a língua inglesa pareceu dificultar a compreensão num primeiro momento. Mas a leitura dos perfis e comentários dos jovens e em alguns blogs de escritores de *fanfics* pesquisados, que o FF era o paraíso dos leitores e escritores de *fanfics*:

(...) leio muito no <http://www.fanfiction.net> que é atualmente o paraíso dos leitores de *fics*, possuem todos os gêneros e idiomas” (Lizandra, entrevista recebida em 16/10/2010).¹⁶

Lizandra foi a primeira *ficwriter* que busquei contato. Navegava por muitos sites e *fanfics* na internet e cheguei ao seu blog para escrita de *fanfics* e originais¹⁷. Enviei a ela um questionário piloto que me propunha aplicar aos jovens *ficwriters* quando da formulação da proposta de tese. A pesquisa netnográfica não excluiu a realização de entrevistas como

¹⁶ As transcrições dos questionários respondidos pelos jovens e transformados em documentos da pesquisa serão apresentadas utilizando a margem total da página e em fonte diferenciada. Este procedimento foi adotado para diferenciar estes documentos das citações bibliográficas.

¹⁷ Omitirei o site por questões de ética da pesquisa.

instrumento de coleta de dados para o trabalho. A intenção inicial era realizar entrevistas presenciais, mas essa forma de abordagem ocorreu apenas em duas oportunidades. Acessar os sujeitos escritores de ficções de fãs se mostrou uma tarefa difícil. Nos perfis que os jovens criam para si nos sites especializados em postagens de *fanfics* eles escolhem o que escrever sobre eles mesmos. É possível encontrar informações sobre onde os jovens moram, mas não é fácil, poucos inserem essa informação visível nos seus perfis (*profiles*), idade, sexo, também são informações omitidas pelas jovens, impossibilitando realizar uma triagem apenas a partir da observação dos perfis dos jovens.

Por conta disso, procurei alguns blogs onde houvesse um canal de comunicação com os donos desses sites e através dos quais é possível entrar em contato através de mensagens pessoais. Lizandra respondeu prontamente à minha mensagem, devolvendo o questionário respondido, oferecendo-se para mais informações e disponibilizando-se para esclarecimentos. A citação, reproduzida acima, de Lizandra consta desse questionário respondido.

Sabendo que o FF era o “atual paraíso dos leitores de *fanfics*”, comecei a realizar observações netnográficas no site. O olhar teve de ser modificado, embora todas as informações, menus, links fossem em língua inglesa, manejando os campos corretos, encontrei o modo de filtrar os escritos em língua portuguesa. Observei que esse manejo era corrente para os leitores brasileiros. Eles selecionam a língua portuguesa para o livro, o mangá, o animê, a série de que são fãs e encontram outros fãs do mesmo *fandom*. Conhecem-se por este canal. Primeiro leem as *fanfics* de *ficwriters* mais antigos, comentam-nas e iniciam contato com estes escritores. A seguir, iniciam suas próprias escritas de fãs e são lidos pelos antigos membros do *fandom* que dão dicas, fazem críticas e escrevem sugestões para as histórias. Este circuito é semelhante para todos os sites de postagens de *fanfics*, com a diferença que os demais sites observados são em língua portuguesa, não necessitando filtrar essa língua para encontrarem seus pares, fãs dos mesmos livros, filmes, mangás, animês e etc.

Assim, fui adentrando os perfis de vários fãs e observando suas escritas sobre si mesmos, as produções escritas das histórias, seus conteúdos, do que tratavam, de que personagens falavam. Foram escolhidos para a observação alguns dos *fandons*. Não foram acessadas todas as *fanfics* produzidas por *ficwriters* nos sites observados. O número delas é muito expressivo. Somente do animê *Naruto*¹⁸, em língua portuguesa, no site do FF, há mais

¹⁸ Série de animê e mangá criada por Masashi Kishimoto. Naruto é um jovem brincalhão e incompreendido, temido pelos moradores da vila onde mora por abrigar em seu corpo uma criatura malévola, ali encarcerada pelo pai do menino, no nascimento deste, com o intuito de salvar a vila ninja.

de nove mil *fanfics*¹⁹ e da série de livros de Harry Potter, também em língua portuguesa, no mesmo site, há mais de dezessete mil *fanfics*²⁰. E esses são apenas dois exemplos, um animê e um livro; há centenas de cada tipo apenas no site do FF.

Embora a netnografia tenha sido realizada em quatro diferentes sites especializados (o site *Twiligh Fanfics* não foi observado porque sofreu algumas interrupções e ficou fora do ar em alguns períodos) a pesquisa empírica centrou-se muito no FanFiction.net. O motivo deve-se ao fato de que com a crescente familiarização, a pesquisa fluía quando realizada nesse site.

Em todas as páginas da internet escolhidas para a observação netnográfica foi necessário uma entrada em campo na condição de usuária. Para ter acesso aos *ficwriters* era necessário inscrever-se nos sites como qualquer sujeito que almeje postar *fanfics*. Assim, também criei e mantive (ainda as mantenho) contas nos sites observados. Foi o modo encontrado para ter contato com o grupo o qual eu desejava observar. Tratando-se, ainda, das preliminares da netnografia, Fragoso, Recuero e Amaral observam que: “(...) o processo de construção da etnografia consiste em saber ver, saber estar com e saber escrever. Os atos descritivos incluem uma série de protocolos a serem devidamente organizados” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011:185). Foi necessário saber ver. Para ver melhor, foi preciso a inscrição nos sites especializados em postagens de *fanfics*. Mas como estar nesses ambientes virtuais? Optei por inserir-me como pesquisadora “silenciosa” ou “*lurker*” que, segundo Fragoso, Recuero e Amaral, em nota de rodapé, é o pesquisador que pratica o *lurking*: “ato de entrar em lista de discussão, fóruns, comunidades online etc. apenas como observador, sem participação ativa” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011:192)

Mesmo com um material variado gerado a partir das observações feitas, houve dificuldades para documentá-las. Depois de algum tempo apenas observando, segui as instruções netnográficas de Fragoso, Recuero e Amaral e também de Hine e passei a gravar, em formato de imagem, as páginas de *fanfics* e os perfis dos *ficwriters* que eram observados. Os primeiros não ficaram registrados, e os primeiros que foram gravados (um total de cinco documentos) o foram em formato de documento texto, tendo sido retirada a *fanfic* de seu contexto original. Após estes desencontros técnicos e metodológicos, as páginas foram sendo copiadas em formato de documento para a internet, tornando possível recuperá-las quase no contexto em que foram lidas pela primeira vez. Consistiram num total de duzentas e quarenta

¹⁹ Disponível em <http://www.fanfiction.net/anime/Naruto/3/0/8/1/0/0/0/0/0/1/>, acesso em 26 de fev. 2012.

²⁰ Disponível em http://www.fanfiction.net/book/Harry_Potter/3/0/8/1/0/0/0/0/0/1/, acesso em 26 de fev. 2012.

e sete (247) páginas da internet observadas e gravadas as imagens enquanto documentos de pesquisa produzidos através da netnografia.

Algumas páginas foram acessadas tão somente para conferência de dados, curiosidade pessoal e etc., durante o período de observação netnográfica²¹, e não geraram documentos, mas, durante a escrita desta tese, foram novamente acessadas, porque seus conteúdos e importância eram do conhecimento da pesquisadora o que permitiu que um site de busca encontrasse facilmente a página procurada a partir de palavras-chave específicas.

Isso não pareceu suficiente. Havia o desejo de contatar os jovens *ficwriters* dos quais *fanfics* foram lidas. Só assim caberia conhecê-los. O questionário piloto foi feito. Foram escolhidos dez (10) escritores de *fanfics* no site Fanfiction.net para envio do questionário. Para escolha dos sujeitos, procurou-se não limitar um único *fandom*. Não era propósito enviar convites de participação na pesquisa apenas para leitores/escritores fãs de Harry Potter ou do mangá *Naruto*.

Primeiramente descobriu-se como enviar mensagens privadas aos escritores das *fanfics*. Essa opção somente é possível quando se é membro do site. Através da conta criada, podia-se acessar uma *fanfic* para leitura e buscar, no canto esquerdo da tela, o link para a página do perfil do *ficwriter*. Dentro do perfil, para os que tornam essa opção acessível, há um outro link de menu intitulado *PM (Private Message)* que é a opção de envios de mensagens privadas ao *ficwriter*. Nesse espaço, eu escrevia para os leitores/escritores de *fanfics*:

Olá
Meu nome é Larissa Camacho Carvalho, faço doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Porto Alegre/RS e pesquiso práticas de leitura e escritas de jovens. Minha orientadora é a Prof^ª Dr^ª Maria Stephanou. No doutorado estou pesquisando essas práticas especificamente no âmbito da internet.
Bom, o foco de minha pesquisa será as escritas de *fanfics*, na internet, por jovens, as motivações dos escritores, as práticas de leitura e escrita, como vocês iniciaram e porquê as escritas.
Então resolvi escrever para perguntar se poderias e terias interesse em participar da pesquisa enquanto um jovem escritor da internet. Se a resposta for positiva, abaixo, está o questionário que eu gostaria que você respondesse e, mais abaixo, um termo de esclarecimento sobre a pesquisa onde peço que você "assine" seu nome demonstrando ciência do termo.
Assim, aguardo retorno, informando que posso prestar quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa.
Muito obrigada pela atenção e espero contar com sua colaboração.
Cordialmente,
Larissa C. Carvalho

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual seu nome?
2. Qual nome você utiliza para escrever suas *fanfics*? O que ele significa? Por que o escolheu?

²¹ Esse período compreendeu o segundo semestre de 2010, na forma de observação sem produção de documentos para a pesquisa, e segundo semestre de 2011, de agosto até dezembro, quando foram realizadas as entrevistas explicadas a seguir.

3. Onde você mora (cidade/estado)?
4. Qual sua idade?
5. Estuda? Onde? O quê?
6. Trabalha? Onde? O quê?
7. Antes das *fanfics* você tinha o hábito da escrita (diários, cartas, poesias, blogs)?
8. Por que começou a escrever?
9. E as *fanfics*, quando começou a escrever?
10. Quantas *fics* você já escreveu?
11. Qual a *fic* você mais gostou de escrever? Por quê?
12. Que tipo de *fanfics* você escreve e quais mais gosta de escrever? Por quê?
13. As histórias que você escreve são àquelas que gostarias de ler e não são escritas?
14. Você se coloca como personagem das histórias que cria? Sim, não, por quê?
15. Você pede para que alguém corrija suas *fanfics* antes de postar? Por quê? São sempre as mesmas pessoas?
16. Por que escrever *fanfics*? Como essa prática faz parte de sua vida?
17. Os leitores de suas *fics* o incentivam a escrever? Pode dar um exemplo?
18. Você espera *reviews* para continuar escrevendo? Por quê?
19. Você escreve *reviews* para os autores das *fanfics* que lê? Por quê? Em que situação?
20. Você lê frequentemente? Se sim, que tipo de leitura (nomes de livros, revistas, sites, *fics*)?
21. Quais foram as leituras mais marcantes que você fez?
22. Quais foram as primeiras leituras que você recorda ter realizado ou quais livros eram lidos para você quando criança (gibis, livros infantis, etc)?
23. Você tem computador? Que tipo? De onde você acessa o computador (em casa, lan house...)?
24. Você tem internet? De onde você acessa a internet?
25. Você lê e/ou escreve diretamente no computador ou também escreve em cadernos, blocos, folhas e lê livros impressos?
26. Podemos separar *fanfic* de internet?
27. Como você escreve (sentado, com notebook deitado, no quarto, prefere lápis, caneta, teclado...)?
28. Quanto do seu tempo você passa lendo e/ou escrevendo *fanfictions*?
29. Quem ou o quê o inspirou a escrever?
30. Você realiza alguma pesquisa para escrever suas *fics*? Que tipo? Onde?
31. Como você concilia seu tempo (atividades profissionais, escolares com atividades de escrita e leitura)?
32. Há alguma relação entre escritas de *fanfics* e leituras de livros/*fanfics* ou filmes com alguma disciplina escolar?

33. A profissão escolhida por você tem influência de suas escritas e leituras?
34. As *fanfics* são responsáveis por alguma amizade que você tenha feito? Dá para conhecer amigos através delas? Quantos você tem? Já os encontrou *off line*? Como funciona?
35. O que seus pais ou responsáveis ou pessoas que moram com você pensam de suas escritas e leituras na internet?
36. Qual sua opinião sobre essas escritas e leituras?
37. Gostaria de fazer alguma observação? Acrescentar alguma coisa?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título provisório da pesquisa: “Navegando pelos escritos da era digital: produções culturais de jovens na internet”.

Pesquisador(es) responsável(is): Larissa Camacho Carvalho.

Instituição/Departamento: Programa de Pós-Graduação em Educação / Faculdade de Educação / Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Telefone para contato: (xx) xxxx-xxxx²². **E-mail:** camachocarvalho@yahoo.com.br

Local da coleta de dados: Sites dedicados à postagem de *fanfictions*.

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**. Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder este questionário, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento.

Você tem o direito de não participar da pesquisa ou desistir de participar a qualquer momento.

Objetivo do estudo: O estudo, que culminará na elaboração de uma tese de Doutorado, pretende contribuir para a compreensão das práticas culturais de leitura e escrita de jovens na internet, mais especificamente das escritas de *fanfictions* e seus desdobramentos.

Procedimentos: Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas.

Benefícios. Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado no campo da educação e da história pois inserir-se-á no campo das pesquisas sobre a história das práticas de leitura e escrita.

Riscos. O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

Sigilo. As informações fornecidas por você serão confidenciais e de conhecimento apenas dos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Por favor, abaixo digite seu nome completo. A resposta a esse questionário e posterior envio ao pesquisador declarará que o(a) senhor(a) está ciente dos termos acima especificados.

Abdicando direitos autorais meus e de meus descendentes da pesquisa que utilizará as informações por mim fornecidas de forma sigilosa, subscrevo a presente declaração,

Nome do participante

Mas, para visualizar a lista de *fanfics* a serem lidas e entrar nos perfis dos escritores de ficções de fãs e enviar essa mensagem a eles era necessário acessar a opção de busca, escolher entre as categorias listadas apenas uma das opções (animê, livros, desenhos

²² No convite aos jovens, o telefone não foi omitido.

animados, histórias em quadrinhos, jogos, miscelânea, filmes, teatro e TV), dentro de uma das categorias era necessário escolher o livro, o filme, o animê, o mangá específico e dentro deste a língua em que se quer ler. Esse processo não permitia que fossem convidados para participar da pesquisa *ficwriters* dos mais diferentes *fandons*, mesmo os que eu desconhecia. Então optei por acessar a opção de menu *Just in* (somente em) que permite escolher entre *Todos*, *Histórias Novas*, *Histórias Atualizadas*, *Crossover Novos* e *Crossover atualizados*. A opção *Todos* dá acesso a tudo que existe no site, embora não informe a quantidade de itens que se pode acessar. Além disso, é possível filtrar essa opção apenas pela língua que se quer encontrar uma *fanfic*, que foi o procedimento adotado. Escolhi a língua portuguesa e acessei uma lista com cinquenta (50) *fanfics* dos mais diferentes *fandons* do site:

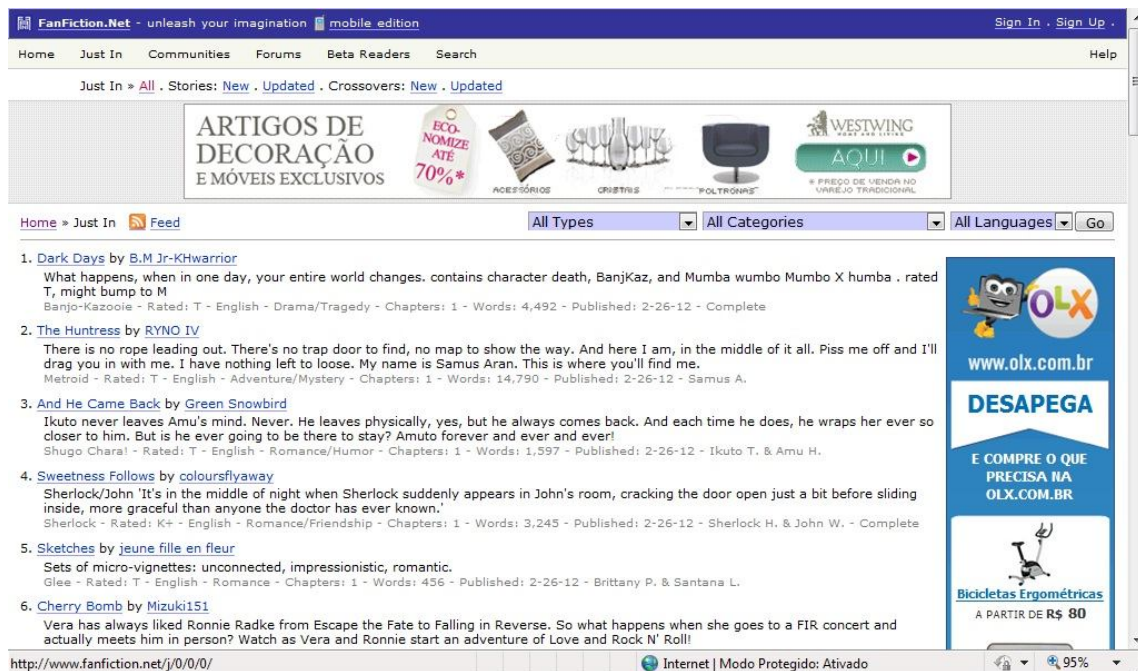


Figura 7 - Opção Just in do site FF com a funcionalidade de selecionar apenas a língua para a leitura das fanfics.

Elegeu-se dez (10) sujeitos a cada ingresso no site. O total de questionários enviados foram setenta (70) e destes, vinte e seis (26) retornaram respondidos pelos sujeitos. No site *Nyah!Fanfiction* o procedimento para envio de mensagens pessoais é semelhante ao do site FanFiction.net e através daquele elegi outros dez (10) *ficwriters* para enviar o convite de participação na pesquisa, mas nenhum dos convidados respondeu ao questionário.

Assim, continuou-se utilizando o site do FF e outro site filiado ao FF denominado *FictionPress*, especializado em postagens de histórias originais, indicado por umas das

ficwriters que respondeu ao questionário, participante dos dois sites. Ela indicou, ainda, o *FictionPress* como um site coirmão ao FF, onde muitos escritores de ficções de fãs postam outras escritas, originais. Dessa forma, foram enviados quarenta (40) convites de participação através do site *FanFiction.net*, dez (10) através do site *Nyah!Fanfiction* e vinte (20) através do site *FictionPress*. Salienta-se que todos os sujeitos que responderam ao questionário e que foram abordados pelo site *FictionPress* eram *ficwriters*, em geral também com perfil no FF.

Foram obtidas vinte e seis (26) respostas aos convites enviados. Além disso, realizou-se duas entrevistas face a face com jovens que, casualmente, descobri que eram escritores de *fanfics*. Uma jovem que morava em Porto Alegre/RS, cuja entrevista foi realizada em outubro de 2011 e um jovem morador da cidade do Rio Grande/RS, cuja entrevista foi realizada em outubro de 2012. Somando-se a essas a entrevista respondida por Lizandra, a primeira *ficwriter* contatada, foram vinte e nove (29) entrevistas que serviram como documentos da pesquisa aqui apresentada, aliada aos documentos produzidos, frutos da observação netnográfica, acima citados.

A tabela a seguir apresenta os *ficwriters* que se disponibilizaram a participar da pesquisa, responderam o questionário que lhes fora enviado:

Tabela 1 - Jovens *ficwriters* que responderam ao questionário de pesquisa.

Nome	Idade	Cidade	Estado	Atividade	Curso	Quantas fanfics já escreveu	Quantas fanfics postou	Quantas fanfics em elaboração	Quantas fanfics incompletas	Quantas fanfics prontas e não postadas
Sofia	25	Bauru	SP	Bolsista Capes, professora	Mestrado em Comunicação	234	113	85	22	14
Aline	20		RJ	Estudante	Medicina		25			
Amanda	18	Petrolina	PE	Estudante	3º ano E.M.	10	5	5		
Carla	12	Campinas	SP	Estudante	7º ano E.F.	10	8			
Andréia	24	Buenos Aires	ARG	Bailarina de tango	Teatro e dança	Dezenas	43			
Mariana	22	São José do Rio Preto	SP	Estudante	4º ano Direito	Muitas	11			
Fernanda	14	São Paulo	SP	Estudante	8ª série	Várias	3			
Gustavo	9	Brasília	DF			4	4			

Nome	Idade	Cidade	Estado	Atividade	Curso	Quantas fanfics já escreveu	Quantas fanfics postou	Quantas fanfics em elaboração	Quantas fanfics incompletas	Quantas fanfics prontas e não postadas
Giovana	15	Rio de Janeiro	RJ			20	8			
Gabriela	20	Porto Velho	RO	Estágio em órgãos públicos	Direito	43 + algumas no 6V ²³	43			Algumas no PC
Julia	16	Rio de Janeiro	RJ	Estudante	2º ano E.M.	40 a 50	19			
Luana	13	São Paulo	SP	Estudante	E.F. II 8º ano	10	8			2
Mônica	15	Manaus	AM	Estudante	E.F.	mais de 50	5			
Melina	14	Itaim Paulista	SP	Estudante	5ª a 8ª série		4			
Sabrina	22	Caxias do Sul	RS	Graduada em designer / Designer gráfico numa empresa	Capacitação em Docência Superior	60	48		12	
Naomi	18		SP	Dá aulas de inglês	Sistemas de Informação	Mais de 100	37			
Janaína	16	Belo Horizonte	MG	Faz <i>bicos</i> para a mãe	2º ano do Ensino Médio	250	6			
Cintia	18	Teresópolis	RJ	balconista numa locadora e faz freelancer de digitação	Fez 1 sem. De Design Gráfico, parou, prestará vestibular para História	200	85			
Carlos	19	Rio Grande	RS	Estudante	Prestou ENEM	13	13			
Iara	21	São Paulo	SP	Recepcionista bilingue		45	15			
Anabela	18	São Paulo	SP		Farmácia e Bioquímica					
Jaqueline	23	Florianópolis	SC	Estudante	História	Mais de 12	7	Mais de 10		
Lauro	15	Parintins	AM	Estudante	Curso técnico de Informática integrado ao Ensino Médio		6			
Nicole				Estudante	1º ano EM	Milhares	22			

²³ Fórum 6 *vassouras*, dedicado aos fãs de Harry Potter.

Nome	Idade	Cidade	Estado	Atividade	Curso	Quantas fanfics já escreveu	Quantas fanfics postou	Quantas fanfics em elaboração	Quantas fanfics incompletas	Quantas fanfics prontas e não postadas
Bianca	20	Fortaleza	CE			Mais de 20	21			
Bruno	19	Rio Grande	RS	Estudante	História					
Lizandra	27	Porto Alegre	RS	Trabalha em restaurante da família		Perdeu a conta	71			
Elina	19	Porto Alegre	RS	Pré-vestibular						

Cumpra ainda esclarecer que todos os nomes dos jovens que responderam ao questionário da pesquisa foram omitidos e outros, fictícios, foram criados para cada um deles. Assim, os nomes que identificam os sujeitos citados na pesquisa não são os que foram fornecidos no questionário, nem tampouco os pseudônimos que utilizam nos sites FanFiction.net ou FictionPress.

Constituiu-se o corpus documental que possibilitou buscar elementos para responder ao problema que motivou a pesquisa, como explicitado a seguir:

Na longa história das práticas de leitura e escrita, ocorreram algumas revoluções culturais. Dentre elas destacam-se as revoluções das práticas de leitura que compreendem a passagem do rolo ao códex, da leitura em voz alta para a leitura silenciosa, da leitura intensiva para a leitura extensiva.

Relativamente às práticas de escrita destacam-se o novo formato do texto com escrita separada acompanhado de pontuação, a possibilidade, com o códex, de escrita concomitante à leitura e abolição de um escriba especializado na escrita do texto ditado pelo autor, somando a isso o surgimento da imprensa que revolucionou os processos de publicação de textos e livros.

Tais revoluções atingiram mais especialmente as práticas de escrita, num determinado momento, ou de leitura, em outro, com exceção da passagem do rolo ao códex que revolucionou tanto umas quanto outras. Verificamos, atualmente, mais uma revolução (CHARTIER, 1999a, 1999b, 2001a, 2002b, 2003, 2006; DARNTON, 2010; CARRIÈRE; ECO, 2010; ROCHA, 2011) das práticas de leitura e escrita a partir do surgimento dos computadores e da internet, somente comparada àquela que assistiu o surgimento do códex.

Assim, a questão central desta pesquisa é buscar compreender essa revolução a partir das práticas de leitura e escrita mobilizadas por jovens de uma nova geração que já nasceu manipulando a tecnologia que permite alterar-se modos de ler, escrever, materialidades e circulação dos textos. Ou seja, *quais são, como são e de que modo se apresentam essas práticas de leituras e escritas virtuais de jovens da contemporaneidade que constituem-se nos sujeitos artífices da revolução anunciada?*

1.3 A TESE

O presente texto inicia com uma reflexão sobre as práticas de escrita na internet, denominadas *fanfictions*. O segundo capítulo, denominado *As escritas*, esclarece o que são essas ficções criadas por fãs, bem como apresenta uma análise da reverberação legal dessa prática tendo em vista a discussão referente à quebra ou não de direitos autorais pelos escritores fãs. Nesse ponto, discute-se o plágio das *fanfics* (abreviatura de *fanfictions*) e a ética de escrita ditada pelos próprios sujeitos dessas práticas. Também são pautadas, neste capítulo, as motivações para as escritas de *fanfics* considerando que nem todos os fãs de livros, filmes, séries televisivas, mangás e animês, entre outros, tornam-se *ficwriters*.

Uma caracterização dos textos escritos e daqueles lidos e apreciados pelos escritores fãs tornou-se necessária para a compreensão dos tipos de livros e obras que motivam as escritas, para além daqueles que, na cultura de massa, movimentam os lucros de empresas cinematográficas e editoriais, como o caso da série de livros sobre o bruxo Harry Potter da autora inglesa J. K. Rowling. Da mesma forma, buscou-se a compreensão das escritas de *fanfics* eróticas, muito difundidas nos sites especializados em postagens de *fanfics*, com o intuito de compreender de que tipo e quem são seus leitores e escritores. Outra categoria de texto, caracterizado pela participação dos leitores nas leituras que empreendem, foi percebida e trata-se dos comentários dos leitores às *fanfics* lidas e apreciadas.

As práticas de escrita dos escritores/leitores fãs ganham destaque nesse capítulo que procura realizar um levantamento sobre como, quando, em que situações e de que tipo são as escritas realizadas pelos *ficwriters*. Acrescenta uma reflexão sobre os suportes das escritas e leituras de *fanfics* no contexto da história das práticas de leitura e escrita.

O terceiro capítulo, intitulado *Os Autores*, buscou o conhecimento acerca de quem são os escritores/leitores das ficções de fãs, analisando a situação de anonimato destes sujeitos dado que eles criam pseudônimos quando publicam suas *fanfics* nos sites especializados na internet. Ganha destaque uma análise histórica sobre leitores que continuaram as histórias que eram fãs como o caso de Alonso Fernandez de Avellaneda, que deu continuidade ao *Don Quijote* de Miguel de Cervantes.

A passagem de leitores de *fanfics* a escritores dessas histórias de fãs depara-se com uma fronteira bastante tênue. Uma reflexão sobre o que leva os fãs a vencerem a timidez e o medo de postarem suas histórias, cruzando essa fronteira, tomou lugar na análise empreendida, salientando que muitos desses *ficwriters* têm a pretensão de tornarem-se autores de obras originais.

Ganha destaque neste capítulo uma análise sobre as características da geração Net, identificadas por Don Tapscott (2009), em relação aos jovens mobilizadores das práticas de leitura e escrita de fãs na internet. Busca-se perceber se estas características identificadas pelo autor comparecem ou não nas práticas e nos modos de ler, escrever, publicar e socializar experiências que os jovens *ficwriters* empreendem na internet. Buscou-se, igualmente, compreender os limites e as possibilidades dessa caracterização, sem enquadrar os jovens escritores/leitores fãs num perfil rígido que minimizaria a amplitude de suas ações e relações na internet, mas também no mundo *offline*. O capítulo, ainda, reflete sobre a função-autor a partir dos estudos de Michel Foucault (1992) e Roger Chartier (1999a, 1999b) buscando uma compreensão histórica desse sujeito que recebe, hoje, o direito de autoria sobre seus escritos.

O quarto capítulo desenvolve uma reflexão a respeito das leituras de textos ficcionais na história das práticas de leituras. Os leitores de Richardson no século XVIII, analisados por Chartier (2002a), revolucionaram os modos de ler e as práticas dos leitores de romances. Os leitores fãs da atualidade herdaram estes modos e práticas e ampliam os horizontes da leitura e da relação com o mundo do livro quando expandem suas ações de fãs para a internet. Uma análise das comunidades interpretativas e virtuais fez-se pertinente, pois as relações dos jovens *ficwriters* entre si e a formação de grupos de fãs conectados pelas práticas de leituras e escritas na internet estão intrinsecamente relacionadas às comunidades de leitores historicamente constituídas a partir do século XVIII ocidental.

Além dessas análises, é realizada uma reflexão sobre a ação da mídia que expande o universo das leituras de fãs e produz outros objetos de consumo voltados aos leitores. Após uma análise dos percursos das escritas realizada, neste quarto capítulo buscou-se traçar os

percursos de leituras dos jovens *ficwriters*. Quais foram as primeiras experiências de leituras, quais marcas os jovens têm destas experiências, que livros, textos, revistas fizeram a iniciação às práticas de leituras desses jovens e algumas reflexões sobre os perigos da leitura e a *patologia do excesso*.

Conclui-se esta tese com uma análise sobre a revolução das práticas de leitura e escrita motivada pelos usos da internet como principal suporte de ambas as práticas na atualidade e, finalmente, com as conclusões, parciais porque impossíveis de serem consideradas respostas finais às perguntas levantadas pela pesquisa, da presente tese.

2. AS ESCRITAS

Os autores não escrevem livros: não, eles escrevem textos que se tornam objetos escritos, manuscritos, gravados, impressos e, hoje, informatizados. (CHARTIER, 1999b, p. 17)

Fanfictions, nome que designa as ficções criadas por fãs. Textos ficcionais escritos por fãs de obras originais, sejam elas livros ou séries de livros, histórias em quadrinhos, mangás, seriados de televisão, filmes, animês, músicas, dentre outros artefatos culturais contemporâneos. Nesses textos, os escritores produzem uma história inspirada e envolvendo elementos da obra originária. Podem desenvolver a história de algum personagem secundário na obra original ou criar diferentes enredos envolvendo os personagens principais, estender ou alongar a história, ou seja, elaborar um enredo em sequência ao final proposto na obra, ou ainda sobre momentos ou períodos anteriores ao início da narrativa da obra primeira.

Podemos pensar nos textos escritos por fãs (daí o termo fan - fiction) como preenchendo supostas lacunas da história primeira, não no sentido de que a obra original carecesse de complemento, mas sendo ela considerada tão bem formulada que possibilita pensar outras histórias atravessando ou esmiuçando a trama principal. O universo criado se apresenta aos fãs como completo e algumas histórias que o autor não contou podem ser contadas por outros escritores que vislumbram a paisagem da narrativa em seu formato dinâmico.

Conforme os escritores de fanfics, diferenciando escritas originais daquelas outras criadas por fãs:

Fanfics são as histórias que escrevo com base em uma obra oficial e já publicada de algum autor profissional, seja ela escrita ou filmada. Como o nome define, "*fanfiction*" é a "ficção do fã" (...) (Jaqueline, entrevista recebida em 14/11/2011)

A fanfic, independentemente de onde seja publicada, é baseada em alguma história já existente. (Anabela, entrevista recebida em 26/10/2011)

(...) fanfics são obras que mostram uma realidade alternativa de uma história já existente ao gosto do autor... (Lauro, entrevista recebida em 29/10/2011)

As fanfics são histórias que foram feitas na base de uma história que já existia (...) (Nicole, entrevista recebida em 29/10/2011)

Uma outra proposição é apresentada pela pesquisadora Maria Lucia Vargas:

A fanfiction é, assim, uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucro envolvidos nessa prática. (2005, p.21)

Essa citação de Vargas é pertinente porque chama a atenção para uma característica essencial das *fanfictions* que é a não intencionalidade de quebra de direitos autorais da obra primeira, e também o fato das fanfics não visarem lucro. Os escritores de fanfics não estão interessados com as vantagens financeiras de sua prática, mas sobretudo estão engajados no universo cultural que constitui seus lugares de fruição, como a leitura e a escrita. Para escreverem um texto baseado numa obra já constituída, em geral acessada por grande número de pessoas, e que circula internacionalmente, estes escritores apreciam muito estas obras e seus autores, e afirmam que os personagens e as histórias que manipulam não são deles, mas pertencem aos autores que admiram:

AVISO: Naruto não me pertence, e essa fic não tem fins lucrativos=^.^= (Raven perola negra, disponível em http://www.fanfiction.net/s/5857425/1/Reaprendendo_a_amar, acesso em 21 de nov. 2011)

Os personagens desta fanfic não me pertencem. Mas eu não pretendo comercializá-los ou ganhar qualquer coisa por ter escrito esta fic além de comentários preciosos. (Agata Riddle, disponível em <http://www.fanfiction.net/s/7073301/1/Diamond>, acesso em 21 de nov. 2011)

Embora os escritores de *fanfictions* manifestem que suas escritas não almejem auferir lucro, essa prática não foi e ainda não vem sendo considerada com bons olhos por muitos autores de livros e empresas que trabalham a comercialização ou possuem os direitos de produção cinematográfica de diversas obras que são objeto das *fanfictions*.

No caso brasileiro, no ano de 2008, foi disseminada na internet a notícia de que as fanfics seriam proibidas. Os sites mais populares nesse domínio e com maior número de membros produtores de *fanfictions* divulgaram essa informação e muitos dos participantes dos sítios especializados se manifestaram contra o projeto de lei que alguns chamaram de “mostrar serviço” ou “ridículo” por parte do deputado responsável pelo projeto. Eles se referiam ao Projeto de Lei da Câmara nº 89, de 2003 que trata, entre outros assuntos, dos usos das redes de computadores. Esse projeto, aprovado em junho de 2008, restringe as possibilidades de troca de arquivos e informações pela internet, relativamente a obras de autores e artistas, como músicas de CD’s de cantores que não permitem acesso livre ou textos

de escritores cujos editores não disponibilizam a distribuição online livre, aumentando a pena dos crimes dessa natureza.

A lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, no seu artigo 24, inciso IV, declara que são direitos morais do autor “o de assegurar a integridade da obra, opondo-se a quaisquer modificações ou à prática de atos que, de qualquer forma, possam prejudicá-la ou atingi-lo, como autor, em sua reputação ou honra”. Na mesma lei, no seu artigo 47, também encontramos a seguinte normativa “São livres as paráfrases e paródias que não forem verdadeiras reproduções da obra originária nem lhe implicarem descrédito”. A partir destes artigos proliferam posições favoráveis e desfavoráveis a respeito da escrita de fanfics. Essa prática não goza de unanimidade no que diz respeito à sua legalidade ou ilegalidade. Usuários de internet, a comunidade de cibercultura, manifestaram-se contra o PL, semelhante ao que ocorreu nos sites especializados na publicação de *fanfiction*.

Enquanto juristas discutem se constitui quebra de direito autoral ou não a utilização de personagens de um livro existente utilizado em histórias criadas por seus fãs, sem fins lucrativos, essa prática segue fazendo parte do domínio dos fãs. O prazer de inserir-se, de alguma forma, no universo criado pelo autor predileto. No caso dos livros, faz com que esses sujeitos percebam a prática de escrita de fanfics num patamar diferenciado daquele concebido pelas empresas que comercializam a obra. O que estes escritores ganham com a prática não pode ser medido em moedas:

Short-fic deslavadamente inspirado na obra de JRR Tolkien sem que as muitas frases do Professor aqui reproduzidas – praticamente todas provenientes do capítulo de abertura da trilogia O Senhor dos Anéis; UMA FESTA MUITO ESPERADA - estejam devidamente indicadas, pelo que me desculpo com base na absoluta despreensão de um trabalho que não é mais do que uma brincadeira entre amigos e sobre o qual, obviamente, não posso arrogar-me direito algum - exceto talvez, aqueles oriundos do desmedido carinho que compartilhamos pelo universo de sonhos criado pelo Professor. (Myri, disponível em http://www.fanfiction.net/s/7411072/1/UM_PRESENTE_INESPERADO, acesso em 21 de nov. 2011)

Mas a ideia de plágio, as preocupações com o direito de propriedade da obra escrita também afetam os escritores de fanfics. Eles se veem, igualmente, afetados pelas práticas ilegais de apropriação de seus textos. Muitos deles escrevem em suas escritas de fãs que, se alguém quiser publicar sua fanfic em outro site, em outro endereço, que o faça, mas dê os créditos a quem a escreveu de fato. O blog de Soraya Freire anuncia, em 12 de junho de 2011, com o título Surrupiam minhas fics :((Problema resolvido), que a autora havia recebido uma denúncia de que suas fanfics estavam sendo publicadas no site Nyah! *Fanfictions* publicizadas sem sua autorização, postadas por outra pessoa sem indicação de

origem. Soraya informa em seu blog que criou uma conta no site e pediu para a pessoa remover a sua história e acrescenta:

Eu espero que isso não se repita. Não me importo que divulguem minhas histórias, mas deem os créditos. Só eu sei o quanto é difícil fazer boas histórias e eu tenho realmente uma preocupação de postar o melhor para meus leitores!” (Soraya Freire, disponível em <http://sfreirewrites.blogspot.com/2011/06/surrupiam-minhas-fics.html>, acesso em 21 de Nov. 2011)

Uma imersão no acompanhamento e leitura de sites e blogs de fanfics possibilita constatar que há uma ética a ser respeitada pelos praticantes dessa produção cultural, seja ela anunciada ou subentendida. A maioria dos textos escritos contém em seu epílogo informações relativas à obra, seu autor, aquele que escreve. Mesmo que a informação não se faça presente no início da tela de um fanfic, os frequentadores dos sites, os participantes dos fandonos sabem de quem é efetivamente a obra. Mesmo porque estes autores são seus inspiradores, ídolos, modelos de escritores. Evidentemente, há os plagiadores, mas as regras dos sites são claras e definem que, nas páginas web voltadas à publicação de fanfics, todos os textos são histórias escritas por fãs de obras originais. Assim, o respeito ao autor das obras apreciadas é fato e o que foge a essa ética é denunciado e suprimido do site.

No entanto, por vezes, a apropriação da leitura pela escrita é tão naturalizada que, na condição de leigos, podemos confundir quando o escritor de fanfics trata da obra primeira ou da sua própria criação baseada num universo ou em personagens previamente existentes:

TODAS AS HISTÓRIAS POSTADAS NESTA CONTA SÃO DE MINHA AUTORIA, NEM PENSA EM PLAGIAR, SENÃO VAI SOFRER AS CONSEQUÊNCIAS!
CASO ALGUÉM PERCEBER ALGUMA FANFIC ESPALHADA POR AI IDÊNTICA A MINHA, POR FAVOR, ME AVISA E DENUNCIA!
CRIE SUAS PRÓPRIAS HISTÓRIAS, SEJA ORIGINAL.
PLÁGIO É CRIME! (xKahhhx, disponível em <http://www.fanfiction.net/u/1815051/Kahhh>, acesso em 22 de Nov. 2011)

A escritora xKahhx fala de suas fanfics as quais são referentes ao universo do animê Naruto. Segundo a legislação brasileira, suas histórias não são originais, podem ser consideradas paródias, paráfrases, um modo diverso de expressar a obra original sem alterar o significado da primeira versão. Conforme acesso ao perfil de xKahhhx, realizado em outubro de 2011, a escritora indicava que escrever hentai era seu forte e essa escrita modifica o sentido da trama original, que não trata de relações sexuais entre os personagens. Então, as histórias postadas na sua conta são autorais no sentido de que a criação das adaptações é sua, mas o universo é preexistente às suas escritas.

Este segundo capítulo inicia tratando de direitos autorais e projeto de lei inspirado no que tornou os *fanfictions* visíveis ao grande público na Inglaterra e, posteriormente, no mundo todo: as chamadas Guerras de Harry Potter, assunto muito bem trabalhado por Henry Jenkins em seu livro *Cultura da Convergência*:

Por um lado, houve o empenho de professores, bibliotecários, editores de livros e grupos de liberdades civis contra as tentativas da direita religiosa de banir os livros de Harry Potter das bibliotecas escolares e das livrarias locais. Por outro lado, houve as tentativas da Warner Bros. de controlar as apropriações dos fãs dos livros de Harry Potter, sob a alegação de que eles infringiam a propriedade intelectual do estúdio. (JENKINS, 2009, p.236)

Conforme o autor, a Primeira Guerra constituiu uma forma de protesto contra a censura da leitura, mas a Segunda Guerra representou o exercício legítimo em defesa dos direitos autorais, e ambas afetaram o direito dos fãs de fruírem das obras que apreciam.

A censura da escrita tem precedentes na história das práticas de leitura e escrita. No final da Idade Média, por exemplo, já podemos falar de uma certa conquista da escrita por conta dos progressos da alfabetização e da difusão da leitura. Os dados não são precisos, mas é possível realizar inferências a partir de alguns indícios, como a frequência das pequenas escolas das cidades, que também são pequenas. Conforme Chartier (1991:123) havia umas vinte escolas em Saint-Omer em 1468 e vinte e quatro no ano de 1497 na cidade de Valenciennes, que possuía dez mil habitantes. Além das escolas, havia textos sobre os afrescos ou quadros das igrejas o que indica um público leitor não tão restrito, assim como a porcentagem de assinaturas em recibos de todo tipo fica na ordem de setenta por cento – embora sabe-se que nem todos que assinam recibos dominam a leitura e/ou a escrita, porque podem apenas saberem escrever os próprios nomes. Parece que a questão de classe social é que tem relação direta com a escrita e leitura: trabalhadores braçais ou os carregadores, em sua maioria, não aprenderam a assinar o nome.

Embora estes vestígios indiquem que havia um domínio considerável das práticas de escrita e leitura, ainda persistia uma hostilidade coletiva à escrita. Chartier (1991) analisa tal hostilidade a partir de uma peça de Shakespeare, Henrique VI, na qual o personagem Jack Cade decide matar todos os juristas. O que nutre o ódio social desse personagem é uma tríplice aversão à escrita: “Porque veicula as decisões da justiça, (...) porque fixa as dependências econômicas dos mais pobres (...). Porque tem uma força mágica e maléfica”

(CHARTIER, 1991, p.123-124). A escrita indicaria a imposição de uma autoridade, uma marca de alguns, não acessível a todos, ainda.

Os fãs que escrevem ficções baseadas nas obras literárias que apreciam, apropriando-se diversamente destas mesmas obras, supostamente estão negligenciando a autoridade de uma escrita autorizada. Os conflitos com empresas que detém os direitos autorais de livros apontam para muitas questões, principalmente econômicas. Entretanto, semelhante àqueles que não tinham acesso à escrita em outros momentos da História, hostilizam a imposição de autoridade que o domínio dela representa. Os fãs que sabem escrever e rompem com a autoridade de uma escrita autorizada também sofrem a recusa de suas escritas por aqueles que antes detinham a autoridade. Os papéis se invertem, embora continue havendo uma disputa mobilizada pelo domínio da leitura e da escrita.

Não permitir a leitura, ou permiti-la e incentivá-la ao máximo, mas não tolerar que se dê continuidade a ela ou que se criem novos enredos para personagens secundários da trama, enfim, não permitir a apropriação dos textos pelos leitores que transformam as histórias sob suas escritas é uma prática que viola os direitos de liberdade de expressão. E não impede a apropriação. Os sujeitos ficwriters, ou escritores de fanfics, podem não publicar suas histórias baseadas nas obras a que são fãs, mas não quer dizer que não as escrevam e as compartilhem com seus pares, amigos, colegas de escola. Em geral, declaram ter muitos textos inacabados e não publicados e outros acabados, mas nunca postados. A proibição de publicização não impede a escrita, tampouco a apropriação do texto apreciado, nem as táticas do escritor/leitor, no sentido que lhe confere Michel de Certeau:

(...) a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia Von Böllow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e dela depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas nunca docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (CERTEAU, 1994, p. 100-101)

Astúcia do leitor que escreve apropriado-se dos textos que são objeto de suas leituras. Impedidos de manifestarem livremente suas ideias, independentes, pelo poder daqueles que detém a autoridade do escrito legítimo ou que possuem o poder econômico sobre as escritas autorizadas, o leitor continua aventurando-se nos campos inimigos, conforme

a metáfora utilizada por Certeau (1994). Surpreende conquistando terrenos que poucos conseguem perceber. E vai, assim, tomando os espaços deixados pelo poder formal. Encontra outros combatentes com os quais se une e produz textos, longe dos olhares daqueles que os regulam. E quando estes os alcançam, as terras já estão tomadas, estão onde ninguém esperava, foram apropriadas, os leitores também se tornaram seus donos. Podem até expulsá-los dos domínios conquistados, mas eles encontrarão outros territórios desocupados.

2.1 POR QUE ESCREVER *FANFICTIONS*

Não é possível universalizar as motivações para a escrita de fanfics a partir de alguns escritores que respondem a essa pergunta. Há que considerar que o número e a diversidade de sujeitos que circulam pelos sites é muito grande. Mesmo assim, podemos assinalar alguns motivos que impulsionam os escritores às escritas de fanfics.

Não há uma ordenação hierárquica dessas motivações a seguir. O estudo não produziu dados estatísticos, tampouco os identificou em pesquisa que abrangesse um número expressivo de escritores de fanfics ou o fizesse por amostragem, daí que a ordem de considerações a seguir não se faz significativa. De uma parte, temos as motivações advindas do desejo de não deixar as tramas de vida de seus personagens preferidos sem continuidade com o fim da história da obra original, ou de mudar a história vivida por um personagem o qual o destino final não agradou o leitor que quer reescrevê-la, dar-lhe outra finalização, fazer-lhe justiça conforme a apreciação dos seus fãs. Alguns depoimentos colhidos são expressivos:

Antes, eu escrevia porque queria continuar de alguma maneira os livros da J.K Rowling (sou da época que lia o último livro publicado e logo começava a imaginar a continuação do próximo ano). Hoje, eu escrevo pelo simples fato de adorar Draco/Gina e achar que, sim, no intervalo de tempo apresentado no *Relíquias da Morte* (entre o último capítulo e o epílogo) pode sim ter tido um romance entre os meus personagens favoritos. Escrever fanfics faz parte da minha vida porque resumiu grande parte da minha adolescência. (Aline, entrevista recebida em 23/10/2011)

Já sentiu que o final de uma história foi muito injusto com um personagem que você adorava? Escrever uma fanfic te permite mudar isso. É divertido. (Julia, entrevista recebida em 29/10/2011)

Pq eu sentia uma necessidade enorme de ver a continuação dos livros! Eu descobri as fics na espera do livro novo, e nessa surgiu a vontade de fazer as minhas. (Naomi, entrevista recebida em 06/11/2011)

Acho que todos que escrevem fanfics o fazem porque gostariam de acrescentar à história algo que queriam muito que tivesse acontecido, mas que não ocorreu oficialmente. Também é muito comum após lermos ou assistirmos algo, ficar com aquela pontinha de decepção pela falta de descrição ou atenção a algum acontecimento ou personagem que o autor oficial aparentemente não deu muita importância. A vontade de escrever fics vem a partir daí. (Jaqueline, entrevista recebida em 14/11/2011)

A vontade de escrever fanfics, para alguns, surge de um envolvimento maior com o texto lido, que se torna mais que simples leitura de fruição, mas um diário da vida dos personagens que saltam dos livros quase se tornando personagens palpáveis, porque são reais para os seus fãs, mesmo que permaneçam como personagens. A sensação de que o final de um personagem preferido foi injusto, eventos que gostariam que tivessem acontecido, mas não ocorreram, enlances amorosos que na obra original não se concretizaram, sensações que não mais têm seu termo ao final da leitura e posteriores imprecações ou lamentações a respeito das vontades de leitura não satisfeitas, motivam a produção de vários fanfics.

Muitas vontades acham solução de continuidade nas escritas, em novas escritas porque o texto original se mantém inalterado, mas a partir dele, por ele, mais escritas se concretizam e proliferam, porque os escritores que as redigem encontram pares em sites da internet que já encaminharam novas escritas, que se acumulam com outras tantas do livro apreciado e, em seguida, com todas as escritas produzidas por fãs/escritores que as publicaram na rede, tornando-as acessíveis e passíveis de leitura, comentários, apropriações por outros escritores que farão outras escritas.

Motivação diversa às escritas de fanfics dá-se quando os escritores querem simplesmente criar uma trama elaborada de seu personagem preferido, especialmente quando ele é secundário na obra original: relações familiares desde antes do início da história, tramas envolvendo esse personagem que a autoria inicial não contempla:

Diferentemente de uma leitora frustrada, eu acredito que ao escrever uma fic você explora um personagem que, por questões de viabilidade, não pode ser inserido com profundidade na trama original. É como se, ao apresentar um personagem, quem escreveu a história lhe deu apenas uma parte, que, quando preenchida, gera inúmeras possibilidades de tramas adicionais secundárias. (Sabrina, entrevista recebida em 24/10/2011)

Toda leitura é uma criação, como diz Pierre Lévy: “Pode-se dizer que um ato de leitura é uma atualização das significações de um texto, atualização e não realização, já que a interpretação comporta uma parte não eliminável de criação” (1996:41). Ao ler um livro, um texto impresso ou manuscrito que contenha uma história fantástica, romântica, ficcional, biográfica, que arrebatou o leitor para o mundo do texto/da história, este leitor pode tornar-se um co-autor da obra que está sendo apreciada. Ao ingressar nesse mundo da leitura, o leitor pode interferir nele. Isto significa que um texto é diferente para cada leitor, que lhe atribui um sentido particular, dota-o de suas marcas de leitura, atribui sua visão pessoal ao texto com o qual se envolveu. Se lido pela primeira vez, um novo trajeto será percorrido por um novo leitor. Se for uma obra já frequentada outras vezes pelo mesmo leitor, poderá ser uma releitura, diferente das anteriores, decorrendo daí que há a cada vez um texto novo frente ao qual o leitor se depara.

Mas também pode ser uma releitura que se faça sempre igual, porque a intenção não é surpreender-se com o texto, mas reencontrar as mesmas cenas, os mesmos personagens conhecidos, que se aprecia em especial.

O romance toma conta do leitor, o captura, governa seus pensamentos e seu comportamento. Ele é lido, relido, decorado, citado, recitado. O leitor é invadido por um texto que o habita e, ao identificar-se com os heróis da narrativa, ele decifra sua própria existência por meio da ficção. Nesta leitura particularmente intensa e “intensiva”, toda a sensibilidade fica comprometida e o leitor, ou a leitora, não consegue reter a emoção e as lágrimas. (CHARTIER, 2002a:108)

Neste caso, se busca o mesmo, o habitual, o frequentado, sem surpresas, o leitor quer rever seus ídolos, seus personagens apreciados, quer ter novamente com eles. Ainda assim, a leitura não é a mesma que àquelas realizadas anteriormente, pois embora a intenção do leitor seja reencontrar no texto o que já conhece, na condição de releitor não é mais o mesmo. Para esses leitores, fazer avançar a história dos personagens apreciados é uma forma de fazer com que os personagens sofram mudanças ao longo do tempo, junto com seus leitores/escritores. Fazê-los crescer, viver situações muito semelhantes àquelas vividas pelos leitores/escritores, aprofundando, a partir da história do livro original, a vida de um personagem secundário confere um novo volume à história especialmente apreciada.

Outro motivo para escrever fanfics é a fruição, a prática de uma espécie de relaxamento, extravasamento de ideias, prazer e lazer, terapia. Assim se expressaram alguns dos entrevistados:

É um modo muito prazeroso de passar o tempo, além de poder colocar os personagens que você curte em situações que você mesma cria ou imagina. Adoro quando vejo um filme e digo: “Nossa, daria certo essa história com tal personagem” e vou e faço. Claro que não copio tudo, mas pego a ideia central da história e desenvolvo com meus toques pessoais. (Andréia, entrevista recebida em 24/10/2011)

Por que respirar? Por que comer? Escrever fanfics é minha vida, é o que eu mais gosto de fazer, para mim é tão importante quanto comer e respirar. É prazeroso e a forma que eu encontrei de aliviar o meu estresse. (Mariana, entrevista recebida em 08/11/2011)

Geralmente é mais porque assim consigo esvaziar a mente e me concentrar no que preciso fazer, focando em uma coisa de cada vez. Escrever me serve de terapia. (Anabela, entrevista recebida em 26/10/2011)

Fanfic, para mim, é um meio de diversão. É quando você lê algo que gosta ou tem curiosidade para ler e saber como é que é. É quando você dá vazão a sua criatividade e conhece alguém legal para ser seu amigo. (Gabriela, entrevista recebida em 1º/11/2011)

Relaxar, extravasar a criatividade, experimentar o prazer de colocar os personagens apreciados em situações imaginadas quando da leitura ou após ela, e que não se encontram na obra lida e, então, decidir-se pela criação da sua própria história, seu próprio enredo, as situações conflitantes, perigosas, amorosas em que gostaria de estar ou que gostaria que um personagem vivesse são motivações relatadas por alguns autores de fanfics. Onde se situa o limite entre os escritores/leitores e as tramas dos personagens que inscrevem nas situações criadas? Não se trata de afirmar que os dois mundos se confundem, não necessariamente, mas tampouco de excluir de todo tal possibilidade. Aqueles que escrevem fanfics declaram que quando as escrevem buscam ater-se às características originais dos personagens. Ou seja, mesmo nos textos trabalhados pelos fãs, afirmam que é importante cuidar para que as características de Percy Jackson mantenham-se fiéis ao livro de Riordan, com toda a amabilidade e doçura do personagem aliado a um sarcasmo peculiar.

Escrever fanfics, ao contrário do que possa parecer, não é um exercício fácil: escrever a partir de um personagem existente requer muito foco para que o personagem não acabe sendo totalmente modificado. É necessário adaptar a situação ao personagem e não o contrário. Manter a integridade de características básicas de determinado personagem às vezes se torna um desafio. (Sabrina, entrevista recebida em 24/10/2011)

Esta fidelidade ao personagem apresentado nas histórias indica outra característica dos escritores de fanfics que é o profundo conhecimento do texto original, dos personagens apreciados, da psicologia dos mesmos, das aventuras já narradas nos livros, a ponto de serem capazes de continuar a história a partir do ponto onde o autor primeiro a concluiu, e de modo a não modificar a personalidade dos personagens. Mesmo assim, cada escritor de fanfics produz enredos diferentes em continuidade ao texto que se considera fã.

Juntamente com o prazer, alguns entrevistados referem-se a uma espécie de antítese na motivação dos escritores: o vício, a dependência em escrever uma continuação às histórias e o recebimento de reviews . Após iniciar a escrever como uma forma de fruição, alguns jovens escritores encontram, nessa prática de fruição, uma necessidade imperiosa de praticar sistematicamente a escrita.

Sempre gostei de colocar no papel as loucas ideias que tinham em minha cabeça e acabou virando um vício. (Amanda, entrevista recebida em 1º/11/2011)

Porque eu amo, amo receber comentários, amo sonhar acordada imaginando o que poderia acontecer. Imaginar isso é como respirar pra mim: NATURAL. (Luana, entrevista recebida em 26/10/2011)

Começou como um passatempo, depois virou parte da minha vida, pensar nelas, de que forma começar o próximo capítulo. (Melina, entrevista recebida em 25/10/2011)

A comparação com o ato de respirar, que também aparece acima, na fala de Mariana, ou a expressão “parte da minha vida”, se de um lado assinala uma figura de linguagem, uma metáfora, de outra parte a comparação é bastante forte para indicar que os sujeitos escritores criam uma tal identificação com a prática de escrita que não poderiam parar de exercê-la, mesmo se quisessem. Ao menos é assim que pensam quando, no momento atual, refletem sobre esta prática.

Também a perspectiva futura de ser um escritor de textos originais norteia as vontades de escrita dos sujeitos. Quando indagado por que escrevia fanfics, Gustavo foi bastante enfático na resposta:

Por que é um início para ser escritor. (Gustavo, entrevista recebida em 24/10/2011)

Eu comecei porque achei que seria um bom treino, eu tenho ambições de me tornar uma escritora pra valer, mas no momento as minhas ficções originais saem mediocres para dizer o mínimo e com fanfic é bem mais fácil criar uma história, o universo e os personagens já estão prontos, o autor já tem um certo investimento emocional por ter lido ou assistido previamente. (Cintia, entrevista recebida em 24/10/2011)

Na longa história do livro há vários indícios de que os autores eram influenciados por seus predecessores, seja quanto aos estilos, sintaxes ou conteúdos. Um texto que adquiria grande receptividade do público leitor era, inevitavelmente, copiado:

Os gêneros literários e pictóricos são criados por imitação e influência. Vamos pegar um exemplo. Um escritor começa, pioneiramente, a compor um bom romance histórico que faz certo sucesso: vê-se imediatamente plagiado. (...) Assim como na latinidade formou-se o cenáculo dos poetas que falavam de amor, como Catulo e Propércio. (...) E quando se descobre que mister Richardson contando a história de uma camareira ganha dinheiro, imediatamente apresentam-se outros ao trono. (CARRIÈRE e ECO, 2010, p.83)

O excerto acima não significa, para o caso em estudo, que os escritores de fanfics ganhem qualquer pecúnia com seus textos. Ainda aqui essa prática não constitui quebra de direitos autorais. Mas eles podem medir a recepção dos seus textos frente ao público leitor, podem explorar suas capacidades de escrita, inovar, ousar a partir de uma fórmula que sabem que funciona. Na atualidade, mais que isso, é uma fórmula que eles apreciam e, assim, copiam. Quem sabe os autores clássicos, da Inglaterra elisabetana ou do século de ouro espanhol também apreciassem os autores que se punham a plagiar e, por isso mesmo, iniciassem suas próprias escritas tomando-os por modelos.

Na atualidade, a prática difundida das fanfics torna corriqueiro o processo de apropriação de um texto e continuação deste mesmo texto para somente depois advir desse processo uma escrita original. Original? As inspirações, ainda hoje, também vêm dos predecessores. O anonimato facilita esse processo; permite que o escritor poste textos que não teria coragem de publicar com seu verdadeiro nome, como expresse abaixo:

Escrever fics faz parte da minha vida de forma especial, pois consigo publicar criações que não julgo boas o suficiente para, futuramente, comporem uma obra impressa, mas que são suficientemente boas para as pessoas lerem. (Anabela, entrevista recebida em 26/10/2011)

Interessante o estatuto dado ao texto impresso neste depoimento, pois um texto bom para se ler, na era da internet, onde as informações abundantes são transmitidas via rede

de computadores, onde há muitos textos que apenas servem para uma leitura rápida e têm como destino final a lixeira, seja do e-mail ou do próprio computador, não é, necessariamente, bom para ser impresso. Nem todos pensam assim, mas essa manifestação indica que o status do códice continua em alta. O texto que circula na internet poderia ser comparado a um panfleto, um libelo, um artigo de periódico, a ser lido num dia e esquecido no outro, um livro de menor valor, no máximo, mas não pode ser comparado a um livro impresso, a um códex verdadeiro.

No entanto, essa classificação não se produz em associação direta ao texto em si mesmo, ao conteúdo das escritas, mas sim por conta do suporte. O suporte não confere legitimidade absoluta ao escrito, o computador, a internet não permite a retenção invariável da leitura, ou de vestígios da leitura. Não há indicações de que os leitores de fanfics da internet salvem em seus próprios computadores ou imprimam e guardem em arquivos materiais os textos que leem:

Tive que passar aqui de novo pra ler essa fic! *o* (IsaBlack)

Oi meninas. Há um tempo atrás eu estava lendo uma fic em que Mulder dava um anel a Scully, que tinha um coração coroadado, mas agora que resolvi terminar de ler esqueci o nome, se alguém souber... beijos (Ivete Bastos, disponível em <http://www.wfics.com.br/phpBB3/viewtopic.php?f=4&t=221>, acesso em 27 de nov. 2011)

As leituras na tela do computador são, ainda, efêmeras, voláteis, podem se perder com o tempo, embora marcas de leitura se inscrevam nas narrativas de memórias. Ivete, acima, não recorda o nome da *fanfiction* que leu, mas conservou na sua memória os personagens e um objeto presente na fanfic, o anel. Embora essas lembranças, encontrar a fanfic específica que ela procura, não é tarefa simples. A leitura se esvai. Como diz Michel de Certeau: “A leitura não tem garantias contra o desgaste do tempo (a gente se esquece e esquece), ela não conserva ou conserva mal a sua posse, e cada um dos lugares por onde ela passa é repetição do paraíso perdido” (1994, p.270).

Mas podemos saber, melhor que no século XVIII, como se dão as práticas de leitura a partir da revolução do texto eletrônico, pois as marcas de leitura estão expostas nas escritas que as narram. Tais escritas do quê e como se lê denunciam a fluidez da leitura, enquanto prática, seu aspecto fugidio, mas que fica marcado pela narrativa escrita, ou seja, pela prática da escrita.

Por fim, a própria prática da escrita e publicação na internet instaura novas motivações à escrita. O desejo de ser lido, mesmo que o intuito não seja tornar-se um escritor profissional, faz que os ficwriters continuem postando suas histórias, esperando comentários (reviews) dos eventuais leitores, que os incentivam a continuar a escrever, a postar outro capítulo da fic iniciada, oferecem dicas para os personagens criados pelo escritor (Original Character ou simplesmente OC) e acrescentados à trama da obra original, entre outras:

É um hobby, eu escrevo primeiramente porque amo e segundo porque gosto de receber os comentários com o que as pessoas estão achando da minha história. (Mônica, entrevista recebida em 24/10/2011)

Toda vez que eu recebo um comentário elogioso pode ter certeza que isso me incentiva muito a escrever. (Aline, entrevista recebida em 23/10/2011)

(...) muitos deles (leitores) me deixam reviews que me fazem não querer parar com a fanfic. Os leitores são os meus maiores incentivos para continuar. (...) É assim que fico sabendo se eu devo deixar aquela fic de lado ou continuar com ela. (Amanda, entrevista recebida em 1º/11/2011)

Muitos escritores esperam reviews para continuarem postando capítulos de uma determinada fanfic ou novas histórias de fãs. E avisam nos seus perfis dos sites de publicação de *fanfictions* que não escreverão mais caso não recebam comentários de seus leitores.

Hey, eu quero reviews, tá? Senão eu paro de escrever e apago a minha conta no nyah!!!! (Dedos de Mel, fanfic Mudando os fatos, site http://www.fanfiction.com.br/historia/176753/Mudando_Os_Fatos/capitulo/1)

Espero q gostem...esta fic é da minha irmã só q ela não tem cadastro aki no site...então eu vou postar pq ela pediu...espero q gostem...gostando, deixem reviews...senão não posto mais capítulos...bjinhos Tenham uma boa leitura...^ (sta_gaby, fanfic Eu Ainda Te Amo, site http://www.fanfiction.com.br/historia/27441/Eu_Ainda_Te_Amo/capitulo/1)

A espera de comentários (reviews) para a continuidade das escritas das histórias de fãs não é uma prática comum a todos os escritores. Alguns até declaram que não necessitam de ninguém dando palpite em suas histórias, contudo, a maioria declara que gosta de comentários, embora isso não influencie diretamente suas escritas ou não de capítulos, pois manifestam consciência de que a falta de reviews não significa, necessariamente, a falta de leitores. O que marca essa prática é que ela é bem vinda para todos os escritores. Nenhum deles diz não gostar dos comentários positivos dos leitores ou mesmo das críticas que, dizem

eles, auxiliam no aperfeiçoamento de suas histórias, de suas tramas, de sua escrita em si (gramática, acentuação e etc.).

A imediata resposta, para os escritores, do que seus eventuais leitores pensam de suas fanfics, juntamente com a possibilidade de estabelecerem um contato escritos-leitores, instaura uma forma de sociabilidade sem precedentes no mundo da literatura: a relação direta entre escritor/autor e leitor. Antes dessa possibilidade de interlocução através da rede de computadores, havia outras modalidades de contato entre autor e escritor, mas a possibilidade instaurada com a internet tem um alcance muito maior que qualquer contato anteriormente estabelecido entre ambos. No mesmo momento em que uma fanfic é postada, já pode haver um leitor que inicia sua leitura. Ao terminá-la, envia um comentário elogioso e solicita que o escritor siga escrevendo a fanfic ao que obtém resposta imediata do escritor anunciando que continuará a escrita no dia seguinte e, após uma troca de endereços do Windows Live Messenger, iniciam um diálogo que perdura até o anoitecer, ou mesmo atravessa a madrugada e pode se transformar numa longa conversa, quiçá entre amigos. E muitos desses leitores admiram os escritores de uma forma semelhante como aquela das crianças a Monteiro Lobato, muito embora seja difícil avaliar a extensão de admirações que se afastam no tempo.

A relação entre escritor/autor e leitor, a partir das tecnologias da comunicação contemporâneas, são muito mais complexas do que aquelas que se travaram entre Lobato e seus fãs. Em relação à Lobato, estabelecia-se uma relação vagarosa, com muitos intermediários, uma vez que o leitor infantil buscava entrar em contato com seu autor ídolo a partir da mediação de uma revista especializada, um jornal, algum meio de comunicação, e provavelmente de um adulto. Essa mediação ainda ocorre hoje. Mas numa revista ou num jornal temos como mediadores responsáveis por esses impressos as mesmas figuras que encontram-se entre o texto e o leitor, quando tratamos do livro impresso, que são os editores, os impressores, os desenhistas, os revisores, os críticos literários e outros mais responsáveis por preparar o impresso a fim de que ele chegue ao seus destinatários, os leitores, da forma como habitualmente ocorre.

Ainda no caso das cartas de leitores juvenis para seus autores ídolos, as cartas eventualmente encaminhadas chegam até o autor por meio da mediação de funcionários do jornal ou da editora, responsáveis por esse processo. Há aí uma triagem, a classificação e seleção das missivas aptas a serem transcritas no veículo de comunicação específico e de chegarem até o autor. E quando as respostas do autor são devolvidas ao jornal ou revista elas

também são submetidas a avaliações, classificações e seleções para, então, passarem às mãos de editores, revisores, diagramadores, impressores entre outros.

O percurso é longo e persiste na atualidade quando tratamos dos meios de comunicação impressos, jornais, revistas e livros online ou virtuais. Mas é muito diferente com as fanfics ou com as fics originais, enfim, é diferente quando falamos em textos publicados na internet, em sites especializados ou blogs, diretamente pelos autores e sem fins lucrativos. A relação do escritor/autor com os leitores pode ser imediata, instantânea e por vezes bastante pontual e passageira, ou mesmo duradoura e comprometida. Ler uma fanfic e deixar uma review, uma mensagem ao escritor sobre a história lida, pode ser uma atividade rápida, formal, apenas para incentivar o escritor-fã:

Gento! Sei EXATAMENTE como ela se sentiu.
Capítulo LINDO! (comentário de Gabitcheen à fanfic De Mentirinha)

(...) mais uma fic fantástica :D agora quero ler a continuação meninas.. não me torturem com a espera xD
beijos!* (Comentário de Coraline D. Snape à fanfic Bad Day, Good Night)

Mas também pode ser algo elaborado, uma verdadeira missiva formal a respeito do texto lido e apreciado, como consta no extenso comentário postado e transcrito abaixo:

Esse é daquele tipo de texto que atrai a curiosidade de qualquer leitor, experiente ou não. Aquele simplório, que não nota os tons da narrativa, não captura as emoções, nem ao menos aprofunda-se e deixa-se imaginar, a leitura passa como mais uma. Talvez um girassol entre os copos-de-leite em um dia nublado. Seus tons quentes destoando das flores à volta, e do ambiente em que se encontra.

Porém, ao que prende-se e imagina, bebe as letras como o mais fino vinho, a leitura cativa-lhe ao instante. No primeiro contexto, o escritor habilmente laça o leitor e o mantém seduzido às letras. É um comportamento muito raro, levando-se em conta os vários textos que encontramos, para sortidos gostos, porém não atraindo mais o leitor exigente. Todavia, seu texto claramente me impressionou.

No tocante do contexto, as mudanças de foco narrativo atordoam. Principalmente ao se comparar o início ao meio, e o meio ao final. Porém, quem seria imprudente de tentar desvendar um quebra-cabeças com escassas peças? Ao ler-se a obra completamente, a confusão derrete, dando lugar a um leve bálsamo de entendimento.

E o atordoamento não é de todo negativo, pois o inesperado e a ousadia bem manipulados são prometedores, e a emoção final ao desvendar-se a quem pertence cada narrativa gera uma compreensão quase histórica. Como a de um historiador que, ao saber de tudo que lhe é permitido, conhece que linha histórica gerou certo acontecimento, que gerou outro, como peças de dominó que, ao erguidas frente-a-frente, tendo uma derrubada, causam um efeito em massa que derruba as outras. Sendo este sentimento precedido por certa curiosidade e ânsia de se chegar ao final.

(...)

(Reprodução de review recebido por Sofia, entrevista recebida em 24/10/2011)

Essas manifestações dos leitores frente à leitura realizada podem restringir-se apenas a isso: mensagens de incentivo e apreço e manifestações rebuscadas do que a leitura provocou no leitor atento, mas também podem resultar em relações duradouras e trocas de ideias inspiradoras para esses escritores/leitores. Alguns deles relatam que começaram a escrever após lerem fanfics que encontravam na web quando procuravam informações a respeito das histórias de que são fãs, procuravam continuidades autorizadas ou não das séries de livros que acompanhavam, como no caso da coleção Harry Potter. Tais leituras podem estender-se por anos sem que os fãs-leitores escrevam nada parecido com uma história de fã, mas eles podem escrever histórias, inspirados nos seus escritos de fãs favoritos, deixando-as em seus computadores, cadernos e outros suportes de escrita, sem as postarem, até que um dia, encorajados pelo exemplo de escritas mal feitas que leram ou instigados por uma história que escreveram e que gostaram de ler, postem em suas contas dos sites especializados as histórias que, na condição de leitores-fãs, escreveram há tempos. Assumem-se, assim, como escritores/leitores fãs.

Nesse processo, conhecem muitos fãs-escritores de cujas histórias tornam-se fãs, fazendo desses iguais, embora diferentes, pois não apenas leitores, seus ídolos. Ocorre, nesse processo, uma transformação do fã-escritor em autor, embora suas histórias continuem sendo ficções de fãs. Os leitores-fãs vislumbram nesse companheiro de gostos literários mais do que um igual, identificam alguém a admirar pelo que escreve, quase da mesma forma, talvez com um pouco menos de relevância, como concebem os autores das obras originais de que são fãs. Esses escritores-fãs, embora tornando-se autores admirados, mantêm suas escritas de fãs, continuam sendo fãs que escrevem ficções baseadas em enredos, tramas, personagens de obras originais. Isso não impede que sejam procurados nos sites especializados. Recebem inúmeros, dezenas de reviews das histórias que escrevem, pedidos de continuação de alguma história, de produção e postagem rápida de novos capítulos, têm seus nomes e histórias adicionados aos favoritos nos espaços reservados para isso nas contas dos fãs-leitores dos sites especializados, enfim, tornam-se conhecidos, populares no ambiente virtual, nos fandons de que participam a ponto de alguns manifestarem o que segue:

Depois que você conquista alguns "fãs" do seu trabalho, tudo fica mais fácil. Se hoje por exemplo, eu decidir lançar um livro, sei que se eu divulgá-lo nas minhas fanfics muitas pessoas vão comprá-lo. Isso é ótimo. (Julia, entrevista recebida em 26/10/2011)

Um espaço para iniciar-se no mundo da escrita: essa é uma das formas pelas quais se dá a passagem de um leitor-fã/escritor de fanfics para a condição de autor que, por vezes, pode não ser autor a princípio de textos originais, mas torna-se progressivamente, após algumas histórias de fãs escritas e divulgadas. Um indício dessas práticas é a existência de um site chamado [fictionpress.com](http://www.fictionpress.com), vinculado ao FanFiction.net (FF), reservado para as escritas originais, sem fins lucrativos. Na página principal do site, em inglês, podemos ler “FictionPress é para conteúdo original. Para publicar/ler *fanfiction*, por favor visite nossa página irmã no Fanfiction.net” (<http://www.fictionpress.com/>) . Alguns escritores entrevistados nesta pesquisa foram localizados nesse site. Foram contatados um total de dez sujeitos, dentre os quais seis responderam ao questionário proposto. Todos escrevem ou escreveram fanfics antes de acessar esta página web de escritas originais. Da mesma forma, possuem seus respectivos perfis no site para fanfics indicado e muitos estão com eles ativos. Ou seja, produzem ficções de fãs e, também, criações originais, de própria autoria. São escritores-autores. Não deixam de produzir sequências dos enredos dos quais são fãs mesmo quando criam novos enredos, novas histórias. Efetivamente, uma maneira de afirmar-se nesse mundo da escrita.

Embora as motivações para cada sujeito escritor sejam distintas, alguns mencionam seus próprios incentivos à escrita como sendo de todos ficwriters, de forma universal. Quando os sujeitos escrevem sobre quais eles consideram as principais motivações para que se escreva fanfics, as respostas diferem daquelas que se referem ao porquê o jovem, em particular, começou a escrever. Efetivamente, há como constatar aproximações entre os depoimentos, mas o universo de respostas mostrou-se bastante diverso. Há respostas de caráter subjetivo, que mencionam motivações estritamente pessoais, da ordem do íntimo, como relaxar, extravasar a criatividade reprimida, até àquelas que fazem referência às questões profissionais, como treinar para ser um escritor ou preparar-se para a profissão de jornalista. Depoimentos como o transcrito abaixo indicam que há identificação da escritora com outros sujeitos escritores no que tange à vontade de ler algo que não é contemplado na história original:

É extremamente frustrante você ter vontade de ler um texto de determinado gênero com determinado personagem em determinada situação e não encontrar, isso certamente leva a querer escrever (Sofia, entrevista recebida em 24/10/2011)

Essa motivação de escrita, segundo a escritora, não seria algo somente pessoal, mas acontece com outros sujeitos que se frustram ao quererem ler algo que não encontram do modo como gostariam. O filólogo, linguísta, professor na Universidade de Oxford (Inglaterra), J.R.R. Tolkien (1892-1973), em relação ao seu mais famoso livro, O Senhor dos Anéis, afirmava que uma das motivações para iniciar a escrevê-lo era o fato de que a construção mitológica da Inglaterra era importada, ou seja, uma adaptação das mitologias nórdica e celta, assim ele buscou uma criação ficcional mitológica para o Reino Unido .

2.2 TEXTOS: LIDOS, RELIDOS E CONTINUADOS

Os procedimentos de elaboração de texto são constituídos pelo conjunto dos procedimentos retóricos, dos comandos que são dados ao leitor, dos meios pelos quais o texto é construído, dos elementos que devem conduzir à convicção ou ao prazer. (CHARTIER, 2001b, p.251)

Há, pelo menos, dois textos envolvidos na experiência cultural dos *fanfics*. Aquele que é lido por um sujeito que se torna seu fã e aquele que é escrito pelo sujeito fã utilizando como base de composição de seu texto os personagens, cenários, contexto, tramas do texto lido. Isto tudo quando falamos de textos, efetivamente. Mas como os *fanfics* não são somente textos de fãs de livros, há outras obras, ou melhor, outros artefatos culturais envolvidos nas produções de textos de fãs.

No site FanFiction.net, por exemplo, há nove categorias de obras contendo os textos ficcionais produzidos por fãs. Elas são 1) *Anime/Manga* que estão colocadas numa mesma categoria embora uma sejam desenhos animados japoneses e a outra sejam histórias em quadrinhos japonesas, 2) *Livros*, 3) *Desenhos Animados*, 4) *Histórias em Quadrinhos*, 5) *Jogos*, 6) *Filmes*, 7) *Peças/Musicais*, 8) *Programas de TV* e 9) *Misc*, que seria uma espécie de miscelânea, vários *crossovers*, que é a mistura de universos ficcionais. Dentro deste último link de navegação há sublinks para *Anime X-over*, *crossover* de vários animês, *Book X-over*, *crossover* de vários livros, e também locais para postagem de *fanfics* que não se encaixam em nenhuma categoria especificada pelo site, como livros menos conhecidos do público em geral e etc.

Apenas na categoria *Livros (Books)*, em janeiro de 2012, foi encontrada uma lista com 1269 (mil duzentos e sessenta e nove) títulos. O título *Harry Potter*, o mais popular do site, segundo a contagem interna com visualização disponibilizada num link localizado numa barra horizontal de menu, acima da listagem de títulos, conta com 572.778 *fanfics* ai postados. Esse número contabiliza o total no mundo todo em cerca de 37 (trinta e sete) línguas diferentes. Apenas em português, na data da consulta, havia 17.576 (dezesete mil quinhentos e setenta e seis) *fanfics* postados. Após Harry Potter, na lista de ordem crescente de popularidade, encontramos *Twilight* (A saga Crespúsculo) com 194.792 (cento e noventa e quatro mil setecentos e noventa e dois) *fanfics* postados, *Lord of the Rings* (O Senhor dos Anéis) com 45.963 (quarenta e cinco mil novecentos e sessenta e três), *Percy Jackson and the Olympians* (Percy Jackson e os Olimpianos) com 22.582 (vinte e dois mil quinhentos e oitenta e dois). É possível encontrarmos a Bíblia em vigésimo segundo lugar na lista de popularidade com 3.214 (três mil duzentos e quatorze) *fanfics* postadas, bem como clássicos da literatura mundial como *Les Miserables* (Os Miseráveis, do escritor francês Vitor Hugo) com 2.101 (dois mil cento e um) *fanfics* e, dentre essas, uma é de uma fã brasileira. Isto se assim podemos chamar, fã, pois no perfil da escritora não encontramos *Les Miserables* citado como leitura favorita ou marcante. E no epílogo da *fanfic* há uma N.A: (nota da autora) declarando:

Tava sem nada pra fazer, li Os Miseráveis pela milésima vez, e me veio a inspiração. Ha, ha, eu nunca tinha escrito nada que não fosse Harry Potter. Bem, espero que gostem... (Elizabeth Bathoury Black)²⁴

Acessando o perfil da jovem fã, encontramos uma descrição autobiográfica escrita em terceira pessoa. A primeira vista parece que outra pessoa escreveu o perfil de Elizabeth Bathoury Black, mas este espaço no site, o perfil, é onde ele tem liberdade para escrever o que lhe apraz, assim podemos optar por inferir que a terceira pessoa foi um estilo escolhido pela escritora:

About Lizzy:

Curitibana de 15 anos. Há registros de um extenso dano cerebral em sua cabeça jamais corrigido, que a leva a atitudes impensadas e meio loucas. É também registrada uma passagem pelo hospício, notavelmente o lugar de onde ela tira inspiração para *fanfics*.

Um dia, durante as férias mais tediosas de sua vida, passeava tranqüilamente pelo Orkut quando decidi aprofundar seu conhecimento sobre Harry Potter na comunidade Harry Potter Brasil. Depois

²⁴ *Fanfic A imensidão das águas*, disponível em http://www.fanfiction.net/s/3312681/1/A_Imensidao_das_Aguas.

de ficar cerca de duas semanas discutindo teorias sobre a morte de Dumbledore e a lealdade de Snape, resolveu olhar as comunidades adjacentes, e entrou no Harry Potter Brasil -- *Fics*. Na verdade, já tinha um leve conceito de *fanfic* vindo do site Lothlórien, mas só entendeu realmente ao ler as *fics* da comunidade. Sob um nick irrevelável -- ela não quer ser ligada àquele nick -- escreveu cinco *fanfics*: duas *songs*, uma *fic* sobre Marotos em hiatus, uma deletada e uma *fic* concluída mal e porcamente também envolvendo Marotos. (Elizabeth Bathoury Black, disponível em http://www.fanfiction.net/u/1137140/Elizabeth_Bathoury_Black, acesso em 23 de nov. 2011

Dumbledore e *Snape* são personagens da série de livros de J. K. Rowling, Harry Potter, *Lothlórien* era a página, atualmente desativada, ligada ao sítio Valinor.com dedicado aos fãs d'O Senhor dos Anéis²⁵. Os Marotos, da série de Harry Potter, é um grupo de quatro amigos bruxos que frequentaram a mesma escola de Harry, Hogwarts, numa geração anterior a do próprio bruxinho Potter. Um deles é o pai de Harry. Muitos fãs de HP, como aparece nos *fandons* dedicados ao bruxinho, escrevem *fanfics* deste grupo de amigos. As histórias que os livros de Rowling contam passam-se na geração de Potter, mas há muitos *insights* do período dos Marotos, o que é muito bem utilizado pelos fãs para escreverem suas próprias histórias e criarem situações que são apenas parcialmente inferidas dos livros originais. Hiatus, ou em hiatus, significa que a *fanfic* não está disponível, pois está sendo aprimorada, melhorada pela autora que, como ela (Elizabeth Bathoury Black) diz, já deletou uma e concluiu outra “mal e porcamente”.

Elizabeth Bathoury Black continua contando, em seu perfil, como, através da sua entrada no fandom de Harry Potter, conheceu outras comunidades interpretativas²⁶ e iniciou escritas de *fanfics* de outros universos literários, como Saint Seiya (o animê Cavaleiros do Zodíaco), Trigun (série de mangás adaptada em 1998 para uma série de animê) entre outros. Ao final da narrativa, há uma lista dos prêmios ganhos pela autora com suas *fanfics*. Vários sites dedicados à postagem de *fanfics* realizam concursos dessas escritas de fãs. Muitos apenas premiam com o anúncio dos vencedores e algumas vantagens nos sites; outros oferecem prêmios, como a publicação das histórias vencedoras. E aqui publicação refere-se a livros. O site de jogos LevelUpGames, em trinta de setembro de 2011 divulgou a lista dos vencedores no concurso que patrocinou naquele ano e anunciou:

O Concurso de *Fanfics* Level Up!, que buscou o talento de diversos jovens autores fãs de nossos jogos para dar-lhes a oportunidade de terem suas histórias publicadas em um *Pocket Book*, foi um sucesso surpreendente. Ao todo foram mais de 500 trabalhos, nos mais variados gêneros e estilos -

²⁵ Ver Carvalho, 2007.

²⁶ “(...) comunidades de leitores – aquelas ‘comunidades interpretativas’ cujos membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação” (CHARTIER, 1992:216).

muitos com ação do começo ao fim, outros retratando o drama e o sofrimento da luta contra o mal, vários mostrando o afeto e a amizade entre personagens que nos acompanham em nossas aventuras, além de diversos cômicos e divertidos.

Nossa equipe leu e analisou cuidadosamente cada uma das obras - isso mesmo, lemos mais de 11 milhões de caracteres, cerca de 5.000 páginas de contos e histórias! - e, após um processo de seleção rigoroso e aprovação junto às desenvolvedoras, os 11 autores vencedores foram escolhidos, e suas histórias serão publicadas em breve. (Equipe Level Up!, postado por Luchta Schmied em 30/09/2011²⁷)

Claro que num site de jogos as empresas que os produzem conquistam benefícios com estes concursos, pois, para os apreciadores de *fanfics*, que buscam novas histórias para leitura e se deparam com este tipo de concurso, entram em contato com o site de jogos e, por vezes, tornam-se frequentadores destes, o que é uma ótima propaganda para as empresas criadoras e distribuidoras de jogos. Elizabeth Bathoury Black coloca em seu perfil que:

a entrada em fóruns de RPG a levaria a compreender e adentrar o fandom Saint Seiya com sua primeira *fic*, "Manhãs". (Elizabeth)

RPG ou Roleplaying Game é um:

‘jogo de representação’ que exige a leitura de um livro de regras (...). O texto do livro de regras é lido em geral pelo mestre que, nas sessões de RPG, então, apresenta uma história, uma aventura ao grupo de jogadores, criada por ele, a partir da leitura do livro. A aventura proposta deve conter enigmas, charadas e situações que exigirão escolhas por parte dos jogadores. Cada participante, tal como um autor de ficção, constrói um personagem para si, detalhando seu perfil psicológico, suas habilidades intelectuais e físicas, suas preferências e seus trunfos, assim como suas deficiências, que vão garantir o ‘tempero’ da ficção. Esses personagens devem adequar-se a um ambiente, proposto pelo livro do mestre, no qual a trama se desenrolará. O ambiente onde se desenvolve a aventura, no linguajar desses grupos, é chamado de *mundo* ou *cenário*. (PAVÃO, 2000:18-19)

Para Andréa Pavão, os jovens jogadores de RPG, “como um autor de ficção”, constroem personagens para si. As relações tecidas pelas leituras fantásticas, de ficção, os jogos de interpretação, os jogos online e toda a rede de atividades de lazer disponíveis para os jovens, crianças e adultos, em geral, nos levam a extensas redes de textos e práticas de leitura e escrita. E não se pode afirmar que todos os jovens, que acessam os universos virtuais onde as práticas de leitura e escrita prazerosas são mobilizadas, estão familiarizados com todos os universos ficcionais dados a ler e a escrever. Nem mesmo com todo o universo linguístico disponível para referir-se às práticas.

²⁷ Disponível em <http://sites.levelupgames.com.br/Forum/combatarms/forums/t/507160.aspx>.

No site MadHouse, dedicado às *fanfics* de animês, em abril de 2011, estava anunciado um concurso de *fanfics* que iria ocorrer em breve. O anunciador do concurso foi questionado por um dos membros do fórum se as *fanfics* a serem escritas para o concurso deveriam ter *shipper* ou poderiam ser originais. Como resposta, o membro que anunciou o concurso diz que não sabe se entendeu o *shipper* e ofereceu uma explicação sobre as possibilidades de *fanfics* a serem postadas. Posteriormente, recebeu uma resposta do membro que questionou a obrigatoriedade ou não do *shipper*, segundo ele uma expressão utilizada quando se estabelece, para a escrita da história de fã um determinado par, um casal específico de um animê²⁸.

A incompreensão pode ser atribuída às várias utilizações desta expressão feita pelos diferentes *fandons* espalhados pela internet, ou por um desconhecimento dessa expressão. Podemos inferir que, embora nem mesmo os fãs dominem todo o universo linguístico envolvido nas práticas de leitura e escrita das ficções de fãs, este estado é transitório, pois há uma pedagogia das práticas virtuais que faz com que, na troca de mensagens, nas leituras e escritas cada vez mais intensas e extensivas, maior tempo dedicado a essas práticas e maior variedade do que se lê e sobre o que se escreve, os sujeitos aprendam uns com os outros e acumulem conhecimentos especializados das comunidades por onde circulam. Difamações e ofensas existem, mas conforme uma netiqueta própria, os membros das comunidades virtuais de fãs tratam de desacreditar, por vezes até de banir, pelo descaso ou por denúncias, estes que desrespeitam os grupos com comentários grosseiros e chulos. Segundo Lévy, netiqueta

Diz respeito, antes de mais nada, à pertinência das informações. Não se deve enviar uma mensagem a respeito de determinado assunto em uma conferência eletrônica que trata de outro assunto. É recomendável consultar a memória da conferência eletrônica antes de exprimir-se e, em particular, nunca fazer perguntas para a coletividade se as respostas já estiverem disponíveis nos arquivos da comunidade virtual. A publicidade comercial é não apenas desaconselhável mas, em geral, fortemente desencorajada em todos os fóruns eletrônicos. (...) A moral implícita da comunidade virtual é em geral a da reciprocidade. Se aprendermos algo lendo as trocas de mensagens, é preciso também repassar os conhecimentos de que dispomos quando uma pergunta formulada on-line os torna úteis. (...) Os ataques pessoais ou argumentações pejorativas para qualquer categoria de pessoas (nacionalidade, sexo, idade, profissão etc.) em geral não são permitidas. Os que fazem isso de forma repetida são excluídos pelos administradores de sistema a pedido dos organizadores das conferências eletrônicas. Excetuando-se esses casos particulares, a total liberdade de palavra é encorajada e os internautas são, como um todo, opostos a qualquer forma de censura. (1999:128)

²⁸ Discussão disponível em <http://madhouse.top-talk.net/t8471-concurso-de-fanfics>.

Efetivamente, ataques pessoais não são tolerados e a censura é realmente livre. Talvez por esse motivo muitos jovens aventurem-se na escrita de histórias que envolvem casais e suas relações mais íntimas. Tanto os enlances heterossexuais quanto os homossexuais são tematizados por vários jovens que escrevem histórias com conteúdo explicitamente não recomendado para menores de dezoito anos. Porém, mais que uma produção de textos eróticos por conta da liberdade de expressão, essa é uma prática alicerçada na possibilidade de uma escrita de intimidade do escritor. No século XI europeu, observamos a invenção da escrita separada de palavras com a introdução de espaços perceptíveis entre elas o que reduziu a necessidade de se ler o texto em voz alta para compreendê-lo. Essa invenção também inspirou nos escritores da época o desejo de escreverem suas obras de próprio punho, embora a dificuldade inicial de uso da escrita cursiva tenha demandado a utilização de um secretário para a função da escrita enquanto o autor ditava as composições que criava. Como explica Paul Saenger:

Com o renovado desejo dos autores de escrever suas próprias obras, certos escritores, como Othlon de Saint Emmeram, no século XI, e Guibert de Nogent, no século XII, poderão agora expressar sentimentos íntimos até então nunca confiados ao pergaminho pela ausência de privacidade quando a redação dependia do ditado para um secretário. (...) Guibert secretamente redige poemas eróticos seguindo o modelo dos da Antiguidade, os quais manterá escondidos de seus pares. (...) As obras eróticas do século XII pretendiam tirar partido da nova intimidade entre autor que escreve o próprio texto e leitor (...). (CAVALLO e CHARTIER, 2002: 151-152)

Essas escritas eróticas eram, então, estimuladas pela possibilidade de não haver intermediários entre o autor e a prática de escrita do texto e, também, entre autor e leitor.

No caso das *fanfics* de conteúdo erótico não há, da mesma forma, mediações entre o escritor e o texto por ele escrito e não há, igualmente, mediações explícitas entre o autor e o leitor de seus textos. A não ser que algum autor de obra original sintasse ofendido quanto aos personagens de sua criação em tramas sexuais como as apresentadas em *fics* – por exemplo, mantendo relações sexuais com pares inimagináveis pelo autor – e queira proibir que tal *fanfic* continue sendo acessível na internet, não há impeditivos de qualquer ordem.

No mais, a relação entre autor, texto e leitor é imediata e livre de intermediações. Como, em geral, os escritores e leitores não se valem de seus próprios nomes, mas criam *nicknames* para seus perfis, a possibilidade de anonimato facilita ainda mais essa prática de escrita e leitura privadas. E por que a necessidade de privacidade no nosso século XXI, tão afastado dos pruridos religiosos e morais que detinham os escritores dos séculos XI e XII e da

Idade Média? Embora haja, reconhecidamente, uma maior liberdade de expressão como fruto da Modernidade, há um controle social, que é predominantemente familiar, das práticas que envolvem o erótico. Quando questionada sobre o que seus pais achavam de suas escritas de *fanfics*, Gabriela respondeu:

Bom, eles sabem que eu escrevo, não sabem sobre o quê eu escrevo. Provavelmente se soubessem das *fits slash*²⁹ ou incesto que eu tenha escrito, iriam ficar profundamente desapontados comigo, embora eu apenas pense que é um texto e nada mais. Em textos fictícios tudo é possível, até um homem usar uma cueca vermelha por fora da roupa, voar e ainda ser considerado um ícone em vez de um esquizofrênico ou criatura digna de pesquisas científicas. Uma coisa é um texto fictício, outra é a realidade. (Gabriela, entrevista recebida em 1º/11/2011)

O que possivelmente pensariam de sua escrita os pais de Gabriela parece não afetar suas produções, pois ela se encontra protegida pela privacidade ou autoria cifrada do texto, e da mesma forma seu leitor. Na intimidade de seus quartos, lugar predileto para as escritas, os escritores fãs podem expandir sua criatividade e utilizar todas as possibilidades de livre expressão. Sem ultrapassar os limites da netiqueta, o escritor pode ser artífice de muitas criações impensadas, até por ele mesmo, protegido pela tela de seu computador pessoal e pelo perfil com nomes fictícios. Sob esses elementos, podem quase tudo.

Quando escrevem histórias para o público adulto, os *ficwriters* devem indicar a classificação da história quando da postagem no sítio específico. Mas essa indicação compete ao escritor e não será submetida a nenhuma avaliação antes de ser publicada no site. Os leitores das histórias são avisados da idade mínima adequada para realizar a leitura da *fanfic* que está sendo acessada pela classificação etária que se encontra indicada na barra horizontal superior do site, aspecto que será comentado adiante. Contudo, isso não significa que uma criança ou jovem que acessa uma *fanfic* inapropriada para menores de dezoito anos desista da leitura, pois a classificação etária não condiz com sua idade. Os escritores sabem disso:

Aviso: A estória abaixo contém relacionamento sexual, se você não gosta de ler algo do gênero então NÃO LEIA, pois não quero receber comentários mal educados depois! Não é recomendado para menores de idade, mas se você for menor de idade e quer ler mesmo assim não venha reclamar depois, o aviso foi dado! (Druckgeister, aviso a *fanfic Reconciliação*?³⁰)

A responsabilidade da indicação de conteúdo adulto é totalmente do fã escritor, da mesma forma que a responsabilidade pela leitura desse conteúdo é do fã leitor/escritor. Os

²⁹ Refere-se, geralmente, a relações amorosas entre dois homens.

³⁰ Publicada em 30/07/2011, disponível em <http://www.fanfiction.net/s/3920548/1/Reconciliacao>.

sites, em geral, se eximem da responsabilidade do conteúdo adulto, exigindo a leitura de um guia para a publicação das *fanfics* e sua aceitação, o *Guidelines*. No caso do FanFiction.net, o guia apresenta, inicialmente, uma descrição da *Etiqueta da Comunidade* em cinco pontos. A primeira linha constitui-se num aviso de que o site não filtra o conteúdo e que é um sistema aberto que confia na veracidade do julgamento do escritor e que, portanto, a responsabilidade recai sobre ele. Os cinco pontos a serem observados pelos que publicarão suas histórias de fãs são: corrigir a ortografia de seus escritos; corrigir a gramática; respeitar as mensagens deixadas pelos leitores; respeitar os membros do grupo e ajudá-los quando eles necessitarem; usar formato de texto apropriado, por exemplo, não usar letras maiúsculas no texto todo e etc. Quando a *Etiqueta* aborda o tema do respeito aos membros do grupo, alerta que todos *ali*, no site, são aspirantes a escritor. A escrita de *fanfics* não torna o fã um autor, mas pode ser considerado um aspirante.

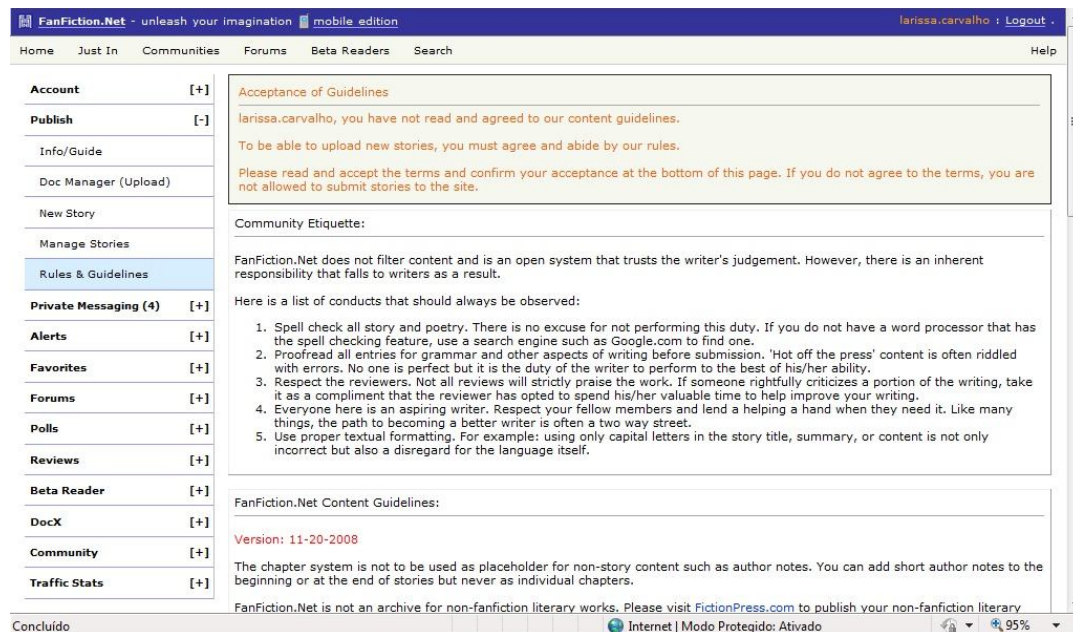


Figura 8 - Guia para publicação de fanfics no site FanFiction.net.

Abaixo encontra-se o conteúdo do guia propriamente dito. Recomenda-se que o *ficwriter* não utilize o sistema de postagem de arquivos para colocar notas pessoais ou avisos, que estes estejam no início ou final da história e não em capítulos separados. Também alerta que o site FanFiction.net não é dedicado a histórias que não sejam ficções de fãs e orienta, para os que querem escrever histórias originais, que acessem o site coirmão FictionPress.com:

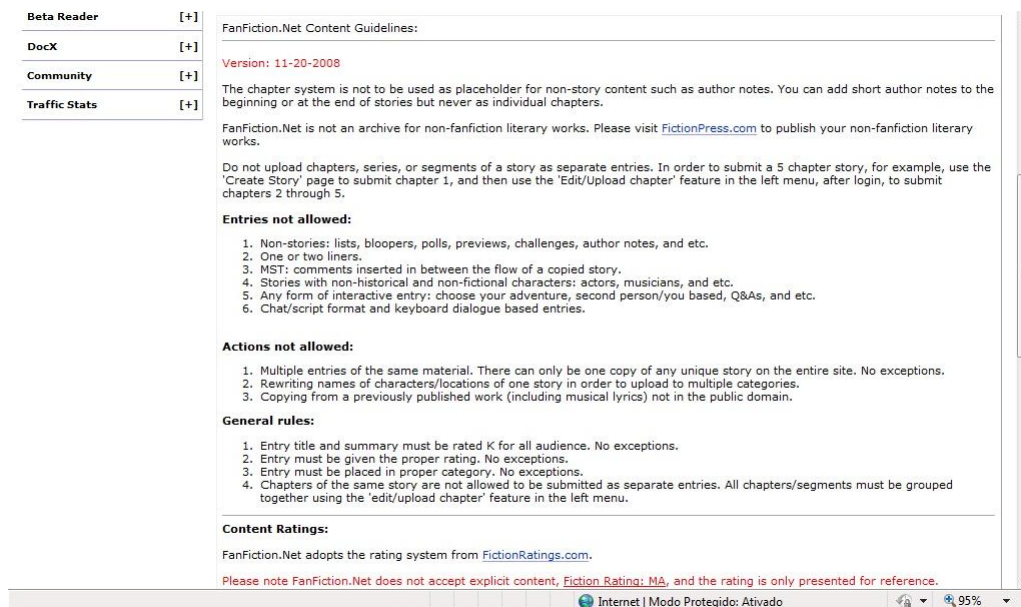


Figura 9 - Guia para publicação das fanfics no site FanFiction.net. Continuação.

Dentre outras recomendações, há listas de entradas não permitidas, ações não permitidas e regras gerais. Na lista daquilo que não é permitido encontra-se enquetes, desafios, antecipação de histórias ainda não publicadas. Em ações não permitidas incluem-se múltiplas entradas de um mesmo material, cópia de trabalho publicado previamente que não esteja em domínio público. Já nas regras gerais, os títulos e os resumos das *fanfics* devem ser passíveis de acesso para públicos de todas as idades, ou seja, mesmo que a história seja para maiores de dezesseis anos, no título e resumo não pode haver conteúdo proibido para menores de dezesseis anos. Além disso, é regra que a *fanfic* seja postada na classificação adequada, que seja alocada em categoria adequada para que os leitores não se deparem com histórias de fãs d'*As Crônicas de Nárnia* na categoria *39 Clues*³¹e, por fim, que os capítulos de uma mesma história estejam juntos e não postados como histórias diferentes.

Após isso, o mesmo site apresenta a classificação etária do FictionRatings.com apenas como referência e uma lista de autores e editores que expressaram o desejo de não existirem *fanfics* baseadas em suas histórias. Dentre estes estão Anne Rice, a autora de *Entrevista com o Vampiro*, dentre outras crônicas vampirescas, famosa por esta série Nora Roberts, uma famosa romancista estadunidense e mais nove nomes de autores famosos entre os leitores de ficção e fantasia – Dennis L. McKiernan, Irene Radford, J.R. Ward, Laurell K. Hamilton, P.N. Elrod, Raymond Feist, Robin Hobb, Robin McKinley, Terry Goodkind e uma editora de histórias em quadrinhos, a Archie comics. Finalizando as regras do site, há um

³¹ É uma série de livros, cada um deles escrito por um autor diferente, que apresenta as aventuras da família Cahill. Seus membros possuem 39 pistas que devem ser decifradas em viagens por todos os cantos do mundo.

aviso aos escritores de que o não cumprimento das regras do site acarretará a remoção das histórias e/ou a suspensão da conta. Efetivamente, não há a categoria do livro *Entrevista com o Vampiro*, nem de qualquer livro cujo autor não permita *fanfics* sobre sua obra.

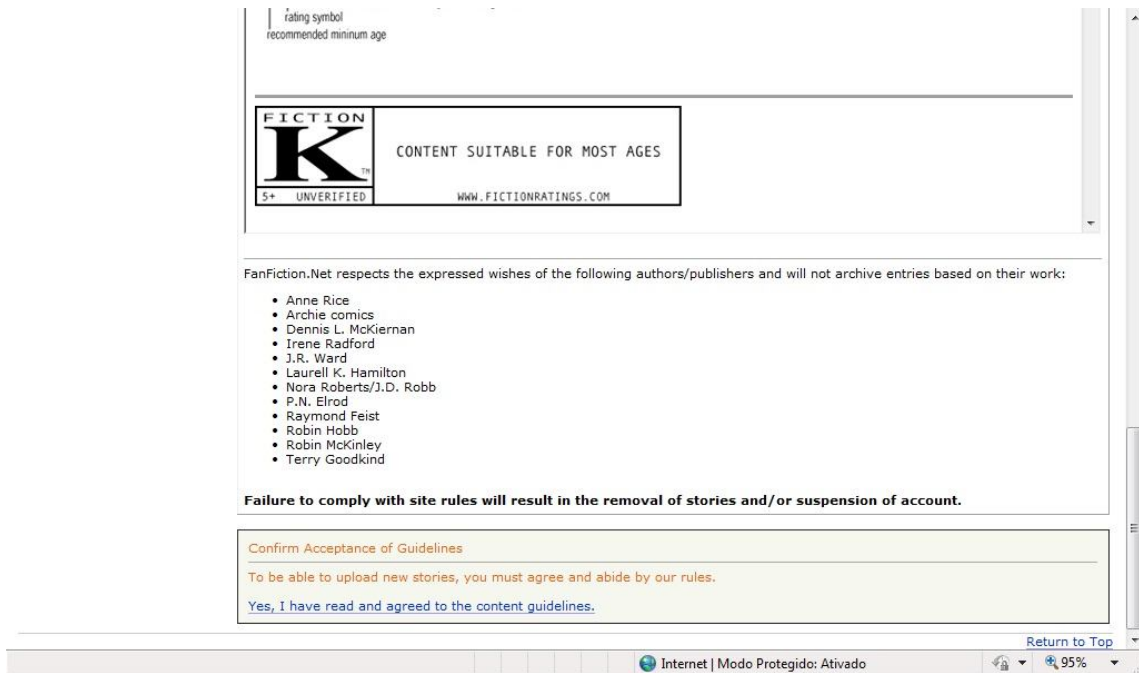


Figura 10 - Guia para publicação de fanfics no site FanFiction.net com lista de autores que não permitem fanfics de seus textos e classificação etária.

Após aceitar as regras é possível divulgar as *fanfics* no site em questão, mas a aceitação deve ser renovada após sete dias para que as histórias possam continuar sendo postadas. A *fanfic* a ser postada não deve ser escrita diretamente na página web, pode ser usado qualquer programa de edição de texto para abri-la, como uma história, no local apropriado no âmbito da conta do escritor, como se anexa um arquivo a uma mensagem eletrônica. Deve-se escolher se a história será uma mistura de universos ficcionais, *crossover*, ou não e, após, a categoria onde será alocada a *fanfic* e uma subcategoria que refere-se ao livro específico caso a categoria seja livros, ou um filme em especial e assim por diante.

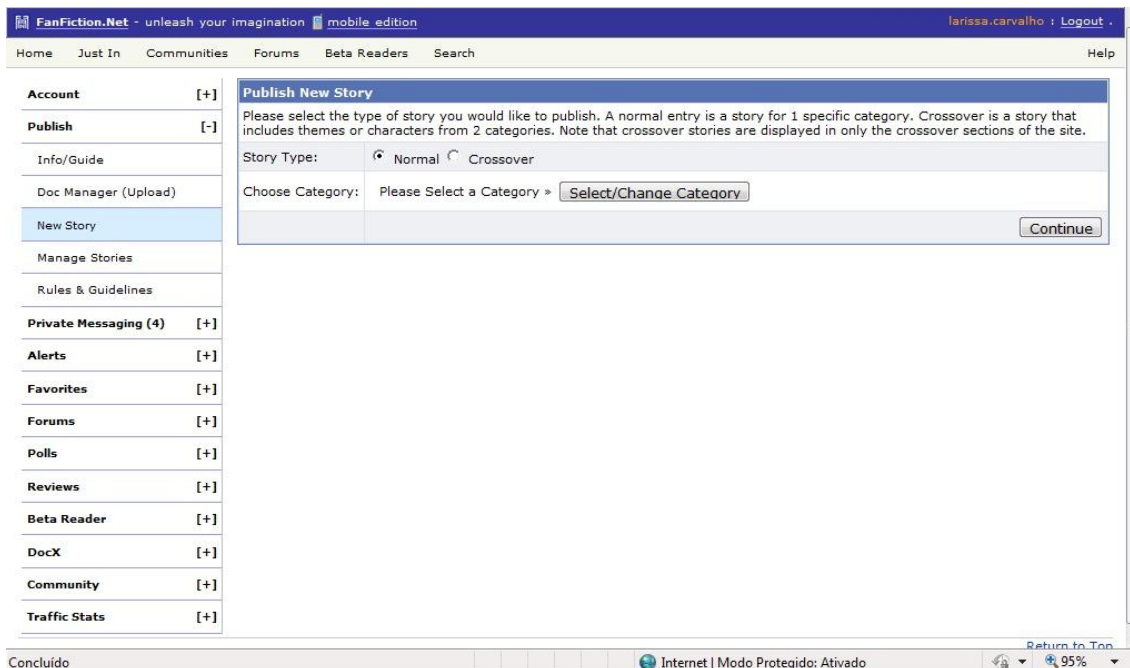


Figura 11 - Publicação no site FanFiction.net. Seleção do tipo da história.

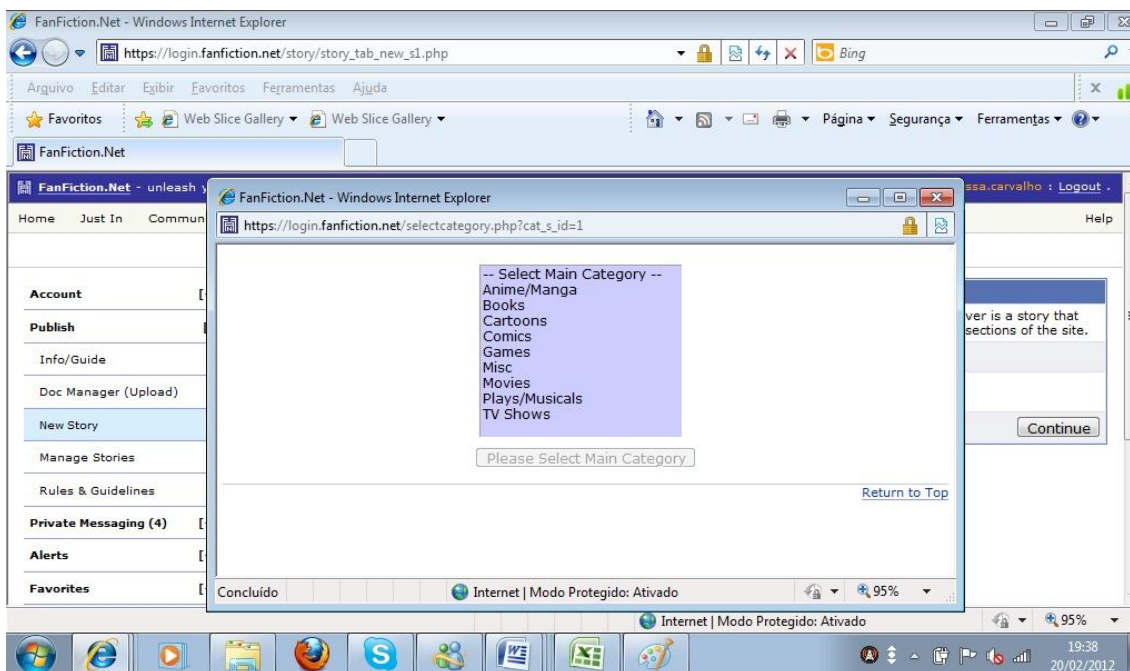


Figura 12 - Publicação no site FanFiction.net. Seleção de categoria.

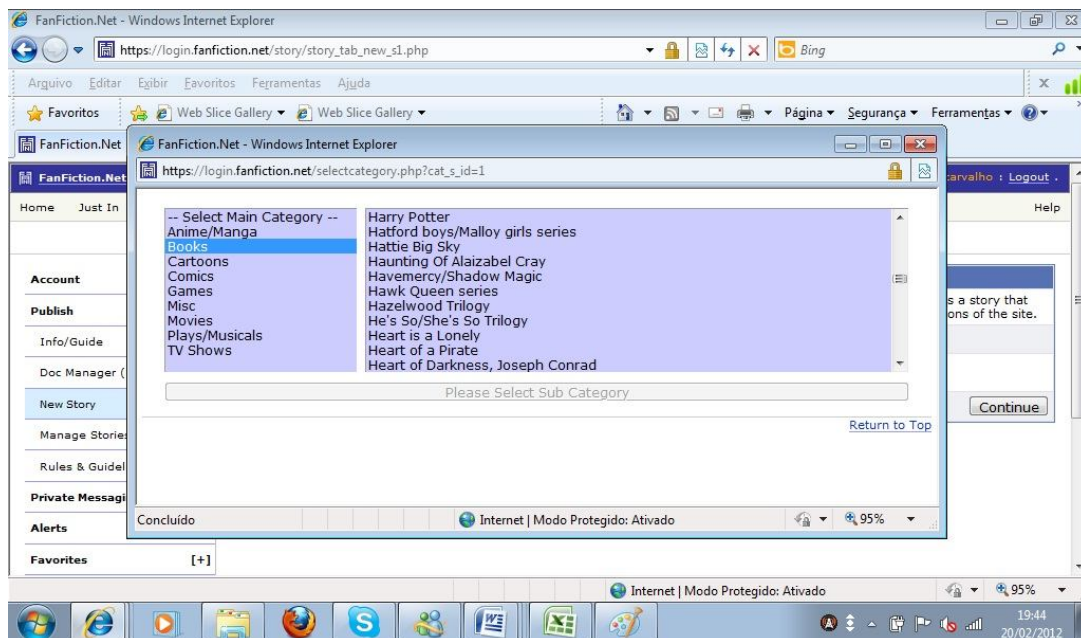


Figura 13 - Publicação no site FanFiction.net. Seleção de subcategoria.

Abre-se nova janela onde deve-se colocar o título da *fanfic*, o resumo, a língua em que é escrita, a classificação etária, o gênero que pode ser geral, drama, romance, humor, poesia, tragédia, suspense, mistério entre outros pré-listados. Pode-se escolher até dois gêneros. E, por fim, o status da *fanfic*, se é completa ou apenas um capítulo de uma história multi capítulos. Então, é só escolher o arquivo a ser publicado de todos os que foram enviados do computador pessoal do escritor para o site e estará publicada a *fanfic*.

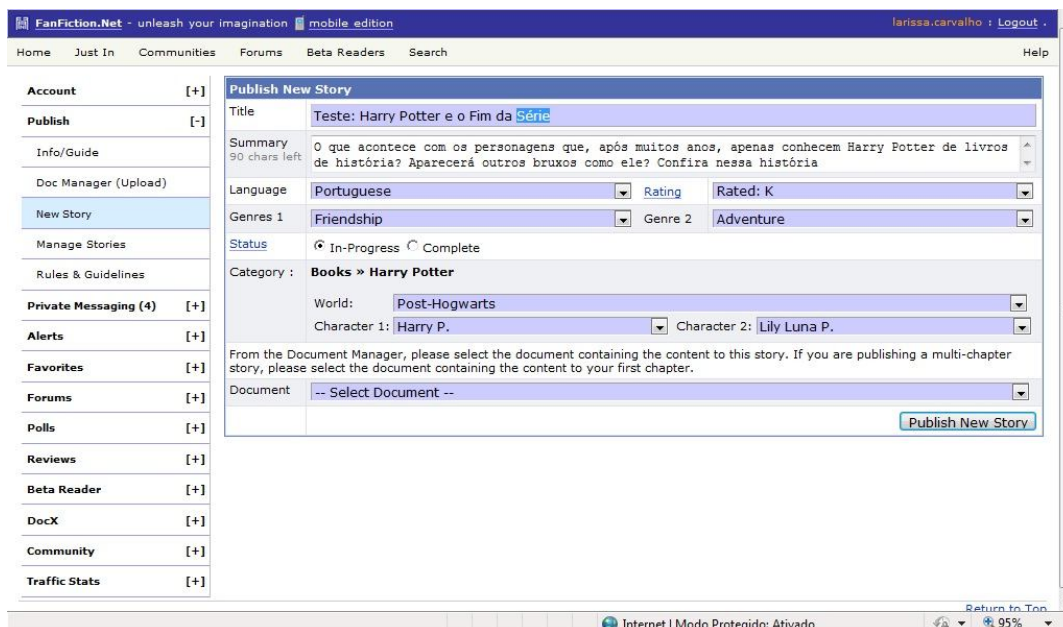


Figura 14 - Publicação no site FanFiction.net. Informações finais.

Em todas as histórias de fãs publicadas em sites especializados há a possibilidade dos leitores postarem uma mensagem, um comentário sobre a leitura que fizeram, são os chamados *reviews*. Uma história com muitos *reviews* provavelmente foi lida e apreciada por vários leitores, mas como muitos leitores não deixam comentários, não quer dizer que histórias sem *reviews* não tenham sido lidas ou não tenham agradado o público leitor. Alguns escritores, para postarem novos capítulos de uma história com muitos deles previstos, exigem comentários dos leitores, pois, senão, ameaçam suspender a escrita de uma nova, outros demandam encarecidamente para que os leitores comentem, de modo que possam ter uma ideia do impacto causado pelas suas escritas junto a outros fãs leitores/escritores:

N/A3: Diferente do que eu estava fazendo com as outras *fic*s, vou responder às *rewills* [*reviews*] aqui. Me disseram que só está dando pra comentar fazendo o login (Ô.ó chuta o ff), então, por favor, façam esse esforcinho. Eu preciso realmente saber a opinião de vocês. Essa *fic* me provocou altas crises na hora de escrever (obrigada a Dark Angel, que me ajudou muito) e eu realmente gostaria de saber o impacto que ela está tendo. (*Fanfic* Dupla Face de Agata Ridlle³²)

Naruto não pertence a mim (que pena!!!), e essa é uma *fanfic* sem fins lucrativos.pessoal essa é minha primeira *fanfic* espero que goste e quero ter pelo menos 1 *review* no primeiro cap pq se naum fica chato escrever sendo que naum ha ninguem que opine, fala que gosta, naum gosta, odeia, quer matar o autor, assim as *fanfics* perdem a graça escrevam *reviews* nem q seja um "continua" pro autor já é um incentivo, agradeço desde já. (*Fanfic* Entre a luz e a escuridão de victormp2043³³)

Textos publicados na internet podem ser vistos como uma experiência iniciática no mundo da escrita. Podemos arriscar uma comparação aos textos lidos em voz alta na Antiguidade, cuja prática não foi abandonada entre os séculos XVI e XVIII europeus: “leer en voz alta es, para un autor, poner una obra en circulación, ‘publicarla’” (CHARTIER, 2000, p.115). Hoje diríamos que postar uma *fanfic* na internet é uma forma de disponibilizá-la para o autor do texto de fã, lançá-la à circulação, torná-la acessível às pessoas, a todos aqueles que, de outra forma, não acessariam os textos produzidos por fãs de uma obra original.

Mas a comparação proposta repousa na idéia de que o texto digital, para resistir ao tempo, se aproxima mais do texto oral do que do texto escrito, como salienta Antonio Rodríguez de Las Heras:

Porque necesita la transmisión y no la preservación. El texto sobre papel necesita para permanecer la protección para que no se dañe el soporte. El texto oral está

³² Disponível em http://www.fanfiction.net/s/3740913/2/Dupla_Face.

³³ Do site Nyah!Fanfiction. Disponível em https://www.fanfiction.com.br/historia/181220/Naruto_Entre_A_Luz_E_A_Escuridao/ageconsent_ok.

obligado a ser transmitido de una persona a otras para que no desaparezca su memoria. De igual modo, el texto sobre soporte digital no puede mantenerse encerrado en su soporte, porque este se encuentra amenazado de obsolescencia, y la resistencia, por tanto al paso del tiempo es poca. Así que debe renovarse mediante una migración al ritmo de los cambios técnicos. (CHARTIER, 2006, p.100)

A citação de *fanfics* de um autor em comentários de *fanfics* de outros autores, os *reviews* dos leitores, o trabalho dos leitores que corrigem os textos a pedido dos escritores, mesmo antes de serem publicados nos sites especializados, que também são escritores, todas essas ações fazem com que as *fanfics* circulem nesse universo de sujeitos fãs. Compartilhar gostos, estratégias de escrita, trocar informações sobre as obras de que são fãs, comunicar-se para além do estrito ambiente dos sites para publicação de *fanfics* são ações que engendram sociabilidades dinâmicas, sempre renovadas.

Vários escritores trocam endereços eletrônicos e de mensagens instantâneas com seus leitores para que as conversas continuem para além do ambiente dedicado às *reviews*. É necessário que as *fanfics* se movam por vários territórios para que não se percam nos labirintos das redes de computadores. Uma delas ganha um prêmio num site e é publicada pelo autor em mais outro site, e em seu blog, que também divulga a *fanfic* vencedora de um amigo e assim forma-se uma rede que passa de páginas da internet a páginas da internet, textos que sobrevivem a torrente informacional.

Textos móveis, embora sem hiperlinks, dinâmicos. Quem modifica o texto, no caso das escritas de fãs, não são os leitores de forma literal. Eles alimentam a imaginação do escritor que poderá, ou não modificar o texto. No ambiente em que se perdem as noções de autor e leitor, em que um adentra as práticas do outro, as *fanfics* formam um nó da rede em que a autoria ainda é respeitada, mas as relações entre escritores e autores são muito mais relevantes do que quando os leitores apenas liam os textos. Os leitores tornam os textos presentes, vivos, durante sua própria escrita, mesmo que essa se dê em partes compartimentadas em capítulos. Antes de tornarem-se autores, de escrever histórias integralmente, de submetê-las a uma editora, de vê-las publicadas como obras originais e encontrá-la nas livrarias, os escritores/leitores fãs têm, nas *fanfics*, um meio de tornarem-se vivos nas memórias de muitos leitores, conhecidos, requisitados e sobreviventes da dinâmica de obsolescência dos textos que se encerram em cadernos ou em arquivos frágeis, salvos em algum disco rígido, em algum *pendrive* e que jamais serão lidos a não ser pelo seu próprio autor.

2.3 AS PRÁTICAS DE ESCRITA

Desde que se aprende a ler, a leitura é uma prática que se faz permanente e necessária na vida de um indivíduo na sociedade contemporânea, ocidental e logocêntrica. Quando uma criança aprende a ler, as placas nas ruas não passam mais despercebidas a ela. Em geral, quer ler tudo o que é dado a ler, qualquer sinalização de trânsito, nome de estabelecimento comercial, outdoor de propaganda. Mas isso é propiciado porque vivemos numa sociedade escriturística: “Procuro ouvir esses frágeis efeitos de corpo na língua, vozes múltiplas, afastadas pela triunfal *conquista* da economia que, a partir da ‘modernidade’ (séculos XVII e XVIII), se titularizou sob o nome de escritura” (CERTEAU, 1994, p. 221).

As palavras são uma constante no cotidiano e a educação prioriza o aprendizado da leitura e da escrita, competências fundamentais para aprender. Mesmo quem não é alfabetizado³⁴, não significa que não tenha acesso à cultura escrita, presente em todos os espaços, como por exemplo, para locomover-se através do transporte público, que obriga quem não sabe ler a criar códigos próprios de identificação, como tamanho da palavra que indica o local para onde vai o ônibus, cores e horários. Enfim, no mundo gráfico a que pertencemos nenhum está imune à escrita e à leitura.

Há, também, aqueles muito familiarizados com as práticas de leitura e escrita. Dentre estes, temos os indivíduos que se valem dessas práticas cotidianamente, seja por necessidade, no local de trabalho ou na vida pública, seja em todas outras situações do cotidiano. Movimentam-se com habilidade nesse ambiente. É difícil pensar quaisquer práticas sócio-culturais apartadas da leitura e da escrita, quer para ver um filme legendado, quer para realizar uma viagem programada, que estimulará os sentidos visuais, onde se poderá ler outros idiomas, ou ter contato com palavras e expressões regionais, ou jogos igualmente legendados, cujas dicas aparecem escritas na tela da televisão e no computador e assim por diante.

³⁴ Segundo o IBGE, a partir de dados estatísticos produzidos no ano de 2000, o Brasil possuía uma taxa de analfabetismo de pessoas de 15 anos de idade ou mais de 13,6%, o que correspondia a mais de 14 milhões de pessoas analfabetas. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/educacao.html>. No censo realizado em 2010, pelo mesmo instituto, esta mesma taxa de analfabetismo para a população de 15 anos de idade ou mais caiu para 9,6%, totalizando 13 milhões, novecentos e trinta e três mil, cento e setenta e três pessoas analfabetas no país com 15 anos ou mais de idade. Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/tabelas_pdf/ta_b5.pdf, acesso em 11 de jun. de 2012.

Entre os mais familiarizados com a leitura e escrita, encontramos os que se valem do tempo livre para práticas intensas de leitura e escrita prazerosas. Os escritores de *fanfics* fazem parte desse universo. A escrita é um hábito que proporciona prazer, uma prática cotidiana, para a maioria, ou de fins de semana, para alguns, que ocupa os momentos de lazer. Escrita associada à leitura, bem característica da leitura de romances no século XVIII europeu:

(...) que define um novo modelo de leitura, de relação dos leitores com os livros, e desloca a leitura bíblica porque é também uma leitura de repetição. Assim, ao concluir o livro deve se começar de novo: o texto já é conhecido pelo indivíduo, que projeta sua vida no texto incorporando-o à sua existência pessoal e apagando toda diferença entre ficção e realidade, com se os personagens fossem pessoas reais, sem importar se a leitura é compartilhada ou solitária. É uma leitura que, como dissemos, leva à escrita. (CHARTIER, 2001a, p.114)

Leituras que levam à escrita, mas nem toda escrita é considerada uma atividade de fruição sem que haja dedicação, como anuncia Sabrina:

Ler, pra mim, é um processo de conhecimento. Então, ler alguma coisa está encaixado diariamente em todas as minhas tarefas, sejam elas profissionais ou pessoais. Ler *fanfics* se tornou uma espécie de vitrine para pontos de vista diferentes do meu. Escrever já se torna um pouco mais complicado, porque requer maior dedicação; por isso existe um tempo retirado do lazer para escrever *fanfics*. (Sabrina, entrevista recebida em 24/10/2011)

Sabrina trabalha como designer gráfico e estuda num curso de Capacitação em Docência Superior, lida com a leitura diariamente. Quando quer conhecer opiniões que divergem da sua a respeito das leituras dos textos apreciados, comenta que lê *fanfics*. Na sua opinião, escrever as *fanfics* é mais complicado que lê-las, requer uma dedicação diferenciada, por isso ela reserva um tempo especial do seu lazer para escrevê-las. Afirmo explicitamente que para ela a escrita é uma prática diferenciada da leitura. Associamos uma à outra, atualmente, pois aprendemos na escola atual, e com base nas concepções modernas de educação, que escrita e leitura são aprendizados indissociáveis. E parece bem difícil conceber que uma não está diretamente associada à outra. Tal associação foi produzida historicamente. A maior parte daqueles que foram alfabetizados até o século XIX, aprendiam essas competências separadamente.

Por exemplo, se pensamos na história da educação brasileira sob o Império, por exemplo, temos que a aprendizagem da escrita sucedia em alguns anos a da leitura, assim como acontecia na França, que inspirava o Brasil quanto ao sistema de ensino. No Antigo

Regime francês, apenas os homens sabiam escrever, porque a educação voltada para o público feminino restringia-se à aprendizagem da leitura. A escrita era considerada “inútil e perigosa para o sexo feminino” (CHARTIER, 1991, p.117). Também como ocorria nas escolas da Inglaterra seiscentista, “as crianças inglesas aprendiam a ler antes de escrever, ao invés de aprender as duas coisas juntas no início de sua instrução, como fazem hoje” (DARNTON, 2010, p.188).

A incursão acima por breves referências à história da educação sugere pensar sobre o que dizem os sujeitos desta pesquisa, ou seja, escrever *fanfics* exige maior dedicação que lê-las, não porque seja mais prazeroso lê-las que escrevê-las, mas porque são práticas diferenciadas que associamos e associam-se por conta de nossas práticas cotidianas que exigem ambas, embora cada uma delas implique competências específicas, mesmo que estejam associadas em nossos dias. Os escritores de *fanfics* somente as escrevem porque leram os livros dos quais são fãs, que os inspiram para desenvolverem suas próprias histórias. Mas também podem assistir aos filmes e séries de filmes de que são fãs, motivação igualmente forte para decidirem-se pela escrita de continuções dessas histórias, que surgem da imaginação. Quando decidem publicar suas histórias e deparam-se com os sítios especializados na internet, acabam lendo os textos que já estão lá postados por outros escritores fãs. O mais comum é que eles encontrem essas escritas antes de iniciarem suas próprias escritas, quando acessam a internet em busca de mais informações sobre o filme ou a série apreciada ou para compartilhar com outros fãs suas impressões, na busca do contato com a comunidade interpretativa da obra, do filme, da série que apreciam como fãs.

Uma amiga minha, que gostava muito de Harry Potter, me falou dessas tais *fanfics*. Eu fiquei curiosa e comecei a pesquisar, li algumas e pensei “Eu posso fazer isso”, comecei a escrever a primeira e não parei mais desde então. (lara, entrevista recebida em 23/10/2011)

Escrever e ler *fanfics*, por vezes são práticas que não podemos separar. A pergunta, inserida no questionário da pesquisa, que os escritores tinham que responder com relação a isso referia-se à conciliação dos tempos dedicados às atividades escolares e profissionais e às escritas e leituras de *fanfics*. Uma resposta, de Naomi, por exemplo, não diferencia a prática da escrita e da leitura:

Pergunta: Como você concilia seu tempo (atividades profissionais, escolares com atividades de escrita e leitura)?

Resposta: Ah, é simples. Sou da opinião de que TODOS precisamos de um hobby, algo que nos tire dos nossos problemas e tais. Nem todos têm, mas deveriam. Eu uso as *fanfics*. São uma ótima prática mental que eu encaro como prazer. (Naomi, entrevista recebida em 06/11/2011)

Naomi, assim como Sabrina, nos excertos antes destacados, mencionam ~~que~~ a leitura e escrita de *fanfics* como práticas de lazer. Para Sabrina há uma distinção entre ler e escrever *fanfics* e como realiza cada uma dessas atividades. Naomi fala das *fanfics* como uma *prática mental* encarada como prazer, sem diferenciar a escrita de *fanfics* de sua leitura. Elas caracterizam as duas posições dos entrevistados. Alguns falam dos tempos para leitura e dos tempos para a escrita, em geral os tempos de leitura, nesse caso, são mais alargados, abarcam períodos noturnos, antes de dormir, intervalos de aulas nas escolas ou faculdades, todo o tempo livre disponível, um tempo diário especificado pelo relógio (trinta minutos por dia e etc.). Outros, não mencionam a leitura ou a escrita especificamente, mas falam de tempo dedicado às *fanfics*, que pode ser igualmente bem alargado, como todo o tempo de lazer que se possui ou um tempo estrito, apenas o final de semana. Outras vezes, somente a escrita é mencionada, ocupando os tempos de lazer alargados ou estritos. Há também aqueles que mencionam exclusivamente a leitura, como Janaína:

Eu, apesar de ser bem distraída, entendo a matéria da escola rápido, então não estudo muito em casa - só quando se trata de exatas. Sendo assim, gasto a maioria do meu tempo lendo. Quando minha mãe precisa de mim no trabalho, eu dou um tempo e vou ajudá-la. (Janaína, entrevista recebida em 12/11/2011)

Podemos pensar que Janaína representa aqueles jovens iniciantes nas escritas, que liam muito antes de começarem a postar seus textos nos sites da internet especializados em *fanfics*. Entretanto, não se trata disso, pois Janaína diz já ter escrito 250 (duzentos e cinquenta) *fanfics*, embora tenha postado apenas seis no site FanFiction.net. Tem dezesseis anos de idade e informa que desde meados de 2005 e 2006, segundo sua memória, escreve *fanfics*, ou seja, não é uma novata no fandom, tampouco na escrita de *fanfics*, mesmo assim, quando aborda a conciliação do tempo entre escritas e leituras, enfatiza apenas a leitura.

A leitura como uma prática que leva à escrita não está dissociada da escrita pensada como produto da leitura. Ler *fanfics* não é o mesmo que escrevê-las, mas enquanto práticas de lazer que caracterizam as atividades dos fãs de obras literárias, elas em geral encontram-se imbricadas. Ao ler, pode-se ter uma inspiração para alguma escrita, interromper a leitura e priorizar o escrever. Após a escrita, é possível retomar a leitura, se não de *fanfics* de

outros fãs, pode-se recorrer aos *reviews* deixados pelos leitores acerca das próprias *fanfics* escritas.

Na mobilização dessa prática de escrita prevalece, como suporte privilegiado, o computador:

Eu escrevo diretamente no computador. Não tenho hábito de escrever praticamente nada à mão mais. (Sofia, entrevista recebida em 24/10/2011)

Metade dos sujeitos entrevistados utiliza o computador como principal suporte da escrita de *fanfics*. Destes, a maioria utiliza apenas o suporte computador ou digital como celulares e *ipods*. Alguns relatam que fazem anotações em cadernos, folhas avulsas, bloco de notas, agendas, na falta do computador quando irrompe uma ideia de uma história de fã a ser escrita:

Atualmente eu escrevo apenas no computador, a rapidez que o digitar no teclado proporciona é preciosa na hora de evitar que as ideias se percam. Porém, muitas vezes, quando eu tenho alguma ideia ao longo do dia para uma história nova, eu a anoto em uma agenda que carrego sempre comigo. (Jaqueline, entrevista recebida em 14/11/2011)

A rapidez do ato de digitar no teclado indica uma habilidade mobilizada por todos os sujeitos escritores de *fanfics*, mas também por vários outros escreventes na atualidade. Esta prática da digitação inicia com a máquina de escrever, que tornava necessários os cursos que habilitavam a datilografar rapidamente no suporte de escrita que surgia para facilitar as práticas de escrita, principalmente cartoriais e afins. Uma letra uniforme, de mesmo tamanho, escrita sob retidão, propiciava um texto claro, limpo, legível, compreensível por todos. Também liberava as mãos do trabalho de perfeição exigido pela caligrafia manuscrita e, para aqueles que se adaptassem melhor ao uso da máquina de escrever, tornava o processo da escrita uma atividade muito rápida, mais veloz que a escrita manuscrita.

Half a century earlier, the typewriter was introduced. This began a process of mechanisation which gradually pushed handwriting into the realm of the personal, and created greater distance between the writer and the text.

(...)

The first Remington appeared in 1872, with a pedal action modelled on the company's sewing machines. Until 1878, the Remington only printed upper-case characters. Until 1900, the carriage was covered and the writer could not immediately see the printed text. The typewriter, however, produced texts faster, more legibly and in several carbon copies. It greatly reduced, for example, the time spent in publishing firms by compositors trying to make out an author's difficult

handwriting. The typewriter distanced the writer from the text and depersonalised the act of writing. The typed text was even and uniform, ruling out the quirky characteristics of handwriting. It produced text much closer to its final printed version. (LYONS, 2010, p.197)³⁵

O teclado do computador é muito semelhante ao da máquina de escrever. O princípio é o mesmo, a digitação e sua rapidez, a liberação das mãos de realizarem a perfeição da caligrafia, o resultado do digitar como uma escrita simétrica, amplamente compreensível. Datilografar numa máquina de escrever fez que nos acostumássemos à digitação nos teclados de computadores. A tecnologia do teclado já tinha seus antecedentes na história dos suportes de escrita e educou-nos para as transformações posteriores. A familiaridade com telas de cinema e televisão tornou os monitores amigáveis e a máquina de escrever facilitou a aceitação do teclado dos computadores. “The typewriter is now a museum piece; its main contribution, in hind-sight, was to provide an apprenticeship in the use of the keyboard, which was invaluable to those entering the computer” (LYONS, 2010, p.198).³⁶

Ainda há várias vantagens do teclado com relação à máquina de escrever como, por exemplo, a possibilidade de poder apagar o que se escreveu sem borrar o texto, sem deixar marcas do que antes foi escrito. Um palimpsesto³⁷ aprimorado, tecnológico e muito mais eficiente, ou não. Na antiguidade, o palimpsesto permitia que, por vezes a olho nu, outras vezes a partir de algumas técnicas, se descobrisse o que havia sido escrito no pergaminho antes de ser preparado para a reutilização, o que fora escrito poderia ser recuperado, independente da vontade e das intenções daqueles que produziram o palimpsesto. Com a borracha e o lápis e, depois, a caneta e o corretivo, invenções modernas para a reutilização dos suportes de escrita, a possibilidade de visualização do que havia sido escrito

³⁵ Meio século antes [de 1884, referência feita anteriormente pelo autor], a máquina de escrever foi introduzida. Isso iniciou um processo de mecanização o qual introduziu gradualmente a escrita à mão no domínio do pessoal, e criou uma distância maior entre o escritor e o texto.

(...)

A primeira Remington apareceu em 1872, com uma ação de pedal modelada nas máquinas de costura da companhia. Até 1878, a Remington apenas imprimia caracteres em caixa alta. Até 1900, o carrinho foi coberto e o escritor não poderia imediatamente ver o texto impresso. A máquina de escrever, entretanto, produziu mais rapidamente textos, mais legivelmente e em diversas cópias de carbono. Isto reduziu enormemente, por exemplo, o tempo gasto nas empresas de editoração pelos tipógrafos tentando escapar das dificuldades do autor com a escrita à mão. A máquina de escrever distanciou o escritor do texto e depersonalizou o ato da escrita. O texto datilografado era regular e uniforme, excluindo as características originais da escrita à mão. Produziu textos muito mais próximos da sua versão final impressa (tradução livre).

³⁶ A máquina de escrever é agora peça de museu; sua principal contribuição, retrospectivamente, foi proporcionar um aprendizado no uso do teclado, que foi inestimável para os que iniciam no computador (tradução livre).

³⁷ O palimpsesto era o reaproveitamento do caro couro animal utilizado nos pergaminhos para a prática da escrita. O couro era beneficiado, raspado com pedra-pome, a tinta da escrita era removida com uma solução alcalina e o couro era branqueado com gesso e cal. Após esse processo estava pronto para a reutilização (NUÑEZ, 2005, p.6).

antes de se apagar o texto ou de passar o corretivo é efetiva. As marcas da escrita na materialidade do papel calcadas pelo lápis ou caneta não se perdem de todo, mesmo após seu apagamento através de técnicas adequadas. Estas foram aperfeiçoando-se, mas não conseguiram eliminar de todo os vestígios sobre o papel, aquelas marcas de escrita de tudo que fora inserido no suporte de celulose.

O computador concebido como suporte de escrita, e o teclado como ferramenta para a inscrição da escrita, modifica essa relação da memória do papel, ou dos seus vestígios. Ao digitar uma palavra e perceber que houve erro de digitação, basta clicar uma tecla para, imediatamente, fazer desaparecer o erro e qualquer vestígio que pudesse haver do erro no texto que se está digitando. Pode-se fazer isso com um parágrafo, uma folha, um texto inteiro, sem deixar rastros das escritas apagadas. Mas elas existiram. Elas podem ser apagadas por completo sem que nunca mais apareçam quaisquer rastros de sua existência. Isso desde que não passe pelo meio de circulação eletrônico, ou seja, a internet. Se isso ocorrer, elas correm o risco de serem preservadas na memória digital de um ou mais computadores, em quaisquer partes do mundo, ou na memória de algum leitor que deparou-se com o texto em algum ponto de seu processo de navegação e, após um tempo, desejoso de recuperar as escritas lidas, realiza uma busca na internet citando o conteúdo do texto e os vestígios dele, recuperados por sua memória, como apresentado acima.

O suporte eletrônico do texto, juntamente com seu teclado, nesse processo de palimpsesto, pode ser pensado entre dois extremos: a possibilidade de apagamento total, irreversível, sem marcas nem vestígios de sua efêmera existência e, se por algum motivo for acessado através da internet, a possibilidade de existência permanente e desterritorializada, impossível de ser rastreada para ser aniquilada, pelo menos em sua existência física, embora virtual, porque pode continuar existindo nas memórias dos sujeitos leitores. Um artigo não acabado que, por um descuido, acaba sendo divulgado na internet não poderá ser recuperado para apagamento e correção no mesmo texto em que foi transmitido, sem que esse texto já tenha sido apropriado por leitores e inscrito em suas memórias ou gravado nas memórias de seus computadores. Pode-se escrever outro texto, um novo texto, e neste corrigir o erro de divulgação do anterior, mas não aniquilar o anterior. Se um texto foi escrito apenas no suporte computador, não gravado neste ou em nenhum dispositivo de memória, nem divulgado na internet, e se, por descuido, for deletado deste computador, o aniquilamento será total sem possibilidade de recuperação, muito embora vários recursos computacionais para a recuperação de documentos apagados, alguns vírus computacionais ou simplesmente o fato de

apagar um texto sem enviá-lo à lixeira e depois realizar processos que restabeleçam as posições físicas dos componentes eletrônicos tornam a reversibilidade do apagamento de documentos impossível. Aniquilamento total ou memória perene.

Por conta dessa preferência pelo suporte de escrita computador a maioria dos escritores preferem escrever sentados. Quando falamos de leitura temos opções de lugares preferidos para essa prática, desde a leitura em posição de repouso sobre a cama, no chão do quarto, no sofá, até ler no banheiro, no ônibus em direção ao trabalho, à escola, à faculdade ou qualquer outro lugar, nos intervalos do trabalho, da escola, no pátio de casa, na praia, em viagens e assim por diante. O suporte códex permite essa mobilidade do leitor frente ao texto. Para mobilizar a escrita, as opções não são escassas, embora haja limitações.

Se pensarmos na pena e no rolo, não há alternativa de escrita a não ser sentado numa mesa estando à mão o tinteiro e o mata-borrão, além do rolo tendo que ser segurado por, pelo menos, um suporte de um lado enquanto a mão traça as letras. Com o códex há a possibilidade de escrever com o livro deitado no colo do escritor, em uma das pernas, embora o tinteiro deva estar próximo; se utiliza-se a caneta ou o lápis, pode-se, ainda, escrever deitado, com o livro, o caderno, o bloco apoiado no chão ou na cama. Com o computador pessoal de mesa, os primeiros a se popularizarem, a opção óbvia de escrita, com poucas alternativas, era (e persiste) a de sentar-se numa cadeira e escrever através da digitação no teclado, tendo o monitor à frente ou, quando muito, posicionado diagonalmente ao escritor. Pode-se colocar o teclado em cima dos joelhos, caso pareça mais confortável a quem escreve; também é possível deitar-se de frente para o monitor e escrever no teclado, no entanto, não são posições confortáveis para uma escrita delongada, talvez apenas para responder o correio eletrônico.

Os computadores pessoais móveis ou notebooks, em seus diferentes tamanhos, ampliam as possibilidades de manuseio. É possível apoiá-los no colo enquanto se está sentado na cama, no chão de um parque, numa escadaria no intervalo das aulas, num ônibus ou avião. E quando pensamos nos *tablets*, ultrafinos e portáteis, é possível escrever nesse suporte até mesmo deitado na cama, ou de pé em um metrô, embora tenhamos que segurar o suporte com uma das mãos para podermos escrever com a outra, o que não facilita para todos a prática de escrita nesse suporte, embora os jovens sejam muito hábeis na adaptação desse manuseio em diferentes locais.

A maioria dos escritores entrevistados possuem computadores pessoais portáteis. Em geral, relataram que escrevem sentados, mas não apenas numa mesa com cadeiras confortáveis:

Escrevo sempre no meu netbook, geralmente sentada na cama com ele sobre um apoio (mesa de netbook). Às vezes também escrevo sentada em algum lugar agradável, como uma biblioteca ou uma praça onde haja uma mesa para que eu possa colocar o netbook em cima. (Jaqueline, entrevista recebida em 14/11/2011)

Sentado. Não tenho preferências sob onde escrever, claro que se estou na frente do computador, utilizarei o teclado. Tudo depende da ocasião. (Carlos, entrevista recebida em 23/10/2011)

Escrever sentado com o computador apoiado em uma mesa seja na biblioteca ou na praça. Um lugar agradável para a escrita. Sobre a cama pressupõe o quarto, onde essa prática é mobilizada com mais frequência³⁸. Aliás, o quarto é o local preferido para as escritas. E aí, além da escolha por escrever sentado, também é possível escrever deitado na cama:

Ou sentada ou deitada na cama com o notebook no colo. (Aline, entrevista recebida em 23/10/2011)

Sempre no meu quarto, ele é meu ponto central de inspiração. Variando do meu humor, pode ser sentada ou então eu me jogo na cama e escrevo com o notebook no meu colo. (Mônica, entrevista recebida em 24/10/2011)

No quarto, sentado. Essa é a preferência para a prática da escrita. Mas há variações, como a posição, se deitado na cama ou em qualquer lugar em que esteja quando surge a inspiração:

³⁸ “En los últimos años la habitación de los adolescentes ha vuelto al primer plano de la cultura juvenil, experimentado una gran metamorfosis. Como consecuencia de la emergencia de la cultura digital que hemos analizado, se ha hecho posible la comunicación interpersonal desde el propio espacio privado: del teléfono familiar controlado por los padres y situado en el comedor o en el pasillo se ha pasado al teléfono celular personalizado que se puede usar desde la habitación; de la comunicación escrita por carta se ha pasado a la comunicación digital SMS, e-mail o chat. Gracias a Internet, los adolescentes han aprendido a acceder a comunidades virtuales que están mucho más allá de su habitación. Y gracias a los videojuegos (consola, Gameboy, Play Station), pueden practicar desde su casa lo que antes tenían que hacer en las públicas salas de juego. Se amortigua el conflicto generacional, pero aparecen nuevas brechas (cada vez más sutiles) que separan a padres e hijos. Unos y otros comparten cada vez durante más tiempo el mismo espacio (si tenemos en cuenta el retraso en la emancipación familiar, están condenados a vivir más tiempo con sus padres que con sus futuras familias). Ya no están obsesionados en marchar del espacio compartido (entre otras cosas, porque no se lo pueden permitir) y buscan espacios propios que puedan compensarles: la cultura de la noche, los viajes y la habitación propia” (FEIXA, 2005:14-15)

De todos os jeitos. Não escolho lugar e hora para escrever. Se tiver com alguma ideia boa eu paro e tento escrever em algum lugar. (Amanda, entrevista recebida em 1º/11/2011)

O surgimento da inspiração é relatado como fundamental para grande parte dos escritores deste estudo. Ter uma boa ideia faz com que parem o que estão fazendo naquele momento para, pelo menos, anotar tópicos da ideia que surgiu, garantindo que, quando tiverem tempo, a desenvolvam como texto ficcional. Diferentemente da leitura, a inspiração ou a ideia são fugidias, não permanecem com o sujeito até que ele resolva colocá-las no papel, mas podem perturbá-lo em suas atividades cotidianas até que resolvam mobilizá-la de algum modo.

Há *fanfictions*, essas de 15 minutos que eu citei, em que muitas vezes eu fiz em uma pausa de estudo porque uma ideia estava me perturbando e atrapalhando meu trabalho. (Sofia, entrevista recebida em 24/10/2011)

O que sucede como antecedente da escrita? Relatam que a idéia paira, surge inesperadamente, numa situação cotidiana ou inesperada do cotidiano, quando um sentimento invade a mente do escritor e o faz tecer relações com a história original de que é fã, quando uma situação por ele vivenciada o incita a criar o mesmo dilema para um personagem em especial da ficção cuja comunidade interpretativa participa. As ideias escapam, devem ser lançadas em um texto. Por vezes, após estarem inscritas no papel, estão mais seguras, quase como aprisionadas, mas podem escapar novamente no momento em que, sob a forma de textos, afastam-se das ideias iniciais. Outras idéias emergem e podem metamorfosear-se. O que se lê numa *fanfic* não é exatamente aquilo que se pensou ou anotou em algum suporte antes da escrita como texto, mas algo totalmente novo em relação aos apontamentos inspiradores, anotados e guardados para posterior desenvolvimento. Assim como as apropriações das leituras são fugidias, incontroláveis, as ideias, a inspiração também são. O que sai da folha de papel ou do monitor de um computador para povoar a mente dos leitores ganha liberdade e terá sentidos diferentes para cada leitor.

Prática do lazer, atividade das horas livres, as *fanfics* não são apenas isso, podem ser um exercício de escrita para aqueles que pretendem fazer das letras uma profissão ou pode ter sido a inspiração para trabalhar com palavras.

Pretendo fazer Jornalismo. (...) Quando eu comecei a escrever, eu escrevia mal. Quando releio minhas antigas histórias, eu percebo isso. Depois de tanto tempo, elas melhoraram bastante. Para uma pessoa que pretende se tornar escritora é um bom começo. Assim como grandes escritores renomados muitas vezes tiveram suas primeiras obras criticadas, eu acho que escrever *fanfics* serve de aquecimento para algo maior: escrever algo inteiramente seu. (Julia, entrevista recebida em 26/10/2011)

Julia não é a única fã (e leitora/escritora) de *fanfics* que quer se tornar uma escritora, como já indicado por outras falas reproduzidas acima. A influência das leituras e, de certa forma, das escritas na vida cotidiana é identificada pelos próprios jovens escritores na escolha de suas futuras profissões ou nos cursos de graduação que frequentam.

Sim, o que me motivou a decidir pela profissão de historiadora foi justamente o meu gosto por leituras relacionadas à historiografia. (...) Eu acho que o *fanfiction* é um grande formador de escritores. Ele possibilita que a escrita seja praticada, aperfeiçoada e colocada à prova de críticas e opiniões. Particularmente, ele também foi o que me ajudou a adquirir fluência na língua inglesa, porque já há alguns anos eu leio *fics* estrangeiras. Não teria nenhuma crítica a respeito disso, essa prática só me trouxe benefícios. Existem as pessoas que julgam a escrita e leitura de *fanfics* como algo leviano e pueril, porém não é disso que se trata; na verdade o hábito do *fanfiction* é basicamente um passatempo, já que nenhum escritor de *fics* tem algum tipo de remuneração; tudo é feito unicamente por amor a alguma obra. (Jaqueline, entrevista recebida em 14/11/2011)

Formação de jovens escritores, espaço de aperfeiçoamento e colocação das escritas à prova de críticas. Embora essas funções formadoras sejam reconhecidas, Jaqueline considera as *fanfictions* como um passatempo, pois nenhum escritor recebe qualquer remuneração nessa prática, ela é mobilizada por amor às obras apreciadas. Os jovens escritores de *fanfics*, quando as utilizam para treinar suas escritas, avaliar seu público leitor, ou como forma de publicação inicial de suas escritas e de avaliação pessoal visando a carreira de “futuros” escritores e almejando escrever obras originais, não consideram suas práticas como trabalho, nem mesmo voluntário. Dar a ler textos que serão apreciados por outros leitores fãs de obras literárias é sistematicamente apresentado como um passatempo. Embora mobilizem muitas horas de seus tempos livres nessa prática, e sejam cobrados por seus leitores para que continuem escrevendo capítulos de uma história iniciada que foi postada, mas que é *multi chapter* (multi capítulos), suas escritas continuam sendo consideradas atividades de tempo livre. E o são, efetivamente, mas uma prática de tempo livre capaz de propiciar fluência numa língua estrangeira pelas leituras de *fanfictions* nessa língua, leituras prazerosas, não impostas como exercício, mas realizadas por prazer nos tempos livres. Essa experiência reconhecidamente aperfeiçoa a escrita dos jovens, como declara Julia, acima. Para

ela, quando começou a escrever, escrevia mal, e percebe isso relendo suas primeiras escritas, mas com o tempo melhorou bastante. Sabrina, por sua vez, declara acreditar que:

(...) as *fanfics* estimulam as pessoas a exercitarem sua interpretação e sua criatividade ao construir uma determinada situação, contribuindo, ainda, para melhorar a técnica da escrita e disseminando a leitura e a construção de pessoas mais cientes da importância que ler e escrever têm na vida de um indivíduo. (Sabrina, entrevista recebida em 24/10/2011)

A prática da escrita das *fanfics* contribui para o aperfeiçoamento da escrita daqueles que a ela se dedicam. Muitos declaram que buscam dicionários para comporem suas histórias, procuram sinônimos para as palavras, a fim de não se tornarem repetitivos nas suas narrações. A continuidade das escritas permite que os escritores aperfeiçoem-se cada vez mais, e as mensagens postadas nas *fanfics* pelos leitores também cumprem esse papel de incentivo e revisão. Bruno diz que não posta nenhum texto sem ter revisado várias vezes, pois não admite erros em suas escritas, embora se sinta confortável quando os leitores acusam erros encontrados em seus textos.

Alguns jovens possuem leitores “beta” de suas *fanfics*. São os *beta readers*, escritores de *fanfics* que se dispõem a ler e corrigir as escritas de outros escritores. Conforme o site FanFiction.net: “A beta reader (or *beta reader*, or beta) is a person who reads a work of fiction with a critical eye, with the aim of improving grammar, spelling, characterization, and general style of a story prior to its release to the general public”³⁹. Estes corretores dessas escritas inscrevem-se no site na categoria específica dos *beta readers*, de acordo com suas preferências de leitura e escrita, ou seja, eles podem corrigir apenas *fanfics* de Harry Potter, ou Percy Jackson, ou 39 Clues, mas também podem corrigir escritas de mais de um gênero ou de todos, ou de livros, quaisquer deles, ou apenas séries, mangás e etc. conforme suas escolhas.

Para escolher esses leitores experimentais, é necessário, para todos já cadastrados no site, escolher um deles acessando o link que remete aos *beta readers* no menu de opções que aparece na parte de cima, horizontalmente, no site FanFiction.net, por exemplo. Os escritores terão acesso às categorias a escolher, tais como: *Todos Anime/Manga*, *Todos livros*, *todos desenhos*, *Todas histórias em quadrinhos*, *Todos jogos*, *Todos filmes*, e assim por diante.

³⁹ Um leitor beta (ou beta leitor, ou beta) é uma pessoa que lê o trabalho de ficção com um olhar crítico, com o objetivo de melhorar a gramática, ortografia, caracterização, e estilo geral da história antes de sua liberação para o público geral (tradução livre).

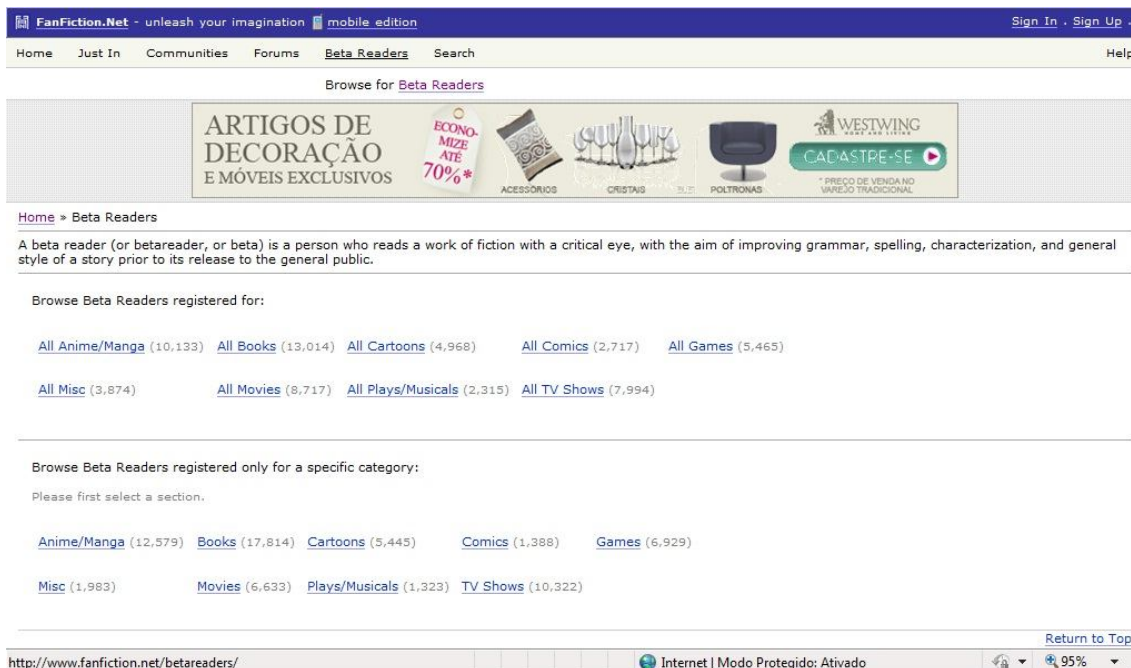


Figura 15 - Página de escolha de beta readers no site FanFiction.net.

Abaixo dessa descrição, há a alternativa de escolha dos leitores betas registrados para categorias específicas, as mesmas listadas acima, entre outras, com a diferença que cada beta registrou-se para apenas um livro ou série de livros, um mangá, uma história em quadrinhos e etc. Se o escritor quiser escolher um beta leitor que esteja cadastrado em *Todos livros*, acessará uma lista de, até o momento, mais de doze mil sujeitos cadastrados em todo o mundo:

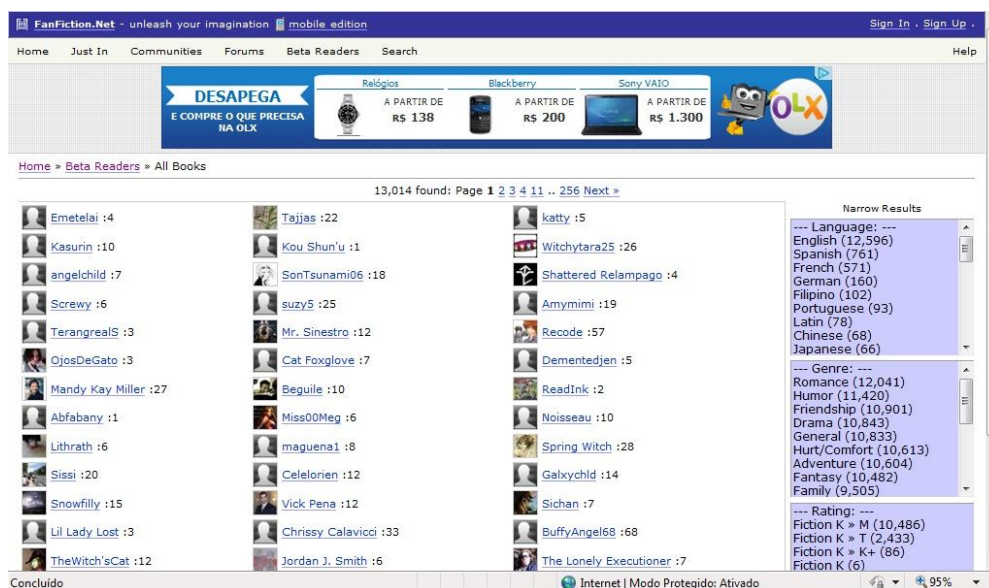


Figura 16 - Escolha de beta readers dentro de uma categoria. Site FanFiction.net.

A direita é possível filtrar a busca primeiramente por *língua* do beta leitor (até agora há 36 línguas listadas, dentre essas há o híndi, o japonês, o latim, dentre outras). Ao lado das opções do filtro há um número que indica quantos betas existem daquela língua. Para a língua portuguesa, por exemplo, até o início desse ano de 2012 havia 93 (noventa e três) sujeitos cadastrados na categoria *Todos Livros*.

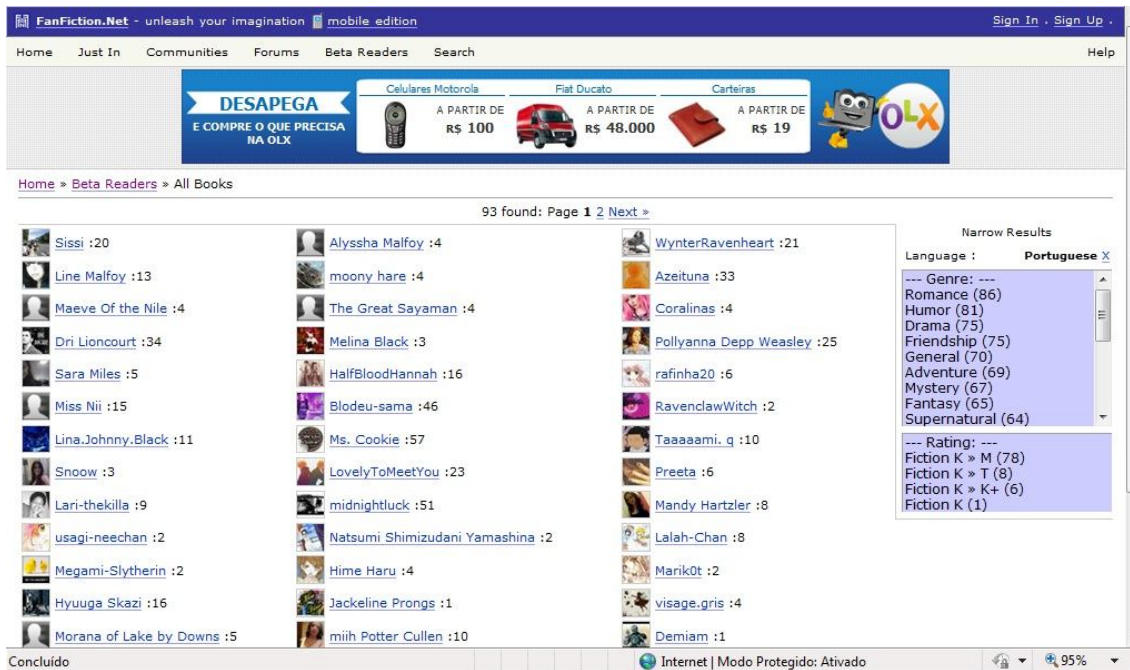


Figura 17 - Escolha de beta readers por gênero da história após escolhida língua no site FanFiction.net.

A língua que conta com o maior número de *beta readers*, 12.341 (doze mil trezentos e quarenta e um) é a inglesa seguida da língua espanhola, francesa, alemã, filipina e, então, portuguesa. A lista de filtragem está organizada em ordem decrescente de total de membros cadastrados, assim, a última língua da lista, contando com um leitor beta, é o albanês empatado com o esperanto. Filtrando a busca pela língua portuguesa temos acesso aos 93 betas de língua portuguesa, frisando que não são apenas brasileiros, o que não impede a um escritor brasileiro de *fanfics*, que procure um beta, escolher um de Portugal ou Angola para corrigir suas escritas. Há, ainda, outro filtro que é o *gênero* como romance, humor, drama, aventura, fantasia, tragédia, crime entre outros, num total de 21 gêneros a escolher. Geralmente, o escritor de *fanfics* procura o que mais se aproxima de suas escritas, pois as

histórias podem muito bem misturar drama com romance, ou fantasia com *angst* que, segundo Sofia, é um:

(...) termo do alemão usado para designar em *fanfictions* aqueles textos extremamente sombrios e tristes, geralmente envolvendo morte de personagem. (Sofia, entrevista recebida em 24/10/2011)

Um terceiro filtro de análise permite que o escritor escolha seu beta por classificação etária das histórias a serem betadas⁴⁰. Todas as histórias postadas trazem a marca da classificação etária numa barra horizontal, localizada acima da *fanfic* propriamente dita:

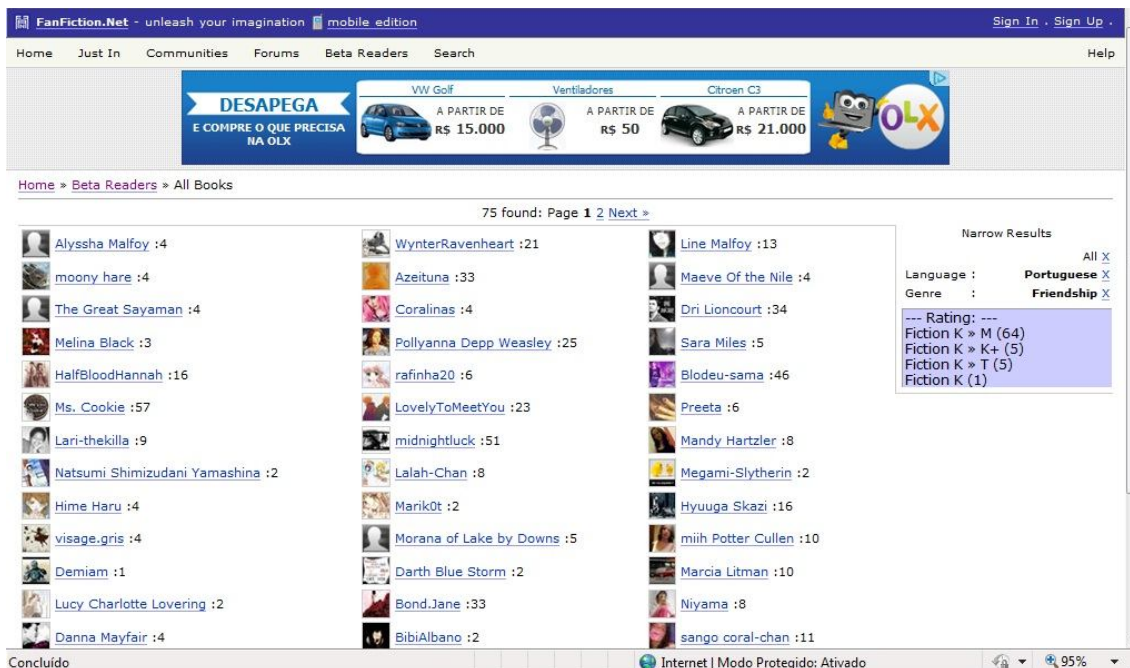


Figura 18 - Escolha de beta readers. Classificação etária. Site FanFiction.net.

Para o caso que exemplificamos, em que filtramos os leitores beta de todos os livros em língua portuguesa, sem filtrar o gênero da ficção a ser betada⁴¹, observamos que para a classificação etária a maioria dos sujeitos cadastrados no site especificado atende à classificação K >> M, ou seja, estão disponíveis para *betar fanfics* de quase todas as classificações etárias. Nesse rol, para o caso, havia, no período de acompanhando do estudo, 78 (setenta e oito) *beta readers*. Para a classificação de K até T havia oito leitores beta, para K

⁴⁰ Classificação a partir dos orientações do site <http://www.fictionratings.com>: K (livre para todos os público), K+ (apropriado para maiores de 9 anos de idade), T (apropriado para maiores de 13 anos), M (apropriado para maiores de 16 anos), MA (apropriado para maiores de 18 anos).

⁴¹ Que será corrigida pelo *beta reader*.

até K+, seis e apenas K, somente um beta leitor. Entrando no perfil de *beta reader* e no perfil de escritor desse único encontramos uma jovem de quatorze anos de idade, conforme indícios de sua apresentação, que iniciou a fazer correções de *fanfics* em 2010 e possui “bastante” tempo de escritas na internet, conforme suas próprias palavras escritas. Niyama, além de postar *fanfics* para o site FanFiction.net, possui um blog em que posta informações sobre animês, mangás, além de links para que os leitores descarreguem alguns animês por ela apreciados os quais compartilha a preferência com uma comunidade de interpretação específica.

Esse percurso de escolha de um leitor beta pode ser feito de forma muito rápida e prática, principalmente quando os escritores de *fanfics* estão acostumados à nomenclatura das classificações e usam como destreza a língua inglesa, pois todo o site está escrito nesse idioma. Assim, o filtro do gênero e a especificação da classificação etária encontram-se em língua inglesa. Quando, acima, Jaqueline declara que os *fanfics* ajudaram-na a adquirir fluência no inglês, pois há alguns anos ela lê as ficções de fãs nesse idioma, ela não é a única escritora a conquistar esse aperfeiçoamento. Embora muitos jovens escritores brasileiros não escrevam *fanfics* em inglês (e muitos escrevem) ou não leiam nessa língua, o fato de lidar cotidianamente com ela para acessar suas práticas de escrita e leitura prediletas faz com que, no mínimo, familiarizarem com essa língua estrangeira. Há, também, contatos entre escritores de *fanfics* brasileiros e leitores de língua espanhola:

Ok.

Eu sou capaz de ler portugues, mais eu não posso fazer um *review* em portugues. Por isso, eu escrevere em Espanhol e Inglês, espero que você me entende!

Bueno, voy a tratar de hacer mi español lo más neutral posible. Escribí lo de arriba con google traductor y mis básicos conocimientos, espero hayas entendido la idea.

Por qué tantas ganas en dejar un *review*? Porque definitivamente, lo mereces! O sea, Servant of Evil, es increíble. Eso adaptado a hetalia, mejor aun. Con Alfred y Matthew! Con eso sólo ya era feliz. Y ensima, en portugués! Dios mio, es una mezcla muy explosiva que jamás creí encontrar. El portugués, para mi, siempre me dio esta sensación de alegría innata. Es un idioma hermoso. Por eso me gusta tanto la idea! Quiero que lo sigas, a toda costa lo quiero! Prometo dejarte un *review* en cada capitulo! En otro idioma, pero *review* en fin.

Bueno, como sea era para que sepas que tienes todo mi apoyo! Ahora voy a dejar de hablar que me toca traducir al ingles, quizás entiendas más así :) (review de Kira92 a *fanfic Sernat of evil* de autoria de NinaHeartBroken em 04/11/2011⁴²)

Kira92 realiza a tradução desse seu comentário na língua inglesa. Mas a autora da *fanfic* que Kira92 gostou compreende o espanhol e, posteriormente, ela escreverá apenas na língua espanhola. Kira92 é uma jovem argentina de dezoito anos de idade, conforme seu

⁴² Disponível em <http://www.fanfiction.net/r/7508748/2/1/>, acesso em 15 de dez. 2011.

perfil, de nome Sofia. Relaciona apenas dois autores entre seus favoritos na aba específica de seu perfil, dentre eles está NinaHeartBroken, a escritora da *fanfic* *Servant of evil*, merecedora dos comentários de Kira92, que, por sinal, efetivamente comenta vários capítulos postados. O último registrado data de 1º de dezembro de 2011. E entre suas histórias ficcionais favoritas estão *Servant of evil*.

A desterritorialização proporcionada pela internet é um fato passível de análise. O caráter globalizado que o animê *Hetalia*⁴³, bem como a música *Servant of evil*, apreciada pelos fãs da cultura dos quadrinhos e desenhos animados japoneses, assume nesse comentário de Kira92 trata um pouco desse processo. Um produto da cultura oriental apreciado por fãs brasileiros, argentinos e das demais partes do mundo, capaz de conectar todos eles, de transformá-los em uma comunidade de interpretação ou uma comunidade digital, sem a necessidade de pertencerem a um mesmo espaço geográfico ou viverem próximos geograficamente, como sintetiza Pierre Lévy:

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (1999, p.127)

O contato entre escritores/leitores fãs de uma obra cria uma rede de relações entre os sujeitos envolvidos nesse processo. Eles formam grupos de amigos, ou melhor dizendo, grupos de interesses em que alguns de seus membros podem vir a se tornarem amigos. Constroem redes de sociabilidades inscritas no âmbito dos *fandons*. Nesses processos, considerando que grande parte dos envolvidos nessas práticas são jovens, podemos perceber a desterritorialização das sociabilidades juvenis, ou seja, as fronteiras do espaço físico, normalmente fundamentais para o processo de formação do grupo de amigos e de socialização nas práticas culturais experienciadas pelos indivíduos de um determinado grupo, não podem ser transplantadas para o espaço virtual, pois este novo espaço dilui as fronteiras físicas. Por este motivo, é possível que jovens de vários lugares do Brasil conheçam outros jovens de várias partes do mundo e se reúnam numa comunidade virtual tendo em vista interesses comuns, como bandas de músicas, filmes, jogos variados, predileções literárias, preferências

⁴³ *Hetalia: Axis Powers* é um mangá, adaptado para animê, que apresenta uma versão cômica de eventos da Segunda Guerra Mundial. Os países envolvidos ganham representações de personagens antropomórficos. O título alude a uma Itália incompetente (hetare, em japonês, incompetente), satirizando as atitudes aparentemente covardes desse país durante a Segunda Guerra.

religiosas, lutas políticas, ideológicas, ambientalistas e outros tantos assuntos que os congregam.

Sobre o espaço no meio virtual, colaborando com as reflexões acima, Massimo Canevacci escreve que “no e-space posso entrar em contato com qualquer um sem conhecê-lo e ir a qualquer lugar sem ir. O qualquer-lugar, a ubiqüidade se insere no e-space. As fronteiras furam” (2005, p.167). Ainda conforme esse autor:

O e-space é o espaço eletrônico. Alguma coisa que não é mais determinável em termos negativos (não-lugar) ou materiais (a cidade como pólis) (...). O e-space não é nem um a priori nem um a posteriori. É um presente dilatado e móvel. Um presente líquido. (CANEVACCI, 2005, p.166-167)

O espaço virtual permite, pois, que não pensemos mais as fronteiras como quando elas determinavam as relações, as interconexões, os passeios. Estes, tanto quanto as relações, na atualidade podem ocorrer no e-space, num presente móvel, fluido, num lugar que é não material, mas é um espaço, sem fronteiras.

Retomando as questões da fruição da escrita, uma prática de lazer que é trabalho, que necessita de maturação, aperfeiçoamento, disciplina nos tempos livres. Mais que isso, é também paixão:

eu queria dizer que escrever, pra muitos aqui, não é apenas um hobbie é uma paixão, algo aonde você sente que pode, sente que está marcando, pelo menos um pouco, o mundo. (Luana, entrevista recebida em 26/10/2011)

Para além de um *hobby*, a escrita de *fanfics* é um modo de marcar o mundo, de registrar sua marca, sua história, suas preferências. Publicar as escritas ficcionais, ser lido por muitos ou poucos sujeitos pertencentes à mesma comunidade interpretativa virtual, produzir risos, choros, gargalhadas, e saber disso pelos comentários que os leitores fãs publicam junto às *fanfics* é uma forma de se inscrever no mundo, na vida de alguns sujeitos, de sentir-se presente, existente.

Uma paixão é mais que simples lazer. No caso das *fanfics*, envolve lê-las e escrevê-las. Estar em contato constante com esse mundo das escritas e leituras de fãs, assim como com o mundo da obra original. Muitas vezes subsumida nesse universo, torna-se mais uma escrita que, às vezes, pode ser pouco acessada, embora represente um elemento mobilizador da vinculação de diferentes jovens numa mesma comunidade interpretativa.

É também uma paixão pelas letras, por passar muitas horas lendo e escrevendo textos que podem não ser lidos por outros, mas que implica devoção. Quando questionados quanto tempo despendiam nas práticas de escrita e leitura de *fanfics*, os entrevistados responderam:

Acho que GRANDE parte do meu tempo livre... Eu fico lendo quase todo o tempo e escreve sempre que sinto inspiração... (Lauro, entrevista recebida em 29/10/2011)

40% do meu tempo. (Janaína, entrevista recebida em 12/11/2011)

Provavelmente umas 4 horas por dia ou mais. (Luana, entrevista recebida em 26/10/2011)

Os tempos variam: grande parte do tempo livre, alguma porcentagem de tempo, horas contabilizadas por dia. Mesmo assim, apontam que é uma prática cotidiana, quase diária, que os faz ter uma disciplina de produção, de busca de atualizações em seus *fandons* e não somente em alguns sites específicos. Nessa busca, os fãs escritores/leitores têm a oportunidade de acessar diferentes universos culturais que acabam sendo disseminados entre eles pelas redes em que participam. Esses produtos acessados não integram, em geral, a mídia de massas, como a grande imprensa, o rádio, o cinema e a televisão (LÉVY, 1999, p.116-117).

O universo abrangido pela produção cultural dos *fanfics* não é conhecido pela maioria daqueles que acessam somente as mídias de massa. Estes, muitas vezes, avaliam os gostos dos fãs e suas escritas como sendo excêntricos, ou no mínimo, diferentes. E o fato de pertencerem a uma comunidade interpretativa virtual permite que eles conversem, troquem informações, expressem seus gostos, incluindo em suas falas expressões pouco comuns para os apreciadores exclusivos dessas mídias de massa, como palavras na língua japonesa, incluindo nomes de personagens, animês, mangás, bandas musicais ou palavras e expressões em outros idiomas, como o inglês, mas que pertencem a universos simbólicos próprios de obras literárias específicas, o que também torna o diálogo encetado entre os escritores/leitores fãs inacessível para públicos mais amplos.

Seja no quarto, sentado numa cadeira confortável em frente a uma mesa funcional ou sentado na cama de forma lânguida e preguiçosa, seja numa biblioteca, num parque sentado no gramado, na sala de casa ou nos intervalos da escola, do trabalho, da faculdade, os hábitos dos escritores de ficções de fãs são ainda mobilizados conforme as práticas de escrita

que conhecemos. Escrever sentado no chão é uma prática menos comum que sentado numa cadeira frente a uma mesa, pois desenvolvemos uma habilidade, que nos foi transmitida culturalmente, de escrita rápida envolvendo uma postura específica, que foi a que melhor adaptou-se aos nossos padrões físicos de mobilidade das mãos para a ação de escrever. Mas isso pressupõe um rolo e uma pena, uma caneta ou lápis e papel e, na atualidade, um teclado e uma tela.

Nossos hábitos de escrita não são invariáveis. Ao longo da história, muito se modificaram e continuam se transformando, agora num ritmo acelerado. Na história não é possível profetizar, o objetivo de uma análise que busca a longa duração é perceber as mudanças no contexto de um processo mais amplo de transformações, originadas umas das outras. Mas há algumas transformações que só podem ser avaliadas a partir do surgimento de novas tecnologias. Quais serão as novas tecnologias que serão produzidas em poucos anos? Que práticas de escrita e, igualmente, de leitura elas propiciarão?

Uma das dificuldades para pensar esse fenômeno é que o modo como imaginamos o futuro continua sempre dependendo daquilo que conhecemos; o que faz que, para nós, a cultura do texto eletrônico seja forçosamente um mundo de telas. É o computador tal como o conhecemos, são os postos de consulta dos textos eletrônicos nas bibliotecas ou em um certo número de lugares públicos. A forma desses objetos, os limites que eles impõem parecem distanciados dos hábitos mais íntimos, mais livres, da relação mantida com a cultura escrita. Afirmar-se freqüentemente que não dá pra imaginar muito bem como se pode ler na cama com um computador, como a leitura de certos textos que envolvem a afetividade do leitor pode ser possível através dessa mediação fria. Mas sabemos o que virão a ser os suportes materiais da comunicação dos textos eletrônicos? (CHARTIER, 1999a, p.139-142)

2.4 OS SUPORTES DOS TEXTOS

Machado de Assis, num texto intitulado *O Jornal e o Livro*, publicado originalmente no Correio Mercantil da cidade do Rio de Janeiro em 10 e 12 de janeiro de 1859, escreve sobre os progressos da humanidade a partir das evoluções atingidas por ela ao longo dos séculos por meio da busca dos melhores meios de propagação e perpetuação das ideias. Ele inicia com a arquitetura, considerando-a uma pedra levantada de forma conveniente, como o símbolo da representação de um pensamento. Ela tem seu desenvolvimento passando pelo Egito, Grécia e Roma e culmina com as catedrais da Idade

Média. Após isso, era necessário um gigante, nas palavras do próprio Machado de Assis, para fazer morrer outro gigante e veio a imprensa, o livro⁴⁴:

O que era a imprensa? Era o fogo do céu que um novo Prometeu roubara, e que vinha animar a estátua de longos anos. Era a faísca elétrica da inteligência que vinha unir a raça aniquilada à geração vivente por um meio melhor, indestrutível, móbil, mais eloqüente, mais vivo, mais próprio a penetrar arraiais de imortalidade. O que era o livro? Era a fórmula da nova idéia, do novo sistema. O edifício, manifestando uma idéia, não passava de uma coisa local, estreita. O vivo procurava-o para ler a idéia do morto; o livro, pelo contrário, vem trazer à raça existente o pensamento da raça aniquilada. O progresso aqui é evidente. (ASSIS, 1994, versão eletrônica)

E Machado de Assis completa seu argumento questionando se o livro era passível de preencher as condições do pensamento humano. E responde que sim, mas que faltava alguma coisa, pois o livro ainda não estava apto a tornar-se universal, não era “a mesa popular para a distribuição do pão eucarístico da publicidade” (Ibidem). O jornal viria preencher essa lacuna. Representou a evolução dos meios de propagação do pensamento, uma verdadeira revolução literária, social e econômica, pela capacidade de transmitir as ideias em sua efervescência e admitir debates. Todos os dias é possível levar ao jornal o que se discute nas ruas sobre os assuntos palpitantes do momento, pois ele é acessível, para leitura e para a escrita, por um maior número de pessoas. Machado de Assis acrescentava: é democrático, permitindo a todos manifestarem sua opinião em suas páginas, diferindo do livro que é moroso em sua circulação e não incita ao diálogo, também porque o jornal traz as discussões, as novidades e as mudanças ocorridas no mercado fazendo que as discussões econômicas sejam acessíveis por todos, movimentando a própria economia.

Na época do apogeu da imprensa, Machado vê nesse meio de propagação e perpetuação das ideias uma verdadeira revolução para a sociedade e uma evolução dos meios. O que diria ele do computador e da internet? Não há como saber. Mas pelas palavras do autor, seguindo as trilhas de seu pensamento, podemos perceber sua percepção da evolução dos suportes do texto, ou melhor, da impressão dos pensamentos ao longo dos tempos. Uma catedral não é passível de leitura, não contém um texto, mas representa as ideias daqueles que a construíram a seu tempo, possui a marca desse próprio tempo, diz às novas gerações algo do que quiseram simbolizar e as ideias que foram aniquiladas, embora as novas gerações possam perceber esses símbolos de acordo com as categorias próprias de seu tempo e diferentes

⁴⁴ Fica claro que Machado de Assis refere-se não ao livro manuscrito, mas à revolução provocada pela expansão do acesso aos livros pela imprensa.

gerações futuras farão leituras diversas sobre as mesmas representações simbólicas que, também, já não serão as mesmas pela própria ação do tempo que as deforma e reforma a paisagem ao redor.

Os livros e os jornais são passíveis de leitura. São objetos dados a ler, contém um texto, o suportam e, portanto, eles são a representação, para além do símbolo, das gerações precedentes; eles dão voz a essas gerações. Mas não deixam de ser transmitidos conforme os tempos, os lugares e os sujeitos que os leem. A leitura de um jornal lido no dia em que saiu impresso não é a mesma leitura desse mesmo jornal lido no dia posterior, por outro sujeito leitor. A leitura de um livro de Vitor Hugo lido no século XIX na França não será a mesma realizada, do mesmo livro, do mesmo autor, lido no século XXI por um leitor/escritor de *fanfic*. Mudam os sujeitos, os tempos e os lugares, mudam os suportes do texto e os sentidos atribuídos ao texto, embora supostamente este se mantenha o mesmo. Será? O fato de poder ser lido em diferentes momentos da história, de suas páginas conterem um dos mais fidedignos sistemas simbólicos de representação do pensamento que nossa humanidade criou até o momento, que são as palavras que compõem frases, parágrafos e ideias, faz com que os livros e os jornais sejam considerados uma grande evolução dos meios de propagação e perpetuação das ideias. O jornal, depois o livro, para Machado de Assis, simboliza a evolução dos suportes.

Na visão do consagrado intelectual brasileiro, o suporte jornal avança pelo fato de ser democrático. Uma opinião de um indivíduo remetida a um periódico para publicação, e após publicada, pode ser rebatida ou apenas discutida por leitores que leram a opinião num dia e, imediatamente, decidiram que deveriam emitir, também, sua opinião. O livro, anterior ao jornal, não permite esse debate ocorrido no calor dos acontecimentos. Um autor escreve seu livro literário, filosófico, científico e somente receberá opiniões, sugestões, reclamações de leitores após um longo período, que inclui o encaminhamento do livro à editora, ao impressor, às livrarias, para então chegar até as mãos dos leitores que, após lê-lo todo, poderá ou não decidir por escrever uma carta ao autor que, provavelmente, será enviada à editora que avaliará e a remeterá ao autor. O jornal, por sua vez, embora a rapidez com que forneça as informações aos leitores e desses aos periodistas e articulistas, não é isento dessas mediações citadas acima para o caso dos livros.

E o computador? E as possibilidades oferecidas pela internet? Fazem parte desse processo evolutivo ou são sua degenerescência?

Machado questionou se o jornal mataria o livro ou o livro absorveria o jornal. Nem um, nem outro. A tiragem de livros, na atualidade, alcança números expressivos. Em 2009, o livro *O Símbolo Perdido*, do autor norte-americano Dan Brown, chegou ao Brasil com uma tiragem inicial de 800 mil cópias e o maior sucesso do autor, *O Código da Vinci*, vendeu, só no país, 1,6 milhões de exemplares até esta data (COZER, 2009). De outra parte, o jornal, incluindo as versões eletrônicas, continua possuindo uma função social bastante importante em nossa sociedade.

Retorno à pergunta: E o computador? Como mais novo suporte de texto, e a internet que está a ele associada na atualidade, estão modificando os suportes que os antecederam. Tais suportes não estão passando imunes à era tecnológica. As versões eletrônicas dos periódicos estão tomando o lugar de destaque na propagação desse veículo de informação que é o jornal. Os e-books, ou *eletronic books*, ou livros eletrônicos, estão conquistando leitores no nosso país e em inúmeros outros. O suporte destes livros e periódicos eletrônicos é o mesmo: o computador, o objeto que contém o texto não se diferencia em sua materialidade, é sempre o mesmo, ou melhor, há variados modelos – de mesa, portáteis, miniaturizados – diferentes modelos portadores das mesmas funções enquanto suportes de textos. Podemos comparar isso ao códex e seus diferentes formatos como in-8, in-12, in-fólio.

Por isso, a discussão atual entre os pesquisadores da área tem como mote o questionamento expresso na indagação: o computador acabará com o livro ou será uma moda passageira incapaz de substituir a função ocupada pelo objeto livro em nossa sociedade ocidental? Umberto Eco, já em 1996, num texto intitulado *Da internet a Gutemberg*, aposta que não, e traz à tona alguns exemplos que justificam sua resposta. O texto de Platão, na obra *Fedro*, por exemplo, quando o inventor da escrita apresenta sua invenção a um faraó que não se satisfaz com a ideia, pois ela não mais permitirá que as pessoas treinem a memória. Alguns séculos depois, na obra *O corcunda de Notre-Dame*, de Vitor Hugo, cuja história se passa pouco tempo depois da invenção da imprensa, o personagem do padre Claude Frollo, aponta para o livro e depois para a catedral e diz que aquele matará essa (ECO, 1996).

O medo de que as inovações que surgem acabem por destruir aquilo que foi conquistado, não é somente do nosso tempo. Dizia-se, popularmente, que a televisão substituiria o rádio e este persiste sendo um dos principais veículos de informação, juntamente com a televisão. Diz-se, hoje, que a internet substituirá a televisão, o rádio, os livros, os tocadores de DVDs e CDs, os jornais, até mesmo a sala de aula e os professores. A rapidez

com que essas mudanças foram implantadas na nossa sociedade não nos faz perceber, muitas vezes, que elas fazem parte dessa história de longa duração, que passa pelos desenhos, imagens, monumentos, e que chega à escrita, incrustada na pedra, na madeira, no papiro como rolo, no papel, faz surgir o livro, difunde a escrita e o livro pela impressão, assiste ao nascimento dos periódicos, panfletos, difunde-se ainda mais a partir da expansão marítima, chega a outros continentes, descobre suportes semelhantes na Ásia, acompanha o surgimento da máquina de escrever. Em seguida, depara-se com a criação do computador e sua posterior miniaturização, difusão, presença em todos os ambientes sociais, até se tornar pessoal, um para cada indivíduo, portátil, universal.

Retornando à questão da sobrevivência do livro e do jornal, podemos perceber que eles adaptam-se ao computador, mas os suportes impressos dos livros e dos periódicos que ainda conhecemos hoje, resistirão ao suporte computador e, também ao meio de propagação internet?

Desde o século II da era cristã, aproximadamente, vemos o rolo, ou *volumem*, utilizado para a escrita e lido no sentido horizontal ser substituído pelo códex, por folhas de papiros dobradas quantas vezes fosse necessário para ajustarem-se ao tamanho desejado (in-fólios, in-quartos, in-octavos), obtendo o formato de cadernos. Os livros, assim, possuíam o número de cadernos que seu volume necessitava.

O códex possibilitou a independência do leitor frente ao texto e do escritor perante a pena, pois com o rolo era necessário desenvolver as ideias com o auxílio de um escriba ou secretário para anotar as reflexões que suscitavam ao autor enquanto este lia outro rolo ou apenas pensava naquilo que seria ditado. Mas somente poderiam ser lidos um de cada vez e a escrita neste suporte podia ocorrer tão somente com o apoio de uma mesa, uma base firme. Não era possível retornar com facilidade a um ponto anterior do texto após fechado o rolo. Se lido em pé, o rolo deveria ser segurando com ambas as mãos, ou era lido sentado, com o corpo imobilizado para ler o texto no suporte horizontal sem muito manuseá-lo.

Modificaram-se todas essas práticas com o advento do códex. O leitor e o escritor ganharam independência perante o livro. Pode-se, no formato códex, segurar o livro com apenas uma das mãos, se o tamanho permitir. Com o sistema de paginação das folhas do livro pode-se marcar onde uma leitura foi interrompida. Também é possível escrever no verso ou nas margens das páginas, as marginais, aproveitar o espaço do códex para escrever mais, registrar idéias pessoais ou remissão a outros textos. Quando o escritor quer fazer referência a alguma parte específica de um texto de outro autor, pode fazê-lo fornecendo o nome da obra e

o número da página onde se encontra a referência. O leitor pode ter diante de si vários livros marcados com leituras inacabadas. Além disso, pode escrever de forma mais confortável, com uma das mãos apenas, sem ter que segurar o rolo com a outra mão enquanto escreve. Por todas essas transformações, fica claro que a passagem dos livros do formato *volumen* para o formato códex possibilitou uma das maiores revoluções nas práticas de leitura e escrita experimentadas até então.

Segundo Chartier, essa revolução na história do livro é apenas comparável à revolução do texto eletrônico na atualidade. Podemos dizer isto apenas em relação ao suporte. Embora nem todas as transformações do suporte possam ser consideradas positivas, ou ainda não possam ser, isso não anula o impacto de uma transformação de grande monta. O computador é uma máquina formada por uma tela e uma caixa onde estão colocados todos os componentes eletrônicos para seu funcionamento, além dos componentes periféricos, como teclado, mouse, caixas de som, câmeras digitais e microfones e etc. Também há as versões portáteis que apenas possuem uma pequena caixa, que abre e fecha, e que contém, de um lado, a tela e, de outro, os componentes eletrônicos abaixo de uma superfície onde fica o teclado e o mouse acoplados.

Nessa máquina, em seus diferentes formatos, podemos armazenar uma infinidade de livros eletrônicos, uma verdadeira biblioteca, ocupando apenas o espaço físico, material, do volume da máquina, ou seja, a gaveta de um móvel, no caso dos computadores portáteis, ou uma escrivaninha de um escritório, no caso dos computadores de mesa. Também podemos guardá-los em dispositivos de memória portáteis, como CDs, DVDs e *pendrives*. Mas não apenas livros apenas para ler. Podemos guardar nossos próprios textos escritos no mesmo suporte de leitura dos livros, textos e artigos de revistas e de jornais, histórias em quadrinhos, além de músicas e vídeos que produzimos ou copiamos para o suporte computador. O papel é um suporte de leitura e escrita. O computador agrega essas funções e mais as da imagem e do som. A potencialidade da união dessas funções num mesmo suporte nos dá a ideia de que vivemos uma revolução que aniquilará todos os outros suportes de texto, de som e imagens anteriores.

Avaliando a história de longa duração do livro, podemos arriscar dizer que essa profecia não está totalmente conforme com o que vimos até o momento. E considerando o que dizem os sujeitos que melhor mobilizam as práticas de leitura e escrita em ambiente eletrônico, podemos concluir que, como dizem Eco & Carrière:

Das duas, uma: ou o livro permanecerá o suporte da leitura, ou existirá alguma coisa similar ao que o livro nunca deixou de ser, mesmo antes da invenção da tipografia. As variações em torno do objeto livro não modificaram sua função, nem sua sintaxe, em mais de quinhentos anos. O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. (...) O livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro. Talvez ele evolua em seus componentes, talvez as páginas não sejam mais de papel. Mas ele permanecerá o que é. (CARRIÈRE & ECO, 2010, p.16-17)

Essa citação chancela as experiências de leitura vivenciadas por alguns sujeitos escritores de *fanfics*, e que pode surpreender os mais desavisados. Uma das entrevistadas afirmou peremptoriamente:

(...) eu só leio LIVROS impressos, odeio E-BOOKS (Luana, entrevista recebida em 26/10/2011)

Não se trata de uma rejeição ao suporte eletrônico de leitura, mas o fato do suporte impresso ainda ser tomado como a principal preferência. Eco salienta uma questão importante acerca da evolução do livro. As páginas podem não ser mais de papel, podemos não mais falar de impressos, mas de holográfico ou outra coisa a ser inventada futuramente, mas as características surgidas com o livro são o ápice da evolução dos suportes de leitura. Os sujeitos percebem esse ápice e, igualmente, a evolução possível:

Eu prefiro ler no papel, ou comprando os livros ou pegando emprestado de bibliotecas, mas quando não é uma opção eu baixo em pdf ou em audiolivro. (Cintia, entrevista recebida em 24/10/2011)

Para ler, prefiro ter a obra impressa. No computador, costumo ler só as *fics* ou matérias para trabalho, se for realmente necessário. (Iara, entrevista recebida em 23/10/2011)

Até hoje, a maior parte dos meus livros são impressos (sou das antigas que gosta de tocar no livro, ficar folheando). (Aline, entrevista recebida em 23/10/2011)

Tocar o livro, folheá-lo, ser “das antigas”. Essas práticas percebidas como obsoletas, persistem assim como o prazer de continuar realizando-as, mesmo entre os sujeitos que, para a escrita, preferem utilizar diretamente o computador, como ocorre com a maioria dos escritores de *fanfics* entrevistados. Essa percepção da obsolescência do ato de folhear páginas deriva da percepção das evoluções que o suporte livro vem passando. No mundo digital,

O texto continua subsistindo, mas a página furtou-se. A página, isto é, o *pagus* latino, esse campo, esse território cercado pelo branco das margens, lavrado de linhas e semeado de letras e de caracteres pelo autor; a página, ainda carregada da argila mesopotâmica, aderindo sempre à terra do neolítico, essa página muito antiga se apaga lentamente sob a inundação informacional, seus signos soltos vão juntar-se à torrente digital. (LÉVY, 1996, p.48-49)

Faltam folhas para folhear; essa percepção se perde com o texto eletrônico. Também a possibilidade de escrever nas margens brancas. Elas até poderão continuar existindo, pois é o leitor e o escritor que escolhem o formato da página que querem ler ou na qual querem escrever, mas elas não são físicas. Não é possível simplesmente apropriar-se delas, tomá-las, embora isso possa ser modificado com a invenção de novos programas de edição e leitura de textos. Ainda assim, será necessário escolher qual das margens riscadas, apropriadas, queremos acessar, pois o suporte eletrônico não permite que tenhamos todas as margens materialmente disponíveis para acesso, enfiadas num suporte único, que transporta unicamente um texto ou conjunto de textos, mas que difere radicalmente de outros suportes, de outros livros com margens amareladas, em folha reciclável ou folha de papel *couchê*.

Minimizando o impacto das transformações do suporte códex para o computador com o texto eletrônico, temos como exemplo, no momento presente, os *tablets*. Conceito antigo, dos anos 60, que agora chega ao mercado consumidor. Eles são computadores ultraportáteis, finos, semelhantes a pranchetas, com tela sensível ao toque, que dispensam o uso de teclados e mouses. Possuem grande capacidade de armazenamento, portanto podem transportar grande quantidade de textos e livros eletrônicos. A praticidade dessa tecnologia para os leitores é enorme. Se há a necessidade de uma viagem e há obrigação de levar livros de estudo ou entretenimento, basta colocá-los todos, eletrônicos, no *tablet* e carregá-los dentro de uma pequena bolsa, ou até mesmo num bolso grande de casaco. No trajeto de um indivíduo de casa para o trabalho ele pode escolher que obra lerá dentre milhares contidas em seu *tablet*, carregado na mochila. Como fazer isso com os livros impressos? Os *tablets* possibilitam, ainda, assinalar partes importantes do texto lido, acrescentar comentários a alguma de suas partes, marcar a leitura de um livro num ponto e passar para outro ponto, como faríamos num livro com folhas de papel.

Mas nem tudo é possível. O gesto simples de folhear o livro, por exemplo, não é a mesma coisa. Mesmo que os *tablets* permitam que tenhamos a sensação de folhear quando tocamos em uma das margens e a imagem de uma aba salte da tela, essa experiência não é a mesma de molhar os dedos com saliva e virar uma página. Com o livro impresso, visualmente sabemos quantas páginas faltam para serem lidas a fim de finalizarmos a leitura.

Diante do e-book sabemos, em números, a extensão das páginas faltantes, mas não temos ideia de volume, a não ser aquele gravado em nossa memória que nos permite a experiência com o impresso. Quando acrescentamos um comentário no livro eletrônico, temos que respeitar alguns passos de formatação, ou seja, clicar em botões, acessar um teclado virtual, salvar as informações anotadas. Ao escrever nas margens de nossos livros de papel, basta o lápis, nossa letra ficará grafada até que o livro se deteriore ou algo lhe suceda. A própria questão do tempo é marcada nas páginas dos livros impressos.

Quando lemos um artigo de Machado de Assis, do século XIX, publicado num periódico da época, em formato eletrônico não o diferenciamos, materialmente, de um texto de Luis Fernando Veríssimo publicado na semana passada a da leitura em seu blog. Mas quando temos o suporte jornal do século XIX, onde foi publicado o texto de Machado, com suas folhas amareladas, as letras impressas com falhas na impressão e ajustes do corretor e necessitamos de luvas e máscaras para manuseá-las, de imediato percebemos seu valor histórico, sua raridade, pois pode, o mesmo jornal, ter sido manuseado por políticos influentes de nossa história ou pelo próprio autor do texto, ou apenas porque é fruto de um tempo passado que se faz materialmente presente. Impõe sua persistência temporal. Não teremos dificuldade para diferenciar este jornal do texto escrito no blog do Veríssimo. Eletronicamente, o passado e o presente se misturam, como nos alerta Carlo Ginzburg:

Porque, no presente eletrônico, o passado se dissolve. Essa contradição já está modificando o mundo em que vivemos e em que as gerações futuras viverão. Os conceitos de presente e futuro se tornaram mais frágeis... E de passado também. Ao menos, o passado como os historiadores o viam. (GINZBURG, 2010)

Ainda sobre o tempo, a deterioração dos suportes é um elemento importante em defesa do livro impresso, como dizem Carrière & Eco:

Os DVDs não terão vida longa. E, aliás, como dissemos, nem temos certeza de que no futuro disporemos de energia suficiente para fazer funcionar todas as nossas máquinas. Pensemos no blecaute em Nova York, em julho de 2006. Imaginemos que tivesse se estendido e prolongado, Sem eletricidade, esta tudo irremediavelmente perdido. Em contrapartida, ainda poderemos ler livros, durante o dia, ou à noite à luz de uma vela, quando toda a herança audiovisual tiver desaparecido. (CARRIÈRE & ECO, 2010, p.30)

Não se trata de afirmar que os livros impressos sejam indestrutíveis. Eco e Carrière investem boa parte da obra citada comentando os livros antigos e raros que se

desgastaram com o tempo, ou foram queimados, ou desapareceram, ou estão nas mãos de negociantes que faturam grandes lucros na especulação dos incunábulo e etc. Mas o fato é que se tivermos algum problema de eletricidade mundial, todos os livros, textos, sons, imagens que se encontram apenas sob o formato eletrônico, não poderão mais ser acessados, estarão fadados ao desaparecimento.

Pode parecer uma posição saudosista a que aqui está sendo apresentada, mas a intenção é ressaltar as características que fazem dos livros os suportes de leitura preferidos na atualidade, não desconhecendo que, em poucos anos, o suporte mais utilizado possam ser os *netbooks* e *tablets*. A questão da praticidade oportunizada por estes suportes não anula as vantagens do suporte impresso e suas especificidades. E pelo número de títulos de livros que estão sendo publicados e de suas respectivas tiragens, não parece provável que em pouco tempo assistamos a substituição total do impresso pelo eletrônico. No entanto, as transformações são eminentes.

Em contrapartida, analisemos os suportes da escrita. A dupla lápis e papel deixaram de ser inseparáveis há vários anos. A máquina de escrever foi uma das primeiras a separá-los e, mais recentemente, o teclado e a tela do computador substituiu-os de forma muito eficiente. Mas a dupla antes inseparável continua ativa, nas salas de aulas, em palestras, conferências, reuniões acadêmicas e profissionais para anotações, em restaurantes, lancherias e afins para tomar nota dos pedidos dos clientes, em todas as mesas de escritórios, ainda em muitos consultórios médicos, em nossas bolsas e pastas para anotar números, endereços, *insights*. A mobilidade do lápis ou caneta e do papel ou bloco de notas inspirou a criação dos *tablets*. Mas se a bateria (que tem alta durabilidade) chegar ao fim, nos restará, ainda, o lápis e o papel.

Os escritores de *fanfics* preferem o suporte computador para suas escritas. Utilizam cadernos, blocos e canetas quando não há um computador por perto. Aí podemos perceber a praticidade desses instrumentos de escrita milenares, que também foram evoluindo com o tempo, embora, nos mesmos termos que Eco utiliza para falar do livro, enquanto extensão do braço, não há como fazer evoluir o lápis para além de sua funcionalidade, surgida desde o princípio. Essa preferência é mais bem compreendida quando nos reportamos para o local de publicação das escritas realizadas pelos jovens, que é a internet que exige o formato eletrônico para a postagem dessas escritas.

Estes jovens igualmente escolhem o livro impresso para suas leituras, mas apenas as leituras de livros. Quando se trata de *fanfics*, eles leem diretamente no computador.

Para ler, prefiro ter a obra impressa. No computador, costumo ler só as *fic*s ou matérias para trabalho, se for realmente necessário. (Iara, entrevista recebida em 23/10/2011)

A não ser que queiram ler em algum outro lugar onde não haja a possibilidade de utilizar a internet ou seus computadores pessoais, então imprimem o que querem ler. Essa prática não é das mais comuns dada a efemeridade das ficções criadas por fãs. Isso também acontece com a leitura de blogs.

Assim, os textos escritos para serem publicados e circularem na internet são lidos na tela do computador. Outros escritos e impressos em folhas de papel são mais bem aceitos em sua materialidade original. Lê-se no livro impresso e na tela do computador, mas há textos específicos para uma e outra leitura. Se os sujeitos jovens, em sua maioria, que leem na tela do computador as histórias que apreciam de fãs de livros originais de literatura, preferem ler os livros dos quais são fãs em formato impresso é porque a questão dos suportes de leitura e escrita não depende exclusivamente das tecnologias disponíveis para essas práticas, mas de preferências e revoluções pertencentes a um longo histórico sociocultural que ultrapassa as fronteiras puramente tecnológicas das transformações dos suportes.

O livro impresso tem valor diferenciado das escritas na internet, como exposto acima por Anabela, quando diz que tem pretensões de ser uma escritora, mas pensa que suas produções não são suficientemente boas para serem impressas, mas boas para as pessoas lerem. O suporte do texto representa o valor do próprio texto. Isso não significa que as *fanfics* sejam desvalorizadas pelos seus autores, apenas que permitem falhas, ajustes, conversas com os leitores que levarão a reajustes da escrita. A internet e, por consequência, as *fanfics* propiciam uma contínua reelaboração das escritas, o aniquilamento, o desaparecimento para posterior reaparecimento em novo formato, segundo a decisão de seus autores, ou a colaboração permanente dos leitores para com esses textos escritos e postados.

O livro, por sua vez, quando impresso, tem tendência à preservação, com todas as falhas, erros tipográficos ou confusões de ideias. As *fanfics* postadas na internet podem ser visualizadas como eternos rascunhos, prontas a serem relidas e rearranjadas a qualquer momento e a qualquer tempo. O livro impresso tem uma conotação de arte final, passível de ser corrigida, mas em edições posteriores, e não na mesma edição em que se encontram os erros.

Por fim, para não nos limitarmos à dupla triunfalismo/catastrofismo⁴⁵ e tendo em conta que a invenção do livro pode ser comparada à invenção da roda – pois, uma vez descoberta, podemos aprimorá-la, mas suas funções estão todas desenvolvidas no formato em que foi criada primeiramente, ou seja, independente de ser produzida em plástico, borracha, madeira ou metal, ela persistirá com a mesma função, evoluída, é certo, mas será a roda – é necessário considerar que o suporte eletrônico de texto agrega as funcionalidades do livro, mas, também, da oralidade. E, somente com relação ao suporte, unem-se *códex* e *volumen*: a numeração de páginas, a liberação das mãos para a leitura, a possibilidade de escrever enquanto se lê e de retornar a um ponto específico em que a leitura foi interrompida, a utilização dos dois lados da folha, a possibilidade de unir vários textos num único suporte, características do *códex*; o rolar do texto e uma postura menos flexível do corpo (embora com os novos modelos de computadores ultraportáteis é possível ler deitado numa cama, sentado nos mais diversos e inusitados lugares, etc.) e dos próprios lugares de leitura (não é aconselhável ler dentro de uma banheira, nem é possível realizar a leitura sem energia) característicos do *volumen*.

Além disso, o texto eletrônico representa a superação de dois limites resistentes ao *códex* relativamente às práticas de escrita e leitura. Em primeiro lugar o leitor pode, agora, intervir no texto a ser lido, pode mudar completamente o escrito, apropriar-se do objeto dado a ler (e isso cria outras problemáticas) e, segundo, com o texto eletrônico há a possibilidade de concretizar-se o sonho da biblioteca universal, ou seja, a possibilidade de reunir num único lugar, no caso um espaço virtual, todos os textos, todos os escritos e, também, todos os sons, imagens, vídeos, produzidos em todos os lugares do mundo (CHARTIER, 1999a, 1999b).

Com relação à oralidade, o texto eletrônico, pela sua efemeridade e possibilidade de reescrita, ajustes, correção, aniquilamento, desaparecimento, reparição, união de imagens, sons e palavras escritas e formas de resistir ao tempo, reproduz algumas características da oralidade, como afirma Antonio Rodríguez de Las Heras:

Como contrapartida, la estrategia de resistencia al paso del tiempo se aproxima más a la del texto oral que a la del texto escrito. Porque necesita la transmisión y no la

⁴⁵ Apropriando-me da designação dada por Briggs e Burke (2006) relativamente ao crescimento de publicações impressas no século XVII europeu, que gerava opiniões opostas entre autores preocupados com o excesso de publicações, e que tornou difícil, nas bibliotecas, encontrar um livro nas prateleiras, ou empolgados com esse excesso, semelhante à postura atual de vários autores relativamente às possibilidades propiciadas pela internet, tanto com relação à escrita como em relação à leitura e concorde com Chartier, quando refere-se ao dilema da falta e do excesso relativamente à leitura, preocupação que surge num período ainda anterior à da proliferação dos impressos no século XIX (CHARTIER, 1999a).

preservación. El texto sobre papel necesita para permanecer la protección para que no se dañe el soporte. El texto oral está obligado a ser transmitido de unas personas a otras para que no desaparezca su memoria. De igual modo, el texto sobre soporte digital no puede mantenerse encerrado en su soporte, porque este se encuentra amenazado de obsolescencia, y la resistencia, por tanto, al paso del tiempo es poca. Así que debe renovarse mediante una migración al ritmo de los cambios técnicos. Los dos absorben plenamente la imagen y el sonido y los mezclan con la palabra. Los dos amplifican el logro difusor de la imprenta porque son ubicuos; no necesitan copias, basta el original. Los dos ofrecen un campo apasionante a la experimentación, en busca de nuevas formas de comunicación y de creación. Una llamada irresistible para aquellos que confían en la capacidad de la palabra (CHARTIER, 2006, p.100)

Para além disso, o texto eletrônico faz que a mensagem apareça unida ao contexto que a produziu. Envia-se uma pergunta a um fórum de discussões e obtém-se uma resposta imediata ou quase imediata. Escreve-se uma *fanfic* e a mesma é postada nos sítios especializados e logo os autores recebem *reviews*. Escreve-se num blog e seu dono pode controlar quantas pessoas e de que lugares o estão acessando em tempo real. Há programas que permitem conversações e conferências on-line com auxílio de câmeras e microfones que reproduzem a comunicação oral, mediada pelos computadores e internet. E podemos frisar e recordar que na Antiguidade a oralidade tinha, como uma de suas funções, a publicação:

(...) leer en voz alta es, para un autor, poner una obra en circulación, ‘publicarla’. Esta forma (...) no será abandonada en la época moderna, entre los siglos XVI y XVIII, como forma primaria de circulación de las obras, antes de su edición impresa.” (CHARTIER, 2006, p.115).

Da mesma forma, os escritores de *fanfics* utilizam os sites de postagem como vitrines para suas escritas, muitas vezes no intuito de tornarem-se escritores no futuro, como sinaliza Anabela quando questionada sobre o porquê escrever *fanfics*:

Escrever *fics* é um jeito de começar nesse mundo tão complicado da escrita. Dá a oportunidade para as pessoas lerem alguma coisa agradável sem pagar a mais por isso e dá a oportunidade para o escritor de saber em que precisa melhorar. (Anabela, entrevista recebida em 26/10/2011)

Ou como indicam Cintia e Gustavo, em falas reproduzidas acima, onde expressam o desejo de serem escritores e consideram as *fanfics* um bom treino ou um jeito de começar na escrita. Não é exatamente de publicação, no sentido estrito da palavra, que estamos tratando, como a leitura oral na Idade Moderna, mas sim de circulação. Escrever *fanfics* e postar na internet é um meio de os escritores verem seus textos em circulação, sendo lidos por muitos

sujeitos leitores, e também de eles próprios circularem na rede até que se tornem conhecidos e citados como autores preferidos de outros leitores fãs. Bianca cita autores de *fanfics* entre suas leituras mais marcantes:

De *fics* foram Maior que Tudo, Primavera, Quando for Amanhã e Santos e Assassinos , todas da Madame Verlaine, Black, da Victoria e também Anything Else, da Bel Wesley. (Bianca, entrevista recebida em 29/10/2011)

Essas possibilidades, ofertadas pela internet, de retorno à oralidade, reproduzem, em certo sentido, o contexto da comunicação *face a face*, um pouco diferenciada, mas sem deixar de necessitar da leitura e da escrita nesse processo. Seja para acessar os programas necessários às mensagens instantâneas ou às conversas online com câmera e microfone, seja para a escrita das mensagens nos correios eletrônicos, em realidade, para entrar num computador utilizamos a escrita e a leitura simultaneamente. Não há como utilizar os meios de comunicação e suportes de textos eletrônicos sem mobilizar práticas de leitura e escrita.

Pois o texto contemporâneo, alimentando correspondências on line e conferências eletrônicas, correndo em redes, fluido, desterritorializado, mergulhado no meio oceânico do ciberespaço, esse texto dinâmico reconstitui, mas de outro modo e numa escala infinitamente superior, a copresença da mensagem e de seu contexto vivo que caracteriza a comunicação oral. (LÉVY, 1996, p.39)

Mais que o fim do livro ou o texto eletrônico como uma moda, o suporte digital pode ser um retorno à palavra, ou melhor, uma revivescência do texto oral em consonância com o texto escrito, o livro e a palavra, grandes invenções da humanidade, unindo suas potencialidades.

3. OS AUTORES

Inscrita nos próprios livros, ordenando as tentativas que visam ordenar o inventário das obras, comandando o regime de publicação dos textos, a função-autor está, apesar de tudo, no centro de todos os questionamentos que ligam o estudo da produção de textos ao de suas formas e seus leitores. (CHARTIER, 1999b, p.58)

Os autores aqui descritos são aqueles que responderam a um questionário que lhes foi enviado no segundo semestre do ano de 2011 e, também, outros que foram filtrados durante a pesquisa etnográfica a partir das suas escritas de *fanfics* postadas na internet nos sites explorados, em especial o FanFiction.net. Aqueles que responderam ao questionário serão os mais citados e trabalhados neste terceiro capítulo. Todos estes completaram as respostas sobre idade e outras informações específicas, como local de moradia, atividade e etc. Nos perfis analisados, poucos acrescentam em sua ficha de apresentação essas informações, bem como se são estudantes de ensino fundamental, médio, universitário, quais cursos frequentam e outras informações pessoais.

Porém, ao lidar com os dois tipos de informações, as provenientes das entrevistas e as constantes nos perfis de apresentação dos sites especializados nas postagens de *fanfics*, advém um mesmo questionamento: serão reais ou fictícias as informações fornecidas? Há dois tipos de anonimatos dos autores envolvidos em práticas de escritas na internet. Um deles é o anonimato de identidade. Podemos ler um texto assinado por um nome de autor, mas esse pode ser apenas seu pseudônimo e todas as informações sobre ele serem fictícias, ou seja, inventadas pelo autor para ocultar sua identidade ou assumir uma identidade desejada. Outro é o anonimato da imagem. Podemos ter as informações sobre um determinado autor, nome, atividade profissional ou acadêmica, principais interesses, alguns dados familiares, mas a imagem postada pelo autor para sua identificação ser uma representação, uma figura, o desenho de seu personagem favorito, de um livro de que é fã, ou de um filme admirado, ou de um animê, mangá e etc.

Este último tipo de anonimato é o mais comum quanto aos *fanfics*. Nem todos *ficwriters* apresentam fotos pessoais nas imagens postadas em seus perfis, ou *profiles*, nos sites especializados. A maioria deles insere imagens de personagens de filmes, ou mangás, ou animês favoritos, os quais são fãs. O anonimato da imagem funciona tanto como uma salvaguarda pessoal do jovem quanto como uma afirmação de propriedade sobre as produções escritas postadas pelo fã escritor/leitor. Não foi encontrado um único perfil sem imagem

alguma e a presença dela não é atributo obrigatório para realizar o registro nos sites especializados:

Quer a imagem dote o autor (ou o tradutor) dos atributos reais ou simbólicos de sua arte, ou o heroifique à antiga, ou o apresente “ao vivo”, ao natural, sua função é idêntica: constituir a escrita como expressão de uma individualidade que fundamenta a autenticidade da obra. (CHARTIER, 1999b, p.53)

Abordando as miniaturas que decoram manuscritos de obras em língua vernácula nos séculos XIV e XV, Chartier menciona as imagens do autor como identificação de uma nova relação da escrita com sua autoria. Não mais o texto escrito por um indivíduo como transcrição de algo que se escuta, como os Pais da Igreja que eram representados copiando o que escutavam do Espírito Santo, simbolizado pela figura de uma pomba branca, nem como continuação de uma obra já existente, como os comentários próprios da prática escolástica. Um autor passou a assumir a autoria de uma obra e a imagem que o identifica, seja ela simbólica ou real, também o liga à obra enquanto seu proprietário.



Figura 19 - Lola Potter Weasley. Site FanFiction.net em novembro de 2011.



Figura 20 - Lola Potter Weasley. Site FanFiction.net em janeiro de 2012.

A imagem 1 é a que representa a *ficwriter* Lola Potter Weasley no site FanFiction.net em novembro de 2011. A imagem 2 é a imagem que substituiu a imagem 1 no

mesmo site e no mesmo perfil de Lola. Potter é o sobrenome de Harry, o personagem principal da série Harry Potter criado por J. K. Rowling e Weasley é o nome de família do personagem que é o melhor amigo de Harry, Ronald Weasley. A vinculação do nome da *ficwriter* com os nomes dos personagens da série Harry Potter indicam uma ligação entre a escritora e o livro apreciado que vai além do simples deleite pela leitura. As imagens, reproduzidas acima, são de desenhos feitos a partir das descrições dos personagens nos livros e de fotos dos atores que os interpretam no cinema. Nenhuma das duas imagens possui indicação de fonte. A apropriação é total. O anonimato está assumido. Todos os apreciadores da série, participantes do fandom, sabem que as fotos dos atores que representam no cinema os personagens dos livros são retiradas de sites da internet. O mesmo não ocorre com os desenhos que podem ser produzidos pelos fãs, escritores de *fanfics* ou não. As imagens utilizadas pelos *ficwriters* são identificadas pelos membros dos *fandons* como pertencentes ao universo de que são fãs. E também atribuem individualidade às escritas encontradas no perfil identificado pela imagem. Cumprem, assim, duas funções complementares: anonimato (preservando a identidade do jovem fã escritor) e propriedade (atribuindo uma individualidade à obra que será lida, de autoria do escritor que a imagem representa).

Há escritores que preenchem seus perfis com informações que não indicam anonimato, mas podem ser perfis falsos, *fake*, ou seja, há inúmeras informações de nomes, idade, cidade de residência, atividades escolares, hobbies, preferências literárias, televisivas, cinematográficas que podem convencer qualquer leitor de que aquele perfil é verdadeiro, mesmo quando nenhuma informação condiz com a realidade. É muito comum encontrarmos *fakes* em que os usuários usam nomes de celebridades, artistas, pessoas famosas e proeminentes fingindo serem elas. Neste caso, o *fake* é danoso, pois pode divulgar informações falsas sobre um indivíduo que realmente existe. No caso dos escritores de *fanfics*, não podemos ver seus perfis com informações que são falsas como uma prática prejudicial, pois, pelas suas atividades online, trata-se muito mais de práticas que asseguram um anonimato em prol da privacidade do jovem. Isto porque além da prática de escrita de ficção de fã esses jovens também estão inscritos em outras redes sociais relacionadas a outras inserções *offline*, como a escola, universidade, atividades esportivas, profissionais.

Além do mais, como já desenvolvido no segundo capítulo, seção 2.1, o anonimato permite as escritas – e leituras – que são consideradas inapropriadas pelos pais, educadores e mesmo alguns amigos dos jovens envolvidos nessas práticas. No site Anime Spirit Fanfics, ao acessar o arquivo de fanfictions, encontramos algumas informações sobre as escritas de fãs

que se distribuem numa lista vertical. Dentre essas estão o *nome* da *fanfic*, do seu *autor*, poderá conter uma imagem de capa da *fanfic* e informações como *sinopse*, *personagens* envolvidos na trama, que em geral são aqueles existentes na história original que os escritores são fãs.

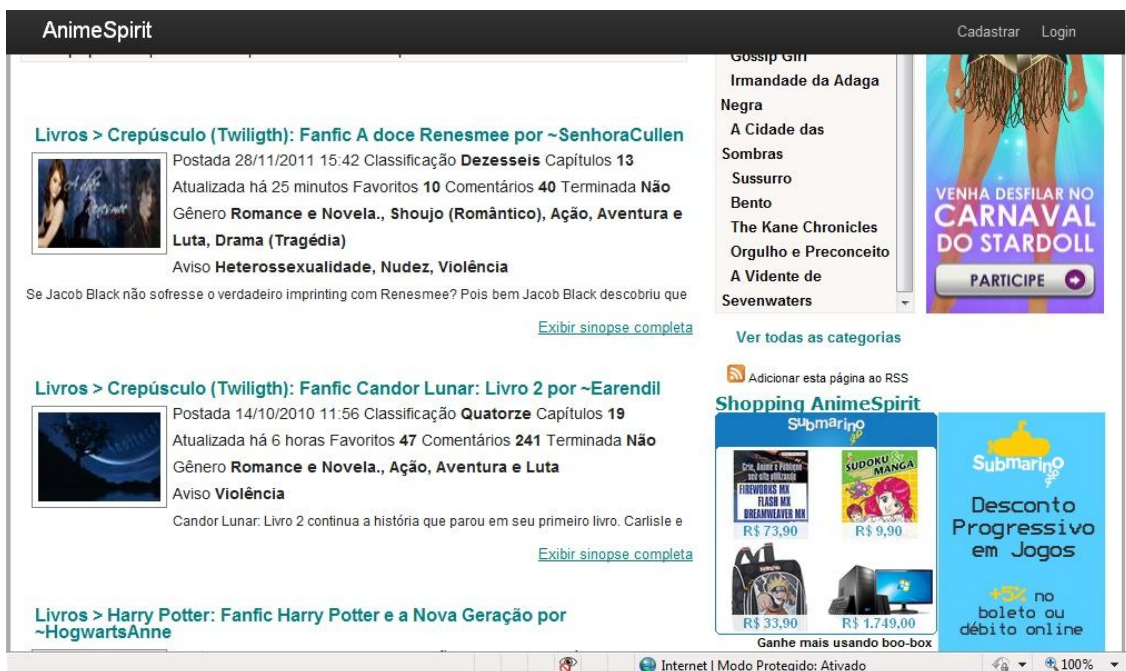


Figura 21 - Disposição das informações sobre as fanfics no site AnimeSpirit

Há também as *tags*, palavras-chave da *fanfic*, utilizadas para facilitar a busca em ferramentas com essa finalidade; há ainda a indicação de *gêneros*, que pode ser romance, drama, *hentai*, entre outros e mais de um deles, dependendo do site que se poste a *fanfic*, e *avisos*. Neste último tópico são inseridas advertências sobre o conteúdo da *fanfic*. Se a história é classificada pelo autor como imprópria para menores de 18 anos, os avisos também trarão informações referentes ao conteúdo inapropriado, tais como linguagem imprópria, nudez, sexo, tortura, violência, pedofilia. Este site não faz referência à classificação proposta no site FictionRatings, como acontece com o FanFiction.net, mas outros sites especializados em postagens de *fanfics* tem o FF como referência de classificação, mesmo que seja para dizer que não seguem suas especificações, como o site Need For Fic (http://s1.zetaboards.com/Need_for_Fic/). Para acessar a *fanfic* com conteúdo para maiores de dezoito anos, no site Anime Spirit Fanfics, abre-se um alerta que deverá ser aceito ou não pelo leitor em potencial:



Figura 22 - Aviso de classificação de história imprópria para menores de 18 anos. Site AnimeSpirit.

Há duas opções nesta tela de alerta: *continuar visualizando* ou *Voltar para página inicial*. E assim, se pode prosseguir a navegação no site. O texto que se lê contém, efetivamente, cenas impróprias para menores, seja violência, estupro, pedofilia, linguagem inadequada. Pode ser uma história em que o vilão seja um pedófilo e o mocinho descubra os crimes ou histórias semelhantes. As histórias inventadas podem ter enredos surpreendentes e que agradem muito os leitores, rendendo vários *reviews* para o autor. Estes estimulam a continuação das escritas, sejam elas próprias ou não para menores de dezoito anos:

Muito linda, perfeita. Vc escreve muito bem. (review de Maryhina-chan a *fanfic In Bloon* de autoria de Yoline-Sensei em 17/01/2012)⁴⁶

VC ESCREVE MUITO BEM NÃO É UMA NOTA ADEQUADA PARA VC SÓ 5 ESTRELAS.... MAS JÁ QUE É O MAXIMO... FAZER O QUE!

Nota: ★★★★★ (review de SakuraUchiha98 a *fanfic In Bloon* de autoria de Yoline-Sensei em 13/01/2012)⁴⁷

As duas leitoras acima não possuem *fanfics* postadas neste site. São apenas leitoras. Maryhina-chan apresenta em seu perfil a idade de quinze anos e SakuraUchiha98,

⁴⁶ Disponível em <http://animespirit.com.br/fanfics/historia/256813/inuyasha-in-bloon/capitulo2>.

⁴⁷ Disponível em <http://animespirit.com.br/fanfics/historia/256813/inuyasha-in-bloon/capitulo2>.

quatorze anos. São exemplos de jovens, menores de dezoito anos de idade, que expõe em seus perfis seus nomes, que aparentam não ser pseudônimos, como os citados acima e acessam conteúdo inapropriado. Não apenas os autores mantêm a privacidade de suas escritas sob um nome fictício, os leitores também o fazem, embora em alguns sites como o citado, essa ferramenta de anonimato não seja utilizada por todos os membros de forma eficiente. Ou aparenta ser assim. O nome, para além de Maryhina-chan, escrito no perfil da leitora, supostamente verdadeiro, pode não passar de um *fake*, como pode ocorrer com os perfis daqueles fãs que já são escritores de *fanfics*. Mas muitas *reviews* também partem destes últimos formando uma rede de incentivo mútuo para as escritas:

WTF⁴⁸???!
5stars e FAV+!!!⁴⁹
Sem palavras u_u
ÓHHH DEUSA DE INUYASHA!!!⁵⁰ (review de VampQueen a *fanfic In Bloon* de autoria de Yoline-Sensei em 27/10/2011⁵¹)

Vamp Queen é, também, uma escritora de *fanfics*. Possuía 21 postagens até a data de janeiro de 2012 e, diferentemente das autoras das *reviews* anteriores, apenas leitoras, até a data referida Vamp Queen não indica um nome supostamente verdadeiro em seu perfil, nem disponibiliza seu e-mail, mas sim o sexo feminino, e sua idade, dezesseis anos. Da mesma forma que as leitoras anteriores, é uma escritora/leitora fã menor de dezoito anos que lê conteúdo indicado para adultos e também os escreve como a *fanfic Anarquia*⁵², com classificação etária de dezoito anos indicada pela autora. Maryhina-chan informa em seu perfil que a data de 17/01/2012 é a de seu registro no site e SakuraUchiha98 traz a data de 05/12/2011 como início de suas atividades no site Anime Spirit fanfics. Podemos dizer que são fãs iniciantes no mundo das escritas de fãs? Talvez, pois podem estar inscritas em outros sites de postagens de *fanfics* e só recentemente terem se inscrito no site acima especificado, mas como trazem seus nomes supostamente reais em seus perfis, podemos inferir que são novatas nessa prática. Então, retificando as considerações acima, ainda são preponderantemente leitoras.

⁴⁸ Expressão inglesa, *what the fuck*, uma expressão grosseira significando grande apreciação de alguma coisa.

⁴⁹ Indica que o leitor/escritor fã considera a *fanfic* cinco estrelas e a acrescentará a seus favoritos.

⁵⁰ Nome de um mangá e animê japonês criado pela escritora japonesa Rumiko Takahashi.

⁵¹ Disponível em <http://animespirit.com.br/fanfics/historia/256813/inuyasha-in-bloon/capitulo2>.

⁵² Disponível em <http://animespirit.com.br/fanfics/historia/312933/misc-originais-anarquia>.

Na sala de aula, o andaime é fornecido pelo professor. Numa cultura participativa, a comunidade inteira assume uma parte da responsabilidade em ajudar os iniciantes na Internet. Muitos jovens autores começaram a redigir histórias sozinhos, como uma reação espontânea a uma cultura popular. Para esses jovens escritores, o próximo passo foi a descoberta da *fan fiction* na Internet, que forneceu modelos alternativos do que significava ser autor. (JENKINS, 2009, p.251)

No caso de muitos jovens escritores de *fanfics* no Brasil o movimento de escrever continuações às histórias de que são fãs também é iniciado antes do conhecimento de que essa prática possui mais adeptos, a serem encontrados na internet.

Bem, eu escrevia de tudo um pouco. Então, quando tinha uns 14 anos eu comecei a assistir ao seriado X-Files. Adorava a trama, os personagens. Então, quando notei, as ideias para episódios começaram a nascer na minha mente e comecei a escrever. Nessa época, não usava computador, ou internet. Era a mão, em cadernos. Não sabia que havia outras pessoas que escreviam também, por isso nunca publiquei as *fanfics* dessa época. Minha paixão pela série durou anos. Quando acabou, quase morri. Então, passei a escrever histórias de vampiros. Histórias minhas e originais. Nunca as publiquei, embora tenha uma que pretenda publicar em breve. Foi quando conheci os livros da JK, e Harry Potter. Eu me apaixonei pelo universo, confesso, estava meio velhinha para isso, mais de vinte anos, mas fiquei apaixonada e comecei a escrever sem parar. Foi nessa época que desenvolvi meu jeito de escrever, peguei gosto para a escrita mesmo. Atualmente estou dividida entre as *fans* Harry Potter (Hermione e Ronald) e as *fans* The Mentalist (Patrick e Teresa) e ando escrevendo romances originais meus. (Lizandra, entrevista recebida em 16/10/2011)

Além de escrever a partir do desejo de continuar aquelas histórias que, como fãs, são apreciadas, ou a partir de uma “reação espontânea a uma cultura popular”, estas escritas, motivadas pelo prazer da condição de leitores ou de telespectadores, alguns jovens informam que começaram a produzir textos de histórias antes da própria internet, como exemplifica acima Lizandra. Ou seja, antes que tivéssemos acesso a outras mídias de comunicação para além da imprensa. Antes do rádio, televisão, computadores e internet, essas escritas de fãs aconteciam em torno de obras da literatura. Romances, para sermos mais específicos.

Não é de hoje que alguns leitores de obras literárias resolvem recriar ou continuar suas histórias preferidas, ou não, de autores consagrados da literatura. *Don Quijote de la Mancha*, como aparece no estudo de Roger Chartier (2002b), teve a segunda parte de sua saga contada por um autor que não era o mesmo da primeira parte, o espanhol Miguel de Cervantes. O impresso apócrifo *Segundo tomo del Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, considerado escrito pelo *Licenciado Alonso Fernandez de Avellaneda*, diz conter a terceira saída do cavaleiro andante e faz menção ao texto de Cervantes, não esquecendo de alguns erros de continuação da história, como o caso do furto do burro de Sancho que reaparece sem prévia, nem posterior, explicação.

Cervantes teve conhecimento desse texto e referiu-se a ele na segunda parte de seu livro, por vezes aludindo ao texto apócrifo quando coloca na boca de *Don Quijote* críticas às cenas retratadas no livro de Avellaneda. Cervantes fez com que os personagens do *Don Quijote* fossem leitores tanto do livro original quanto do apócrifo, pois eles discutiam as cenas de ambos os livros. Segundo Chartier,

O fato de os protagonistas do *Quijote* serem também leitores ou comentadores do *Quijote* era para Borges (1952) uma das 'magias parciais' do romance. Para ele, esse artifício literário constituiu uma das poderosas invenções graças à qual Cervantes fundiu o mundo do texto e o mundo do leitor. (CHARTIER, 2002b, p. 50)

Reconhecendo-se, como *Quijote*, um leitor de *Quijote*, talvez os leitores tenham tido uma identificação maior com o texto de Cervantes e a presença de um leitor-escritor que produziu um livro dando continuidade à obra primeira possibilitou essa experiência bem sucedida de Cervantes. Continuações das histórias originais, novas tramas, novos enredos, compartilhamento de escritas: o texto apócrifo do *Don Quijote* foi também material para a escrita da segunda parte do *Quijote* por Cervantes. Lembra, em certa medida, o comentário da escritora J. K. Rowling⁵³ quando diz que resolveu entrar numa sala de bate-papo online onde se discutia a história de seu personagem Harry Potter e constatou que os participantes afirmavam que suas teorias sobre a continuação da história no próximo livro não eram levadas em consideração pelos debatedores. Neste caso, os fãs, para além das opiniões da autora, continuaram produzindo suas próprias histórias, suas próprias tramas e fazendo circular entre si as suas criações e, talvez, possamos dizer o mesmo em relação à criadora do personagem Harry Potter.

Há, também, o caso de leitores que foram escritores famosos na história, na literatura, na filosofia e que viram nos romances mais que pura ficção. Diderot escreveu o *Éloge de Richardson*, publicado pela primeira vez em janeiro de 1762 pelo *Journal Étranger*, onde expõe suas impressões sobre as leituras do romance deste autor. Em discussões nos salões parisienses sobre essa obra, Diderot converte-se à Richardson e é possível ter acesso a algumas discussões dos romances através da troca de missivas entre Diderot e Madame Volland (CHARTIER, 2002a).

Vemos que os leitores de Richardson o liam com paixão, deslocavam as barreiras do real e do fictício, discutiam as cenas como se as estivessem vivendo, como se ocorressem com pessoas reais e não com personagens imaginados. Os leitores, ainda, compartilhavam

⁵³ Disponível em <http://www.jkrowling.com/es/>. Acesso em: 17 jan. 2010.

gestos, sentimentos, códigos e realizavam uma leitura intensiva, liam muitas vezes os mesmos textos, embora os tempos fossem de leitura extensiva devido ao aumento da oferta de obras pela difusão crescente da imprensa.

Não nos parece muito diferente do que ocorre ainda hoje com as leituras de *best sellers*, ou mesmo com seriados ou telenovelas brasileiras. Os exemplos sugerem que adentrar o universo do texto, ou modernamente da imagem na televisão ou no computador, é uma prática bastante comum no Ocidente. Comentar a vida e as ações de personagens com entusiasmo, chorar com as agruras de suas vidas e desejar a redenção ou o cárcere para aqueles responsáveis pela desdita dos protagonistas da história é algo bastante comum.

Essas leituras que, muitas vezes, levam à escrita ou prolongamento da escrita, ou reescrita, por parte dos leitores assumidos como fãs e que desejam a continuidade das leituras que os fazem transpor as fronteiras do real e do fictício, podem levar à construção de textos que se vão modificando, ganhando personalidade até se tornarem autônomos, ou seja, originais. Se a escrita de *fanfics* produz uma transgressão aos direitos autorais, ela também evidencia uma dinâmica de produção de textos que os autores preferem negligenciar, embora ela não deixe de ocorrer, que é a compilação, a bricolagem, a inspiração, a referência.

Alguns fãs do autor inglês J. R. R. Tolkien, escritor de *O Senhor dos Anéis*⁵⁴, dizem que a autora da série de Harry Potter estrutura seu texto quase como uma cópia da obra deste autor. Pode não ser exatamente isso que aconteça, mas sendo os dois autores de origem inglesa e sendo ele um dos mais lidos como literatura infanto-juvenil na Inglaterra, desde a publicação de seus livros, como *O Hobbit* e o próprio *O Senhor dos Anéis*, é quase impossível não supor que J. K. Rowling teve um intenso contato com as obras de Tolkien. Independente de ter influência de J. R. R. Tolkien ou não, o certo é que a inspiração para Harry Potter (HP) não surgiu de uma folha em branco e sim das inúmeras leituras, referências, vivências da autora.

Se não podemos falar das *fanfics* de HP como uma prática da contemporaneidade e se retornamos ao século de ouro espanhol mostrando que uma escrita continuando a história de *Don Quijote* foi realizada por um leitor (fã? Leitor atento, certamente), também não podemos dizer que essa prática foi reconfigurada exclusivamente pelos fãs de Harry Potter. Nos anos 70, a prática de escrita de *fanfics* já era bastante consolidada entre fãs de uma obra épica, não literária, mas uma obra cinematográfica: *Guerra nas Estrelas* (Star Wars).

⁵⁴ Ver Carvalho (2007).

Henry Jenkins desenvolve uma análise sobre o fandom de *Star Wars* em relação à indústria cinematográfica, em especial, de seu diretor e sua empresa, George Lucas e a *Lucasfilm*. A prática de fãs produzirem materiais dando continuação à história apreciada deuse, nesse caso, através de variados meios: *fanfics*, desenhos sobre a história – seja de alguma cena do filme original, seja de conteúdo produzido por fãs – clipes, trailers, músicas e, em especial, filmes. A produção de filmes de fãs de Guerra nas Estrelas é profícua desde o lançamento do primeiro filme da série, nos anos 70. Possivelmente, desde então, temos a prática de escrita de fanfictions. Segundo Jenkins:

No começo, a Lucasfilm incentivou ativamente a *fan fiction*, instituindo um escritório de licenciamento em 1977 que, gratuitamente, analisava materiais e dava consultoria sobre potencial infração dos direitos autorais. No início dos anos 1980, esse esquema ruiu, supostamente porque Lucas teria deparado com alguns exemplares de literatura erótica de fãs que chocou sua sensibilidade. (2009, p.210)

Como ocorre com os sites especializados em postagens de *fanfics* aqui estudados, as escritas encontram possibilidades de deixarem fruir a imaginação do escritor fã para as páginas criadas a partir do texto que se é fã. E isso pode afetar tanto positiva quanto negativamente o autor da obra original quando ele se depara com essas escritas. A Lucasfilm, a partir do conhecimento dessas escritas eróticas, começou a alertar os fãs sobre as escritas de *fanfics* e a produção de *fanzines* (meio pelo qual eram divulgadas as *fanfics* de *Star Wars*) restringindo seus conteúdos. Alegavam que a saga de *Guerra nas Estrelas* era de conteúdo livre e que todo produto advindo dela também deveria ser livre, não proibido para menores de idade. Quando chega ao público, aos fãs, a obra assume a versão destes. Eles avaliam como possibilidade que dois personagens centrais em uma trama efetivem uma relação sexual, isto pode transparecer nas suas escritas de fãs, independente da verdadeira intenção dos autores das obras originais. Não há como inferir essas derivas de uma história, a partir da obra impressa que os fãs recebem em mãos, já bastante trabalhada pelas instâncias que participam da mediação entre o texto, retirado da mão do autor, e o leitor.

Os leitores/escritores fãs, desde a condição de leitores, podem ser considerados *circulantes de terras alheias, caçadores por conta própria* “através dos campos que não escreveram” (CERTEAU, 1994, p.269-270). Da mesma forma, os escritores/leitores fãs, a partir da caça em terras de outros, produzem iguarias impensadas pelos donos “reais” das terras de caça, ultrapassam os campos privados, mais de um, para chegarem a um terreno compartilhado com muitos outros viajantes de terras alheias. Nesse espaço, embora dividido

em muitas partes, uma para cada grupo apreciador de caças distintas, as iguarias se misturam e torna-se difícil identificar de onde veio cada peça.

Os autores das obras originais, em muitos casos, não reconhecem mais suas obras nas produções dos fãs, elas deixam de ser parte de suas histórias, mas ao mesmo tempo, alguma parcela persiste, um personagem, uma trama, uma situação, e aí os autores percebem o que fizeram de suas obras. Por vezes, ficam estarecidos, querem restringir a produção de fãs, mas muito mais por conta de questões econômicas e de direitos autorais, porque após dar a ler seus textos, desde o ponto em que estes se tornam um livro impresso até a apropriação do leitor, de certa maneira os textos não são mais dos autores, ou pelo menos não somente uma obra daquele autor. Este pode sentir-se ofendido, desconsiderado, mas o que fazer frente às apropriações dos leitores, a não ser perceber que a contribuição do autor ao dar a ler um texto que leva à escrita reside justamente nesse espaço opaco de inspiração dessas escritas?

3.1 POR QUE SER AUTOR DE *FANFICTIONS*

Começar a escrever *fanfics* é uma experiência singular para os *ficwriters*. Ao mesmo tempo é uma experiência social. Os jovens leitores, fãs de uma obra de literatura fantástica, de ficção científica ou outros gêneros, de mangás japoneses, de animês, de Histórias em Quadrinhos (HQ's), de seriados televisivos, séries de filmes e etc. procuram materiais sobre os objetos dos quais são fãs. Antes do advento da internet, buscavam materiais em livrarias e bancas de revistas especializadas, entre colegas, conhecidos que compartilhavam seus gostos, junto a sujeitos que flagravam folheando um livro, lendo um HQ, separando um filme ou série ou animê em alguma loja por onde passavam. Essas buscas propiciavam encontros entre sujeitos com os mesmos interesses, estabeleciam redes de sociabilidades baseadas em gostos e preferências comuns.

No caso dos livros, falemos de comunidades de leitores, como definido no capítulo I a respeito das comunidades interpretativas. Os sujeitos envolvidos nessas redes trocam materiais e informações a respeito da obra admirada. Socializam os materiais que já possuem e expandem a rede, apresentando velhos amigos e/ou participantes da rede para os novos integrantes do grupo.

Com o advento da internet instauram-se novas possibilidades de busca por materiais e de formação de comunidades interpretativas. Já com o surgimento dos primeiros programas de busca foi possível encontrar materiais de fãs e para fãs de livros, mangás e mídias em geral. Bastava inserir o nome de um livro na língua original, como *The Lord of the Rings* por exemplo, para que aparecesse uma variedade de sites, em diferentes idiomas, com informações sobre *O Senhor dos Anéis*. Era necessário digitar o título no original para que o sujeito que buscava a informação pudesse ter contato com materiais produzidos no mundo inteiro, senão apareceriam apenas sites de língua portuguesa, ou na língua em que fosse digitado o título. E assim, as informações, os grupos que estavam conectados à internet, que a utilizavam para divulgar materiais, notícias, que procuravam outros fãs para discutirem sobre a obra admirada eram todos acessíveis por meio da rede mundial de computadores.

As comunidades sem acesso a internet, cujos membros encontravam-se através dos meios relatados acima, continuavam em atividade e formação, mas surgia outro meio para descobrir sujeitos que compartilhassem as mesmas estratégias de interpretação, materiais e informações voltados para uma mesma obra, ou mídia, apreciada.

Isso possibilitou a entrada nas comunidades de jovens, adultos e crianças com acesso à internet que, antes dessa ferramenta, não teriam procurado com afinco matérias das mídias e obras de que são fãs. Seja por falta de tempo, por interesse imediato e pontual que se desfaz após a leitura do livro, final da banda ou após a última temporada da série televisiva, estes sujeitos vislumbraram na rede a possibilidade de acesso a materiais de fãs, aliada à comodidade de não necessitarem do deslocamento físico. Para aqueles que já participavam de comunidades de fãs, também surgia a oportunidade de compartilhar os materiais possuídos e encontrar outros sujeitos que desejassem integrar o grupo já formado, acrescentando-lhe outros objeto e informações.

Assim, as redes foram crescendo juntamente com o avanço das tecnologias de informação e comunicação. Abriram cada vez mais espaço a uma cultura de participação⁵⁵ efetiva, em que os usuários têm a possibilidade de criar, realizar bricolagens, copiar, acrescentar a conteúdos já existentes suas marcas, divulgar, conversar com outros usuários

⁵⁵ Jenkins define participação em distinção à interatividade. Embora sejam utilizadas indistintamente, assumem, para ele, conotações bastante distintas. Segundo o autor, a participação “é moldada pelos protocolos culturais e sociais. Assim, por exemplo, o quanto se pode conversar num cinema é determinado mais pela tolerância das plateias de diferentes subculturas ou contextos nacionais do que por alguma propriedade inerente ao cinema em si. A participação é mais ilimitada, menos controlada pelos produtores de mídia e mais controlada pelos consumidores de mídia” (2009, p.190). Interatividade seria uma forma de colocar o telespectador em diálogo com as mídias, mas que fosse pré-programado, ou seja, frente às duas opções diferentes de filmes que as empresas televisivas oferecem o consumidor pode escolher uma, sendo que as opções foram ofertadas de antemão e só há a possibilidade de escolher uma entre duas.

que criam materiais e os disponibilizam na internet, realizar parcerias de criação, escrita, reescrita, releitura, dentre tantas outras possibilidades existentes na atualidade.

Muitos jovens fãs iniciaram o contato com as comunidades de fãs, ou *fandons*, quando estas já utilizavam as ferramentas de informação e comunicação fornecidas pelos avanços da tecnologia, quando as redes sociais já estavam estabelecidas na internet e os sites específicos criados por e para fãs haviam surgido e contavam com muitos adeptos. Mas não se pode imaginar que as mídias influenciaram, sozinhas, os fãs.

Um jovem que assiste a um filme pode acessar a trilha sonora deste e entrar em sites na internet com informações sobre a película e, procurando por conteúdos em sites de busca, encontrar ligações para as páginas construídas por fãs que compartilham produções de criação própria baseadas nos materiais dos filmes. Esta é uma das motivações dos fãs para tornarem-se, eles também, criadores de produtos sobre o objeto de que são fãs. Este é um dos incentivadores das escritas de fãs:

Eu não sei se você lembra, mas teve a febre daquela banda mexicana chamada RBD e eu era fã dela*ainda gosto das músicas até os dias atuais* e eu descobri um site onde havia diversas histórias sobre a banda e eu tinha muitas ideias na cabeça, então pensei: Por que não? (Mônica, entrevista recebida em 24/10/2011)

Há mais ou menos uns 5 anos atrás eu me deparei com as primeiras *fanfics*, o que gerou em mim um sentimento de identificação e o famoso "Por que não?".(Sabrina, entrevista recebida em 24/10/2011)

Por que não? Os fãs, ao observarem outros fãs, seus pares, pois que são jovens, estudantes, trabalhadores, apreciadores de livros, de mangás, de animês, entre outros, e suas criações de textos baseados nas obras originais, identificam-se com a prática estabelecendo laços de afinidade que os levam a aderirem a ela. Não desconsideremos que essas práticas são incentivadas pela cultura de massa, ou seja, pela cultura que nos é entregue para consumo pelos principais meios de comunicação nacionais e internacionais. Sobre isso, Jenkins explica que nos EUA, no século 20, ocorreu a substituição da cultura tradicional pelas mídias de massa que são produzidas pela indústria do entretenimento. No princípio, em seus produtos midiáticos como filmes, rádio e TV, tal indústria se valia dos materiais da cultura tradicional, como as cantorias comunitárias, muitas vezes sem autoria definida e dos cantores amadores. Posteriormente, essa indústria começou a produzir músicas, imagens, histórias que mais agradavam grande parte do público visto que, sendo uma indústria muito dispendiosa, necessitava de uma audiência em massa (2009, p.191-196).

A obra de J. K. Rowling pertence a essa cultura. Antes de estarem escritos todos os sete livros da série Harry Potter, a empresa cinematográfica Warner Bros já possuía os direitos de produção dos filmes, transformados em oito episódios/produtos fílmicos. Todos os jovens, crianças e adultos do mundo podem ter acesso a esses produtos culturais, tanto os livros quanto os filmes, mas eles são lançados, primeiro, na Inglaterra, local de origem da escritora e, após, em outros países. Os primeiros livros, por exemplo, chegaram ao Brasil meses depois do lançamento no país de origem e, para conhecerem o conteúdo das obras, muitos jovens lançaram-se na internet para, em contato com fãs ingleses, terem acesso à leitura e poderem traduzir os livros para o português. Antes de chegarem oficialmente ao Brasil, muitos fãs já haviam lido esse livro, mesmo assim não deixavam de adquiri-lo impresso. O livro impresso persiste possuindo um indiscutível valor simbólico.

Mas mesmo sendo um material midiático, os jovens apropriam-se diferencialmente da mídia. O consumo, neste caso, embora pareça passivo e orientado por empresas que vendem conteúdos da cultura de massa, reside no confronto entre estratégias e táticas, como sugere a fecunda análise de Certeau (1994, p.45-48). As indústrias que produzem cultura de massa são parte de um modelo estratégico que instaura, analisa os terrenos próprios para suas ações e seleciona consumidores em potencial, públicos alvo, nichos que sabe irão ser fundamentais para seu desenvolvimento.

Os consumidores conseguem movimentar-se nestes campos estratégicos através das táticas. Suas práticas cotidianas de apropriação dos objetos que lhes são ofertados pela cultura de massa, suas releituras, recriações, bricolagens, escolhas do que ler, do que não ler, de como ler, de poder criar o que ler para si, mas também para fazer essas criações circularem entre outros consumidores, encontrar outros consumidores de mesmo perfil e como funciona essa dinâmica, criar e recriar ilustrações, vídeos para as leituras que realizam, são exemplos abundantes de táticas dos fãs. Consumidores da cultura de massa, para movimentarem-se nos campos estratégicos dessa cultura, adotam caminhos sinuosos, esquivam-se do consumo puro e simples, da absorção irrefletida do que lhes é dado, da imposição de materiais produzidos em massa que não satisfazem os gostos particulares de cada fã. Nesse campo quase belicoso em que se movimentam as estratégias e táticas, os elos mais fracos, os fãs-consumidores, como ensina Certeau, aderem a políticas de resistência extremamente eficazes, principalmente no âmbito da cultura de participação, envolvendo-se e criando práticas cada vez mais diversificadas de apropriação dos conteúdos a eles ofertados para operar metamorfoses que

transformam um material dado em múltiplas criações *originais* de autoria dos fãs-consumidores.

Don Tapscott analisa esse processo a partir do olhar da colaboração propiciado pelas tecnologias de informação e comunicação, com foco na internet, na nossa sociedade, por ele denominada de pós-industrial. Segundo o autor, em entrevista concedida a revista Veja em 21 de abril de 2011⁵⁶, “na era industrial tudo é feito para a massa. (...) A característica central da sociedade industrial é que as coisas começam com um (aquele que tem o conhecimento) e chegam a muitos (aqueles que não têm o conhecimento)” (TAPSCOTT, 2011). Assim, na era da inteligência em rede, a produção em massa perde o controle sobre as transformações que pretende operar. Os sujeitos pertencentes a essa geração operam num sistema de *colaboração em massa*. Se as táticas, na era industrial, já serviam para reelaborar o que era oferecido como produto de consumo, apropriando-se dele e construindo novos produtos *originais*, na era da inteligência em rede esse processo torna-se muito mais rico, complexo e operado em massa. Com relação a isso os educadores precisam ficar atentos.

Assim é que, como há os que apreciam escrever histórias dando continuidade a outras das quais são fãs, também há práticas de criação nos *fandons* que por vezes estão atreladas às escritas de fãs. A criação de *capas* para as *fanfics* são um exemplo emblemático. Com imagens retiradas da internet ou desenhos feitos pelos próprios fãs, estes criam uma bricolagem original que identifica a *fanfic* que produziram ou que estão corrigindo (caso dos *beta readers*) ou criam *capas* por encomenda. São imagens que ilustram uma ficção de fã, da mesma forma que, nos livros impressos, há ilustrações de capítulos, de alguns pontos do texto ou somente da capa, que ornamentam as obras. Criações de fãs que vão se diversificando, se imbricando, caracterizando as práticas das comunidades interpretativas virtuais, dependem do compartilhamento de signos, símbolos, interpretações, mas para além apenas da escrita de continuações das histórias. Os jovens envolvidos nessas práticas conhecem o universo que as orienta e quanto mais se apropriam dos signos, símbolos e sinais desse universo, mais obtém condições de orientar outros jovens na apropriação desse mundo de fãs. Podem tornar-se autores de *fanfics* muito conhecidos nos seus *fandons* específicos e conquistar certo público cativo que os colocará em sua lista de autores favoritos no site FanFiction.net, por exemplo.

⁵⁶ Entrevista publicada na edição 2212 da revista Veja.

Então, suas histórias figurarão na lista das histórias favoritas desses escritores/leitores de *fanfics*. Os autores das obras literárias de que são fãs continuarão em sua lista de ídolos, mas a eles serão acrescentados outros escritores, aqueles de *fanfics*.

Questionada sobre as leituras mais marcantes que já fez, uma jovem respondeu:

De livros foram A Insustentável Leveza do Ser, Lavoura Arcaica, O Lobo da Estepe e Trópico de Câncer. De *fics* foram Maior que Tudo, Primavera, Quando for Amanhã e Santos e Assassinos, todas da Madame Verlaine, Black, da Victoria e também Anything Else, da Bel Wesley. (Bianca, entrevista recebida em 29/10/2011)

A separação entre *livros* e *fics* é explicitada, fundamentalmente devido à materialidade dos textos. Livros são aqueles provenientes de narrativas originais, com autores que possuem o copyright de suas obras e lucram com elas e seus livros possuem a forma impressa. Já as *fics* possuem outra caracterização. Os dois tipos de escritas, contudo, ocupam a posição de leituras marcantes para essa escritora/leitora. Em sua fala também é possível perceber que os *livros* citados não trazem a indicação de autor, ao contrário das *fics* que vêm acompanhadas dos nomes das escritoras – Madame Verlaine, Victoria e Bel Wesley. No entanto a relação com os escritores de ficções de fãs é diferenciada daquela que existe com os autores das obras originais. A possibilidade de ler uma história e deixar, imediatamente à leitura, um comentário sobre a mesma, faz que os leitores estabeleçam uma relação próxima com os escritores de *fanfics*. Permite que sejam realizados pedidos a eles e que o desenrolar de algumas histórias atendam esses pedidos dos leitores:

ownnn, que fofo!amei muito sério!muito fofa a sara!e como sempre muito lindo o james e a emily!
agora vc podia fazer uma *fic* do edward e da sarah né? ok parei :p
mas sério amei muito muito muito
vou sentir falta dessa *fic*
beijos (review de Yarah Ferreira à *fic Um amor para recordar* postada em 05/12/2011⁵⁷)

AMEI!

Você vai continuar? :D

Bem, eu adoro Percabeth, mas algo assim nunca tinha lido. A maioria das *fics* que leio são em inglês e essa a primeira que resolvi ler em Português. Não me arrependi! Muito boa, mesmo, e você escreve muito bem. O começo já me chamou atenção e eu tive que ler o resto... ^^

Espero que continue, porque eu com certeza vou ler! :D

Boa Sorte! (review de Bela Wandnoir à *fic Por quê?* postada em 13/08/2010⁵⁸)

Os comentários às *fanfics* servem de estímulo à escrita. Longe de serem autores solitários, de escreverem tendo como resposta imediata de suas escritas apenas a leitura de

⁵⁷ Disponível em <http://www.fanfiction.net/r/7491812/>.

⁵⁸ Disponível em <http://www.fanfiction.net/r/6234788/>.

algum amigo, parente, editor ou revisor, os escritores de ficções de fãs recebem dos seus leitores a resposta imediata de sua produção. Essa resposta, se não é condição para a continuação das escritas é, efetivamente, um incentivo para escrever mais, postar mais capítulos de uma *fanfic multi-chapter* (muitos capítulos, multicapítulos) criar novas histórias a partir das ideias sugeridas pelos leitores que acompanham as histórias, escrever sobre determinados casais, tema bastante trabalhado pelos autores de *fanfics*, os denominados *ships*.

No início, eles talvez apenas lessem as histórias, mas as comunidades fornecem muitos estímulos para que os leitores atravessem o último limiar para a redação e apresentação de suas próprias histórias. E depois que um fã apresenta uma história, o feedback que recebe o inspira a escrever mais e melhor. (JENKINS, 2009, p.251)

A maioria dos escritores de *fanfics* relata a experiência de escreverem mais e procurarem escrever melhor por conta dos *reviews* que recebem. Acima foi considerado que muitos jovens começaram a escrever continuidades para as histórias que são fãs antes mesmo de acessarem a internet ou de terem conhecimento que essa prática já vinha sendo realizada por outros jovens fãs, como afirmou-se anteriormente. Essas escritas, por vezes, surgem antes mesmo da popularização dos computadores pessoais. Mas, como salientado acima, os jovens escritores-fãs também relatam experiências que testemunham a ultrapassagem do *último limiar*, parafraseando Jenkins, entre ser fã-leitor de *fanfics* e *ficwriter*.

Desde 1999 eu tenho um projeto de *fanfic*, de um anime chamado Dragon Ball nunca o concluí. Em 2007 comecei a escrever *fanfics* do anime Inuyasha, e mais tarde passei a escrever sobre outros animes e até mesmo de livros. (...) o que realmente me trouxe ao mundo das *fic*, foi uma *fanfic* chamada Os Guardiões dos Elementos do anime Inuyasha, além de me dar uma de minhas melhores amigas (Tracy Anne, autora da *fic*) e a minha melhor amiga (Poliana, uma fã como eu), me rendeu horas de divertimento e me fez começar a pensar em fazer *fanfics* para serem publicadas. (Mariana, entrevista recebida em 08/11/2011)

A *fanfic* citada na fala de Mariana, *Os Guardiões dos Elementos*, sobre o animê e mangá japonês Inuyasha é de autoria de Ladie-chan. É uma história com trinta e nove capítulos, do gênero romance/aventura, com classificação etária para maiores de treze anos de idade (T), em língua portuguesa, utilizando como personagens principais os mesmos da história original – Inuyasha e Kagome. Cada capítulo conta com, mais ou menos, 12.000 (doze mil) caracteres, descontados os espaços, por volta de cinco a seis páginas de texto digitados em um editor de texto com fonte e tamanho regulares. Ao total, a *fanfic* recebeu 806 (oitocentos e seis) *reviews*, 54 (cinquenta e quatro) páginas de site. Todos os capítulos

possuem pedidos de *reviews* ao final e comentários da autora sobre os *reviews* do capítulo anterior, personalizados como:

Lunoca

Ahhh

1 já tava com saudades de vc! Olha sobre aquela história do inu... bom ainda não decidi... mas, tudo indica que não! Uhuhuh! Bjssssssss

P.: próximo cap ficaremos sabendo o que acontecerá com os quatro guardiões, não percam.

(ta parecendo propaganda de desenho, blábláblá... não percam TV xuXaaaaaaaaa) oh besteira!
(Resposta de Ladie-chan ao comentário de Lunoca sobre o capítulo 2 da *fanfic Os Guardiões dos Elementos*, abaixo, inserida ao final do capítulo 3)⁵⁹

oii

acabei d ler o cap e achei muito legal...

mas tb fiquei com a duvida...sera que o inu tb faz parte dessa historia de magia?

hum...so esperando os proximos caps pra saber, entaum te peço, n demora a postar ta?

Bjocas (*review* de Lunoca a *fanfic Os Guardiões dos Elementos*, postada em 10/05/2007)⁶⁰

No animê e mangá criado pela mangaká⁶¹ Rumiko Takahashi, a história é ambientada no Japão da era feudal e na época atual. Kagome é a reencarnação de Kikyou, uma sacerdotisa do período feudal, que era a guardiã da joia de quatro almas. Inuyasha quer a joia para transformar-se num *yokai*, criatura sobrenatural do folclore japonês, e entra em conflito com Kikyou que o prende numa árvore. Mas Kagome, uma colegial da atualidade, é transportada para o período feudal por um poço e acaba (re)encontrando Inuyasha e libertando-o. Numa nova luta pela joia de quatro almas, que Kagome descobre estar dentro de si, esta acaba despedaçando-se por todo o Japão e os dois personagens terão que encontrar todos os pedaços juntos, pois Kagome sente onde estão, e Inuyasha a protege de monstros. Esta união forçada transformará uma rivalidade secular em romance entre Kagome e Inuyasha⁶².

Ladie-chan inicia sua *fanfic* com a personagem Kagome narrando a história e alerta, num comentário da autora ao final do texto, que este primeiro capítulo não está bom, não faz jus ao “verdadeiro sentido da história”. Abaixo, pede a opinião dos amigos, não

⁵⁹ Disponível em http://www.fanfiction.net/s/3526374/3/Os_Guardioes_dos_Elementos.

⁶⁰ Disponível em <http://www.fanfiction.net/r/3526374/2/1/>.

⁶¹ “mangaká significa cartunista (uma pessoa que desenha quadrinhos). Fora do Japão, o termo “Mangá” se refere à apenas quadrinhos japoneses então o termo mangaká significa autores de mangás que normalmente são japoneses também (mas não significa que todos mangás são apenas japoneses). Eles podem ter estudado em escolas de mangá, faculdade ou até ter o aprendizado com outro mangaká antes de virar um artista profissional” (Do site <http://mangaka-club.blogspot.com/p/o-que-e-mangaka.html>, escrito por Yu-chan, brasileira, desenhista de quadrinhos japoneses, tendo como fonte o site da Wikipédia.org).

⁶² Para saber mais acessar <http://www.soanimes.com.br/infoanime.php/inuyasha/historia/>, <http://playanimesonline-page4.blogspot.com/2010/11/historia-do-anime-inuyasha.html>, <http://pt.wikipedia.org/wiki/InuYasha>.

nomeados, para os quais ela prometeu que iniciaria esta *fanfic*. É essa a *fanfic* que incentivou Mariana a escrever. Ela declara duas amizades conquistadas através de sua história. Pelos 806 comentários feitos à *fanfic*, que partem de vários leitores-fãs diferentes, sendo que alguns destes *reviews* são de um mesmo leitor para cada um dos capítulos, é possível crer que as sociabilidades estimuladas pela troca de impressões sobre um texto que, enquanto é lido e apreciado, também é comentado, discutido com outros leitores que realizam a leitura ao mesmo tempo, engendrem relações de amizade e novas escritas.

Os estímulos às escrituras dos leitores-fãs, tornados escritores/leitores fãs, dá-se na dinâmica das trocas de mensagens virtuais a partir das histórias lidas. Ali são trocados endereços eletrônicos, mas, principalmente, endereços de programas de mensagens instantâneas, blogs mantidos pelos fãs, perfis em sites de relacionamento que permitem um contato mais imediato entre os leitores de uma mesma *fanfic* que se conheceram nos comentários ao autor da história de fã.

A possibilidade de errar, de achar sua própria história ruim, de indicar que os próximos capítulos serão melhores, de acatar correções de gramática e ortografia e manter palavras escritas de forma errada, aperfeiçoando essas escritas para os próximos textos, além de receber comentários elogiosos sobre essa evolução ou críticas propondo alterações para que a história escrita seja aperfeiçoada, cria uma empatia dos leitores-fãs com os escritores-leitores/fãs. Daí que cada um deles pode pensar, como Mariana, em começar a escrever *fanfics*, atravessando o limiar que os separa de suas próprias escritas.

A partir de então, o estímulo virá de situações diferentes, mas a principal consiste nesses comentários feitos à *fanfic*, que estimularam leitores fãs, apenas, a tornarem-se escritores/leitores fãs. Amanda lia as *fanfics* antes de iniciar suas escritas de fãs, assim como Mariana. Mas o que a faz “não querer parar” de escrever suas *fanfics* são os comentários feitos por seus leitores.

Eu tinha 16 para 17 anos quando comecei a postar minhas *fics*, mas antes disso eu já gostava [de] ler esse tipo de história. (Amanda, entrevista recebida em 1º/11/2011)

(...) muitos deles [leitores] me deixam *reviews* que me faz não querer parar com a *fanfic*. Os leitores são os meus maiores incentivos para continuar. (...) É assim que fico sabendo se eu devo deixar aquela *fic* de lado ou continuar com ela. (Amanda, entrevista recebida em 1º/11/2011)

Práticas de escritas incentivadas pelas leituras cujas impressões no leitor são conhecidas logo após a publicização dos textos na internet. O leitor fã que lê uma ficção

escrita por outro fã e, em seguida, a comenta, motiva o escritor a seguir com o texto ou escrever outros do mesmo estilo. Deixar uma *fic de lado* por falta de comentários ou continuar escrevendo-a avidamente, depende, para alguns jovens, de uma co-autoria dos leitores fãs. Não que a escrita seja compartilhada, o que muitas vezes ocorre, mas quando o leitor manifesta as suas preferências de leitura, induz o escritor quando este se concentra no texto ficcional. É uma prática que pede a interlocução, que se nutre e multiplica a partir dela.

3.2 OS SUJEITOS DAS PRÁTICAS: JOVENS DA GERAÇÃO NET

As especificidades desses jovens fãs, escritores/leitores de *fanfics*, podem ser analisadas a partir de oito normas que, segundo Don Tapscott, “(...) are rooted in the different experience of today’s youth” (2009, p.74) ⁶³. Caracterizam a nova geração Net. Essas normas, segundo o autor, referem-se a características comportamentais distintas de outras gerações anteriores. São elas: liberdade, customização, escrutínio, integridade, colaboração, entretenimento, velocidade e inovação. No contexto da tese e do estudo que fundamenta a análise, a caracterização proposta por Tapscott sugeriu reflexões pertinentes sobre os jovens sujeitos da pesquisa e suas práticas de leitura e escrita de *fanfics*. Mesmo correndo o risco de incorrer em algumas generalizações e enquadramentos, embora sempre buscando ter o cuidado de não utilizar essas normas como modelo engessado de análise dos jovens protagonistas das revoluções das práticas de leitura e escrita da atualidade, optei por evocá-lo, bem como suas ideias, acerca do que ele denomina geração Net. A própria ideia de geração pode ser aqui discutida, especialmente no que tange a uma “homogeneização” das diversidades que caracterizam os sujeitos da pesquisa. Entretanto, feitos estes alertas e considerando a atualidade da discussão apresentada por Tapscott, autor recorrente em vários outros estudos, a seguir dialogo com as proposições do autor e exporro meus exercícios de pensamento diante dos achados da investigação.

Tapscott refere-se à *liberdade* como possibilidade de escolha profissional e de local de trabalho, ou seja, os jovens da geração Net procuram escolher onde e quando irão trabalhar e utilizam a tecnologia para escaparem do espaço e da carga horária rígidas dos escritórios tradicionais. A escrita de *fanfics* não visa fins lucrativos. Ao contrário das análises

⁶³ “estão enraizadas nas diferentes experiências da juventude de hoje” (tradução livre).

do autor, as práticas dos *ficwriters* são do âmbito dos tempos de lazer, praticamente não mencionado o uso do tempo do trabalho formal. Contudo, a possibilidade de liberdade das escritas é, também, uma característica desses jovens fãs escritores/leitores. Escrever sobre o que quer que se imagine, utilizar quaisquer tempos livres para essa prática, atribuir-se o nome e a identidade que se quer assumir, mobilizar finais de semana, noites, intervalos da escola, universidade ou trabalho para escrever e ler obras e textos de sua preferência, pode ser visto como liberdade das práticas de escrita e leitura.

Relacionado à *customização*, para o autor, trata-se da capacidade dos jovens da geração Net de adaptarem, de personalizarem os sistemas informáticos, as tecnologias disponíveis às suas necessidades mais básicas. As tecnologias possuem características específicas que permitem esse processo e os jovens as utilizam em todas as suas potencialidades. O telefone celular, por exemplo: é possível personalizar seu exterior com capas, adesivos, acessórios, mas, também, a programação interna, bloqueando números específicos, adotando como toque do telefone músicas da preferência dos jovens, armazenando hits mais apreciados, bem como vídeos, fotos e toda uma série de detalhes que vão sendo manipulados para tornar o celular algo individual, customizado às necessidades pessoais de cada indivíduo.

Nas práticas de escrita de *fanfics* na internet podemos falar de customização quando percebemos o que os jovens conseguem fazer para tornar seus perfis dos sites especializados algo personalizado, mas há limites a essa prática. Os sites possuem formato fixo. Quando é feito o cadastro de um membro, algumas informações básicas devem ser preenchidas a despeito de não ser possível realizá-lo. Há locais específicos para inserir imagens e outros para os textos.

No caso do Fanfiction.net, a esquerda é o local reservado para imagens, mas que não são obrigatórias; em seguida está o espaço para escrever o perfil que, entre os membros do site, pode conter grandes descrições de 10.000 (dez mil) caracteres como pode não conter nada, apenas as informações básicas que o próprio site fornece, tais como número de *fanfics* escritas e sobre qual fandom (Harry Potter, 39 Clues, Percy Jackson e os Olimpianos, entre outros). Esse espaço costuma ser bastante pessoal. Os jovens que escrevem algo nele trazem informações supostamente pessoais, como sonhos, desejos, expressões dos personagens principais de livros, mangás, animês, agradecimentos a amigos do fandom, reclamações pessoais, endereços em sites de relacionamento, de seus blogs pessoais e etc.

Aliás, é nos blogs pessoais que podemos observar com mais proeminência a customização, pois ali os jovens utilizam todas as ferramentas disponíveis para tornar esse espaço virtual mais pessoal, adotando cores preferidas, muitas imagens, desenhos (que podem ser criados pelos próprios jovens ou retirados de sites da internet), vídeos, enquetes, bonecos criados à imagem do dono do blog ou que fala com a voz dele (voki) e tudo o que é permitido e possibilitado pela ferramenta computacional utilizada.

Abaixo, um exemplo do blog mangaka-club.blogspot.com, dedicado à produção de desenhos de mangá, de propriedade de jovens brasileiros, no qual alguns também postam *fanfics* e um perfil de um jovem *ficwriter* do site FF, sem descrição escrita, embora o pseudônimo utilizado, o avatar, a imagem e a ausência de descrição pareçam ser intencionais e não um mero esquecimento ou escolha de não escrita:

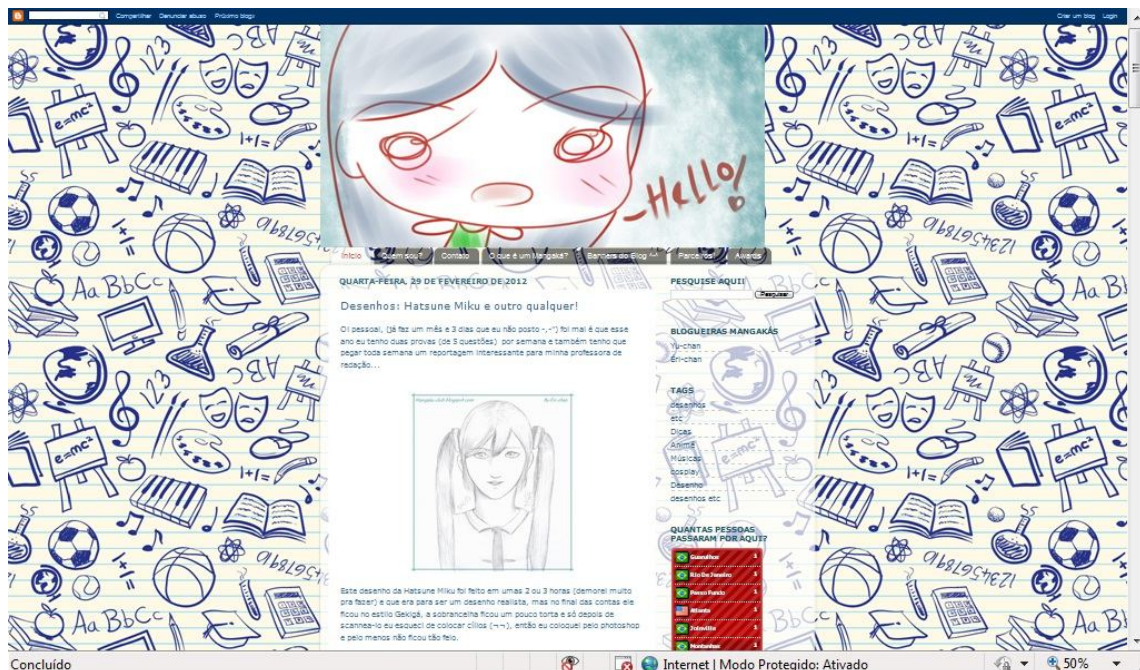


Figura 23 - Página inicial do blog <http://mangaka-club.blogspot.com>.

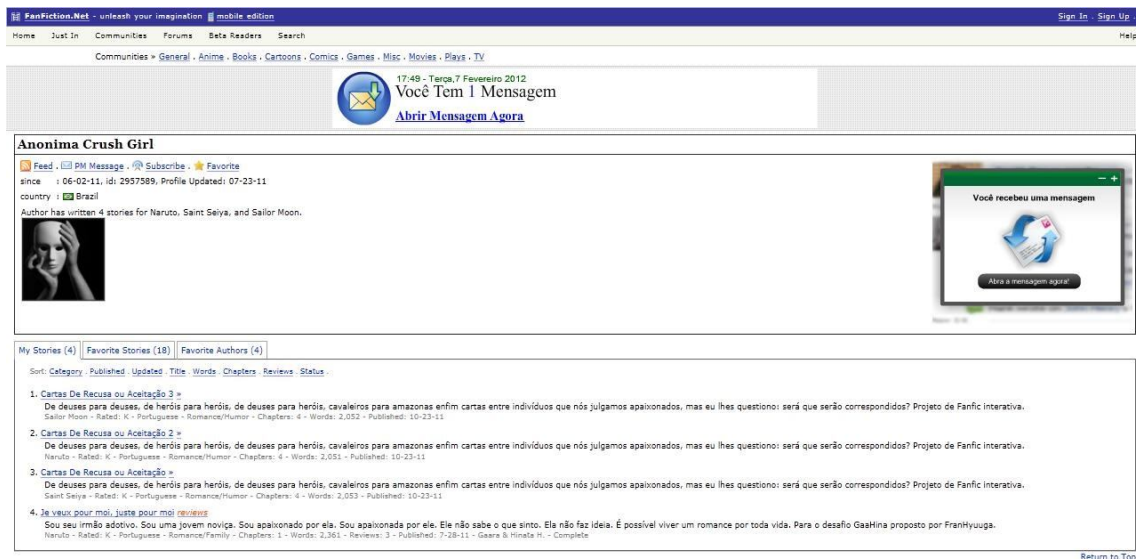


Figura 24 - Perfil de Anônima Crush girl do site FF. No quadro abaixo do espaço para a escrita do perfil estão as histórias escritas pelo ficwriter, suas fanfics favoritos e autores de fanfics favoritos. Esse quadro é parte do perfil e pré-estabelecido pelo site.

A customização, no caso das escritas de fãs, está limitada pelos recursos oferecidos nos sites escolhidos para a postagem das *fanfics*. Não é muito diferente de espaços com maior liberdade de personalização, como no caso dos blogs. As possibilidades de tornar esses espaços especialmente configurados por cada usuário estão limitadas às especificações dos sites. É possível, como no blog do mangaka-club, inserir várias e quaisquer imagens, criar abas para cada atividade de forma separada, como *parceiros*, *quem sou*, *o que é um mangaka* e assim por diante, ter links para diversos sites e blogs e perfis em redes sociais, colorir o espaço com imagens de fundo personalizadas. Essas possibilidades estão restritas ao padrão do site em que é criado o blog.

As limitações são mais visíveis nos sites especializados em postagens de *fanfics*, pois os espaços para a personalização são rígidos, cabendo ao membro do site, fã escritor/leitor, escolher quais imagens, fotos, quais textos deseja inserir/adotar, personalizando sua página pessoal. Nisso limita-se a customização. Entretanto, mesmo frente às limitações impostas, os jovens tornam seus espaços especiais, acrescentando textos, frases, figuras que, num panorama geral, tornam cada perfil único e personalizado.

A terceira característica analisada por Tapscott é o *escrutínio*. Segundo o autor, os jovens da geração Net “(...) knows to be skeptical whenever they’re online⁶⁴” (2009, p.80),

⁶⁴ “(...) sabem ser céticos quando estão online” (tradução livre).

diferentemente da geração anterior para a qual uma figura era uma figura que documentava a realidade. Ele exemplifica narrando uma experiência que realizou com seus funcionários e associados da empresa NGenera Innovation Network. Conta que solicitou a uma funcionária que enviasse um e-mail comunicando uma reunião que ele teria com Angelina Jolie, convidando a todos para um coquetel após a reunião no dia marcado. Narra que nenhum membro jovem de sua equipe acreditou no e-mail, e que acabou recebendo respostas como: “Boa tentativa” ou “Você e Angelina. Certo”. Diferentemente, os membros de gerações anteriores procuraram desmarcar compromissos do mesmo dia e sentiram-se decepcionados com o não comparecimento da atriz. Daí, conclui o autor, que o lema apropriado para os jovens de hoje é “trust but verify”, traduzindo: confie, mas verifique.

Valendo-se dessa ideia de escrutínio para pensar as práticas de leitura e escrita na internet, podemos dizer que tal característica é comum aos jovens da geração Net de uma forma geral, pois eles pesquisam as informações que recebem e também as informações que vão repassar ao público leitor. Questionados se realizam alguma pesquisa para escreverem suas histórias, ou se ela surge espontaneamente, muitos afirmam que buscam informações sobre cidades, culturas, mitologia e história para serem acrescentadas em suas *fanfics*.

Os locais de pesquisa citados foram os sites Google, Wikipédia, Brasil Escola, dicionário online, a internet de modo geral, livros diversos. Estes últimos são pouco citados para as pesquisas, já a internet parece ser intensamente consultada. Percebe-se uma preocupação em manter a veracidade das informações apresentadas, embora isso não seja uma unanimidade entre os *ficwriters*. Quanto a esse aspecto, não podemos olvidar que se trata de histórias ficcionais e que, mesmo assim, muitos jovens buscam uma espécie de veracidade dos fatos, lugares, culturas que existem *offline*:

Sim, sempre tento manter a realidade da *fic* próxima a que temos aqui. Uso muito o google para colocar mais verdade nas *fanfics*. (Amanda, entrevista recebida em 1º/11/2011)

Sempre que vou falar sobre algo que não tenho muito conhecimento ou colocar o personagem em uma cidade, eu vejo os mapas, leio sobre os temas, faço uma pesquisa antes de escrever. Também tenho o hábito de pesquisas sinônimos para palavras, assim não deixo o texto muito repetitivo, falho as vezes, mas eu tento ao menos. (Mariana, entrevista recebida em 08/11/2011)

Se elas forem baseadas em alguma cultura diferente da minha ou em algum fato histórico, pesquiso muito. Principalmente no Wikipédia e Brasil Escola. (Janaína, entrevista recebida em 12/11/2011)

Não apenas para as escritas os jovens usam o exame atento das informações, em outras situações experienciadas a partir da internet eles também se valem de ações assemelhadas ao escutínio. Durante a pesquisa netnográfica, que presidiu esta tese, foi enviado um questionário a uma jovem *ficwriter* selecionada no site FanFiction.net e como resposta ao convite de participação na pesquisa de doutorado a respeito das práticas de escrita na internet, com concentração nas *fanfics*, obteve-se o seguinte:

Olha, vou ser bem sincera. Até tenho interesse em te ajudar na sua tese de doutorado, joguei seu nome na internet e pelo que pude constatar do Google (esse site dedo duro) suas intenções são realmente puramente acadêmicas, mas ainda estou com um pouco de incerteza se devo ou não oferecer as informações solicitadas. (Gabriela, entrevista recebida em 1º/11/2011)

Gabriela confiou, mas verificou primeiramente, segundo o lema dos jovens de hoje, nas palavras de Tapscott. A internet traz essa possibilidade. As gerações anteriores aos jovens da atualidade, que só conheceram a internet quando já não eram considerados mais jovens a partir das características culturais que ainda imperavam nos anos 60 e 70, ou seja, não dependiam financeiramente das famílias, já tinham suas próprias constituídas, os homens já participavam ou tinham participado do serviço militar obrigatório. A juventude da sociedade pós-industrial, na classificação de Carles Feixa (2006, p.51-56) ou a geração *baby boomer*⁶⁵, segundo Don Tapscott (2009, p.7-8), abriram caminho para a Geração Net, ou Geração @ (FEIXA, 2006, p.58), pois prolongaram os tempos escolares bem como os tempos livres e retardaram a entrada na fase adulta, ou seja, no mercado profissional, na constituição de famílias e etc. Essa geração também conheceu

“La emergencia de los medios de comunicación de masas [que] permitió la creación de una verdadera cultura juvenil internacional-popular, que iba articulando un lenguaje universal a través de los *mass media*, La radio, el disco y el cine, que hacía que los jóvenes empezaran a identificarse más con sus coetáneos que con los miembros de su clase o etnia.” (FEIXA, 2006, p. 53)

A emergência dos meios de comunicação de massa e a consequente emergência de uma cultura juvenil internacional-popular teve solução de continuidade com o advento dos computadores e da internet. A geração anterior não conheceu a internet, mas com o cinema e, posteriormente a televisão, acreditava-se em tudo que se via (ainda hoje essa geração crê que

⁶⁵ Em referência aos nascimentos ocorridos após a Segunda Guerra Mundial principalmente nos Estados Unidos, Canadá e Austrália. São os indivíduos nascidos entre 1946 e 1964 (Tapscott:2009,11-16).

o que é transmitido pela televisão é reflexo da realidade). A imagem refletia o real, transparecia a verdade.

A geração Net, ou melhor seus representantes altamente familiarizados com o mundo online, não admite nem a realidade refletida nas telas da televisão, tampouco aquela das telas dos computadores. Menos ainda o que provém da rede mundial de computadores. A maior parte destes jovens que movimentam-se com desenvoltura pela internet sabem que quaisquer informações podem ser disseminadas na rede mundial de computadores e que qualquer um pode fazer isso. Antes de crer em tudo o que é transmitido via rede e responder a qualquer enquete proposta, por vezes buscam informações, até mesmo na própria internet, sobre a confiabilidade do que estão acessando, respondendo, preenchendo. As propagandas, assim, precisam ser cada vez mais atraentes e os sites mais incisivos e sedutores ao oferecerem seus produtos. As gerações anteriores creem nos textos que se dizem assinados por grandes personalidades. Os jovens da geração Net confiam, mas antecipam-se em checar as informações.

A quarta característica da geração Net é a *integridade*. Tapscott exemplifica com um exemplo pessoal. Sua filha recebeu de uma amiga, que trabalhava como voluntária no Equador, uma mensagem relatando as péssimas condições de trabalho nos campos de cultivo de rosas, especialmente em relação ao trabalho infantil e ao veneno expelido nas flores diante de crianças sem proteção alguma. Imediatamente, a filha de Tapscott postou em sua rede social um comentário sobre essa situação e, a partir de então, quando compra rosas, questiona ao vendedor sua procedência. Uma visão bastante romântica, já que nessas mesmas redes sociais centenas de jovens participam de comunidades de incentivo ao suicídio, à prostituição, à pedofilia, à homofobia, entre outros.

Mas podemos pensar a questão da integridade nas práticas de leitura e escrita na internet em relação às situações em que os jovens parecem buscar dizer a “verdade” sobre si mesmos, especialmente quando criam seus perfis nos sites especializados para postagem de *fanfics* ou escrevem e publicam suas escritas. Algumas frases, expressões, confissões, talvez não fossem manifestas em público, face a face, mas virtualmente esses jovens explicitam desejos, pontos de vista controversos, gostos, preferências. Parecem propor um panorama específico sobre sentimentos íntimos que, muitas vezes, somente são acessíveis nesses espaços virtuais.

Algumas coisas sobre mim:

-Meu nome é esse mesmo (acreditem, a minha mãe tem muita criatividade).

-Tenho vinte anos (sim, fiquem todos: mas já???)
 -Sou geminiana. Então, eu posso em um momento dizer 'eu te odeio' e logo em seguida falar 'é... você é um pouquinho legal'.
 -Tomo partido de todos os meus amigos.
 -Confesso. Tenho mania de perseguição.
 -Estou nesse momento, surtando com a faculdade (ah, que delícia poder mudar esse profile).
 -Sim, quero ser médica (o que é estranho porque metade do povo do fandom gosta mais de humanas. E eu nunca gostei muito dessa área).
 -Entre estudar Geografia e comer vidro... por pouco eu não escolho a segunda opção (tá, tô zoando agora. Ou não)
 -Entrei no "mundo" das *fics* por acidente. Eu tinha onze anos e achei um site onde uma menina escrevia sobre as aventuras do Harry. Na época, eu acreditei que aquilo era, na verdade, a continuação do quarto livro (onze anos, OK?).
 -Comecei a escrever aos doze. Até hoje eu morro de vergonha das minhas primeiras *fics*.
 -Na verdade, eu morro de vergonha ao ler o que ainda está publicado aqui. Sério, eu era muito perturbada quando tinha uns 12, 13 anos (talvez, eu até arrume *Em busca de um milagre* e *Por causa dessa doença* algum dia).
 (...)
 -Demorei um tempão para entender como publicar as *fics*. Acho que alguém me explicou pelo msn como que fazia tudo (desde se cadastrar até a parte de fazer um upload⁶⁶).
 -Demorei para entender que eu não precisava mandar e-mail. Era muito mais fácil comentar diretamente na *fic* (sério, eu fazia a maior confusão com os autores - acho que é por isso que muitos nunca me responderam).
 (...)
 -Sou cannon⁶⁷ em relação a Rony, Hermione, Tiago, Lílian, Remo e Tonks.
 -Não tenho vontade de ler slash. Não consigo imaginar Harry e Draco se beijando, por exemplo (além disso, eu tenho uma paixão platônica por Draco Malfoy).
 -Ah, sim, ODEIO Mary Sues⁶⁸ e Gary Stu. Vá fazer terapia se você se sente injustiçado por não viver no mundo de Harry Potter.
 -Mudando de assunto, eu escrevo de uma maneira muito lenta. Já tenho consciência que isso não vai mudar nunca.
 -Escrevo escutando música. Na maioria das vezes, escrevo e canto ao mesmo tempo - os meus vizinhos não ficam nada felizes.
 - Meu msn tá lá no final da página (adiciona e fala da onde você é, por favor).
 -Por falar em msn, eu sempre deixo no ocupado (e, na maioria das vezes, eu nunca estou ocupada), acho que é porque eu odeio o barulho de novas mensagens - e tenho a maior preguiça de tirar o som nas configurações. Mas isso não quer dizer que você não pode conversar comigo! Eu sou legal, na maioria das vezes.
 -Não, eu não tava drogada nem nada do tipo enquanto eu escrevia isso. Acreditem, eu sou assim na maioria das vezes. (Anaisa, disponível em <http://www.fanfiction.net/u/520532/Anaisa>, acesso em 20 de nov. 2011)

Aline poderia falar com os amigos que se achava *perturbada* aos doze ou treze anos de idade, que sempre deixa o MSN no modo ocupado, mas que podem chamá-la, pois quase sempre ela não está efetivamente ocupada, mas fazer essas declarações em seu *profile* do site especializado em postagens de *fanfiction* em que é cadastrada não é a mesma situação. Todos podem ter acesso a essas informações, ou melhor, qualquer pessoa. Podemos chamar

⁶⁶ Carregar para o site algum arquivo contido no computador pessoal do usuário como, por exemplo, uma *fanfic*.

⁶⁷ Nos fandoms, *canon* é a história que segue fielmente o *cânone*, ou seja, a história original na qual é baseada a *fanfic*, principalmente com os casais previstos pelo autor original. Neste caso os personagens Rony (Ronald Weasley) e Hermione Granger é um casal previsto pela autora J. K. Rowling na série Harry Potter.

⁶⁸ Histórias água com açúcar, melodramáticas, onde a personagem principal feminina ou masculina (Gary Stu) é quase inatingível.

isso de integridade? Com certeza podemos nomear de sinceridade. A idade que declara é a mesma declarada na entrevista para a pesquisa do presente trabalho e o curso universitário que está realizando também é o mesmo. Não é comum estas informações estarem nos perfis dos jovens, mas podemos dizer que Aline é sincera.

Há, igualmente, outras pistas que podem nos indicar a integridade como a caracteriza Tapscott, por exemplo quanto ao que se refere ao conteúdo das *fanfics*. Como já foi apresentado, há jovens que escrevem conteúdo proibido para menores de dezoito anos contendo cenas de sexo, violência, incesto, pedofilia. Embora essas situações possam aparecer como ações dos personagens vilões das histórias, constam em seus textos. Muitas vezes, não induzem fortes cenas mentais, mas fazem parte da trama. No entanto, há muitos escritores/leitores fãs que rechaçam a presença destes temas nas histórias de fãs e afirmam tal posição explicitamente em seus perfis:

Aos poucos que se dispuserem a ler: Por favor, eu não estou julgando ninguém, cada um faz o que bem entender com a própria vida; Mas eu peço humildemente um pouquinho mais de conscientização na hora de escrever. Vamos colocar a mão na Consciência e no Coração antes de escrever textos que apoiem casos cruéis e desumanos como a pedofilia. Pedofilia Não é yaoi⁶⁹, Não é hentai, Não é yuri⁷⁰, Não é normal. A partir do momento que incentivamos, torna-se cada vez mais difícil combatê-la.

Todos temos dentro de nós, seja pouco ou demasiado, o dom da palavra, a chance de realizar uma diferença. Só precisamos saber buscá-la e realizá-la.

Muito Obrigada e até mais. (Paula-chan, perfil, no site FanFiction.net)⁷¹

O apelo de Paula-chan, demonstrando sua recusa e indignação com relação aos conteúdos de pedofilia presentes em alguns textos do fandom, é respeito à conscientização dos *ficwriters*. Ela, como todos os leitores/escritores de *fanfics*, sabe que não é possível cercar a liberdade de expressão no espaço virtual utilizado para a publicação das escritas. Partindo do mesmo preceito, a escritora/leitora fã usa de sua liberdade para manifestar indignação e pedir para que os *ficwriters* coloquem a “mão na consciência e no coração”. Ela também apela para a possibilidade de realizar mudanças, que todos nós temos de fazer a diferença, no sentido de possibilitar que essas práticas violentas e cruéis não sejam estimuladas por escritas de fãs de livros que, em geral, abordam as virtudes, ética,

⁶⁹ “Histórias de mangás ou animes que tem como tema relações homossexuais masculinas.” (Dicionário de animes, matéria do fã clube do site <http://www.animesdigital.com.br/>)

⁷⁰ “Histórias de mangás ou animes que tem como tema relações homossexuais femininas.” (Dicionário de animes, matéria do fã clube do site <http://www.animesdigital.com.br/>)

⁷¹ Disponível em http://www.fanfiction.net/u/669789/Paula_chan, acesso em 05 de jan. 2012.

humanidades, não esquecendo seus opostos no âmbito dos defeitos e vícios com o objetivo de evidenciar as diferenças e ressaltar as qualidades. Paula-chan não está sozinha nessa *campanha*. Num fórum do site FF, moderado por Lilith 06, intitulado *O que vocês não suportam encontrar em uma fanfic*, embora poucos, todos os posts condenam a pedofilia e o estupro e declaram isso com indignação, como a própria moderadora do fórum que considera o indivíduo que acessa material pornográfico envolvendo menores tão pedófilo “quanto quem molesta uma criança”, conforme suas palavras⁷².

Esta questão é bastante polêmica, porque há muitas *fanfics* com *ships* entre menores de idade e personagens com diferença de idade de mais de dez anos, o que é considerado pedofilia pelas leis brasileiras, mas que possuem muitos fãs no fandom, com os relacionamentos entre alunos e professores da série Harry Potter⁷³. Embora a indignação de muitos leitores/escritores fãs relativamente às diferenças entre os mundos da ficção literária e da realidade prática (no universo de HP a maioria é alcançada aos dezessete anos de idade) nenhum deles faz apologia à pedofilia ou concorda com esse tipo de atitude.

A discussão está centrada nas diferenças entre o mundo ficcional e o mundo real, mas não na legitimidade da pedofilia. São questões éticas discutidas por esses jovens que não se restringem a meras opiniões parciais e individuais. Muitos fãs, participantes dos *fandons*, inteiram-se a respeito da legislação brasileira a fim de comentar essas questões. Eles não se esquecem da liberdade de expressão quando falam a respeito dos conteúdos das *fanfics* e apresentam argumentos com base em documentos confiáveis. Mas discutem e divergem, também. Nada pessoal. Debatem opiniões e argumentam. Aí já é perceptível a integridade ou, traduzindo a expressão mais convenientemente para o que está exposto, a ética e a sinceridade. Continua sendo romântico pensar que todos estes jovens estão imbuídos de objetivos nobres e leituras éticas, mas é certo admitir que mesmo com objetivos às vezes divergentes, eles são sinceros ao admitirem seus pontos de vista e suas posturas com relação às práticas de leitura e escrita. Ao avisarem no início de suas *fanfics* que o conteúdo que será lido contém cenas de yaoi, violência e incesto, podemos perceber traços dessa sinceridade. Poderia também ser um chamamento à leitura daqueles que se identificam com a temática? Talvez. Mas quando o conteúdo da *fanfic* é, efetivamente, adulto e seus autores declaram que quem não gosta desse tipo de temática não deve ler o texto, é possível percebermos que eles transmitem suas sinceras posições pessoais em seus escritos.

⁷² Disponível em http://www.fanfiction.net/u/669789/Paula_chan, acesso em 05 de jan. 2012.

⁷³ Ver, por exemplo, a discussão do site Floreios Borrões (fanfic.potterish.com) sobre a proibição de *ships* entre menores de dezoito anos e personagens cuja diferença de idade ultrapasse 5 anos.

Aline, no perfil reproduzido antes, também mostra sua sinceridade ao relatar sua ignorância sobre o funcionamento de postagem de *fanfics* no site FF. Ela diz que demorou muito tempo para compreender como publicar suas *fanfics*. E em seguida comenta que se lembra que alguém lhe explicou através de conversa por mensagens instantâneas, desde o modo de cadastrar-se até como transpor do computador para o site suas escritas. Essa última narrativa exemplifica a quinta característica apresentada por Don Tapscott que é a *colaboração*. Segundo o autor, “Net Geners are natural collaborators. This is the relationship generation” (TAPSCOTT, 2009, p.89).⁷⁴

A colaboração é uma característica marcante dessa geração de usuários da internet. Os jovens Net não se constrangem em demandar o auxílio de seus pares. Ao contrário, lançam mão da experiência de todos em quaisquer atividades em que isso seja possível, com o intuito de diminuir os tempos de busca por informações, de customizarem suas atividades profissionais, de pesquisa, culturais ou de lazer. Colaboram com o que for possível para que isso aconteça com prazer no que fazem. Trocam todas as informações possíveis, dão dicas, instruções. Há sites especializados nessas trocas, como os frequentados por desenvolvedores de softwares e especialistas em hardware. Nestes sites, trocam-se informações sobre vírus, alteração de sistema operacional e etc. Muitos usuários passam tutoriais online uns para os outros, de forma completa, pois o que alguns deixam de relatar sobre a temática tratada outros complementam, corrigem. Se é algum tópico relativo a instalação de um programa, uns falam como instalar, outros sobre as diferenças dos sistemas operacionais e os cuidados de instalação em cada um deles, outros falam de prováveis problemas por conta das diferenças de hardwares e assim por diante. Perguntas comuns sobre quaisquer assuntos também podem ser resolvidas através da colaboração, basta criar fóruns para elas e ter-se-á acesso a muitas respostas de sujeitos de diferentes lugares do mundo.

Tapscott, em entrevista ao programa televisivo *Espaço Aberto – ciência e tecnologia*, da rede Globo News, Brasil, em 2011, exemplifica a colaboração online contando o caso de um vizinho seu que ofereceu um coquetel, quando mudou-se para um novo endereço, com o objetivo de conhecer a vizinhança. Entabulou uma conversa ao conhecê-lo, dizendo que havia lido seu livro e que teria se transformado de banqueiro em minerador de ouro. Este vizinho narrou-lhe que por pouco não desistira da mineração, pois havia assumido uma empresa de mineração e seus geólogos não sabiam onde havia ouro. Após alguns anos de frustração, preparando-se para encerrar as buscas, ele deu-se conta que seus geólogos não

⁷⁴ “Geração Net são colaboradores naturais. Esta é a geração do relacionamento” (tradução livre).

sabiam onde estava o ouro, mas outros poderiam saber. Postou seus dados geológicos na internet e criou uma competição chamada *Goldcorp Challenge*, que oferecia 500 mil dólares para quem descobrisse se ele tinha ouro e onde ele estava. Recebeu respostas de todo o mundo, pagou o prêmio prometido e lucrou 3,4 bilhões de dólares em ouro. Este é, segundo Tapscott (2011), um dos efeitos da colaboração no mercado econômico.

Em diversos âmbitos da vida social se fazem presentes os efeitos da colaboração. Diante de jogos de videogame, quando encontram algum obstáculo que não podem superar facilmente, as crianças e os jovens recorrem à internet e perguntam aos seus pares que fazer para ultrapassar determinada fase do jogo, ou para recuperar determinados benefícios perdidos ou encontrar elementos-chave.

Na escrita de *fanfics* deparamo-nos com a cooperação descrita por Aline, antes citada, mas há muitos outros exemplos. Os beta-readers colaboram com os *ficwriters* ao corrigirem suas escritas, ao lançarem dicas para o enredo e etc. Os moderadores e administradores de sites especializados em postagens de *fanfics*, em geral, não recebem pecúnia algum para organizarem os sites, fazem-no por prazer, embora isso indique um desejo de fazer-se conhecido perante o fandom e demonstre, muitas vezes, sua popularidade. Auxiliam todos os fãs participantes dos sites de forma colaborativa. O site twilightbrasil.net⁷⁵ disponibilizava um link para uma aula de português onde a moderadora do site, Bells Masen, prefaciava-o dizendo que alguém havia solicitado detalhes sobre pontuação nos textos, ao que declarava:

Eu confesso que não domino o assunto, mas pesquisei bastante na internet e com a minha mãe – já disse que ela é professora de português?? Rsr
Espero que gostem das dicas e que ajude a tirar as nossas duvidas. (Bells Masen, Aula de Português 2, site Twilightbrasil.net)

Seguem-se várias dicas sobre pontuação, conforme o exemplo abaixo:

Todos nós temos manias na forma em que falamos com as pessoas. Seja falando baixinho por causa da timidez, outros impostando a voz, nos exaltamos, respiramos, rimos e deixamos no ar aquele clima de suspense...

Eu li num site que:

“A fala é cheia de ritmo e melodia, que dão sentido às nossas frases. O único modo de mostrar que isso existe na escrita é por meio da pontuação”.

(trecho)

“- O que você quis dizer com isso, Edward?” (Bells Masen, Aula de Português 2, site Twilightbrasil.net)

⁷⁵ Acessado em 12/09/2010. Fora do ar em 15/02/2012.

A colaboração faz-se intensa entre escritores/leitores de *fanfics*. Vários artigos, *posts*, nos sites de postagem de *fanfics* aludem à colaboração. Tutoriais são criados para auxiliar a familiarização dos fãs com as páginas da internet e respostas pessoais são dadas a todos que tenham dúvidas com relação ao funcionamento dessas páginas. Tapscott diz que os jovens dessa geração Net estão dispostos a testar protótipos de produtos e a responder questões de pesquisas (2009, p.90). Efetivamente, os jovens participantes da presente pesquisa demoravam pouco tempo para responder à solicitação de participação. Alguns não responderam, mas o índice de adesão foi mais ou menos de cinquenta por cento e o tempo médio de retorno das respostas foi por volta de uma semana.

Há transformações importantes a considerar relativamente à colaboração. Elas são relativas aos processos educativos. Tapscott (2011) alerta os educadores que o modelo corrente de pedagogia focado no professor, numa via de mão única é um modelo que isola o estudante do processo de aprendizagem. O autor continua afirmando que muitos jovens da geração Net aprendem mais por colaboração, tanto com o professor como entre eles, e que respondem a um novo modelo de educação que está surgindo, com foco no estudante, de mão dupla, que será customizado e colaborativo.

Aline, entrevistada para este estudo, não afirma que tenha aprendido a postar suas *fics* nas aulas de informática da escola. Dada Barros Cullen, usuária Twilight Brasil Fanfics, em comentário sobre a aula de português, comentada acima, em 08 de setembro de 2010, diz que não aprendeu sobre pontuação na escola e que adorou aprender ali, no site, pois só colocava vírgula nas frases quando “respirava”. Provavelmente ela aprendeu na escola a pontuação, mas não recorda, ou não prestou atenção, ou faltou no dia da aula, ou a aula expositiva não propiciou que sua atenção fosse requisitada e o aprendizado se perdeu.

A busca por informações nos site de postagens de *fanfics* o qual Dada Cullen é membro, com o objetivo de escrever melhor seus textos de fã, a fez ler por vontade própria, procurar por livre vontade as informações sobre gramática e ortografia para esclarecer dúvidas pontuais. Provavelmente essas dúvidas surgiram enquanto a escritora/fã escrevia e o processo pedagógico colaborativo virtual prioriza a necessidade de aprendizado a partir dos interesses. A dúvida surge, o jovem vai em busca do esclarecimento que lhe servirá de forma imediata e pontual. Fruto de pesquisa e dedicação, torna-se um capital cultural adquirido a partir de conhecimentos acumulados, tanto em termos técnicos, no modo de lidar com as

tecnologias de informação e comunicação, quanto com referência aos saberes escolares, que serão úteis às práticas envolvidas. Como afirma Jenkins,

ao tratarmos da pedagogia midiática, não podemos mais imaginá-la como um processo em que os adultos ensinam e as crianças aprendem. Devemos interpretá-la como um espaço cada vez mais amplo, onde as crianças ensinam umas às outras e onde, se abrissem os olhos, os adultos poderiam aprender muito. (2009:284)

A sexta característica proposta por Tapscott (2009) é o *entretenimento*, a busca dos jovens da geração Net pelo lazer, mesmo em momentos de trabalho, ou seja, que o mundo do trabalho também seja espaço de fruição. Isto pode estar posto quando esses escritores de *fanfics*, durante seus trabalhos ou aulas, seja na escola ou nas universidades, acessam as redes sociais ou seus correios eletrônicos ou, ainda, jogam online. No caso dos jovens escritores/leitores fã percebe-se que essas atividades de escrita de *fanfics* são atividades de lazer, como foi discutido no capítulo anterior. E, ainda, que há uma clara separação entre os afazeres escolares, profissionais e essas atividades de lazer. Quando mencionam a divisão dos tempos do dia, relatam, separadamente, os tempos de lazer e os tempos de estudo ou trabalho.

Trabalho tem sempre prioridade, com certeza. Eu só posto durante a semana, de segunda a sexta, se eu não estiver cansada demais depois que cheguei do trabalho, ou se não tiver nada relacionado a ele para fazer. Então eu escrevo ou leio antes de dormir. (Iara, entrevista recebida em 23/10/2011)

Tenho meu tempo com a escola, que no momento, é minha única ocupação. Utilizo as horas livres para lazer - escrever está incluído. (Julia, entrevista recebida em 26/10/2011)

As prioridades descritas por Iara não o são para todos os jovens. Alguns passam horas apenas lendo e dizem que não seria o aconselhável, pois há mais atividades a fazer, como os deveres escolares. Mas assim como Iara, muitos outros jovens declaram a distinção dos tempos, tendo o estudo e o trabalho como prioridade, como o faz Julia, que declara que escrever é lazer. Um lazer no qual os jovens, por vezes, despendem a maior parte do tempo livre, tornando-se, por vezes, uma obrigação. No site dedicado às *fanfics* de Harry Potter, Floreios e Borrões, vinculado ao Potterish (<http://fanfic.potterish.com>) que é o site brasileiro mais completo sobre HP, foi postada a seleção para moderadores de 2012, em seis de fevereiro de 2012, com o seguinte conteúdo:

Nesse ano de 2012, alguns moderadores optaram por não fazer mais parte do quadro da moderação da FeB. Por isso, estamos abrindo duas vagas para quem tiver interesse.

Os interessados deverão enviar um mail para: moderação@floreioseborroes.net com o título: VAGA PARA MODERADOR. No e-mail informe seu nome de usuário, idade e o que o site significa para você.

É obrigatório ao moderador(a) do FeB:

- Dedicar ao menos uma hora em um dos períodos do dia¹ (manhã, tarde ou noite) para responder e-mail e acessar o Mural da Moderação e resolver problemas da página inicial ou dos capítulos, averiguar denúncias, mudar censura de *fics* que estejam erroneamente classificadas, tirar dúvidas de usuários, etc.

- Uma vez por mês haverá uma reunião da moderação para debater sobre problemas, sugestões e eventos. Dia e horário definidos por e-mail na 1ª semana do mês.

- Todos teriam que ajudar em pelo menos um evento.

- Os e-mails enviados de moderadores para moderadores têm que ser respondidos em até uma semana, salvo o moderador avise que estará viajando.

Obs¹.: Os moderadores serão divididos em 2 grupos de 3, de modo que cada um fique responsável por um período do dia e cada grupo faça as verificações em dias alternados.

Observação importante: Antes de se candidatar pense com cuidado no quanto você gosta do site, quanto tempo livre possui e se está disposto a às vezes abrir mão de programas de lazer para resolver problemas. As reuniões são feitas geralmente aos fins de semana ou sexta a noite, duram de 2 a 3 horas.

Ser moderador exige realmente erguer a bandeira do site e se dedicar a ele para fazê-lo crescer e estar cada dia melhor, lembre também que a maior parte do trabalho envolve contato com pessoas (usuários do site). (Mural da Moderação – Seleção para Moderadores!, por Moderação, site fanfic.potterish.com)

Há obrigações ao moderador. Ele deve dedicar algumas horas do seu dia para o site, responder e-mails, verificar denúncias de plágios ou outros tipos, dirimir dúvidas dos membros dos sites e assim por diante. Há reuniões mensais em que os moderadores devem se fazer presentes.

Mas obrigações não parecem coadunar com lazer e entretenimento. Para a geração Net isso é possível, isso é normal. Trabalhar e responsabilizar-se por algo que dá prazer torna-se um objetivo para diversos jovens, mesmo sem qualquer remuneração. Muitos *ficwriters* tratam essas atividades como prioritárias, ficam até a madrugada em frente de seus computadores pessoais resolvendo problemas, pesquisando para suas *fanfics*, lendo os textos de seus pares, amigos e isso tudo em seus tempos livres.

Para o pesquisador e educador Paulo César Rodrigues Carrano, há três elementos básicos “que se combinam nas atividades colocadas em jogo no lazer” que são: “*a sociabilidade, a mobilidade e a imaginação*” (2003, p.139). Para os escritores/leitores fãs, a sociabilidade é uma característica bastante evidente, a imaginação o é, da mesma forma, pois a escrita pressupõe o uso da imaginação e as próprias declarações dos jovens atestam que uma das motivações para a escrita é a possibilidade de deixá-la fruir, esvaziar a mente de “ideias loucas” que a povoam, ou seja, a imaginação é algo muito intrínseco às escritas de fãs.

Mas a mobilidade não parece ser um elemento básico dessa específica atividade de lazer. Os jovens fãs leem, escrevem, buscam informações, atualizam-se sobre as novidades

dos seus *fandons* específicos, navegam nas redes sociais, conversam por mensagens instantâneas com seus pares, amigos e colegas dos seus próprios quartos, sem saírem de casa. Se a mobilidade refere-se aos espaços físicos, esses jovens da geração Net, durante suas atividades, realizadas frente a seus computadores, conectados à internet, não necessitam se deslocar de suas casas. Eles o fazem, como ir ao cinema, ao shopping, às festas, para encontrar amigos, normalmente, como as gerações anteriores faziam, mas para suas práticas de escritas e leituras eles não necessitam se deslocar. Segundo Don Tapscott (2009), estes jovens transferem os tempos que a Geração anterior (Y) utilizava (e ainda utiliza), assistindo televisão, no uso do computador para navegar na internet, encontrar diretamente o que almejam, assistir capítulos de seriados televisivos na hora em que querem e podem, acessar clipes de bandas, ouvir música, jogar online. São tempos, antes dedicados à TV, convertidos à internet. Assim, eles não deixam de se encontrar face a face, conviver com amigos, passear pelo centro da cidade e ir a festas de aniversário.

Eu leio *fic*s todos os dias, todos mesmo, e quase sempre q posso escrevo. É um passa-tempo, alguns veem TV, eu leio *fic*s. (Naomi, entrevista recebida em 06/11/2011)

Assim, a mobilidade pode ser encarada a partir dessas duas acepções: física (como já relatado) e virtual. Embora sentados frente a seus computadores, os jovens transitam no e-space, esse “espaço eletrônico”. (...) “No e-space posso entrar em contato com qualquer um sem conhecê-lo e ir a qualquer lugar sem ir. O qualquer-lugar, a ubiqüidade se insere no e-space. As fronteiras furam” (CANEVACCI, 2005, p.166-167). Para Canevacci a possibilidade de combinar diferentes textos encontrados casualmente nas navegações dos jovens, fato que não aconteceria a partir das práticas tradicionais, é uma característica do e-space.

Mas a mobilidade virtual também pode ser entendida como a possibilidade dos jovens estarem juntos sem estarem no mesmo espaço físico. As reuniões dos moderadores do site Fanfic.Potterish.com que acontecem uma vez ao mês são realizadas virtualmente. Há um horário previamente acertado, quando os jovens estão conectados e através de seus computadores, e a partir dos mais diferentes lugares, encontram-se, reúnem-se. Munidos de microfones e câmeras realizam tele-reuniões ou reuniões virtuais. Muitos equipamentos são necessários? Não mais. A maioria dos notebooks e netbooks, atualmente, já possuem câmeras e microfones acoplados. Através da mediação de aparelhos de reduzidas dimensões os jovens podem estar em contato com quaisquer partes do mundo, desde seus quartos, por exemplo, sentados em suas camas.

Esses tempos de lazer que demandam trabalho, ocupação com responsabilidade e horários definidos, são ainda tempos de lazer. Percebendo esse fenômeno, Carrano (2003) afirma que:

É bastante comum que a satisfação no lazer seja entendida como um alívio das tensões do trabalho alienado. Essa representação ideológica do lazer o vê com a função de servir como uma relaxação das tensões cotidianas. A insuficiência dessa análise do lazer está no desconhecimento de que ele constitui um campo social com relativa autonomia frente ao tempo de trabalho e que, ao contrário da tese do relaxamento das tensões, em muitos momentos as pessoas buscam a excitação – muitas vezes tencionando os próprios limites da sobrevivência – nos tempos e espaços de lazer. (2003, p.139)

A análise de Carrano identifica o lazer não como relaxamento das tensões cotidianas do trabalho, mas um campo social autônomo relativamente ao tempo do trabalho. Para os jovens *ficwriters*, tanto as idéias de Carrano, quanto as de Tapscott, a respeito do lazer ou tempo livre são válidas, pois para os tempos de lazer ou livres podem ser tanto uma forma de liberar o stress gerado nas atividades profissionais, quanto uma forma de trabalho prazeroso, apesar das exigências estabelecidas entre os próprios pares e uma busca pela excitação gerada a partir do envolvimento cada vez maior com os *fandons*.

Ah, é simples. Sou da opinião de q TODOS precisamos de um hobbie, algo q nos tire dos nossos problemas e tals. Nem todos têm, mas deveriam. Eu uso as *fanfics*. São uma ótima prática mental q eu encaro como prazer. (Naomi, entrevista recebida em 06/11/2011)

Um hobbie e um prazer que Naomi diz ocupar seu tempo diário mais do que deveria. Recebe comentários acerca de suas *fanfics* em que os leitores pedem que escreva mais, o que a faz ter mais vontade de escrever. Assim, escrever torna-se trabalho, embora não seja assim considerado por nenhum jovem, pois disso não advém qualquer remuneração. Tensionados por seus pares que demandam mais capítulos de uma determinada *fanfic* ou a postagem de histórias diferentes, sentem-se mobilizados a participar desse campo de produção cultural: escrevem mais. Também reconhecem uma excitação lúdica, pois à medida que mais ativamente participam dos *fandons*, mais necessidade têm de conquistar o reconhecimento de outros jovens das comunidades de fandom de que participam. Por vezes, isso se deve ao fato de possuírem mais conhecimentos e serem mais experientes que os novatos, seja porque leram todas as *fanfics* postadas, ou porque enviaram *reviews* com incentivos e críticas construtivas, seja porque habilitaram-se a dedicar tempos específicos e prolongados na moderação de um

fórum, de uma área de um site, tornando-se referência para outros jovens escritores/leitores fãs.

Retornando às características dos jovens da geração Net apontadas por Tapscott, advém a sétima que é a *velocidade*. O autor aponta que os videogames e os sites de busca dão respostas rápidas a esses jovens, quase instantâneas e, assim, eles esperam essa atitude das pessoas com quem convivem. Se um e-mail não é respondido quase imediatamente ao que é recebido parece que eles negligenciam algo importante e isso eles esperam de todas as pessoas. Os pedidos de postagens de *fanfics* respeitam essa característica. Muitos jovens, em *reviews* enviadas aos autores de *fanfics* que leem, declaram ter começado a ler naquele mesmo dia os vários capítulos já postados pela autora, e dizem que não tiveram como parar de ler. Ainda pedem que os próximos capítulos sejam postados em seguida, pois a ansiedade de terminar a leitura daquele texto é muito grande.

Na seleção de moderadores do site *Fanfic.Potterish.com*, mencionada acima, foi mostrado que o prazo para que um moderador responda um e-mail de outro participante é de uma semana, considerado um tempo flexível por estes jovens da geração Net. A velocidade é algo a ser cobrado, ainda mais quando o tempo de espera é longo relativamente aos padrões estabelecidos pela internet. Mas esperar por capítulos de *fanfics* muito apreciadas vale a paciência pelo tempo decorrido:

(...)

Adorei, pode até demorar pra postar (até 3 meses tudo bem, depois disso a gente começa a esquecer da história), o que não pode é abandonar. :x
Beijos. (review de Hisui Ai a *fanfic Epilogo* de autoria de dai86 em 15/02/2012)⁷⁶

OMG! DE BOBEIRA RESOLVI DAR UMA OLHADA NESTA *FIC* MARAVILHOSA, MAS NÃO ESPERAVA QUE FOSSE TER UM CAPÍTULO NOVO! HUAHUAHUA (MUITO FELIZ!) DAI86, REPITO O QUE EU DISSE: A *FIC* É MUITO BOA E VOCÊ ESTÁ INDO SUPER BEM! PODE CONTAR SEMPRE COM MEUS INCENTIVOS, MEUS ELOGIOS E COM MINHAS MP'S⁷⁷...HEHEHEHEHE ESTOU LOUCA PRA LER A CONTINUAÇÃO, MAS INFELIZMENTE VOU TER QUE FAZER O ESFORÇO DE ESPERAR ATÉ AMANHÃ... BUÁAAA...
OBS: FICO FELIZ POR TER SERVIDO COMO INCENTIVO! BJIM... *) (review de Lia Liz a *fanfic Epilogo* de autoria de dai86 em 13/02/2012)⁷⁸

Empresas de todos os tipos estão percebendo as mudanças que o hábito da velocidade nas tarefas realizadas pelos jovens está proporcionando, em especial junto aqueles permanentemente envolvidos com a tecnologia e, em particular, a internet. E já não podemos

⁷⁶ Disponível em <http://www.fanfiction.net/s/7302341/1/Epilogo>.

⁷⁷ Mensagens Pessoais, enviadas diretamente para o e-mail dos *ficwriters*.

⁷⁸ Disponível em <http://www.fanfiction.net/s/7302341/1/Epilogo>.

dizer que a imprensa não traz resultados eficazes. Tapscott, na entrevista ao programa *Espaço Aberto*, antes referida, afirma que o site de colaboração *Wikipédia* existe em 190 (cento e noventa) línguas, sendo dez vezes maior que a enciclopédia Britânica, mas com qualidade semelhante.

Por fim, a oitava característica da geração Net é a *inovação*. Tapscott lembra que em sua geração a invenção do rádio transistor foi uma inovação espetacular e, por muitos anos, continuou sendo uma inovação de ponta. Para os jovens da geração Net a inovação é cotidiana. Deparam-se com celulares ultramodernos em relação aos anteriores todos os meses, *netbooks*, *tablets* mais avançados num curto espaço de tempo. Sistemas operacionais modernizam-se periodicamente e programas de edição de vídeos, músicas, jogos on-line, rastreadores de vírus são atualizados diariamente. Essa geração jovem está habituada a essa velocidade e quantidade de inovações. Tanto que muitos são os responsáveis por criações de sucesso na internet como o Facebook, o YouTube e o próprio Google.

Os jovens escritores/leitores fãs também inovam. E experimentam as inovações de forma bastante natural. Eles não só criam histórias que partem da imaginação, com os elementos da obra que são fãs; eles adaptam variados livros lidos a esses elementos:

Pra quem estiver interessado, leiam "Um pai para a pequena Megumi", que vou postar a partir de hoje. É a adaptação do livro "O sedutor e o bebê", de Miranda Lee. Espero que gostem. (dai86, perfil, no site FanFiction.net)⁷⁹

Apenas uma adaptação para a internet? A questão é que são exploradas todas as possibilidades ao alcance para a criação de textos diferentes, para pôr em ação práticas de escrita e leitura antes não experimentadas, para deixar a imaginação fluir, sem restrições, a não ser as próprias limitações pessoais. E nesse processo os jovens muito inovam, descobrem, criam sites, blogs, capas para as *fanfics*, trilhas sonoras, textos a partir de músicas com os personagens de mangás e acabam criando novos recursos que atendam melhor suas necessidades de escrita e de leitura, entre outras criações.

These are the eight norms of the Net Generation. They value freedom – freedom to be who they are, freedom of choice. They want to customize every thing, even their Jobs. They learn to be skeptical, to scrutinize what they see and read in the media, including the internet. Hey value integrity – being honest, considerate, transparent, and abiding by their commitments. They're great collaborators, with friends online

⁷⁹ Disponível em <http://www.fanfiction.net/u/1412715/dai86>.

and at work. They thrive on speed. They love to innovate. (TAPSCOTT, 2009, p.96)⁸⁰

Os jovens leitores/escritores fãz aproximam-se da caracterização proposta por Don Tapscott para a geração Net, embora não possamos enquadrá-los em comportamentos *a priori*. São jovens que buscam a liberdade, velocidade, inovação, entretenimento, são colaborativos, checam as informações recebidas e procuram facilitar qualquer atividade que tenham que realizar através do auxílio da tecnologia. Ao mesmo tempo, o trabalho da escrita, que é entretenimento, é realizado sem que percebam qualquer remuneração, os tempos livres são consagrados às práticas de leitura e escrita online, mas também com os amigos face a face. Quando não conseguem inovar, recorrem à imitação e burlam a própria netiqueta, mas sempre há jovens que rechaçam estas atitudes e colaboram denunciando estas ocorrências. Estes jovens vão à escola e não se furtam de atividades que não sejam realizadas em seus computadores, embora, por vezes, sejam consideradas entediantes, como estudar. A prioridade é o estudo e o trabalho, mas os tempos livres, dedicados às práticas de ler e escrever, são intensos, quase laborais, e prazerosos.

3.3 AUTORES, ESCRITORES, FICWRITERS

A função-autor há alguns anos vem sendo bastante discutida nos marcos da História Cultural. Por exemplo, no âmbito da história do livro (CHARTIER, 1999b, 2001a, 2002b; DARNTON, 2010) na filosofia (FOUCAULT, 1992) ou na teoria literária (ECO, 2011), é possível perceber que essa função antes não teve as prerrogativas que hoje a ela dispensamos.

O autor não exercia o direito de autoria por sua obra até ele ser exigido para a possível aplicação de penalidades, a partir do esquema de censura das obras. Em Michel Foucault, o discurso portador da função “autor” não se refere a todos os discursos, pois para

⁸⁰ “Estas são as oito normas da Geração Net. Eles valorizam a liberdade – liberdade de serem quem são, liberdade de escolha. Eles querem customizar tudo, até seus trabalhos. Eles aprendem a ser céticos, a escrutinizar o que eles veem e leem na mídia, incluindo a internet. Eles valorizam a integridade – sendo honestos, atenciosos, transparentes, e cumpridores dos seus compromissos. Eles são grandes colaboradores, com os amigos online e no trabalho. Eles crescem na velocidade. Eles amam a inovação” (Tradução livre).

além de livros, há panfletos, leis, contratos, textos anônimos escritos em paredes, cartas privadas que podem ter signatários, mas não possuem *autor*.

Referindo-nos especificamente a um autor de livro ou texto é possível reconhecer, segundo Foucault (1992), quatro características fundamentais. A primeira delas, a *apropriação*, é o ato de apropriar-se da obra, de ser considerado seu autor, de possuir. Trata-se, historicamente, de uma medida para facilitar processos de punição, pois os textos começaram a identificar seus autores na medida em que estes se tornaram passíveis de serem punidos. A forma de propriedade que revelam, neste caso, é de tipo particular:

Os textos, os livros, os discursos começaram efectivamente a ter autores (outros que não personagens míticas ou figuras sacralizadas e sacralizantes) na medida em que o autor se tornou passível de ser punido, isto é, na medida em que os discursos se tornaram transgressores. (FOUCAULT, 1992, p.47)

A autoria de uma obra fez-se, assim, necessária para punir quando um texto era tido como pouco ortodoxo ou visto como possível disseminador de ideias consideradas perturbadoras da ordem, hereges e etc.

Até o século XVIII, não podemos falar de autor proprietário. É a partir desse momento que os livreiro-editores, preocupados com a manutenção de seus privilégios frente à impressão e venda de livros, defendem e instituem o autor como proprietário. É pensando nas prerrogativas de privilégio que esses livreiros passaram a defender seus argumentos quanto à propriedade dos escritos em relação a seus autores. Contra a ideologia iluminista que pregava o compartilhar das ideias para o progresso da humanidade e, por isso, era contrária ao copyright, à apropriação das ideias por um determinado indivíduo, é que duas justificativas foram levantadas pelos editores da Inglaterra e, também, da França para determinar o direito do autor e a posterior possibilidade da perpetuidade do direito de editor sobre determinada obra concedido pelo autor proprietário:

(...) a primeira justificativa foi jurídica. Esta se constituiu a partir da teoria do direito natural, que considera o homem como proprietário dos objetos resultantes do seu trabalho. (...) É o conceito do direito natural à maneira de John Locke, fundado na ideia do trabalho como atividade que transforma parte da natureza em algo manufaturado, em um objeto que, neste caso, pode ser um manuscrito, o que define a base jurídica e legal do *copyright*. A segunda justificativa foi estética. Constituiu-se a partir de toda a ideologia estética da originalidade. Embora as ideias sejam compartilhadas, se argumentou, há algo nas obras irredutivelmente singular e pessoal: estilo, sentimento, a maneira de escrever; assim, foi possível desvincular a necessidade de compartilhar as ideias, que não pertencem a ninguém, em relação à forma e à expressão, que são particulares, que são a tradução de um indivíduo. Sobre

essas duas bases, a estética e a jurídica, estabeleceram-se o direito de autor e a figura do autor proprietário. (CHARTIER, 2001a, p.54)

Assim, os autores ganharam o direito da propriedade de seus textos, mas os lucros obtidos pela venda dos mesmos no formato livro estavam nas mãos dos livreiro-editores que davam, aos primeiros, alguns exemplares impressos e, por vezes, alguma remuneração pecuniária, ficando, os últimos, com o privilégio pela impressão das obras por dez anos ou mais (às vezes até a morte do autor). Estabelecer o direito do autor sobre sua obra garantiu aos livreiros que eles pudessem negociar diretamente com os autores, obtendo privilégios quase perpétuos.

A segunda característica da função-autor é que ela “não se exerce de forma universal e constante sobre todos os discursos” (FOUCAULT, 1992, p.48). Houve um tempo em que textos literários não precisavam de autoria para circular e textos científicos tinham validade somente se fossem assinados com um nome de autor. Nos séculos XVII e XVIII esta situação inverteu-se e, a partir de então, textos científicos não exigem nome de autor para terem validade enquanto os textos literários necessitam de autoria.

Nas práticas de escrita dos *ficwriters* quem cumpre a função autor de textos que podem ser considerados literários, mas não são considerados originais? E o jovem que publica suas histórias sob um pseudônimo? O pseudônimo, também chamado avatar? Ou ainda, o autor da obra original que teve seus personagens retirados de sua imaginação para constituírem outros universos de escrita de outros sujeitos escritores? Ou, no limite, tais textos possuem uma autoria coletiva, pois são fruto da comunidade de fãs que auxiliam as escritas de *fanfics* quando enviam *reviews* aos escritores, solicitando o acréscimo de determinados conflitos na história, reclamam que o *ficwriter* matou seu personagem preferido ou palpitam sobre algum acontecimento da trama em desenvolvimento? Finalmente, quem é ou quem são os autores dos livros originais quando, hoje, na medida em que os livros, que constituem volumes de séries, vão sendo escritos, os seus leitores-fãs entram em contato com os autores, fazem pedidos para a continuidade das histórias, apresentam falhas e propõem correções de erros? Essas indagações dão conta de demonstrar não apenas sua complexidade, mas, sobretudo, a historicidade da noção autor e das profundas transformações que ela assiste na contemporaneidade.

A terceira característica é que essa função autor “não se forma espontaneamente como a atribuição de um discurso a um indivíduo” (FOUCAULT, 1992, p.50). Quando alguém fala, sabemos quem fala. O que essa pessoa fala pode não advir de sua própria

inteligência, mas ela é a portadora do discurso, como aquele que narra as memórias das quais tornou-se guardião. A quem, primeiro, pertencem essas memórias? Não sabemos, mas aquele que narra é o indivíduo que as transforma em discurso. A função-autor implica uma operação mais complexa que, historicamente, exige critérios a serem definidos.

Quando nos deparamos com uma obra de Shakespeare, estamos diante de um texto efetivamente escrito por ele ou escrito por vários autores que sob seu nome reuniram muitas obras diferentes? Bruno declara em sua entrevista que é muito criterioso na hora de postar uma *fanfic*, relendo-a várias vezes para que ela não tenha nenhum erro gramatical, tampouco ortográfico. Certa vez, a pedido, postou em seu perfil de um site especializado em *fanfics*, uma escrita de sua irmã, mas deixou claro aos leitores que seu perfil, para aquela *fanfic*, estava servindo apenas de hospedeiro, pois o texto não era de sua autoria. Temia que possíveis erros lhe fossem atribuídos, estando a *fanfic* de sua irmã publicada juntamente com as suas. Se ele não tivesse ressaltado a questão da autoria, como saber de quem é o texto? Seu nome assumiu a função-autor, mas quem o escreveu de fato? A função-autor é uma construção social.

Por fim, “a função autor não é, com efeito, uma pura e simples reconstrução que se faz em segunda mão a partir de um texto tido como um material inerte” (FOUCAULT, 1992, p.54). Em um texto encontramos vários possíveis autores: aquele que apresenta a obra, aquele que a prefacia, aqueles que a organizam e aqueles que escrevem cada capítulo, aquele que narra, aquele que conclui a obra apresentando como ela foi construída e etc. Ela exige mais que isso. Ela pode referir-se a mais de um indivíduo. Remete ao jovem e a seu pseudônimo nas escritas de fãs. Muitas vezes, a vários pseudônimos, quando cada um deles é usado em diferentes sites especializados na internet. Mike-chan no FF é o mesmo sujeito Michel Silva no Fanfiction.com.br, mas não cumprem a mesma função-autor.

Aqui, é interessante destacar a diferença entre autor e escritor. Essa última denominação é concedida a muitas mulheres na Europa do século XVII, pois referia-se a quem escrevia textos manuscritos. Estes, também circulavam nas cortes, entre os nobres que eram leitores. Estes, por vezes copiavam seus próprios exemplares. Mas o autor é aquele que tem seus escritos publicados o que lhe confere um direito penal sobre eles:

A existência do autor pressupõe a circulação impressa das obras, e, em retorno, a imprensa distingue o “autor” do “escritor”, definido por Furetière [autor do Dictionnaire Universel de 1690] sem qualquer relação com a tipografia: “Escritor se diz, também, daqueles que compuseram livros, obras”. (...) Para “erigir-se como

autor”, escrever não é suficiente; é preciso mais, fazer circular as suas obras entre o público, por meio da impressão. (CHARTIER, 1999b, p. 44-45)

Na escrita de *fanfics*, embora, ultimamente, as fronteiras entre os gêneros estejam ficando menos claras, a maioria dos textos é escrito por mulheres (JENKINS, 2009, p.216). Mesmo que, já no século XVI, La Croix Du Maine e Du Verdier considerassem autor tanto aquele que escreve um manuscrito quanto um texto impresso (CHARTIER, 1999a, p.45-46) e que depois adviesse a divisão entre o escritor e o autor, a separação entre as escritas femininas e as masculinas continua existindo nos nossos tempos. Cada vez menos claramente, por certo. Muitos pseudônimos escolhidos pelos jovens sob os quais publicam na internet seus textos não possuem clara definição de gênero, como N. Skellington, Moony J4M, Danoninho Chan, Kahh, entre tantos outros exemplos. No entanto, as *fanfics* tem sido percebidas como uma iniciação ao mundo dos autores de textos originais, independente se homens ou mulheres, o que leva jovens rapazes a aderirem ao mundo das escritas de fãs em maior quantidade do que há alguns anos atrás. Mesmo assim, vamos encontrar entre os administradores do site Potterish apenas jovens do sexo masculino.

Ainda sobre a função-autor, contemporaneamente, ela é quase inquestionável. O direito dos autores sobre suas obras é absoluto e mesmo se falarmos de textos manuscritos, registrados em cartório, também estes são propriedades indiscutíveis daqueles que os escreveram. Mas há um deslocamento a ser realizado na atualidade quando pensamos nas tecnologias de comunicação e na internet, pois os jovens das *fanfictions*, segundo a concepção clássica do século XVII, podem ser classificados como escritores e não como autores, em sua maioria. Entretanto, de uma parte eles também reivindicam que sejam citados sempre que outros escritores referirem-se a seus textos e, de outra, seus textos são publicados, com acesso livre, na rede de computadores, seja através do sistema de *copyleft* – licenças de uso livre – contrário ao copyright, ou *creative commons* – uso não comercial dos escritos.

Se pensarmos no surgimento da função-autor perceberemos que, inicialmente, muitos intelectuais e pensadores como Voltaire rechaçavam a possibilidade de tornar as obras em mercadoria, e, como nos alerta Chartier,

Em sua definição tradicional, o autor vive não da sua pena, mas dos seus bens ou dos seus encargos; ele despreza o impresso, exprimindo a sua ‘antipatia por um meio de comunicação que perverte os antigos valores da intimidade e da raridade associados à literatura da corte’; ele prefere o público escolhido entre os seus pares, a circulação em manuscrito e a dissimulação do nome próprio sob anonimato da obra. (1999b, p. 43)

Considerando que os escritores de fan fictions escrevem para seus pares; fazem seus textos circularem na rede e não sob o formato impresso, instaurando a possibilidade de cópias digitais e colagens igualmente digitais, ou mesmo bricolagens por parte dos leitores/escritores de *fanfics*; usam pseudônimos para assinarem seus escritos; além de não viverem do ‘teclado’, a única objeção à figura clássica do autor, recuperada por Chartier (1999b), é que esse jovens escritores apreciam muito os novos meios de comunicação que lhes possibilitam escrever, trocar textos, criar e divulgar suas criações.

Foucault diz (1992, p.70) que não seria difícil imaginar o futuro sem autores, mas o que vemos com a internet é uma exacerbação dos dois extremos: muitos autores “menores” reivindicam a autoria de seus textos de *fanfics*, de blogs e etc, denunciando plágios. Realizam campanhas online contra essa prática. Há muitos textos na internet de notícias sem autoria definida, protegendo-se atrás dos jornais ou do próprio anonimato propiciado pela internet. Seria isso anonimato? Ou um estabelecimento de nome de autor específico, mas diferente do nome civil, por assumirem funções de sujeito diferentes?

O uso do pseudônimo não é, em verdade, um anonimato. Esconde algo? Talvez não, talvez sim. Mas certamente produz uma identidade diferente. Não é o mesmo sujeito que frequenta a escola, o local de trabalho, que passeia com a família ou com os amigos. É um outro sujeito. O nome escolhido para isso cumpre uma função: a função autor. Sob aquele signo, sob o codinome, um avatar, pode-se deixar fruir a imaginação, esvaziar da mente para o papel as ideias que a povoam e a incomodam, até mesmo a atrapalham nos fazeres do dia-a-dia. Mas também este nome pode afastar o perigo de uma apropriação penal anunciada. Para uma defesa pessoal do escritor de textos de fãs e possibilidade de continuação de suas escritas, faz-se necessário esse anonimato. Apresenta-nos um sujeito multifacetado, que não é privilégio apenas de jovens da geração Net, pois outros autores, em outros tempos criaram pseudônimos para si a fim de escreverem diferentes estilos de obras, cada uma com assinaturas diferentes.

Trata-se de uma prática que se dissemina na atualidade, torna-se acessível a todos que querem escrever. Não se trata, assim, de esconder-se, mas de mostrar-se múltiplo e proteger-se.

4. AS LEITURAS

(...) ler é estar alhures, onde não se está, em outro mundo; é constituir uma cena secreta, lugar onde se entra e de onde se sai à vontade; é criar cantos de sombra e de noite numa existência submetida à transparência tecnocrática e àquela luz implacável que, em Genet, materializa o inferno da alienação social. Já o observava Marguerite Duras: “Talvez se leia sempre no escuro... A leitura depende da escuridão da noite. Mesmo que se leia em pleno dia, fora, faz-se noite em redor do livro” (CERTEAU, 1994:269)

Ler é adentrar um mundo particular, solitário, individual e subjetivo. Repleto de indivíduos ao redor, a leitura permite abstrair-se de todos eles, não mais percebê-los, e mesmo que todos falem, nem mais escutá-los. Ler permite que o sujeito adentre um espaço diferenciado de sua realidade objetiva e que saia dele quando lhe apraz.

A leitura transporta o leitor para outro mundo, fazendo-o percorrer caminhos conhecidos a partir de outras leituras. Embora isso aconteça, essa viagem é sempre nova. Ler não é um ato que ilumina o ambiente, pelo contrário, quem lê cria a noite ao seu redor. Quando todos os outros pensam que nada há ali onde se encontra um leitor com seu livro, à exceção das materialidades, pois a escuridão da cena ao redor torna inacessível o que se passa entre leitor e livro, faz-se luz somente entre ambos. Essa afirmativa não é contrária à reflexão de Certeau na epígrafe acima, pois a escuridão que envolve o leitor e o livro equivale as luzes e as cores que se fazem dentro do mundo particular para onde viajou o leitor guiado pelo livro.

Nas escritas de *fanfictions* a leitura e a escrita são práticas imbricadas. A própria definição de *fanfiction* demonstra esta relação intrínseca. Escreve-se uma ficção de fã porque se leu, anteriormente, o livro original. E após, ou antes, de escrever uma *fanfic*, os sujeitos leem textos de outros fãs participantes do mesmo fandom. Leitura e escrita, assim, andam juntas, embora operem em universos distintos. Como disse Sabrina, no capítulo *As Escritas*, subseção *Práticas de Escrita*, ler encaixa-se em todas as tarefas do cotidiano, diferentemente da escrita que requer maior dedicação. As leituras, como hábito cotidiano, por vezes produzem ideias que levam os sujeitos a produzirem escritas:

Eu tenho o costume de ler, e muitas vezes vinham ideias na minha cabeça, então resolvi começar a escrever. (Fernanda, entrevista recebida em 29/10/2011)

Alertava Certeau tal aspecto, dizendo que “Barthes distinguia já três tipos de leitura: aquela que se apraz em deter-se em certas palavras, e a que vai correndo até o fim e ‘não consegue esperar’, a que cultiva o desejo de escrever” (CERTEAU, 1994:272). Quais modos de ler mobilizam estes três tipos de leitura? Os romances levam à escrita, como diz Chartier (2001a:114)⁸¹. São leituras que povoam o imaginário dos leitores para além dos tempos da leitura. Os personagens inscrevem-se em suas memórias, suas atitudes frente a situações variadas e inusitadas são previsíveis, porque suas personalidades são conhecidas e reconhecidas, mesmo em situações imprevisíveis. São leituras feitas e refeitas que passam a habitar o cotidiano dos sujeitos leitores.

O romance toma conta do leitor, o captura, governa seus pensamentos e seu comportamento. Ele é lido e relido, decorado, citado, recitado. O leitor é invadido por um texto que o habita e, ao identificar-se com os heróis da narrativa, ele decifra sua própria existência por meio da ficção. Nesta leitura particularmente intensa e “intensiva”, toda a sensibilidade fica comprometida e o leitor, ou a leitora, não consegue reter a emoção e as lágrimas. (CHARTIER, 2002a:108)

O leitor decifra sua própria existência a partir das leituras que o habitam. Identifica-se com os heróis da narrativa, com todos os personagens. O mundo conhecido da ficção torna-se caminho para o conhecimento de seu próprio mundo:

Uma vez estava no parque com meu pai, e li uma placa que mostrava a espécie das árvores. Estava escrito MOGNO, naquele momento eu lembrei do Olivaras⁸², e murmurei 'mogno, ótimo pra fazer varinhas'; meu pai me olhou e disse 'mogno, madeira nobre, ótima pra fazer móveis' e aí eu notei o quanto Harry Potter muda pra melhor nossa vida (LASLUS, perfil, no site Nyah!Fanfiction)

O leitor identifica-se com as leituras realizadas, imbrica seu mundo com o do texto, mas, para além, sabe-se num outro mundo depois de terminada a leitura e fechado o livro. Esta é uma das estratégias dos autores para introduzir o leitor no mundo do livro, para além de muitas outras, como indica Darnton (2010:193-195), analisando Hemingway. O mogno é uma madeira que realmente existe para ser apalpada no mundo material. E sua melhor função está em servir para a fabricação de bons móveis. Ela é também ótima para fazer varinhas de bruxas e bruxos na ficção escrita por J. K. Rowling. Uma função não exclui a outra. Estamos falando de mundos diferentes? Talvez para alguns, mas para muitos leitores, o lugar onde se fabrica a varinha estará lá quando o livro for novamente aberto.

⁸¹ Trecho citado no capítulo *As Escritas*, subseção *As Práticas de Escrita*.

⁸² Personagem da série de livros de Harry Potter de J. K. Rowling, conhecido artesão de varinhas da Inglaterra.

Quaisquer leituras deixam marcas em seus leitores, povoam suas mentes, as informações obtidas através delas tornam-se conhecimento. Não são aceitas quaisquer escritas. Alguns jovens leitores manifestam que adoram histórias vampirescas, mas que tenham nexos e, por isso, não gostam da saga *Crepúsculo*⁸³. Mas onde está o nexo de um mundo onde existem vampiros, lobisomens e outros personagens de lendas fantásticas? Possivelmente nas lendas fantásticas. O exame atencioso dos jovens também se refere a essas realidades míticas. Ele funciona não somente para averiguar informações que transitam em sites ou e-mails na internet, mas para realizar uma leitura convincente.

Podemos considerar que as narrativas fantásticas não convencem, porque não são reais? É preciso compreender que o mundo do texto produz uma realidade outra, constrói um mundo onde também existe uma coerência, embora povoado de vampiros, bruxos, magos, elfos e hobbits. Quanto mais leem obras de fantasia, mais os jovens apropriam-se do mundo do livro e a comunidade de leitores produz elos que orientam as interpretações de todos esses leitores: “O modo de ler, que é ditado pelo próprio livro ou por seus intérpretes, oferece o arquétipo de todas as formas de leitura, não importa quais sejam” (CHARTIER, 1992:227).

As mais variadas leituras dos sujeitos são submetidas às interpretações compreendidas por todos os membros de uma comunidade de leitores ou de “(...) ‘comunidades interpretativas’ que partilham as mesmas habilidades, códigos, hábitos e práticas” (Idem, 2002b:59).

Embora busquemos na História Cultural as bases para abordar as comunidades de leitores jovens do século XXI, o lugar onde os membros dessas comunidades se encontram e partilham experiências, na atualidade, é a internet, também um campo para a formação de *comunidades*, mas nesse caso *virtuais*. Pierre Lévy considera as comunidades como um dos princípios da cibercultura⁸⁴ e as conceitua como sendo construídas “sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de

⁸³ Twilight, no original inglês, é uma série de livros sobre vampiros (*Crepúsculo*, *Lua Nova*, *Eclipse* e *Amanhecer*) da autora norte-americana Stephenie Meyer. *Crepúsculo* é o primeiro livro da série e conta a história de uma jovem estudante chamada Bella Swan que sai da cidade de Phoenix, estado de Arizona (EUA) e vai morar com seu pai em Forks, Washington onde se apaixona pelo vampiro Edward Cullen que faz parte de um clã “vegetariano”, ou seja, que não se alimenta de sangue humano. Mas o casal enfrentará o desafio de manter Bella longe de outros clãs não-vegetarianos e outros intrincados tormentos de cunho psicológico do casal, como o medo do vampiro de pôr sua amada em perigo e a própria escolha de Bella de desejar ser transformada por seu amor.

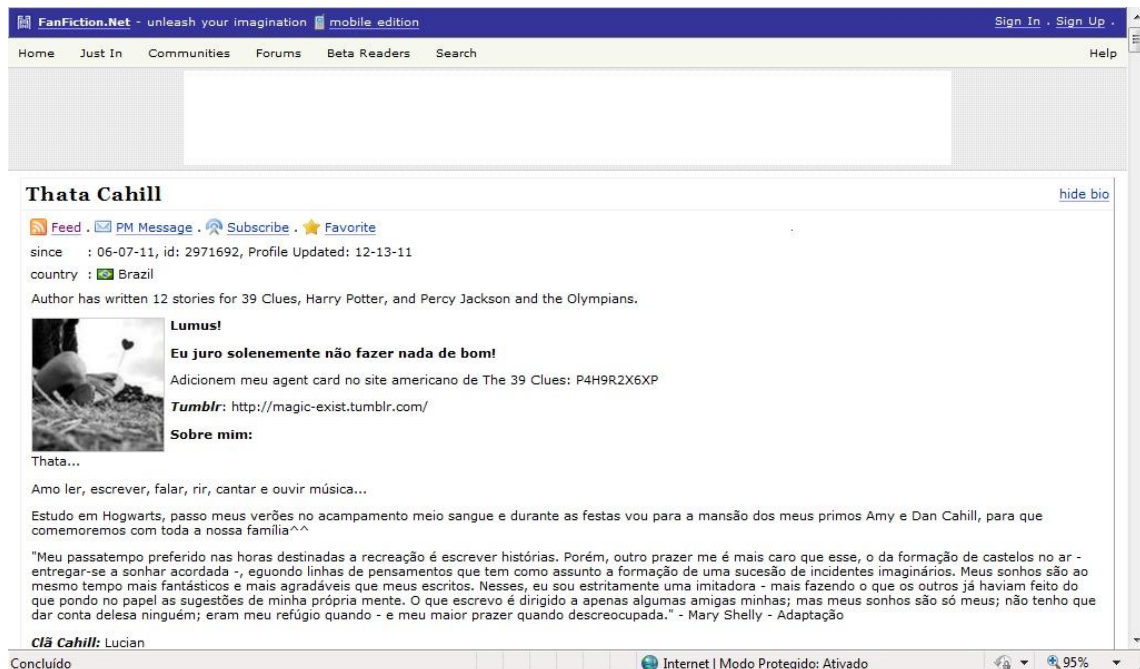
⁸⁴ Como esclarecimento, Pierre Lévy conceitua cibercultura como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.” Sendo que este último, o *ciberespaço*, “(que também chamarei de ‘rede’) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (1999:17).

troca, independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais” (1999:1127).

Comunidades de leitores virtuais é como podemos nomear esses grupos formados por jovens que se organizam na rede por afinidade de interesses, que compartilham as mesmas estratégias de interpretação, identificam os símbolos utilizados como pertencentes a determinados universos ficcionais, têm em comum códigos e práticas. As produções culturais desses jovens extravasam o mundo da leitura, adentram a escrita com as *fanfics* e chegam até a criação de imagens, vídeos, desenhos, adaptações para a história em quadrinhos, design de capas entre outras.

Quando se lê num perfil de um membro de uma das comunidades de leitores virtuais a frase abaixo, um leigo poderá pensar que se trata de uma manifestação de rebeldia adolescente ou uma tentativa de demonstrar um perfil desafiador e fora dos padrões da normalidade:

Eu juro solenemente não fazer nada de bom! (Thata Cahill, perfil, no site Fanfiction.net)⁸⁵



FanFiction.Net - unleash your imagination mobile edition Sign In · Sign Up ·

Home Just In Communities Forums Beta Readers Search Help

Thata Cahill [hide bio](#)

Feed · PM Message · Subscribe · Favorite

since : 06-07-11, id: 2971692, Profile Updated: 12-13-11

country : Brazil

Author has written 12 stories for 39 Clues, Harry Potter, and Percy Jackson and the Olympians.

Lumus!

Eu juro solenemente não fazer nada de bom!

Adicionem meu agent card no site americano de The 39 Clues: P4H9R2X6XP

Tumblr: <http://magic-exist.tumblr.com/>

Sobre mim:

Thata...

Amo ler, escrever, falar, rir, cantar e ouvir música...

Estudo em Hogwarts, passo meus verões no acampamento meio sangue e durante as festas vou para a mansão dos meus primos Amy e Dan Cahill, para que comemoremos com toda a nossa família^^

"Meu passatempo preferido nas horas destinadas a recreação é escrever histórias. Porém, outro prazer me é mais caro que esse, o da formação de castelos no ar - entregar-se a sonhar acordada -, eguondo linhas de pensamentos que tem como assunto a formação de uma sucessão de incidentes imaginários. Meus sonhos são ao mesmo tempo mais fantásticos e mais agradáveis que meus escritos. Nesses, eu sou estritamente uma imitadora - mais fazendo o que os outros já haviam feito do que pondo no papel as sugestões de minha própria mente. O que escrevo é dirigido a apenas algumas amigas minhas; mas meus sonhos são só meus; não tenho que dar conta deles a ninguém; eram meu refúgio quando - e meu maior prazer quando desreocupada." - Mary Shelly - Adaptação

Clã Cahill: Lucian

Concluído Internet | Modo Protegido: Ativado 95%

Figura 25 - Perfil de Thata Cahill no site FanFiction.net

⁸⁵ Disponível em http://www.fanfiction.net/u/2971692/Thata_Cahill, acesso em 19/02/2012. Assim como no perfil dessa jovem, em muitos outros perfis do site FF em que aparece no pseudônimo o sobrenome Cahill essa frase faz-se presente.

Mas observando outros membros da mesma comunidade de leitores virtuais e vasculhando as preferências literárias, pode-se verificar em quais comunidades os membros estão inseridos e perceber que se trata de uma frase encontrada no livro original que os identifica como fãs da série *The 39 Clues*. Aliás, cabe aqui salientar que os sites especializados em postagens de *fanfics* não formam, em seu todo, uma comunidade homogênea de leitores virtuais.

Essa diversidade sugere que toda abordagem plenamente histórica dos textos literários deve romper com a universalização de uma modalidade particular da leitura e, ao contrário, identificar as competências e as práticas próprias a cada comunidade de leitores, os códigos e as convenções próprios a cada gênero. (CHARTIER, 2007:267)

As páginas da internet aqui examinadas abrigam uma prática específica dessas comunidades que são as escritas de fãs, ou *fanfics*, objeto da presente pesquisa. Mas é apenas uma das práticas dessas comunidades. Seus membros não se limitam apenas a um site na internet. Há várias páginas, em diferentes línguas, dedicadas a Harry Potter, por exemplo. Há os que foram criados e administrados por fãs, como o já citado Potterish, mas há, também, aqueles produzidos pelas empresas que possuem os direitos de lucro sobre os livros e as produções cinematográficas da série de J. K. Rowling. Há um parque temático, com site na internet, do mundo de Harry Potter:

O “Parque Temático dentro de um Parque temático” de Harry Potter está previsto para estreiar em 2009 – Fãs entrarão nas Aventuras do Bruxo Mais Popular do Mundo. A Warner Bros. Entertainment Inc. e Universal Orlando Resort estão fazendo uma parceria para criar o primeiro ambiente no mundo completamente imerso em Harry Potter sendo baseado nos famosos livros de J.K. Rowling e nos filmes da Warner Bros. Previsto como um “parque dentro de um parque” e titulado “The Wizarding World of Harry Potter” (O Mundo Mágico de Harry Potter), o novo ambiente se tornará parte da experiência dentro do parque temático das Ilhas de Aventura da Universal, no Universal Orlando Resort.⁸⁶

A notícia acima foi publicada no site Potterish e divulga um empreendimento da Warner Bros. e Universal Orlando Resort, ou seja, independente de ser criação de fãs ou da empresa que lucra com eles, a comunidade virtual de leitores de HP navega na rede em todos os sentidos em busca dos objetos, produtos, criações vinculados ao universo ficcional o qual são fãs.

⁸⁶ Conteúdo do site Potterish. Disponível em <http://conteudo.potterish.com/o-mundo-magico-de-harry-potter/>, Acesso em 20/02/2012.

Da mesma forma, a coleção *The 39 Clues*, composta por vários livros escritos por diferentes autores, possui blogs⁸⁷ que reúnem os fãs da coleção em língua portuguesa do Brasil. Além dos livros há jogos online e cartões colecionáveis para que os fãs descubram as pistas que os heróis da série estão procurando, também há prêmios para os jogadores online. Essa relação da leitura com o consumo de inúmeros artefatos culturais relacionados é parte do universo dos leitores fãs. Bonecos de heróis e personagens de obras como *O Senhor dos Anéis*, a série Harry Potter, personagens de mangás e revistas em quadrinhos são anunciados em diversos sites na internet:



Figura 26 - Exposição de garage kits em tamanho real. Disponível em <http://s3.invisionfree.com/AnimeCuritiba/ar/t575.htm>, acesso em 21 de fev. 2012.



Figura 27 - Boneco de Harry Potter recém nascido. Disponível em <http://rainydayss.com/bonecos-bebes-recem-nascidos-dos-personagens-de-harry-potter-fotos/>, acesso em 21 de fev. 2012.

⁸⁷ <http://www.the39clues.com.br/blog.aspx>, <http://portal39clues.blogspot.com/>.

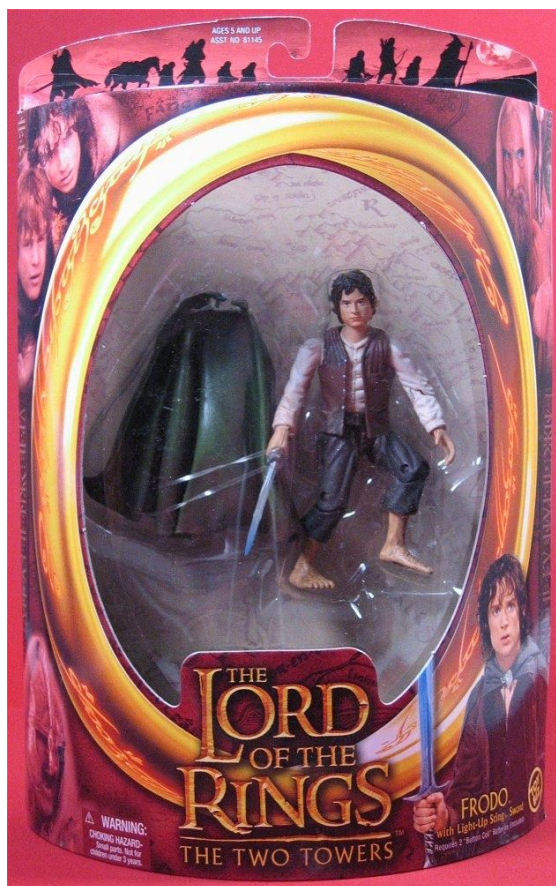


Figura 28 - Boneco Frodo, personagem d'O Senhor dos Anéis. Disponível em http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-223052906-frodo-light-up-sting-senhor-dos-aneis-lacrado-toy-biz-_JM, acesso em 21 de fev. 2012.



Figura 29 - Brinquedos Lego de HP. Lançamento precede a estréia do sétimo filme: Harry Potter e as Relíquias da Morte - parte 1. Notícia divulgada no blog Odeck.com em 13 de outubro de 2010. Disponível em <http://odeck.musicblog.com.br>, acesso em 21 de fev. 2012.



Figura 30 - Boneco Yamamoto do mangá Anime Bleach. Disponível em <http://todaoferta.uol.com.br/comprar/yamamoto-anime-bleach-manga-boneco-35-cms-unico-exclusivo-91JDWU3H5L>, acesso em 21 de fev. 2012.

Estes artefatos de uma certa forma espriam o texto para além da ficção literária. Os personagens podem se fazer presentes mesmo depois que o livro seja fechado. Chartier estuda essa relação leitura de ficção e mercadoria a partir de um texto escrito por Diderot, intitulado *Éloge de Richardson*, publicado no *Journal étranger* em janeiro de 1762, onde ele analisa o comércio do romance a partir das obras desse romancista inglês, Richardson. Segundo Chartier, conforme um trecho do *Éloge* que afirma existir, por meio dos romances, uma “teia de acontecimentos quiméricos e frívolos” (2007:278) Diderot presente:

(...) uma novidade radical, a saber, a presença da ficção literária estendida além do próprio texto. Esta é assegurada, em primeiro lugar, pela exploração comercial das obras e sua transformação em objetos de uso corrente. Tal entrada dos romances de Richardson, em particular *Pamela*, no mundo familiar dos leitores é, como vimos, assegurada de diversas maneiras: pela campanha publicitária que precede sua publicação e pelas numerosas adaptações, traduções, continuações e paródias, mas também pelas gravuras, bonecos de cera, leques, cartas de baralho que dão uma realidade cotidiana aos heróis da ficção. (CHARTIER, 2007:279)

Sucedo algo muito semelhante com os livros e as séries de livros da atualidade. Em relação às séries, por exemplo, a mídia anuncia o lançamento dos próximos volumes de livros através de blogs e sites especializados, promoções e anúncios de pré-lançamento e pré-vendas. As adaptações cinematográficas baseadas nas produções literárias de fantasia são filmadas logo após o lançamento dos livros e divulgadas antes de terminadas as filmagens,

por meio de trailers, *making off* - um trailer com cenas dos bastidores da produção do filme –, cartazes e banners nos cinemas, além de bonecos promocionais e camisetas, entre outros acessórios.

Nos moldes do que pressentia Diderot, trata-se de estender a ficção literária para além do próprio texto e fazer que os leitores tenham acesso ao universo do livro a partir de objetos concretos que podem estar nas estantes de seus quartos.

A mídia explora comercialmente de forma enfática as produções literárias. Muitas vezes, a maioria do público que assiste a algum filme no cinema irá descobrir posteriormente que aquela produção cinematográfica já era uma obra literária. O tempo de lançamento dos livros e dos filmes baseados naqueles, atualmente, é brevíssimo se comparado às adaptações de obras literárias para o cinema de algumas décadas atrás.

J. R. R. Tolkien publicou o livro *O Senhor dos Anéis* entre os anos de 1954 e 1955, mas esta obra somente foi adaptada para o cinema no ano de 2001 (*A sociedade do anel*, primeiro volume do livro), 2002 (*As duas torres*, segundo volume) e 2003 (*O retorno do rei*, terceiro e último volume)⁸⁸. Com a série de livros de J. K. Rowling, o tempo de publicação dos livros, divididos em sete volumes, e lançamento dos filmes é bem menor⁸⁹:

⁸⁸ Ainda em 1979 a obra foi adaptada para a tela no formato de animação, mas não obteve muito sucesso. (CARVALHO, 2007:123). Para informações a respeito de Tolkien, sua obra e produções derivadas acessar <http://www.valinor.com.br>.

⁸⁹ Como apresentado na tabela abaixo (tabela 2).

Tabela 2 - Tabela de datas de lançamentos dos livros e dos filmes da série Harry Potter.

Nome do livro	Lançamento do livro no Reino Unido	Lançamento do livro no Brasil	Data de lançamento da adaptação cinematográfica no Reino Unido	Data de lançamento da adaptação cinematográfica no Brasil
Harry Potter e a Pedra Filosofal	Junho de 1997	Abril de 2000	16 de novembro de 2001	07 de dezembro de 2001
Harry Potter e a Câmara Secreta	Julho de 1998	Agosto de 2000	15 de novembro de 2002	22 de novembro de 2002
Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban	Julho de 1999	Dezembro de 2000	04 de junho de 2004	04 de junho de 2004
Harry Potter e o Cálice de Fogo	Julho de 2000	Junho de 2001	18 de novembro de 2005	25 de novembro de 2005
Harry Potter e a Ordem da Fênix	Junho de 2003	Novembro de 2003	11 de julho de 2007	13 de julho de 2007
Harry Potter e o Enigma do Príncipe	Julho de 2005	Novembro de 2005	15 de julho de 2009	17 de julho de 2009
Harry Potter e as Relíquias da Morte	Julho de 2007	Novembro de 2007	Parte 1 do filme	Parte 1 do filme
			19 de novembro de 2010	19 de novembro de 2010
			Parte 2 do filme	Parte 2 do filme
			15 de julho de 2011	15 de julho de 2011

O primeiro livro da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, do texano Rick Riordan, foi lançado nos Estados Unidos em julho de 2005 e lançado em filme em fevereiro de 2010⁹⁰. Um dos livros citados pelos jovens que responderam ao questionário da pesquisa e que referem como leitura atual é *Crônicas de Gelo e Fogo*, do romancista e roteirista norte-americano George R. R. Martin, lançado em 1996 e adaptado para uma série televisiva do canal HBO, que estreou em abril de 2011, com o título *Game of Thrones*⁹¹. O consumo cultural pelos jovens dos produtos explorados pela mídia impulsiona essa indústria midiática. A série adaptada do livro de George R. R. Martin impeliu a venda do romance que alcançou destaque na lista dos mais vendidos do jornal americano *The New York Times* no ano de 2011⁹² e segue na lista dos mais vendidos em dezenove de fevereiro de 2012⁹³.

Relacionando mídia, literatura e jovens conclui-se que o consumo dessa esfera de artefatos culturais derivados uns dos outros está intimamente ligado à propaganda e ao marketing que é realizado de obras literárias e produtos advindos delas, tendo um perfil de antemão definido a respeito de quem consome, quando e quais os incentivos necessários para que a indústria midiática acesse esse público.

Para alguns, aos jovens leitores restaria apenas consumir o que lhes é ofertado pela mídia. Certeau analisou essa questão a respeito do Catecismo no passado, quando a leitura era recomendada às jovens e às mães, proibindo-se-lhes a escrita. Com o advento da televisão, essa relação foi transplantada para os consumidores e a mídia televisiva: aqueles seriam consumidores passivos, sem a possibilidade de *escreverem* na tela que lhes transmite um conteúdo pronto e acabado, sem possibilidade de intervenção. Contudo, para Certeau:

(...) ler é peregrinar por um sistema imposto (o do texto, análogo à ordem construída de uma cidade ou de um supermercado). Análises recentes mostram que “toda leitura modifica o seu objeto”, que (já dizia Borges) “uma literatura difere de outra menos pelo texto que pela maneira como é lida”, e que enfim um sistema de signos verbais e icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido. Se portanto “o livro é um efeito (uma construção) do leitor”, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *lectio*, produção própria do “leitor”.

Informações constantes dos sites <http://conteudo.potterish.com/livros-hp/>, [http://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter_\(s%C3%A9rie\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter_(s%C3%A9rie)), acessados em 22/02/2012.

⁹⁰ Para mais informações acessar <http://www.percyjackson.com.br/#/livros>.

⁹¹ Este livro, o primeiro da série, foi traduzido para o português com o nome *A Guerra dos Tronos*. Para mais informações acessar <http://www.ascronicasdegeloefogo.com/>.

⁹² Para mais informações acessar <http://www.nytimes.com/best-sellers-books/2011-07-31/hardcover-fiction/list.html?scp=6&sq=list%20of%20books%20%22A%20Song%20of%20Ice%20and%20Fire%22&st=cse>.

⁹³ Disponível em <http://www.nytimes.com/best-sellers-books/mass-market-paperback/list.html?category=mass-market-paperback&&scp=2&sq=best%20sellers%20%22A%20Song%20of%20Ice%20and%20Fire%22&st=cse>, acesso em 22 de fev. 2012

Este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles. (1994:264-265)

Por vezes essas produções dos leitores podem se mostrar como escritas, mas não os chamemos de autores e, sim, somente de escritores que, a partir de suas leituras imaginam textos, deixam as projeções de suas mentes refletirem-se no papel. Consumo puro e simples? Não! Consumo, sim, mas todo consumo cria, desloca a intenção inicial do produtor do objeto, adapta, recria. É assim que ocorre com os jovens e as leituras de literatura e é essa a ação que incentiva as escritas de fãs.

Não podemos esquecer que, para além da mídia, a comunidade virtual de leitores procede a uma espécie de alavanca para os jovens, impulsiona a atividade leitora, seja dos livros ou de *fanfics*, bem como a atividade criadora da escrita. Essas comunidades e as atividades de leitura e escrita dos jovens encerram o que poderíamos nomear uma pedagogia das comunidades virtuais de leitores, pois uns veem nos escritores/leitores fãs mais antigos no fandom um modelo a ser seguido.

Pergunta: Quem ou o quê o inspirou a escrever?

Resposta: As minhas autoras favoritas. Queria ser que nem elas quando eu postasse minhas próprias *fanfics*. (Amanda, entrevista recebida em 1º/11/2011)

Nem todos os jovens declaram essa inspiração nos seus pares da mesma comunidade virtual de leitores, mas todos são leitores desses jovens pares e possuem suas histórias como favoritas, declarado nos seus perfis dos sites especializados em postagens de *fanfics*:

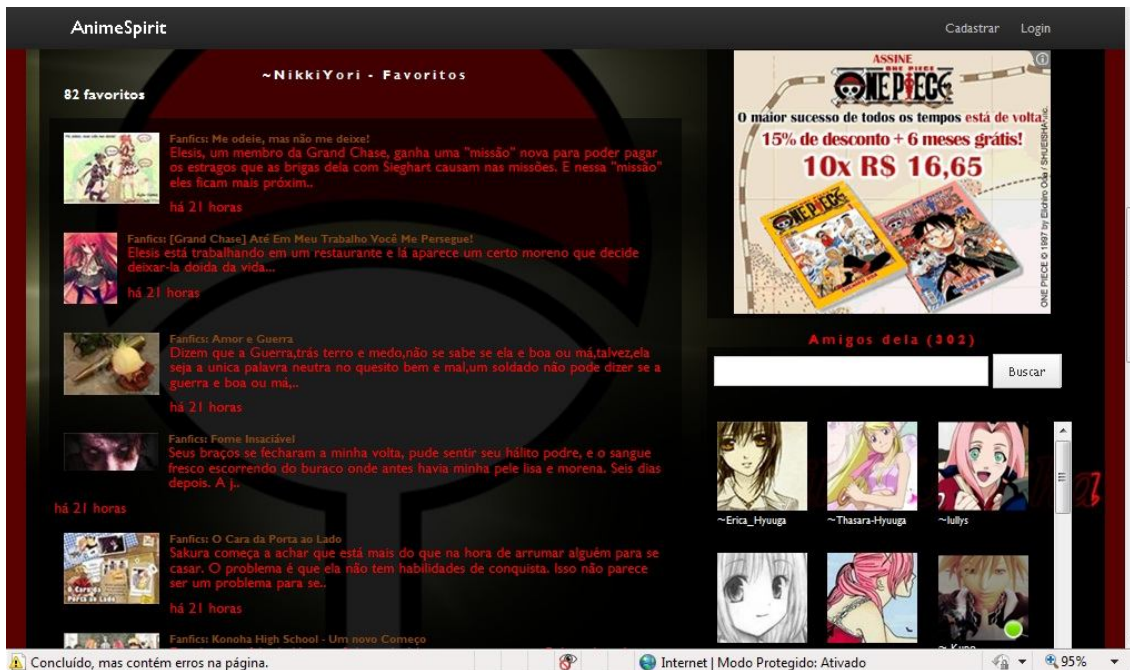


Figura 31- Histórias "favoritadas", conforme expressão dos jovens, por NikkiYori disponíveis em seu perfil do site AnimeSpirit: <http://animespirit.com.br/nikkiyori/favoritos>, acesso em 22 de fev. 2012.

Consumo dos produtos da mídia? Escritas copiadas de outras escritas? Afirma-se aqui que há um aprendizado de apreciação, de inspiração em um estilo e de progressivo aperfeiçoamento de padrões próprios. O aprendizado se faz na vivência, a partir das leituras de livros e de *fanfics*, com os próprios jovens, juntos de forma solidária e dentro da comunidade virtual. Como esclarece Jenkins,

Muitos adultos se preocupam com o fato de as crianças estarem “copiando” o conteúdo de mídia preexistente, em vez de criar os próprios trabalhos originais. Entretanto, deve-se pensar nessas apropriações como um tipo de aprendizagem. Historicamente, jovens artistas sempre aprenderam com os mestres consagrados, às vezes, colaborando com as obras dos artistas mais velhos, muitas vezes seguindo seus padrões, antes de desenvolver o próprio estilo e a própria técnica. (2009:255)

Antes das criações próprias, originais, os jovens aventuram-se e utilizam formatos, padrões e escritas de autores admirados, sejam *ficwriters* ou não, como um modo de treinarem suas próprias escritas, constroem seu próprio estilo. Se ler é criar, copiar, nessa experiência de práticas de leitura e escrita, é também aventurar-se por campos de treinamento para escritas originais. É adentrar uma comunidade em que todos ajudam-se mutuamente, em que ler e escrever são práticas intrínsecas e onde aquele que ainda não escreve e apenas lê recebe variados estímulos para tornar-se escritor. Esse modo de aprender, de muitos para

muitos, cria sociabilidades para além das práticas de leitura e escrita em si mesmas, engendra amizades, afetos. Ler, embora uma prática de intimidade possibilita que o leitor encontre em outro leitor de sua comunidade um amigo, em especial pelas experiências que compartilham, muito embora nunca tenham se conhecido para além da comunidade virtual de leitores.

Entretanto, quando as leituras aproximam leitores, os laços extrapolam a comunidade, assim como as próprias leituras. Estas, começam a fazer parte da vida cotidiana dos jovens:

Pergunta: As *fanfics* são responsáveis por alguma amizade que você tenha feito? Dá para conhecer amigos através delas? Quantos você tem? Já os encontrou off line? Como funciona?

Resposta: Sim. Basicamente todos os meus amigos íntimos que tenho hoje são oriundos do fandom. A Dark K. é, com certeza, o exemplo mais concreto disso. Nós começamos a conversar em 2006, a conheci em um fórum sobre Harry Potter, o mesmo no qual entrei para saber o que era *fanfiction*, e começamos a conversar mais tempo porque eu estava com dificuldades para desenvolver uma *fic*. Isso se tornou uma prática comum – eu pedir ajuda para ela, ela para mim – até se tornar hábito, inclusive de ficarmos online conversando mesmo quando não estamos escrevendo. Hoje estou falando com ela basicamente o tempo todo que eu fico online, e isso não é pouco. Trocamos cartas e presentes em todos os natais e aniversários. Eu moro em Bauru-SP, ela mora em Soledade-RS; eu fui visitá-la em setembro [de 2011] passado, conheci a cidade e fiquei hospedada na casa dos pais dela, onde pretendo voltar esse mês, aproveitando que preciso ir para um congresso em Porto Alegre, e ela veio para São Paulo em julho, para um grande encontro de amigos do fandom, e ficou hospedada na casa dos meus pais, comigo. (Sofia, entrevista recebida em 24/10/2011)

Contrariando todas as expectativas que inferem da leitura uma prática exclusivamente de intimidade e a internet uma tecnologia que cada vez mais afasta os jovens da convivência com seus pares off line, os jovens das comunidades virtuais de leitores vinculam-se a outros jovens, crianças, adultos, sujeitos de todas as gerações, chegam a se conhecer pessoalmente, vão ao encontro uns dos outros mesmo que percorram distâncias, auxiliam-se mutuamente, corrigem suas escritas, compartilham interpretações de leitura, vivem um aprendizado sem que para isso tenham incentivos outros para além da apreciação dos leitores de suas *fanfics* e da satisfação de conversarem e discutirem sobre as leituras que apreciam.

4.1 PERCURSOS DE LEITURAS

E tudo isso começa com os gibis. Dezoito dos vinte e oito jovens que responderam ao questionário da pesquisa citam os gibis como suas primeiras leituras de infância. Apenas um destes dezoito jovens não citou as histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, mas gibis de forma geral e outros gibis, como *Zé Carioca* e *Mickey*, que também são citados como primeiras leituras.

Alguns não recordam as leituras que fizeram, embora se afirmem como leitores desde muito pequenos. Dentre as primeiras leituras mencionadas, figuram livros infantis como os de autoria de Monteiro Lobato, *O Pequeno Príncipe* (Antoine de Saint-Exupéry), diversos contos infantis, como *Os Três Porquinhos*, *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Chapeuzinho Vermelho*. Monteiro Lobato e *O Pequeno Príncipe* são leituras legitimadas pela escola, ao contrário das histórias em quadrinhos, os mangás e as *fanfics*. Contudo, os jovens escritores/leitores fã iniciam seus percursos de leitura com os gibis, em sua maioria, e adentram o mundo da escrita a partir das *fanfics*. São leituras e escritas que não fazem parte das aprendizagens escolares, não são legitimadas pela escola e, em geral, não são alardeadas pelos jovens que vivem essas práticas de leitura e escrita no seu cotidiano:

Sinceramente, existe uma pequena parcela de pessoas com quem convivo que conhece algum texto que escrevi como Sabrina (Sabrina, entrevista recebida em 24/10/2011)

Só quem sabe que escrevo *fanfics* é a minha tia que eu já mencionei. Mas acho que ela pensa que eu parei, faz muito tempo desde a última vez que eu mostrei uma *fic* a ela. (Bianca, entrevista recebida em 29/10/2011)

Compreende-se, assim, que as gerações adultas mantenham o discurso que referenda a idéia de que os jovens da atualidade se encontram muito afastados da leitura. O desconhecimento é gerador desse discurso:

Aqueles que são considerados não-leitores lêem, mas lêem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura legítima. O problema não é tanto o de considerar como não-leituras essas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mais é o de tentar apoiar-se sobre essas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, a encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua

plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar. (CHARTIER, 1999a:103-104)

O que observamos, neste início de século XXI, é que os jovens com acesso a internet, que compartilham práticas de leitura e escrita no âmbito de uma comunidade virtual, vão ao encontro de outros textos diferentes daqueles que acessam a partir de seus computadores. A leitura não se limita às *fanfics* e aos blogs e sites especializados nos *fandons* específicos. Da mesma forma que na internet é possível acessar muitos tipos de materiais midiáticos relativos às preferências literárias, cinematográficas, musicais dos jovens, a rede não é o único suporte das práticas culturais dos jovens. Eles leem muitos livros impressos. Também leem e-books, mas, no Brasil, a preferência ainda é pelo suporte códex, como analisado no capítulo *As escritas*, subseção *Os suportes dos textos*.

Os jovens entrevistados na pesquisa citam livros lidos por eles que constam do rol de disciplinas escolares específicas, como literatura e português, também citam clássicos infantis como antes mencionado, *O Pequeno Príncipe* e *o Sítio do Pica-pau Amarelo*. Mas essas leituras legitimadas pela escola não são necessariamente orientadas por ela:

Eu lia muito gibis da Turma da Mônica e muitos livros do Monteiro Lobato. Li basicamente toda a coleção do Cachorrinho Samba e a Vagalume. Minha formação foi muito forte na literatura nacional, meu livro favorito até meus 12 anos era o Memorial de Maria Moura, de Raquel de Queirós. Lia muito Jorge Amado também, porque minha mãe tinha a coleção de obras completas dele e me fascinava, mas isso já entre 10 e 14 anos. Aos 14 ou 15 comecei a me interessar mais por literatura internacional, foi quando tive contato com Harry Potter e O Senhor dos Anéis, por exemplo, e Orwell, Eco, Saramago, Vargas Llosa, Joseph Conrad, entre outros. (Sofia, entrevista recebida em 24/10/2011)

Ler Jorge Amado, incentivada pela coleção de obras completas do autor que sua mãe possuía é um dos meios de acessar a literatura nacional legitimada pela escola através de um incentivo que é externo à instituição escolar e cuja proeminência é anterior a ele: o âmbito familiar. É nesse lugar social que os jovens ocupam outra posição que não a de alunos, mas a de filhos, irmãos, netos e sobrinhos. Aí ocorre uma importante iniciação no mundo da leitura. Ouvir ler é uma prática de iniciação nesse universo:

Quando eu era bem pequena mesmo, antes de aprender a ler, meu pai me lia a Bíblia (Julia, entrevista recebida em 26/10/2011).

A fala de Julia atesta a presença de práticas de leitura de textos religiosos como uma iniciação, um mundo de estrita relação entre leitura e moral cristã, por conta da Bíblia. Uma prática que remonta à formação religiosa da Europa do século XVII e XVIII, e que persiste, com inúmeras diferenças, nos dias de hoje. Chartier, em suas pesquisas sobre as práticas de leitura na França do Antigo Regime, identifica essas práticas no reduto familiar:

Por fim, a leitura em voz alta é uma das práticas que reforçam outro setor da vida privada: o da intimidade da família. (...) Pai e filho lêem entre si, Dugas, o Lionês, nos fornece muitos exemplos disso “Passei um tempo considerável com meu filho, lendo em grego e algumas odes de Horácio” (22 de julho de 1718); “Li com meu filho mais velho o *Tratado das Leis* de Cícero, e Salústio com o segundo” (14 de setembro de 1719); “À noite jogo xadrez com meu filho. Começamos lendo um bom livro, isto é, um livro de devoção, durante uma meia hora” (19 de dezembro de 1732). (CHARTIER, 1991:153)

Formação moral e formação de leitores, cujas práticas perduram até nossos dias. O bom livro é o livro de devoção para um pai do século XVIII francês como para todos eles à época. A leitura da Bíblia para uma criança que ainda não sabe ler, no século XX brasileiro, também é uma boa leitura, reforça a intimidade da família. Na atualidade, em que há projetos institucionais de incentivo à leitura⁹⁴ que chegam até as escolas e que atingem a família através do empréstimo de livros às crianças, em que as feiras de livros possuem sessões infantis onde as crianças entram em contato com os autores e com programas de contação de histórias, essa prática da intimidade familiar parece estar sendo cada vez mais estimulada por educadores, gestores públicos e especialistas.

Constatamos que essa prática não se deslocou da família para o espaço público, ela ampliou-se daquela para esse retomando, para o público infantil, as experiências do ouvir ler, tão comuns como enquanto prática coletiva na Europa até o século XVIII, como salienta Chartier: “Escutar ler. No século XVII, a prática é frequente” (1991:149).

Embora possamos estabelecer algumas aproximações entre essas leituras modernas e as leituras contemporâneas, é necessário salientar que as leituras mudam com o passar dos tempos. Como já salientou Certeau (1994:264), citando Borges e reproduzido

⁹⁴ Integrando o Conselho Nacional de Políticas Nacionais, foi instalada a Câmara Setorial do Livro, Literatura e Leitura (hoje, Câmara Setorial do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas) em 24 de novembro de 2005, ligada à Biblioteca Nacional/Ministério da Cultura, com objetivos como regulamentar a Lei do Livro, as diretrizes básicas da Política Nacional do Livro, Leitura e Bibliotecas, a instituição do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), a criação do grupo de trabalho da política de Leitura para Deficientes Visuais, entre outras ações. Em 2008 foi criado os Pontos de Leitura com o objetivo de estimular, na população, o hábito da leitura através de investimentos em projetos que fomentam a leitura, o livro e instauração de bibliotecas em todo o país. Para saber mais, acessar: <http://www.pnll.gov.br/>, do mesmo site, acesso direto: http://189.14.105.211/conteudo/c00009/Eixos_de_acao.aspx.

acima, as maneiras de ler tornam as leituras diferentes, embora sejam lidos os mesmos livros. No transcorrer do tempo essas diferenças se acentuam e torna-se difícil compreender como um pai lia um livro de devoção para um filho num momento em que as imagens de leitura possuíam significados muito diferentes daqueles atribuídos por nós na atualidade, principalmente após o advento da televisão, do cinema e da computação gráfica. Essas tecnologias transformaram imagens, desenhos, figuras em cenas com movimento e transformaram, conseqüentemente, o modo como lemos os livros. Darnton chama atenção do historiador do livro e do crítico e expõe dúvidas quanto às concepções estáticas no tempo a respeito das noções de *públicos fictícios*, *leitores implícitos* e *comunidades interpretativas*:

(...) eles parecem presumir que os textos sempre afetaram a sensibilidade dos leitores de uma mesma maneira. Mas um habitante seiscentista de Londres vivia num universo mental diferente do de um professor americano do século XX. A própria leitura se transformou ao longo do tempo. Ela era frequentemente feita em grupo e em voz alta, ou em segredo e com uma intensidade que hoje talvez nem consigamos imaginar. (DARNTON, 2012:145)

Embora não possamos decifrar a intensidade das práticas de leitura da modernidade ou de outros períodos históricos em relação às experiências de leitura do final do século XX e deste século XXI, podemos afirmar que em ambos os períodos há uma relação de paixão entre os leitores e os livros de romances. As pesquisas permitem essa afirmação. Darnton (2012) ratifica:

No início da era moderna, por todas as partes da Europa, das camadas sociais de Montaigne às camadas sociais de Menocchio, os leitores não se limitavam a decifrar os livros, mas extraíam um significado deles. A leitura já era uma paixão muito antes (...) da era romântica. (2012:145)

Continua sendo paixão para os jovens leitores/escritores fãs de romances que escrevem continuações às histórias e as publicam na internet:

Pergunta: Quais foram as leituras mais marcantes que você fez?

Resposta: Bom, no momento, eu lembro de três leituras: a) O diário de uma mãe, em uma daquelas edições da Readers Digest (nem sei se escrevi certo, mas tudo bem), por causa da lição das 5 bolas, a qual eu sempre coloco em prática na minha vida; b) Harry Potter marcou toda a minha adolescência e é um fãdom que trouxe-me vários amigos e que atualmente preenche o meu vício; e c) um conto de um livro chamado "Quatro estações" do Stephen King, o conto é "O corpo", que deu origem ao filme "Conta comigo/*stand by me*" e que me diz muito sobre mim e meus amigos. (Gabriela, entrevista recebida em 1º/11/2011)

As leituras mais marcantes de Gabriela são as que dão sentido à sua existência. Marcam fases importantes, a adolescência, os amigos encontrados no fandom de um livro específico, lições que coloca em prática em sua vida pessoal e leituras que a fazem, como leitora, identificar-se com o texto, reconhecer-se nele. *O diário de Suzana para Nicolas* (2001), de James Patterson, é o nome do primeiro texto mencionado pela jovem e a lição das cinco bolas refere-se a um ensinamento do diário referido por ela, que utiliza uma metáfora para sugerir o que deve ser considerado o mais importante na vida. Esse ensinamento apresenta ao leitor as imagens de cinco bolas representando *trabalho, família, saúde, amigos e integridade* e pede ao leitor que imagine a vida como uma brincadeira com essas bolas, sendo que a bola *trabalho* é feita de borracha e se cair retornará para quem a jogou, no entanto as outras bolas são de vidro e se caírem no chão quebrarão ou terão algum dano, certamente.

Gabriela menciona também o conto *O corpo* de Stephen King, do livro *Quatro Estações* (1982), que narra a experiência de quatro amigos, fora dos padrões aceitos pela sociedade dos anos 1950, que decidem embarcar em uma pequena viagem para verem um corpo. Um dos meninos é filho de uma família violenta, envolvida em delitos; outro é considerado louco, maltratado pelo pai e mesmo assim o venera; o terceiro é um garoto normal, acima do peso e não muito esperto; o último menino sente-se excluído da família, rejeitado, seu irmão morreu e seus pais não se recuperaram da perda, deixando de cuidar do filho que ainda está vivo e que gosta muito de escrever. Para Gabriela, esse conto diz muito sobre ela e seus amigos. Será porque aborda o gosto pela escrita como uma forma de libertação dos problemas cotidianos? Ou porque apresenta amigos fora dos padrões normais para a época, que vivem momentos de emoção e descobertas? É possível inferir diferentes motivos para essa menção da jovem, mas o importante é o fato de Gabriela relacionar sua vida às leituras que já fez.

Os leitores da atualidade também não se limitam a decifrar os livros, eles tiram deles, como em períodos anteriores, significados para a vida cotidiana. A leitura ainda é paixão, amor, mesmo para os leitores jovens da geração Net. O excerto a seguir, declaração de uma jovem entrevistada é especialmente expressivo a esse respeito. Ela afirma:

"O Silmarillion" de Tolkien foi muito importante por me fazer ingressar na leitura do gênero de High Fantasy e toda a obra dele se tornou igualmente importantíssima na minha vida. Eu diria que Tolkien é meu **autor mais amado** e é interessante dizer que eu não leio *fanfics* sobre o *Silmarillion*, *O Senhor dos Anéis* ou *O Hobbit*. Creio que isso se deva à perfeição que atribuo à obra dele e não existe absolutamente nenhum ponto que eu mudaria nela. Marquês de Sade com "Justine ou Os Infortúnios da Virtude" e "Juliette ou As Prosperidades do Vício" foram livros que inauguraram uma fase mais madura e crítica nas minhas preferências literárias e que desafiaram todas as idéias que eu possuía construídas a respeito de política e sociedade, logo, muito do meu crescimento pessoal eu devo a

essas obras. "Contos Extraordinários" de Poe foi crucial para que eu me aventurasse a escrever contos e é um livro muito marcante para mim; os poemas da Florbela Espanca me incentivaram a escrever poesia. Atualmente, a leitura de "As Crônicas de Gelo e Fogo" de George Martin está ocupando um grande lugar de importância também. (Jaqueline, entrevista recebida em 14/11/2011, grifo nosso)

Significado para a vida e amor são consequências das leituras para a maioria dos jovens. Livros que desafiam ideias, que mudam a visão de mundo dos sujeitos. Já afirmava Pierre Bourdieu, num debate com Roger Chartier, que

Os intelectuais esquecem-se de que por meio de um livro se pode transformar a visão do mundo social e, através da visão de mundo, transformar também o próprio mundo social. Os livros que celebram o mundo social não são somente os grandes livros proféticos, a Bíblia ou *O Capital*; há também o doutor Spock, que, do ponto de vista da eficácia simbólica, é sem dúvida, em sua ordem, tão importante quanto numa outra foi *O Capital*. (CHARTIER, 2001b:243)

Dr. Spock (personagem da série Star Trek⁹⁵), Frodo (personagem do livro *O Senhor dos Anéis*), Harry Potter (personagem principal da série de livros de mesmo nome), Justine (personagem do livro *Justine ou os Infortúnios da Virtude*, escrito em 1788 pelo Marquês de Sade) são personagens importantes que marcam os percursos de leituras dos jovens da atualidade. Não apenas suas leituras, mas suas vidas, as transformações de suas visões de mundo, marcam suas fases de infância, juventude, são repositórios de memórias que perduram e se modificam com o passar do tempo, a ponto de serem esquecidas, lembradas em fragmentos ou misturadas a outras lembranças, como o nome do livro que contém a lição das cinco bolas citado por Gabriela. Mas também memórias mais nítidas e constantemente ritualizadas como importantes reminiscências: a associação dos livros aos nomes de seus autores, passagens da obra que marcaram, identificação de repercussões na própria vida ou na vida de seus pares, amigos, que os fizeram pensar a vida de forma diferente, leituras que fizeram amadurecer, conforme suas próprias avaliações, leituras que proporcionaram o encontro com amigos ou que foram amigas em momentos de solidão voluntária.

Rousseau associava essas leituras à frivolidade e ao prazer mundano. Tais leituras multiplicadas, para o autor, eram também efêmeras, apressadas. Uma vez consolidada a revolução da leitura, assistimos à passagem das leituras intensivas para as leituras extensivas, mais precisamente no século XVIII.

⁹⁵ Série norte-americana, do gênero ficção científica, que estreou no ano de 1966 e foi criada por Gene Roddenberry.

E a imagem das leitoras representadas pelos pintores, mesmo se ela indica a eficácia mantida do livro, capaz de perturbar os sentidos, atesta uma leitura que devora as novidades, que é ato de prazer íntimo, que se inscreve num conforto totalmente mundano. É contra essa maneira de ler, frívola e gratuita, que tomam partido Rousseau na França ou os pré-românticos na Alemanha. Para eles, a leitura deve ser coisa séria, implicar a participação ativa do leitor, modificar seus pensamentos e sua existência. A emoção, que integra o leitor ao texto e inscreve o texto no leitor, torna-se assim mestra da vida com a condição de que as obras sejam lidas com atenção, tomadas e retomadas, meditadas e discutidas – o que implica, como enuncia L. -S. Mercier, poucas leituras, mas racionais, e não a multiplicação de livros lidos mal e apressadamente. (CHARTIER, 2004:219)

Rousseau não percebeu que as leituras que se transformam em orientadoras das trajetórias individuais podem ser leituras por prazer. Ou, que uma leitura frívola pode transformar-se em leitura meditada, que a multiplicação das leituras permite que muitos e diferentes leitores tenham a oportunidade de encontrar motivos de leitura racional nas diferentes obras que lhes são apresentadas.

Anabela assim entende a importância da leitura de *fanfics*:

Acho que qualquer escrita/leitura afeta de uma forma cada pessoa. Mesmo uma releitura ou reescrita de algo acaba nos mudando. O interessante seria se as pessoas buscassem mais aquilo que causa uma mudança construtiva (Entrevista recebida em 14/11/2011).

A jovem propõe leituras que sejam racionais, construtivas, que transformem a visão de mundo dos sujeitos. As leituras podem ser prazerosas, sem abandonarem a condição de mestras da vida. Podem inspirar, persuadir, causar tormentos de consciência e transformar a visão de mundo dos leitores sem deixarem de lado o conforto de uma leitura que é fruição, que se apresenta bela, mesmo que por vezes isso signifique um clichê.

Leituras são capazes de transformar a visão de mundo dos sujeitos, reafirmamos, e, através disso, são capazes de mudar também o mundo social, como antes mencionamos na referência a Bourdieu (CHARTIER, 2001b:243). Talvez por isso, muitos jovens escritores/leitores fã sintam-se deslocados no mundo, diferentes, estranhos. A leitura excessiva, a transformação da visão de mundo, por vezes, é associada a uma anomalia, uma patologia, na visão dos próprios jovens:

Eu sou uma louca desnaturada que ama escrever (...).

(...)

tenho a mente fértil e idéias demais, então elas sempre saem de ordem e eu fico meio maluca (...).

(...)

Amo ler, já li tantos livros que é impossível contar, eu li crônicas de Nárnia edição completa três vezes, são ótimas histórias.

(...)

Se você esteve no computador por horas sem fim, lendo inúmeras fanfiction, copie e cole isso no seu profile⁹⁶.

(...)

93 dos adolescentes teria crise emocional se alguém os chamasse de Anormais. Se você faz parte dos 7 que perguntariam “Qual foi a sua primeira pista?”, copie e cole isso no seu profile.

(...)

Eu não sou de insanidade... Eu aproveito todos os momentos dela.

(...)


Se tiver de rir de loucos não precisa ir longe... Ria de si mesmo. (any dheyne, perfil, site FanFiction.net⁹⁷)

any dheyne hide bi

Feed . PM Message . Subscribe . Favorite

since : 01-31-11, id: 2730184, Profile Updated: 03-11-11
country : Brazil

Author has written 4 stories for Twilight.

 Eu sou uma louca desnaturada que ama escrever, mas quem lia meus textos era minha mãe e ela sempre dizia que estavam bons, ah fala serio, opinião de mãe não vale quando é pra ver um filho feliz. Então eu decidi postar por aqui, por que eu sei que se estiver ruim voces vão falar. kkk.

tenho a mente fértil e ideias demais, então elas sempre saem de ordem e eu fico meio maluca, acredite voce não ia me querer por perto, acho que é isso, meu nome verdadeiro eu não digo, odeio o meu nome kkk, moro numa cidade pequena, e põe pequena nisso, se quiser fazer compras tem que ir pra Franca. só lá eu posso ter um ataque estilo Alice Cullen.

filmes favoritos: todos que tiverem classificação indicativa abaixo de dezoito, filme proibido para menores só passa besteira, adoro Um amor para recordar, mas sempre choro no final, saga crepusculo, The lost boys, e mais um monte que eu nem sei de cor.

Amo ler, já li tantos livros que é impossível contar, eu li crônicas de Narnia edição completa tres vezes, são otimas historias.

acho que é isso.

Se você esteve no computador por horas sem fim, lendo inúmeras fanfiction, copie e cole isso no seu profile.

Se você é contra o abuso infantil, copie e cole isso no seu profile.

Se você alguma vez empurrou uma porta que dizia puxe, copie e cole isso no seu profile.

Se você é louco e orgulhoso disso, copie e cole isso no seu profile.

Se alguma vez você falou coisas assim, copie e cole isso no seu profile.

Figura 32 - Perfil de any dheyne no site FanFiction.net. Disponível em http://www.fanfiction.net/u/2730184/any_dheyne, acesso em 24 de fev. 2012.

As expressões que remetem à idéia de loucura podem ser apenas usos coloquiais que os jovens utilizam nos seus cotidianos e reproduzem nos perfis dos sites que se inscrevem. Mas a relação entre leituras em demasia, loucura e vontade de escrever está relacionada em certas caracterizações que os jovens fazem de si mesmos. Ideias demais, que se desordenam e deixam o escritor/leitor “maluco”, muitas horas frente à tela do computador lendo *fanfics*, auto-referências como insano, são expressões que denotam a “anormalidade” do

⁹⁶ Perfil. Vários jovens escritores/leitores fãs membros de sites especializados em postagens de fanfics escrevem frases como estas em seus perfis, sempre iniciando com a conjunção condicional “se”, ou com alguma porcentagem e sempre finalizam com a expressão “copie e cole isso no seu profile”. Há um número muito grande de frases deste tipo. As mesmas frases podem ser encontradas em vários perfis e a quantidade reproduzida em cada um deles é muito variável.

⁹⁷ Disponível em http://www.fanfiction.net/u/2730184/any_dheyne, acesso em 26/01/2012.

ato de ler e escrever muito, através da lente de outros sujeitos que não compartilham das mesmas práticas. Contudo, ao mesmo tempo a consideração dessa situação como “normal” indica certa anormalidade. Mais que um jogo de palavras ou uma brincadeira de escrita, Lizandra afirma:

As ideias vêm a minha mente, e sou obrigada a escrevê-las. Gosto de escrever, gosto de me entregar aos personagens. Sempre fez parte de mim. Quando mais nova, achava que era meio louca...hehe...depois entendi que era algo natural.” (Lizandra, entrevista recebida em 16/10/2010).

Retomando suas leituras, Carla narra:

Desde pequena eu gosto de ler, mas antes eu lia coisas mais... bonitinhas. Mas posso dizer que *meu vício* começou de verdade aos 9 anos, quando li Harry Potter. Depois disso, fui lendo um livro atrás do outro” (Entrevista recebida em 28/10/2011, grifo nosso).

Expressões utilizadas corriqueiramente entre os jovens como “louco(a)”, “maluco(a)”, “vício” podem ser identificadas apenas artifício ou identidade utilizada por eles em seus perfis. Podem indicar, ainda, uma persistência de discursos emergentes no século XVIII, quando:

(...) o discurso se medicaliza, construindo, então, uma patologia do excesso de leitura, considerado uma doença individual ou uma epidemia coletiva. A leitura sem controle é tida como perigosa porque associa a imobilidade do corpo à excitação da imaginação. Ela acarreta, desse modo, os piores males: obstrução do estômago e dos intestinos, desequilíbrio dos nervos, esgotamento físico. (...) Aliás, o exercício solitário da leitura conduz a um exacerbamento da imaginação, à recusa da realidade em favor da quimera. Daí, a proximidade entre o excesso de leitura e os prazeres solitários. (CHARTIER, 2007:263)

“Patologia do excesso”, “epidemia”, leituras perigosas que levam ao adoecimento estão associadas aos prazeres solitários e ambos causam males à saúde física dos sujeitos leitores. As falas dos jovens vão ao encontro desse discurso médico, instalado no Ocidente no século XVIII. Mas, hoje, de forma descontraída, quase cômica, em que a “loucura” pela leitura ou o “vício” de ler os identifica pertencendo a uma comunidade de leitores ampla, ou seja, aquela que reúne todos os apreciadores da leitura, independentemente de quais sejam elas. Não se refere apenas aos que leem livros impressos, leituras de textos em quaisquer suportes podem refletir a patologia do excesso. As *fanfics* fazem parte desse rol de leituras perigosas quando em excesso. A frase copiada por Any dheyne em seu perfil, reproduzida

acima, indica que a leitura por “horas sem fim” de *fanfics*, frente ao computador, indica que os perigos da leitura se estendem para essas práticas juvenis da geração Net.

Perigos aceitos. Contra o discurso médico do século XVIII, que tem tido vida longa, pelo menos até meados do século XX, os jovens hoje vivem uma realidade distinta. A leitura é interpretada, hoje, como cultura. Quem lê, sabe mais, conhece outros mundos, mesmo que sejam apenas romances de fantasia, ficção científica ou *fanfics*.

Pergunta: Qual sua opinião sobre as escritas e leituras virtuais?

Resposta: Sou totalmente a favor. *Sejam fanfics*, sejam originais, sejam poesias, contos, não importa. A oportunidade de ler virtualmente trouxe de volta o prazer da leitura para crianças, adolescentes e adultos. É maravilhoso saber que um site de histórias pode tirar as pessoas da frente da televisão. *Ler é cultura*. (Lizandra, entrevista recebida em 16/10/2010, grifo nosso)

Resposta: Eu acho que é um meio para treinar e até mesmo se divertir através da leitura. É um espaço mais informal onde jovens podem interagir com outras pessoas com suas *fics*. *É algo cultural sem ser chato*. (Amanda, entrevista recebida em 1º/11/2011, grifo nosso)

Resposta: A melhor possível. Qualquer coisa que incentive uma pessoa a ler, a escrever é sempre positivo, mesmo que sejam *fanfics*. (Andréia, entrevista recebida em 24/10/2011)

Resposta: Acredito que as *fanfics* estimulam as pessoas a exercitarem sua interpretação e sua criatividade ao construir uma determinada situação, contribuindo, ainda, para melhorar a técnica da escrita e *disseminando a leitura e a construção de pessoas mais cientes da importância que ler e escrever têm na vida de um indivíduo*. (Sabrina, entrevista recebida em 24/10/2011, grifo nosso)

“Mesmo que sejam *fanfics*”, ler é cultura, mas “sem ser chato”. As *fanfics* constroem pessoas mais cientes da importância da leitura e da escrita em suas vidas. O incentivo à leitura e à escrita, por si só, é o grande benefício das *fanfics*. Os jovens não consideram as práticas de leitura e escrita de *fanfics* apenas como diversão, fruição, prazer, mas essa característica é que estimula o envolvimento dos jovens com essa prática.

Além disso, ler e escrever *fanfics* é trabalho. Conhecimento do universo ficcional, pesquisa, análise das leituras para postagem de *reviews* ou correção enquanto *beta readers*. Também é conhecimento. Há leituras que levam a outras; as escritas incentivam novas leituras, seja de livros de referência, de história e de mitologia, seja de blogs e páginas da internet. Leituras diferenciadas, leituras fragmentadas, leituras concentradas. Horas a fio, cada dia, por vários dias, lendo *fanfics*. Isso exige concentração, não indica dispersão. Uma *fanfic* é um texto que tem início, meio, fim e pode ter muitos capítulos. A leitura dos jovens é corrente. A tela do computador rola, em sentido vertical, para a leitura das *fanfics* e, uma vez

terminada, abre-se espaço para a leitura hipertextual, o acesso a outras escritas de fãs que também são lidas compenetradamente. Uma leitura solitária, por vezes realizada enquanto se escuta rádio, ou com a televisão ligada em algum canal, e com um site de jogos de RPG online em segundo plano no computador: tudo acontece simultaneamente. Ainda assim, trata-se de uma leitura compenetrada, talvez não tão solitária, mas, efetivamente, sozinho no quarto.

Os jovens não conhecem outras leituras edificantes, ou melhor, leituras legitimadas pela escola e pelos críticos literários? As práticas de leituras “rebeldes” às quais são adeptos não excluem essas outras leituras, como apresentado acima a partir de algumas respostas dos jovens ao questionário da pesquisa. São leituras que fazem parte de sua formação como leitores e indicam apropriações efetivadas. Há perfis que reproduzem trechos dessas leituras literárias formadoras do leitor/escritor fã:



Figura 33 - Perfil de yellowizz no site Nyah! Fanfiction. Disponível em <https://www.fanfiction.com.br/u/78229/>, acesso em 24 de fev. 2012.

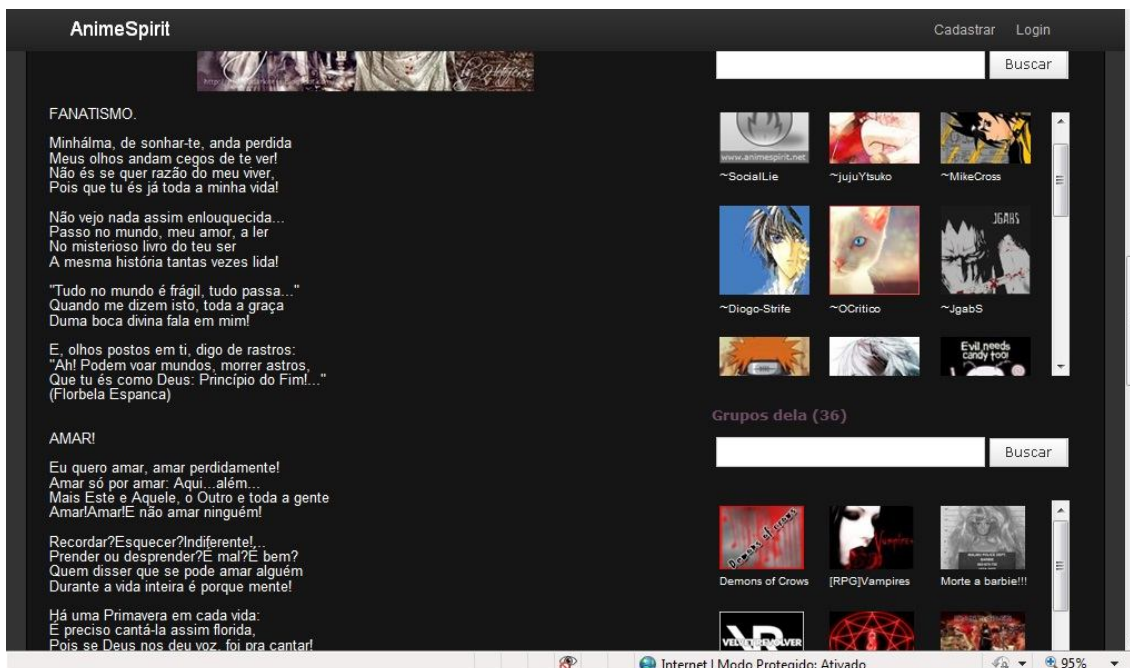


Figura 34 - Perfil de Head Shot, site AnimeSpirit. Disponível em <http://animespirit.com.br/ninauchira/jornal/298543/leitores-a-de-amor-inimigo>, acesso em 24 de fev. 2012.

Leituras edificantes, conhecidas. Práticas de leitura intensivas e extensivas. Muitas leituras citadas, algumas relidas várias vezes. As leituras que marcam as trajetórias dos jovens são variadas. Aquelas que os inscrevem nas comunidades virtuais de leitores são as mais lembradas. Nesse aspecto, as séries *Percy Jackson e os Olimpianos* (oito) e *Harry Potter* (sete) são as mais citadas. Como leituras atuais, entram nessa lista de mais citados *As crônicas de Gelo e Fogo* (cinco). Vinte e oito jovens responderam ao questionário de pesquisa, sendo que, ao todo, trezentos e dezessete (317) títulos de textos lidos e apreciados, desde as primeiras leituras, passando por leituras realizadas e leituras marcantes⁹⁸, foram mencionados. São cinquenta e oito (58) títulos lembrados como primeiras leituras e quinze (15) autores. Monteiro Lobato é citado quatro (4) vezes. Para as leituras realizadas atualmente e aquelas mais marcantes, são lembrados cento e trinta e sete (137) títulos de livros, cinquenta e sete (57) autores, doze (12) páginas da internet incluindo blogs e vinte e um (21) títulos de revistas. As *fanfics* são leituras realizadas por todos, mesmo que declarem que no momento só estejam lendo aquelas que estão acompanhando os capítulos e não procurem por novas *fanfics*. Elas são leituras constantes, seja apenas nos finais de semana ou nos tempos livres do dia-a-dia:

⁹⁸ Ver tabela 2, abaixo.

Pergunta: Quanto do seu tempo você passa lendo e/ou escrevendo fanfictions?

Resposta: Leio entre 6 e 8 horas, aos Domingos. (Giovana, entrevista recebida em 1º/11/2011).

Os livros são os mais citados dentre as leituras realizadas pelos jovens, o que não significa, necessariamente, que sejam em formato impresso. As revistas contam em maior número do que as páginas da internet, mas isso se refere àquelas lidas com regularidade, pois acessos efêmeros e descontínuos a sites e blogs não foram citados. De qualquer modo, observamos leitores de revistas como *Superinteressante*, *Veja*, *Galileu*, *Isto é*, bem como *Capricho*, *Atrevida*, *Gloss*, *Casa e Jardim*. Jornais impressos não foram citados, o que não significa que as edições online não façam parte das leituras desses jovens. A variedade de títulos e os diferentes suportes em que são citados parecem indicar que a internet não é o local privilegiado para as práticas de leitura, embora seja o lócus das leituras de *fanfics*, que ocupam o maior tempo desses jovens enquanto leitores e escritores.

Os impressos perduram como materialidades de leitura para os jovens da geração Net. E os livros, lidos e apreciados, constituem os disparadores de suas práticas de escrita.

Tabela 3 - Lista de livros, revistas e autores citados pelos jovens como primeiras leituras.

PRIMEIRAS LEITURAS			
LIVROS, SÉRIES E REVISTAS	Nº de citações	AUTORES	Nº de citações
Turma da Mônica	16	Raquel de Queirós	1
Sombra do Vento	1	Jorge Amado	1
Série Vaga-Lume	1	Orwell	1
Coleção do Cachorrinho Samba	1	Eco	1
Memorial de Maria Moura	1	Saramago	1
Harry Potter	5	Vargas Llosa	1
O Senhor dos Anéis	1	Joseph Conrad	1
Topogigio	1	Monteiro Lobato	4
Vidas Secas	1	Roald Dahl	1
Três Porquinhos	1	Frances Hodgson Burnett	1
Carneiro	1	Fanny Joly	1
Viagem ao centro da Terra	1	Ana Maria Machado	1
A Prova de Fogo	1	TOTAL	15
Sete Faces do Crime	1		
Sítio do Pica-pau Amarelo	1		
Bíblia	1		
Tio Patinhas	1		
A Chave do Tamanho	1		
Pipi Meia Longa	2		

PRIMEIRAS LEITURAS			
LIVROS, SÉRIES E REVISTAS	Nº de citações	AUTORES	Nº de citações
Branca de Neve e os Sete Anões	2		
Cinderela	1		
O Pequeno Príncipe	1		
Chapeuzinho Vermelho	1		
Bela Adormecida	1		
Bela e a Fera	1		
Pequena Sereia	1		
Contos Infantis	1		
Revista Explora	1		
Revista Recreio	1		
Coleção Quem tem medo?	1		
Bisa Bia, Bisa Bel	1		
Zé Carioca	1		
Mickey	1		
Anjos e Demônios	1		
O Príncipe Fantasma	1		
A Morte tem Sete Herdeiros	1		
Os Miseráveis	1		
Momo e o Senhor do Tempo	1		
TOTAL	59		

Tabela 4 - Leituras atuais e leituras marcantes citadas pelos jovens com quantidade de citações.

LEITURAS MARCANTES E ATUAIS							
LIVROS		AUTORES		PÁGINAS NA INTERNET		REVISTAS	
As crônicas de Gelo e Fogo	5	Anne Rice	3	Site Nyah!Fanfics	1	Revista Gloss	2
A crônicas Vampirescas	1	Lovecraft	2	Blog Dia de Beauté	1	Revista Vogue	1
Série Percy Jackson e os Olimpianos	8	Neil Gaiman	3	Blog Garotaas Estúpidas	1	Revista Marie Claire	1
O Guia do Mochileiro das Galáxias	1	Stephen King	2	Site Capricho	1	Revista Isto é	2
A Tumba	1	Monteiro Lobato	1	Site Ig	1	Revista Super Interessante	3
A sangue Frio	1	José de Alencar	2	Site Terra	1	Revista Viva	1
O Chatô	1	Oscar Wilde	1	Site Medo B	1	Revista AnnaMaria	1
Coisas Frágeis	1	Agatha Christie	2	Site Judão	1	Revista O Mundo Estranho	2
Harry Potter	7	Luís Fernando Veríssimo	1	Site Cracked	1	Revista Veja	1
The 39 Clues	2	Jane Austen	2	Site SFX	1	Revista Capricho	1

LEITURAS MARCANTES E ATUAIS							
LIVROS		AUTORES		PÁGINAS NA INTERNET		REVISTAS	
Jogos Vorazes	2	Nicholas Sparks	1	Site qmibao	1	Revista Atrevida	1
As aventuras do caça-feitiço	1	Sidney Sheldon	1	Site Asianfanfics	1	Revista Atrevidinha	1
Maze Runner	1	André Vianco	1	TOTAL DE CITAÇÕES	28	Revista Minha	1
Série Fronteiras do Universo	1	Jô Soares	1			Revista Época	1
Série Ciclo A Herança (Eragon, Eldest, Brisinger)	1	Tolkien	1			Revista Casa e Jardim	1
Os heróis do Olimpo	1	Marquês de Sade	1			Revista Galileu	1
As crônicas dos Kaine	2	Edgar Allan Poe	1			TOTAL DE CITAÇÕES	21
Artemis Fowl	2	George R. R. Martin	1				
Rangers - a ordem dos arqueiros	2	Florbela Espanca	1				
Ana Karenina	1	Nalini Singh	1				
O Vermelho e o Negro	1	Bernard Cornwell	1				
Crime e Castigo	1	Baudelaire	1				
Dom Casmurro	2	Lygia Fagundes Telles	1				
Esaú e Jacó	1	Caio Fernando Abreu	1				
Lolita	1	Marina Colassanti	1				
Os Irmãos Karamasovi	1	Milo Manara	1				
Madame Bovary	1	Guido Crepax	1				
Os Miseráveis	1	Marian Keyes	1				
O Homem da Máscara de Ferro	1	Henry Miller	1				
O Conde de Monte Cristo	1	Charles Bukowski	1				
As Brumas de Avalon	2	John Fante	1				
Guerra dos tronos	1	Kafka	1				
As Crônicas de Nárnia	2	José Saramago	1				
Pirâmide Vermelha	2	J. D. Salinger	1				
O Senhor dos Anéis	2	George Orwell	1				
Duma Key	1	Susanna Clarke	1				
A Coisa	1	William Golding	1				
A Dança da Morte	1	Richard Siken	1				
Quatro Estações	1	John Green	1				
O Talismã	1	William Goldman	1				

LEITURAS MARCANTES E ATUAIS							
LIVROS		AUTORES		PÁGINAS NA INTERNET		REVISTAS	
Entrevista com o Vampiro	2	Nick Hornby	1				
O Vampiro Lestat	1	Terry Pratchett	1				
A pequena Fadete	1	Eoin Colfer	1				
Coração de Tinta	1	Libba Bray	1				
Crepúsculo	2	Douglas Adams	1				
Diários de Vampiros	1	Suzanne Collins	1				
Fallen	1	Rick Riordan	1				
Série Os Imortais	1	Marion Zimmer Bradley	1				
Frankstein	1	TOTAL DE CITAÇÕES	57				
Romeu e Julieta	1						
Otelo	1						
Código da Vinci	1						
Anjos e Demônios	2						
Ponto de Impacto	1						
Símbolo Perdido	1						
Fortaleza Digital	1						
A Menina que Roubava Livros	2						
A Sombra do Vento	1						
Perdida	1						
O Mundo é Bárbaro	1						
Mundo de Tinta	1						
O Xangô de Backer Street	1						
Os Florais Prerversos da Madame de Sade	1						
A Rainha dos Condenados	1						
O Silmarillion	1						
Justine ou Os Infortúnios da Virtude	1						
Juliette ou As Prosperidades do Vício	1						
Contos Extraordinários	1						
A Insustentável Leveza do Ser	1						
Lavoura Arcaica	1						
O Lobo da Estepe	1						
Trópico de Câncer	1						
Mangás Clamp	2						
A Saga das Pedras Mágicas	1						
Sr. Ardioso Cortês	1						

LEITURAS MARCANTES E ATUAIS							
LIVROS		AUTORES		PÁGINAS NA INTERNET		REVISTAS	
A Trilogia do Universo	1						
Vampiratas	1						
A Cidade do Sol	1						
A Caverna de Cristais	1						
O Vendedor de Sonhos	1						
A Cabana	1						
Eu Sou o Mensageiro	1						
Um Grito de Amor no Centro do Mundo	1						
O diário de uma mãe	1						
A Viagem de Parvana	1						
A Metamorfose	1						
Alice no País das Maravilhas	1						
Belas Maldições	1						
O apanhador no Campo de Centeio	1						
1984	1						
Orgulho e Preconceito	1						
Jonathan Strange & Mr Norrell	1						
Carrie	1						
O Senhor das Moscas	1						
Crush	1						
Procurando por Alasca	1						
A Princesa Prometida	1						
Alta Fidelidade	1						
Os filhos de Anansi	1						
Deuses Americanos	1						
Série Discworld	1						
Gemma Doyle	1						
Desventuras em Série	1						
O Guia do mochileiro das galáxias	1						
Sandman	1						
TOTAL DE CITAÇÕES	137						

Livros escritos nos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, citados pelos jovens da geração Net. Livros que foram lidos, são apreciados, fazem parte de suas memórias e marcaram suas vidas. Cada obra citada possui uma história para os leitores, assim como a leitura tem sua própria história:

A leitura tem uma história. Não foi sempre a mesma em todos os lugares. Podemos imaginá-la como um processo direto de extrair informação de uma página, mas, considerando-a um pouco mais além, concordaríamos que a informação precisa ser peneirada, classificada e interpretada. Os esquemas interpretativos fazem parte de configurações culturais, que variam imensamente ao longo do tempo. Como nossos antepassados viviam em mundos mentais diferentes, deviam ler de maneira diferente, e a história da leitura pode ser tão complexa quanto a história do pensamento. (DARNTON, 2012:200-201)

Edgar Allan Poe, Baudelaire, José de Alencar, Monteiro Lobato. Autores pertencentes a diferentes períodos históricos em diferentes culturas. São lidos no século XXI por jovens de uma geração que já nasceu com acesso a uma enorme quantidade de textos, livros e informações propiciados pelas tecnologias de informação e comunicação, em especial a internet. São lidos diferentemente daquelas leituras que fizeram seus ancestrais. Os esquemas interpretativos dos jovens de hoje diferem daqueles de gerações passadas. Mas há algumas experiências de leitura que se mostram constantes? Insistimos: um mesmo livro, lido pelo mesmo leitor, em períodos distantes no tempo, se apresenta como diferentes leituras, por vezes irreconhecíveis: o leitor não rememora mais a leitura feita. Outras vezes são leituras refeitas, conhecidas, ainda releituras, constantemente renovadas.

Não há como comparar as diferenças que separam as leituras dos séculos XVI, XVII, XVIII, e mesmo do século XX com as leituras deste início de século XXI. Estas, realizadas pelos jovens da geração Net, são livres, compartilhadas, leitura e escrita imbricadas em tempo real, fomentadoras de amizades e redes de sociabilidades, pertencentes aos tempos de lazer e representando fruição (e também trabalho).

Mesmo entre jovens participantes de comunidades virtuais de leitores, que compartilham códigos, modos de interpretação, representações simbólicas, cada leitura é uma experiência individual, pertencente ao universo íntimo do jovem leitor que pode compartilhar com outros membros da comunidade, com outros jovens através de escritas ou simplesmente continuar sendo leitor cujas leituras efêmeras, mal conservadas, sem “garantias contra o desgaste do tempo” (CERTEAU, 1994:270), se perderam para a história, os historiadores e os educadores.

À GUIA DE FECHAMENTO: REVOLUÇÕES DAS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA

A revolução do texto eletrônico é, de fato, ao mesmo tempo, uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leitura. (CHARTIER, 2002b:113)

O texto eletrônico pode ser considerado o agente da mais recente revolução das práticas de leitura e escrita, a mais radical desde a passagem do rolo ao códex. Desde o século II da era cristã, aproximadamente, o rolo, ou volumem, utilizado para a escrita e lido no sentido horizontal foi progressivamente substituído pelo códex (CAVALLO; CHARTIER, 2002:91-97), por folhas de papiro ou pergaminho dobradas quantas vezes fosse necessário para ajustarem-se ao tamanho desejado (in-fólios, in-quartos, in-octavos) obtendo o formato de cadernos.

O códex possibilitou a independência do leitor frente ao texto e do escritor perante a pena, pois com o rolo era necessário desenvolver as ideias de forma fluida ou ter um escriba para anotar as reflexões que suscitavam ao autor enquanto ele lia outro rolo. Mas estes somente poderiam ser lidos um de cada vez e a escrita neste suporte só podia ocorrer com o apoio de uma base firme. Não era possível retornar a um ponto do texto após fechar o rolo. Se lido em pé, o rolo deveria ser segurado por ambas as mãos ou ser lido sentado, com o corpo imobilizado para leitura do texto no suporte horizontal.

Modificaram-se todas essas práticas com o advento do códex. O leitor e o escritor ganharam independência perante o livro. Pode-se, no formato códex, segurar o livro com apenas uma das mãos, se o tamanho permitir. Com a adoção do sistema de paginação das folhas do livro pode-se marcar onde uma leitura foi interrompida. Também é possível escrever no verso ou nas margens das páginas, aproveitar o espaço em branco do códex para escrever mais. Quando o escritor quer fazer referência a alguma parte específica de um texto de outro autor, pode fazê-lo fornecendo o nome da obra e o número da página onde se encontra a referência. É possível ter diante de si vários livros marcados, diversas páginas abertas, com leituras não concluídas. E pode-se escrever de forma mais confortável, com uma das mãos apenas, sem ter que segurar um rolo com a outra mão enquanto se escreve.

Todas essas transformações assinalam que a passagem dos livros do formato volumem para o formato códex possibilitou uma das maiores revoluções nas práticas de leitura e escrita experimentadas até então.

Outras transformações precisam ser consideradas quando examinamos a história do livro, ou melhor, a história da cultura escrita. Uma delas refere-se ao estilo de leitura. Passar de uma leitura intensiva, da Bíblia lida e relida interminavelmente, dos livros de horas lidos inúmeras vezes, retornando à Bíblia, para uma leitura extensiva, de muitos impressos que iam surgindo possibilitados pela imprensa de Gutemberg, ampliou a circulação de materiais escritos na Europa, representou uma transformação inédita.

A invenção de Gutemberg (século XV), aliás, é outra das transformações revolucionárias na história da cultura escrita. A prensa de tipos móveis, os impressos produzidos por ela, possibilitaram uma maior circulação de textos e ideias entre indivíduos de vários países, no seio de populações que, pela confissão religiosa adotada, herdada da Reforma, aprendiam a leitura da Bíblia – não por acaso ela foi o primeiro livro impresso por Gutemberg –, mas até então não estavam aptas ao acesso direto às obras. A prensa possibilitou a expansão da circulação de textos, livros, impressos, fazendo com que as obras produzidas num país pudessem chegar a outros, propiciando que mais escritores pudessem disseminar suas ideias. Também foi grande responsável por motins, rebeliões e revoltas através de panfletos que divulgavam intenções de rebeldes, injustiçados e opositores da política atraindo partidários e insuflando revoluções.

No entanto, nem todas essas importantes transformações superam o modo como o texto eletrônico, a comunicação pela rede de computadores e a internet estão revolucionando as práticas de leitura e escrita na atualidade, pois a prensa não alterou as funções básicas da leitura e escrita, os modos de ler, os modos de escrever. O texto eletrônico e os computadores estão alterando substantivamente todas essas práticas. A leitura na tela é algo jamais experimentado pelas transformações anteriores. Uma mistura do rolo da antiguidade com o códex. A barra de rolagem dos editores de texto atesta isso (CARRIÈRE; ECO, 2010), bem como o processo de paginação oferecido pelos mesmos programas. Não é apenas uma mudança de suporte, ou nos modos de ler, é uma verdadeira revolução:

A revolução do texto eletrônico será ela também uma revolução da leitura. Ler sobre uma tela não é ler um códex. Abrem-se possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a sua condição: ela substitui a materialidade do livro pela imaterialidade de textos sem lugar específico; às relações de contigüidade estabelecidas no objeto impresso ela opõe a livre

composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à captura imediata da totalidade da obra, tornada visível pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de longo curso entre arquipélagos textuais sem margens nem limites. (...) A revolução iniciada é, antes de tudo, uma revolução dos suportes e formas que transmitem o escrito. (CHARTIER, 1999b, p. 100-101)

Para a materialidade da escrita, o teclado é o mesmo das máquinas de escrever, que também é uma invenção tecnológica do século XX. Nesse ponto não se alteram os modos de escrever. No entanto, a materialidade do texto já não é a mesma. Não temos mais diante de nós uma folha em branco, temos uma tela que, apesar de conter a representação de uma folha a qual precisamos fazer rolar para enxergá-la em sua totalidade, não é verdadeiramente uma folha. Escreve-se nessa tela, ou melhor, aparece nela a representação daquilo que digitamos, não carregamos mais o texto conosco, podemos apenas portar um dispositivo com sequências de bits que irá traduzir essa sequência para uma representação do texto. Porém, não sabemos onde está o texto, ou melhor, ele está num não-lugar, escrevemos num não-lugar, imaterial.

Ainda, as finalidades, as motivações das escritas são, hoje, numerosas, mais indivíduos são motivados a escrever pelo incrível número de estímulos que o computador oferece. Muitas mulheres escreveram em diários; os blogs da atualidade são atualizados diariamente por homens, mulheres, crianças, jovens, empresas, instituições governamentais e etc. Muitas pessoas participavam de clubes de livros, hoje os clubes virtuais possibilitam o diálogo em tempo real com seus pares, através da escrita, em páginas especializadas na internet. Alguns jovens escreviam histórias apócrifas de obras que eram fãs e distribuíam entre amigos, inseridas, por exemplo, nos *fanzines*. Atualmente, muitos jovens escrevem *fanfics* e comentam suas leituras e tem os seus escritos criticados, elogiados com atualização diária de todas essas atividades, sem necessidade de ir ao correio ou esperar o tempo de imprimir os panfletos.

O texto eletrônico, os computadores e a internet vêm instaurando um novo tipo de relação entre escrita e leitura. Ler na tela permite que se escreva no texto que se lê, não apenas nas margens, ou nos lugares virgens do texto, mas no próprio texto, onde o leitor definir, pois é ele quem formata a materialidade do texto que quer ler. Uma leitura que impõe o modo de ser realizada para o texto que se quer ler. As escritas dos escritores e seus leitores imbricam-se de tal forma que a figura do autor pode dissipar-se aos nossos olhos.

E surgem novos autores, novas possibilidades de escritas, novos leitores, disseminam-se os textos de maneira inusitada. Os jovens leitores e escritores de *fanfics* vivem essas mudanças cotidianamente, são seus protagonistas. As grandes discussões sobre autoria,

que no século XVIII fizeram prevalecer a figura do autor proprietário (CHARTIER, 1999a, 2001a), ganham diferentes conotações entre estes jovens. Embora a liberdade e as facilidades técnicas que a internet propicie, possibilitando que textos sejam plagiados, uma ética criada no e para o ambiente virtual torna-a uma possibilidade não legítima. Os próprios sujeitos jovens tratam dessa fiscalização, pois eles também são alvo dessas ações ilegais presentes no ciberespaço.

As *fanfics* são consideradas por muitos empresários de mídia como prática com intenção de quebra dos direitos autorais dos autores. Mas os *ficwriters* são, também, esses sujeitos que fiscalizam ações ilegais na rede, esclarecem que suas escritas não visam lucro e que as escrevem e publicam por prazer. Mesmo assim, o conflito entre as novas gerações – que veem a liberdade que a internet oferece não como lucro, mas como uma prática de fruição, um treinamento para futuras publicações originais – e alguns sujeitos das gerações precedentes – que possuem, ainda, uma inabilidade digital e não percebem que a internet é mais que uma tela parecida com a televisão e seus usuários não são consumidores passivos – se prolonga e ações que visam barrar estas práticas tornam-se cada vez mais discutidas pelos próprios governos dos países, mobilizadas por grandes multinacionais.

Diante de todas as disputas, os jovens seguem em suas escritas de fãs. São motivados porque o mundo do texto lido não lhes parece suficiente, não quer dizer que em algum momento tenha sido para leitores de períodos históricos anteriores, mas agora é possível dar continuidade às histórias, é possível ser lido por outros leitores dos mesmos livros, fãs da mesma obra. São escritas prazerosas; alguns afirmam que podem acabar se tornando um vício ou uma iniciação ao mundo dos autores, não destes que publicam seus escritos apenas virtualmente, mas autores de impressos, de livros impressos.

As obras originais que os jovens são fãs servem de mestras da escrita para esses jovens. As *fanfics* podem ser consideradas uma experimentação e um exercício de aperfeiçoamento para muitos deles. Outros escrevem apenas pelo prazer de serem lidos, comentados e conhecerem seus pares, encontrarem amigos com afinidades literárias, algo que, por vezes, *offline* não ocorre facilmente.

Os textos envolvidos nas práticas de escrita de *fanfics* não são apenas aqueles escritos pelos *ficwriters*, também aqueles que os jovens fãs leem. E há muitos destes. Há muitos textos de diferentes autores, mas não são apenas textos. A cultura de massa, com as séries televisivas, filmes, a cultura japonesa com seus animês e mangás, entre outros, motivam leituras. Embora os jovens sejam fãs de produtos que são imagéticos, as comunidades de fãs

mobilizam leituras e escritas. E os livros que produzem fãs são numerosos, certamente os jovens não conhecem todas as obras que motivam a escrita de *fanfics*, mas familiarizam-se com todos os tipos de textos deste universo ficcional dos fãs. Acabam conhecendo muitas outras, envolvendo-se em diferentes *fandons*, escrevendo sobre variados temas e alguns arriscam suas próprias escritas originais. Está aí como as *fanfics* formam escritores.

Os jovens possuem maior liberdade na internet. Escritas eróticas se popularizam. Seus escritores e leitores são de todas as idades. Elas existem em todos os *fandons*, a imaginação não vê fronteiras na internet. A possibilidade de escritas e leituras solitárias, nos quartos, e a publicação sem intermediação faz que muitos se aventurem neste estilo literário. Embora na segurança física dos lares, a internet é um veículo de mediação entre pessoas do mundo inteiro. Isso permite que os jovens “adentrem” os universos que desejarem através das leituras que elegem, movidos por diferentes interesses.

E há momentos dedicados a estas práticas. Alguns mais alongados e outros curtos. Há jovens que, entre leituras e escritas de *fanfics*, absorvem inteiramente seus tempos livres. Outros, conciliam muitas atividades nos tempos de lazer. As leituras podem ser realizadas em grande quantidade e em pouco tempo, já a escrita é uma prática que requer maior dedicação, conferência dos dados a serem escritos, confirmação de eventos e nomes históricos quando são utilizados, correções gramaticais, conhecimentos aprofundado da personalidade dos personagens da ficção que são fãs.

A escrita é mais exigente, mesmo assim continua sendo uma atividade prazerosa. É, também, educativa. Essas escritas motivam leituras em outras línguas que não a materna e os jovens estudam idiomas a partir das próprias leituras e buscas individuais por materiais ligados ao universo ficcional que admiram. Esse processo de aprendizagem não é solitário, como o são as leituras; os jovens buscam-se mutuamente nos *fandons*, uns corrigem as escritas dos outros, tornam-se *betareaders*, contribuem com aquilo que têm mais conhecimento, alguns na redação, outros na ortografia, outros na gramática e etc. A aprendizagem é coletiva, colaborativa, enriquecida pelas pequenas contribuições de todos os leitores e *ficwriters*. As *fanfics* produzem uma enciclopédia de conhecimentos ficcionais (das obras que os jovens são fãs) e mesmo de caráter escolar.

Por estas características e por ser a internet um espaço de encontros, trocas, permutas virtuais, estes grupos de jovens configuram-se em comunidades virtuais de leitores. Eles também são escritores, pode-se argumentar. Sim, alguns deles são leitores, mas considerando que todos que escrevem leem e nem todos que leem escrevem, embora tanto uns

quanto outros possam participar das comunidades de fãs, indiscriminadamente, podemos afirmar que todos fazem parte de uma *comunidade virtual de leitores*. Nesta, alguns se tornam também escritores, roteiristas, designers, compositores, poetas, enfim, experimentam outros lugares de sujeito no vasto espaço da cultura escrita na contemporaneidade.

Nas escritas dos jovens há uma marca da revolução das práticas que é quase inseparável das *fanfics*: o computador. Os jovens utilizam esse suporte para a escrita de seus textos. Afirmam não ter abandonado de todo o caderno e a caneta, mas preferencialmente usam seus notebooks, celulares e *ipods*. A leitura de *fanfics* também é realizada no computador, embora os jovens deem preferência para o suporte impresso quando se trata dos livros originais. A *fanfic* é um texto que se dissemina virtualmente. Mas os jovens continuam utilizando as facilidades que a tecnologia do códex implantou, ou seja, a comodidade de lerem e escreverem sentados, deitados em suas camas, no refúgio de seus quartos, ou mesmo na grama do pátio da escola ou da universidade. Os desenvolvimentos tecnológicos assim o permitem. Os notebooks, depois os menores *netbooks* e agora os *tablets (ipads)* representam os suportes do texto eletrônico em busca de uma das características dos livros que os tornam suportes ainda insubstituíveis: a mobilidade. A sobrevivência ao tempo ainda não foi superada e está longe de sê-lo. Basta acabar a eletricidade no mundo, como diz Jean-Claude Carrière (CARRIÈRE; ECO, 2010:30), e tudo estará perdido.

Embora haja várias discordâncias relativas à legitimidade ou não das escritas de fãs, os *ficwriters* afirmam a autoria de seus escritos através de marcas pessoais criadas por eles. Fotos dos personagens preferidos, pertencentes a arquivos de imagens da internet, são inseridas nos perfis dos jovens. Eles criam pseudônimos, personalizam seus espaços virtuais, tornam-se escritores conhecidos, lidos, favoritos e admirados por outros jovens. Todos pertencentes à geração Net, como assim a designa Don Tapscott (2009). O que se conclui diante dos jovens escritores/leitores de *fanfics* é que eles primam pela *liberdade* das escritas e leituras. *Customizam* seus espaços de escrita e leitura, mas também sofrem as restrições impostas pelas grandes empresas midiáticas, pois se escrevem uma *fanfic* a respeito da obra de um autor que não o permite, estão se arriscando a sofrer as penas legais. Mesmo assim, eles o fazem, pois isto afeta, igualmente, a liberdade de ler e escrever. Os jovens participantes da pesquisa buscam ser cautelosos com o material que acessam na internet, o que podemos chamar de *escrutínio*, e embora sejam muito solícitos, *colaborativos* em situações que lhes surgem através da internet, como auxiliar um fã novato a postar uma *fanfic* ou responder a um

questionário de pesquisa, a maioria sabe como certificar-se da veracidade do pedido de auxílio e de participação.

Estes jovens realmente escrevem em seus perfis depoimentos que muitos não pronunciariam estando *offline*. Tapscott os considera íntegros, sinceros e que buscam a *integridade* em tudo e todos. Esta é uma questão bastante intrincada. Eles buscam e defendem o respeito à liberdade de leitura e escrita, mas muitas leituras e escritas seriam consideradas pelos autores das obras originais como desrespeitosas, como ocorreu com George Lucas⁹⁹. Com certeza, estes jovens buscam o entretenimento em suas práticas na internet. A leitura e a escrita representam *entretenimento*, embora exijam trabalho.

No Brasil, poucos conseguem aliar diversão e atividade profissional ou considerar a escola ou universidades locais em que se aprende de forma prazerosa. Daí que a internet e as escritas e leituras virtuais ocupam boa parte dos tempos livres, porque são percebidas como entretenimentos.

Por fim, *velocidade e inovação*. Os jovens fãs são ávidos leitores, quando encontram *fanfics* que lhes agradem, são capazes de passar muitas horas, até a madrugada, para terminarem de lê-las e exigem mais escritas aos *ficwriters*, pedem encarecidamente para que sejam postados mais e mais capítulos. E leem muitas *fanfics* concomitantemente. Leem, escrevem, escutam música, estudam, num mesmo espaço de tempo. A velocidade é uma característica do cotidiano. Assim como a inovação. Eles não se contentam em escrever e ler; criam jornais online sobre o universo que são fãs, produzem clipes, concursos, entram em contato com outros fãs e descobrem diversas práticas culturais às quais se associam. Criam novas práticas a partir destas recém descobertas. Imagem, som, filmes, os jovens apropriam-se dos conteúdos de mídias já existentes e produzem novos, depois criam originais. São autores? Escritores? Por enquanto os chamemos de *ficwriters*.

E antes de serem *ficwriters* eram apenas leitores que ouviam ler, que viam ler, que iniciaram nas práticas de leitura com gibis e passaram por leituras infantis e infanto-juvenis, que conheceram as leituras literárias porque eram familiarizados com essas práticas de leitura anteriores. A família os iniciou. Seja quando seus pais liam para eles, ou incentivavam a leitura. Oferecer uma revista de história em quadrinhos para uma criança ler, embora a intenção possa ser simplesmente a de mantê-la distraída e ocupada, pode abrir-lhe janelas para um mundo diferente, o da imaginação. Quando a criança é pequena, esse mundo ganha

⁹⁹ Referente à retirada de incentivos à escrita de *fanfictions* por parte dos fãs da série de filmes *Star Wars*, Guerra nas Estrelas, pela empresa do escritor da série, George Lucas, supostamente porque ele teria se deparado com escritas eróticas (situação referida na introdução do capítulo *Os Autores*).

dimensões tão importantes capazes de acompanhá-la em outras fases da vida. E, assim, sem aparatos sofisticados ou técnicas poderosas, os jovens entrevistados formaram-se leitores e escritores.

O texto eletrônico e as possibilidades oferecidas pela internet levam muitos críticos literários, professores, jornalistas, entre outros a anunciarem o fim da leitura, principalmente a leitura de obras literárias e, especificamente, as leituras dos jovens são assim estigmatizadas. Não é o que constatamos com a investigação empreendida. Há jovens participantes ativos de comunidades virtuais de leitores. Não podemos estender essa afirmação a todos os jovens, seja por questões de classe social e acesso às tecnologias informáticas, seja por suas preferências ou resistências, alguns não percorrem estes lugares de escrita e leitura. Mas os jovens destas comunidades leem muito. A internet não os priva do prazer da leitura, nem mesmo do suporte impresso, e ainda os incentiva à escrita. Chartier declara que:

Por um lado, como observador sociológico que tenta dar um enfoque à nossa sociedade, é importante destacar que, contra os discursos mais habituais, que lamentam a perda de uma idade de ouro da leitura e do livro e afirmam que já não se lê ou que os livros existem unicamente para a minoria, deve-se dizer que existem múltiplas práticas de leitura que não são necessariamente práticas cultas, ou profissionais, ou “legítimas”; que há muitos textos, livros ou impressos que não se definem a partir de um conteúdo filosófico, literário ou científico, e que estas práticas se apropriam da cultura textual impressa disponível [nas] bancas de jornais, revistas e textos úteis. Contra toda a nostalgia de uma idade de ouro, real ou imaginária, é preciso medir, analisar e entender o conjunto destas práticas de leitura e destes textos que não são precisamente o que se chama literatura. É preciso deixar para trás a nostalgia (literária ou política) e entender o fato de que agora se lê mais do que antes (...). (2001a: 126)

E precisamos concordar com o autor, ressaltando que ainda se lê muita literatura e que embora os textos literários lidos não sejam, necessariamente, legitimados pela escola ou encontrem muitas restrições para ingressarem nos ambientes escolares, são leituras realizadas por uma quantidade enorme de leitores, transformando as obras lidas em *best sellers* de vendas. E, principalmente, literaturas que levam a outras leituras clássicas, muitas vezes, e à escrita.

À guisa de fechamento, a presente tese buscou compreender as novas práticas de leitura e escrita na internet. Para isso, dispôs-se a conhecer, *en passant*, as gerações de jovens que nasceram a partir dos anos 80. Eles inauguram práticas inovadoras, experimentam cotidianamente a revolução anunciada das práticas de leitura e escrita.

Como pesquisa inscrita no campo da história e da educação, os achados não permitem profetizar um futuro sem livros, ou com mais leitores, ou mesmo a multiplicação de escritores e o fim do suporte impresso ou sua eterna perenidade.

Para melhor situar as grandezas e as misérias das mutações do presente, talvez seja melhor invocar a única competência de que os historiadores podem se vangloriar. Eles sempre foram dignos de pena como profetas, mas, às vezes, ao lembrarem que o presente é constituído de passados sedimentados ou estratificados, puderam contribuir no estabelecimento de um diagnóstico mais lúcido sobre as novidades que seduziam ou assustavam seus contemporâneos. (ROCHA, 2011:255)

Ao final deste texto, que provavelmente deixa muitas lacunas, os resultados apresentados esclarecem que as transformações vividas no final do século XX e início deste século XXI possuem uma história e definem-se como pertencentes a ela. A longa história do livro, da leitura e da escrita nos ensina, historiadores e educadores, que as transformações ocorridas nos suportes, nas práticas, nas técnicas indicam que constantemente buscou-se a melhor tecnologia de escrita, leitura e produção. O livro impresso, como tecnologia ainda insuperável, produziu revoluções, libertou países, aprisionou mentes, preservou memórias, continua sendo uma ferramenta importantíssima na atualidade. Ele é a base das novas tecnologias. Os programas informáticos procuram mimetizá-lo e, nesse processo, elaboram novos artefatos.

Não buscamos predizer como será o futuro, mas a leitura e a escrita é, independente de seus suportes, um dos alicerces da geração de jovens da atualidade. Seja nos computadores ou quaisquer outros suportes eletrônicos, as gerações atuais leem, escrevem, criam, socializam, reúnem-se, imaginam, libertam-se, conhecem, estudam e não é possível vermos nessas ações o fim da cultura do mundo letrado, nem o advento de uma era das máquinas. Deparamo-nos com uma revolução das práticas de leitura e escrita, inserida na longa história da cultura escrita ocidental.

Observemos mais os jovens, seus modos de ser, ler, escrever. Há, junto deles, chaves insuspeitas de compreensão do que somos e como vimos nos constituindo em uma cultura repleta de artefatos e práticas ligadas ao escrito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena W. **Participação e organizações juvenis**. In.: Jovens e juventude: contribuições. Recife, 2004.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia e VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. In.: Anais II COLÓQUIO BINACIONAL BRASIL-MÉXICO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. São Paulo, abril de 2009. Disponível em: <https://www.espm.br/ConhecaAESPM/Mestrado/Documents/COLOQUIO%20BXM/S6/adriana%20amaral,%20georgia%20natal%20e%20luciana%20viana.pdf>, acesso em 21 de jan. 2010.

ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. In.: _____. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V.III, 1994. Disponível em <http://machado.mec.gov.br/images/stories/html/cronica/macr13.htm>, acesso em 30 de nov. 2011.

BATISTELLA, Danielly. Mangá: o jogo entre palavras e imagens. In.: Revista **Icarahy**. Revista eletrônica da Universidade Federal Fluminense. Niterói, nº 1, ago. 2009. Disponível em http://www.revistaicarahy.uff.br/revista/html/numeros/1/ensaios/DANIELLY_BATISTELLA.pdf, acesso em 20 de nov. 2011.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à internet**. 2ª Ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BURKE, Peter. **O que é história cultural**. São Paulo - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CACCIA-BAVA, Augusto; FEIXA PAMPÓLS, Carles; CANGAS, Yanco Gonzáles (orgs.). **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Movimento**: Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense n.1, maio de 2000, DP&A Editora, p. 11-28. Disponível em <http://www.multirio.rj.gov.br/seculo21>

_____. **Juventudes e cidades educadoras.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CARRIÈRE, Jean-Claude, ECO, Umberto. **Não contem com o fim do livro.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

CARVALHO, Larissa Camacho. **Jovens leitores d'O Senhor dos Anéis:** produções culturais, saberes e sociabilidades. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

_____. **Navegando pelos escritos da era digital:** produções culturais de jovens na internet. 73 f. Projeto de Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

CASTILLO Gómez, Antonio. De las tablillas a internet. La cultura escrita en la larga duración. In.: **Educación Unisinos**/Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – v. 7, n. 12. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. Leer y escribir em la era de internet. In.: **Educación e Realidade.** V. 29 N. Jul./dez.. 2004. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org.). **História da leitura no mundo ocidental.** São Paulo: Editora Ática, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:** 1. artes de fazer. Tradução de Ephrain Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. As práticas da escrita. In.: ARIÉS, Philippe e CHARTIER, Roger (org.). **História da vida privada,** 3: da renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. Textos, impressão, leituras. In.: HUNT, Lynn. **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 1999a.

_____. **A ordem dos livros:** leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999b.

_____. **Entre poder y placer:** cultura escrita y literatura em la edad moderna. Madrid: Ediciones Cátedra, 2000.

_____. **Cultura escrita, literatura e história:** conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001a.

_____ (Org.). **Práticas de leitura.** 2ª Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001b.

_____. **Do palco à página:** publicar teatro e ler romances na época moderna (séculos XVI-XVIII). Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002a.

_____. **Os desafios da escrita.** Tradução de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002b.

_____. **Formas e sentido.** Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Tradução de Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 2003.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: Editora da UNESP, 2004

_____ (Org.). **¿Qué es un texto?** Madrid: Ediciones Ciencias Sociales, 2006.

_____. **Inscrever e apagar:** cultura escrita e literatura. São Paulo: Editora da UNESP, 2007.

CHOQUE DE GERAÇÕES – DON TAPSCOTT. Espaço Aberto – ciência e tecnologia. Rede Globo News, 2011. Programa de TV. Disponível em <http://www.midiassociais.net/2011/06/don-tapscott-fala-sobre-a-influencia-da-tecnologia-nos-jovens/>, acesso em 16 de fev. 2012.

COZER, RAQUEL. Novo livro de Dan Brown chega com tiragem recorde. **Folha Online – Ilustrada.** São Paulo, 21 nov. 2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u655537.shtml>, acesso em 15 de dez. 2011.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos:** e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **A questão dos livros: passado, presente e futuro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

_____. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

ECO, Umberto. **Da internet à Gutenberg.** RexLab – Laboratório de Experimentação Remota: 2003. 21 págs. (Conferência apresentada por Umberto Eco na Academia Americana para Estudos Avançados na América. 12 de novembro de 1996). Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/FromInternetToGutenberg.pdf>.

FEIXA, Carles. Del reloj de arena al reloj digital: sobre lãs temporalidades juveniles. **JOVENES**, Revista de Estudios sobre Juventud, año 7, num. 19. México, D. F., julio-diciembre 2003, pp. 6-27.

_____. Los hijos em casa: hackers o hikikomoris? In.: **Revista Comunicación y Pedagogia.** N. 208, 2005. Disponível em: <http://www.xtec.cat/~abernat/articles/feira.pdf>.

_____. La habitación de los adolescentes. In.: **Papeles del CEIC** (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva). Universidad del País Vasco, nº 16, págs. 1-21, 2005. Disponível em <http://www.ehu.es/CEIC/papeles/16.pdf>, acesso em 23 de set. 2007.

_____. **De jóvenes, bandas y tribus.** 3ª ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2006.

_____. **Generación XX.** Teorias sobre la juventud en la era contemporânea. Revista Latinoamericana de Ciências Sociales. Nines y Juventud. Vol 04, n. 2, 2006b.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. In.: **Revista Brasileira de Educação.** Nº 10, jan/fev/mar/Abr. São Paulo, 1999. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE10/RBDE10_06_CLAUDIA_FONSECA.pdf, acesso em 21 de jan. 2010.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

GINZBURG, Carlo. **História na era Google**. Ciclo de Conferências Fronteiras do Pensamento, realizada no Salão de Atos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 29 de nov. 2010. (comunicação oral). Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=wSSHnqAbd7E>, acesso em 20 de dez. 2011.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Barcelona: UOC, 2004. Disponível em http://books.google.com.br/books/about/Etnograf%C3%ADa_virtual.html?id=CZkG-7IYWbgC&redir_esc=y, acesso em 21 de jan. 2010.

http://189.14.105.211/conteudo/c00009/Eixos_de_acao.aspx.

<http://animespirit.com.br/fanfics>.

<http://animespirit.com.br/fanfics/historia/256813/inuyasha-in-bloon/capitulo2>.

<http://animespirit.com.br/fanfics/historia/312933/misc-originais-anarquia>.

<http://animespirit.com.br/nikkiyori/favoritos>, acesso em 22 de fev. 2012.

<http://animespirit.com.br/ninauchira/jornal/298543/leitores-a-de-amor-inimigo>, acesso em 24 de fev. 2012.

<http://conteudo.potterish.com/livros-hp>, acesso em 22 de fev. 2012.

<http://conteudo.potterish.com/o-mundo-magico-de-harry-potter/>, acesso em 20 de fev. 2012.

<http://fanfic.potterish.com>.

<http://fanfic.potterish.com>.

<http://fanfic.potterish.com>.

<http://fanfic.potterish.com/menufic.php?id=38905>, acesso em 27 de nov. 2011.

<http://madhouse.top-talk.net/t8471-concurso-de-fanfics>.

<http://mangaka-club.blogspot.com>.

<http://mangaka-club.blogspot.com/p/o-que-e-mangaka.html>.

<http://odeck.musicblog.com.br>, acesso em 21 de fev. 2012.

<http://playanimesonline-page4.blogspot.com/2010/11/historia-do-anime-inuyasha.html>.

<http://portal39clues.blogspot.com>.

http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-223052906-frodo-light-up-sting-senhor-dos-aneis-lacrado-toy-biz-_JM, acesso em 21 de fev. 2012.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter_\(s%C3%A9rie\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Harry_Potter_(s%C3%A9rie)), acessados em 22 de fev. 2012.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/InuYasha>.

<http://rainydayss.com/bonecos-bebes-recem-nascidos-dos-personagens-de-harry-potter-fotos/>, acesso em 21 de fev. 2012.

http://s1.zetboards.com/Need_for_Fic.

<http://s3.invisionfree.com/AnimeCuritiba/ar/t575.htm>, acesso em 21 de fev. 2012.

<http://sfreirewrites.blogspot.com/2011/06/surrupiar-minhas-fics.html>, acesso em 21 de nov. 2011.

<http://sites.levelupgames.com.br/Forum/combatarms/forums/t/507160.aspx>.

<http://todaoferta.uol.com.br/comprar/yamamoto-anime-bleach-manga-boneco-35-cms-unico-exclusivo-91JDWU3H5L>, acesso em 21 de fev. 2012.

<http://twilightfanfics.com>.

<http://www.animesdigital.com.br>.

<http://www.ascronicasdegeleofogo.com>.

http://www.fanfiction.com.br/historia/176753/Mudando_Os_Fatos/capitulo/1.

http://www.fanfiction.com.br/historia/181220/Naruto_Entre_A_Luz_E_A_Escuridao/ageconsent_ok.

http://www.fanfiction.com.br/historia/27441/Eu_Ainda_Te_Amo/capitulo/1.

<http://www.fanfiction.net>.

<http://www.fanfiction.net/anime/Naruto/3/0/8/1/0/0/0/0/1/>, acesso em 26 de fev. 2012.

http://www.fanfiction.net/book/Harry_Potter/3/0/8/1/0/0/0/0/1/, acesso em 26 de fev. 2012.

<http://www.fanfiction.net/r/3526374/2/1/>.

<http://www.fanfiction.net/r/6234788>.

<http://www.fanfiction.net/r/6531439/0/2>.

<http://www.fanfiction.net/r/6531439/0/2/>.

<http://www.fanfiction.net/r/6921891>.

<http://www.fanfiction.net/r/7491812>.

<http://www.fanfiction.net/r/7508748/2/1/>, acesso em 15 de dez. 2011.

http://www.fanfiction.net/s/3312681/1/A_Imensidao_das_Aguas.

http://www.fanfiction.net/s/3526374/3/Os_Guardioes_dos_Elementos.

http://www.fanfiction.net/s/3740913/2/Dupla_Face.

<http://www.fanfiction.net/s/3920548/1/Reconciliacao>.

http://www.fanfiction.net/s/5857425/1/Reaprendendo_a_amar, acesso em 21 de nov. 2011.

<http://www.fanfiction.net/s/7073301/1/Diamond>, acesso em 21 de nov. 2011.

<http://www.fanfiction.net/s/7302341/1/Epilogo>.

http://www.fanfiction.net/s/7411072/1/UM_PRESENTE_INESPERADO, acesso em 21 de nov. 2011.

http://www.fanfiction.net/u/1137140/Elizabeth_Bathoury_Black, acesso em 23 de nov. 2011.

<http://www.fanfiction.net/u/1412715/dai86>.

<http://www.fanfiction.net/u/1815051/Kahhh>, acesso em 22 de nov. 2011.

http://www.fanfiction.net/u/2730184/any_dheyne, acesso em 24 de fev. 2012.

http://www.fanfiction.net/u/2730184/any_dheyne, acesso em 26 de jan. 2012.

http://www.fanfiction.net/u/2971692/Thata_Cahill, acesso em 19 de fev. 2012.

<http://www.fanfiction.net/u/520532/Anaisa>.

http://www.fanfiction.net/u/669789/Paula_chan, acesso em 05 de jan. 2012.

<http://www.fictionpress.com>.

<http://www.fictionratings.com>.

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/tabelas_pdf/tab5.pdf, acesso em 11 de jun. de 2012.

<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/educacao.html>.

<http://www.jkrowling.com/es/>, acesso em 17 de jan. 2010.

<http://www.nytimes.com/best-sellers-books/2011-07-31/hardcover-fiction/list.html?scp=6&sq=list%20of%20books%20%22A%20Song%20of%20Ice%20and%20Fire%22&st=cse>.

<http://www.nytimes.com/best-sellers-books/mass-market-paperback/list.html?category=mass-market-paperback&&scp=2&sq=best%20sellers%20%22A%20Song%20of%20Ice%20and%20Fire%22&st=cse>, acesso em 22 de fev. 2012.

<http://www.percyjackson.com.br/#/livros>.

<http://www.pnll.gov.br>.

<http://www.soanimes.com.br/infoanime.php/inuyasha/historia>.

<http://www.the39clues.com.br/blog.aspx>.

<http://www.valinor.com.br>.

<http://www.wfics.com.br/phpBB3/viewtopic.php?f=4&t=221>, acesso em 27 de nov. 2011.

<https://www.fanfiction.com.br>.

<https://www.fanfiction.com.br/u/78229/>, acesso em 24 de fev. 2012.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. 2ª Ed. Instituto Pró-livro, 2008. Disponível em: <http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/dados/anexos/48.pd>,. acesso em 28 de jan. 2010.

JENKINS, HENRY. **Cultura da convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LYONS, Martyn. **A history of reading and writing**: in the western world. New York: Palgrave Macmillan, 2010.

MELUCCI, Alberto. A juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação** 5/6, São Paulo: ANPED, mai./dez.1997, p. 5-14.

_____. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MONTARDO, S. P., ROCHA, P. J. (2005). Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura. In: **Revista E-compós**, volume 4, Brasília. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/55/55>, acesso em 21 de jan. 2010.

MORDUCHOWICZ, Roxana. Introducción. Los jóvenes y las pantallas: nuevas formas de sociabilidad. In: MORDUCHOWICZ, Roxana (coord.). **Los jóvenes y las pantallas**: nuevas formas de sociabilidad. Barcelona: Editorial Gedisa, 2008.

NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate. Apresentação. **Palimpsesto** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. Volume 04, ANO 4 (2005) - ISSN 1809-3507. Disponível em <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num4/apresentacao/apresentacao.htm>, acesso em 15 de dez. 2011.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2ª Ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PAVÃO, Andréa. **Aventura da leitura e da escrita entre mestres de roleplaying game (RPG)**. São Paulo: Devir, 2000.

ROCHA, João Cezar de Castro (org.). **Roger Chartier – a força das representações**: história e ficção. Chapecó, SC: Argos, 2011.

RÖSING, Tania M. K.; VARGAS, Maria Lucia Bandeira Vargas. O distanciamento entre as práticas de leitura escolares e os interesses online dos jovens. In.: RETTENMAIER, Miguel e RÖSING, Tania M. K. **Questões de literatura para jovens**. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2005.

SIQUEIRA, Márcio André Padrão. **A desconstrução da fanfiction**: resistência e mediação na cultura de massa. 130f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SOUZA, Carmem Zeli Vargas Gil de. **No tecer da vida, a juventude; no tecer da juventude, a vida**: práticas educativas de jovens de Santo Antônio da Patrulha, em grupos de música e religião. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4000/000395869.pdf?sequence=1>, acesso em 21 de out. 2011.

SPOSITO, Marília. Algumas hipóteses sobre as relações entre movimentos sociais, juventude e educação. In.: **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n. 13: Jan/Fev/Mar/Abr, 2000.

TAPSCOTT, Don. **Grown up digital**: how the net generation is changing your world. USA: Mc Graw Hill, 2009.

_____. “A inteligência está na rede”, entrevista com Don Tapscott. 21/04/2011. São Paulo: **Revista Veja**. Entrevista concedida a André Petry. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/a-inteligencia-esta-na-rede-entrevista-com-don-tapscott/>, acesso em 15 de fev. 2012.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction**: novas leituras e escrituras em meio eletrônico. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005.

VINÃO FRAGO, Antonio. Del periódico a internet. Leer y escribir en los siglos XIX y XX. In.: CASTILLO GÓMEZ, Antonio (org.). **Historia de la cultura escrita**: del próximo oriente antiguo a la sociedade informatizada. Ediciones Trea: Gijón, 2001.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In.: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de; VILELA, Rita Amélia Teixeira (orgs.). **Itinerários de pesquisa**: perspectivas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa das desigualdades digitais no Brasil**. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: http://www.ritla.org.br/index.php?option=com_content&task=blogcategory&id=0&Itemid=315&limit=5&limitstart=5, acesso em 16 de jan. 2010.